

Pierre Weil

MANUAL

De

PSICOLOGIA APLICADA



## BIBLIOTECA DE ESTUDOS SOCIAIS E PEDAGÓGICOS

### 1a. Série — CIÊNCIAS SOCIAIS

1. ANTROPOLOGIA — *Um Espelho para o Homem* — CLYDE KLUCKHOHN.
- 2/3. PERSONALIDADE NA NATUREZA, NA SOCIEDADE E NA CULTURA —  
ORGANIZADO POR CLYDE KLUCKHOHN., HENRY A. MURRAY DAVID M. SCHNEIDER.
4. DINÂMICA DE GRUPO E DESENVOLVIMENTO EM RELAÇÕES HUMANAS  
— PIERRE WEIL E OUTROS.

### 2ª Série — PEDAGOGIA

1. PSICOLOGIA DA CRIANÇA — ARTHUR T. JERSILD
2. MANUAL DE PSICOLOGIA APLICADA — PIERRE WEIL

*Próximo volume:*

COMO AS CRIANÇAS APRENDEM A LER — DAVID N. RUSSEL.

MANUAL  
De  
PSICOLOGIA APLICADA

# MANUAL DE PSICOLOGIA APLICADA

(Para professores, médicos, diretores e chefes, estudantes de Institutos de Educação, Escolas de Serviço Social, Cursos de Psicologia, de Orientação Educacional e Profissional, Pedagogia, etc.)

2ª edição

## **MANUAL DE PSICOLOGIA APLICADA**

O Professor e Psicólogo Pierre Weil nasceram em Estrasburgo na França, onde fez os seus estudos em Psicologia, Pedagogia e Orientação Profissional nas Universidade e Institutos de Paris, Lião, Estrasburgo e Genebra.

Foi aluno de eminentes psicólogos como Wallon, Piéron, Piaget, Rey e Leon Walther do qual Pierre Weil foi assistente e com o qual veio para o Brasil em 1948, a convite do Departamento Nacional do SENAC, onde lançou uma rede nacional de Serviços de Orientação Educacional e Profissional.

A obra do Prof. Pierre Weil é conhecida na França através do seu teste “afetivo-diagnóstico” publicado nas Presses Universitaires de France e dos seus trabalhos sobre o desenho na criança em colaboração com R. Zazzo, P. Naville e cuja publicação mereceu um Prefácio do Prof. Wallon do Colégio da França.

No Brasil realizou inúmeras pesquisas sobre testes de aptidão e de personalidade. O seu “Teste de inteligência Não Verbal” (INV) serviu de instrumento da Pesquisa Nacional sobre o Nível Mental da População Brasileira que Pierre Weil coordenou com a colaboração dos Prof. Lourenço Filho, Otávio Martins e Eva Nick e que figura como sendo uma das maiores pesquisas realizadas no mundo sobre o assunto; o teste é utilizado atualmente em grande escala no Brasil, na França, Bélgica e Holanda.

Organizou o Consultório Psico-Pedagógico da Sociedade Pestalozzi do Brasil, no Rio de Janeiro, onde colaborou com a profa Helena Antipoff no diagnóstico e aconselhamento de mais de duas mil crianças excepcionais.

A pedido do Banco da Lavoura de Minas Gerais montou um Departamento de Orientação e Treinamento e uma Escola de Administradores que pode ser considerada como sendo uma das maiores do mundo, segundo depoimento do Serviço Francês de Aumento da Produtividade.

Apresentou trabalhos e comunicações em vários Congressos Internacionais na França, Suécia, Itália, Espanha e realizou inúmeras conferências e cursos no Brasil, França, Portugal e Uruguai a convite de Universidades e entidades públicas e particulares.

Foi convidado em 1964 para ocupar o posto de perito da Organização Internacional do Trabalho das Nações Unidas, na Colômbia.

Lançou no Brasil as técnicas de Psicodrama após ter realizado vários estágios sobre o assunto na França com Anne Ancelin Schutzenberger, Andoinéau, Fauchou, R. Levy e na Itália com Moreno, o conhecido criador da Sociometria, do Psicodrama e Psicoterapia de Grupo, o qual prefaciou o seu último livro, sobre Psicodrama.

Autor de mais de cinquenta publicações científicas e de livros em francês, inglês, alemão, espanhol, português e holandês, se tornou bastante conhecido do público brasileiro, através de um «Best-Seller sobre Relações Humanas na Família e no Trabalho, do qual existem mais de vinte edições.

Atualmente é Professor de Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais e de Dinâmica de Grupo e Psicodrama na Universidade Católica de Belo Horizonte.

O Professor Pierre Weill continua realizando pesquisa sobre análise e redução de tensões individuais, interindividuais e coletivas, em correlação com as pesquisas sobre a paz e a guerra, de várias Universidade do mundo.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO: A unidade da Psicologia e seus fundamentos científicos

- §1. Definição de Psicologia
- §2. As Ciências Experimentais e a Psicologia
- §3. Definição da Psicologia Aplicada
- §4. Objetivos da Psicologia Aplicada

## PRIMEIRA PARTE

### Métodos e Processos da Psicologia Aplicada

#### CAPÍTULO 1: O Método Estatístico

- §1. Estatística e Psicologia Aplicada
- §2. Apresentação das Observações
- §3. Características das Observações
- §4. Erros de Amostra
- §5. Correlações
- §6. Provas de Significação da Diferença Entre Duas Medidas

#### CAPÍTULO 2: A Psicometria

- §1. Psicometria e Psicologia Aplicada
- §2. Que É Um “Teste”?
- §3. Condições Para Aplicação e Elaboração de Um Teste
- §4. Classificação dos Testes
- §5. Apresentação e Interpretação dos Resultados

#### CAPÍTULO 3: Estado Atual dos Conhecimentos Sobre Algumas Variáveis, Objeto de Estudo da Psicometria

- §1. Estudo do Pensamento e da Sua Evolução
- §2. A Medida da Inteligência
- §3. As Habilidades Mentais Primárias

[§4. O Estudo da Memória](#)

[§5. A atenção](#)

#### [CAPÍTULO 4: Os Métodos de Estudo da Personalidade](#)

[§1. Que É “Personalidade”?](#)

[§2. Classificação dos Métodos de Estudo da Personalidade](#)

[§3. Descrição dos Métodos, Processos e Técnicas de Estudo da Personalidade](#)

#### [CAPÍTULO 5: Dimensões e Variáveis da Personalidade](#)

[§1. A Psicotropia](#)

[§2. As Variáveis da Personalidade](#)

[§3. Estudo das Emoções e da Emotividade](#)

### [SEGUNDA PARTE](#)

#### [Os Campos de Aplicação da Psicologia](#)

##### [CAPÍTULO 1: O Trabalho Humano](#)

[§1. A Adaptação do Homem ao Trabalho pela Orientação e Seleção Profissional](#)

[§2. A Adaptação do Trabalho ao Homem](#)

[§3. Relações Humanas no Trabalho e Diagnóstico da Personalidade](#)

[§4. O Estudo das Profissões](#)

[Objetivos do estudo das profissões](#)

[Conceituação das atividades profissionais](#)

[Análise da atividade profissional](#)

[Metodologia da análise profissional](#)

##### [CAPÍTULO 2: A Educação](#)

#### [Psicologia Aplicada e Educação](#)

[§1. O Controle da Eficiência da Escolaridade](#)

[§2. O Estudo da Leitura](#)

[§3. Técnicas de Síntese e Aconselhamento em Orientação Educacional](#)



Objetivos da síntese e do aconselhamento

§4. Resolução de Problemas de Educação para os Pais e Professores

§5. Homogeneização de Turmas

§6. A Aprendizagem

CAPÍTULO 3: A Medicina Psiquiátrica e Neurológica

Psicologia Aplicada e Medicina

CAPÍTULO 4: Outros Campos de Aplicação da Psicologia

§1. O Matrimônio

§2. A Justiça e a Polícia

§3. O Exército

§4. A Propaganda

§5. A Sondagem da Opinião Pública

§6. A Tipografia

TERCEIRA PARTE

O psicólogo

§1. Os Especialistas em Psicologia Aplicada

§2. A Formação dos Psicólogos

§3. A Ética Profissional em Psicologia Aplicada

CONCLUSÃO

A Psicologia Aplicada Frente ao Mundo Moderno

Bibliografia

# INTRODUÇÃO: A Unidade da Psicologia e seus fundamentos científicos

## § 1. *Definição de Psicologia*

A Psicologia, etimologicamente, seria a ciência da alma; o termo provém de duas raízes gregas: PSIKE = *alma* e LOGOS = *Descrição* ou *ciência*.

Assim, desde o século XVI, ciência e alma foram combinadas numa só palavra, deixando perceber e entrever a possibilidade de um estudo científico da alma.

Com a evolução das ciências experimentais e sob a influência de Fechner, Weber, Watson, Binet, Piéron, James, Claparède e outros, o termo alma, por ser impregnado de noções de Filosofia metafísica, foi substituído pelas palavras comportamento ou conduta, mais adequadas a Aplicação dos processos de investigação científica.

São esses processos que iremos descrever, mostrando, com exemplos concretos, a possibilidade da sua Aplicação em Psicologia.

## § 2. *As Ciências Experimentais e a Psicologia*

O *objetivo* das ciências experimentais é estabelecer fatos e descobrir leis.

A Psicologia Experimental determinou fatos e descobriu leis no domínio, por exemplo, da percepção ou da aprendizagem. É um fato que a *figura sobrepõe-se ao fundo* na percepção das formas ou que o adulto é capaz de memorizar, por repetição imediata, 6 a 7 algarismos, em média.

No *processo experimental* distinguem-se as seguintes fases:

- 1a) *Observação* simples ou provocada.
- 2a) Formação de uma *hipótese*.
- 3a) Verificação da hipótese.
- 4a) *Elaboração da lei* ou *CONCLUSÃO* quanto ao fato.

Em Psicologia Experimental costuma-se passar por todas essas etapas.

A criação do teste ABC por Lourenço Filho constitui um exemplo bem ilustrativo:

**1 ETAPA:** *Observação.* – O prof. Lourenço Filho observou que algumas crianças com nível mental elevado não conseguiam aprender a ler e a escrever, enquanto que outras com nível mental baixo eram facilmente alfabetizadas.

Observou também que os testes de nível mental não classificavam bem os alunos do primeiro ano.

**2. ETAPA:** *Hipótese.* – Surgiu então a seguinte hipótese: a Aprendizagem da leitura e da escrita constitui um ou vários fatores específicos da maturidade, relativamente independentes do nível mental.

**3. ETAPA:** *Verificação da hipótese.* – Começou então a pesquisa propriamente dita: com a colaboração de vários estudiosos aplicou o que é hoje chamado de teste ABC a milhares de analfabetos e crianças de todas as idades.

**4a ETAPA:** *Elaboração da lei ou conclusão quanto ao fato.*

Mostrou, por vários processos, que havia relativa independência entre nível mental e maturidade para alfabetização, além de firmar o valor diagnóstico e prognóstico do referido teste.

Além do processo comum a todas as ciências experimentais, convém lembrar certas regras a serem seguidas nas observações durante as experiências.

**Erros devem ser evitados, podendo provir:**

- 1) *Do observador.* Os erros provenientes dos observadores são muito freqüentes em Psicologia Experimental; por isso, o psicólogo deve ser submetido a treinamento demorado e rigoroso; quando o coeficiente pessoal do erro é muito grande, convém colocar vários observadores.

A presença física do observador às vezes prejudica (caso de animais e crianças); neste caso, são recomendáveis sistemas de isolamento ou postos de Observação (Gesell).

- 2) *Dos instrumentos.* A construção dos instrumentos requer, em Psicologia Experimental, cuidado especial.

Por exemplo um teste foi construído por Piéron para medir a atenção consistia em riscar determinados sinais numa folha onde era impressa uma centena delas. Após algum tempo, foi necessário aumentar o tamanho dos

sinais, pois se verificou que, em muitos casos, se estava medindo a acuidade visual e não atenção.

- 3) *Da complexidade dos fatos.* Um exemplo tomado na Psicologia comparativa das raças ilustrará este parágrafo.

Em numerosos estudos, os pesquisadores encontraram médias Inferiores nos testes de inteligência aplicados aos pretos, e alguns concluíram pela inferioridade intelectual dos pretos; há, porém, muitos fatores que podem explicar a inferioridade dos resultados; entre estes, podemos citar: a natureza verbal dos testes utilizados, a qual beneficia os brancos, cujo nível cultural é maior; ou então o nível econômico, em consequência do qual há alimentação pior entre os grupos de pretos.

As ciências experimentais puderam desenvolver-se graças à crença em vários princípios fundamentais, os quais iremos enunciar a seguir:

#### 1º) **O PRINCÍPIO DA CAUSALIDADE**

*Tudo tem uma causa e, nas mesmas condições, a mesma causa produz o mesmo efeito.*

*Exemplo:* procurando conhecer o nível mental médio dos adolescentes comerciários, em várias regiões do país, encontramos os seguintes resultados:

| MÉDIA                |              |
|----------------------|--------------|
| Porto Alegre .....   | <b>35,94</b> |
| São Paulo .....      | <b>34,48</b> |
| Rio de Janeiro ..... | <b>34,51</b> |

Como se pode constatar, os resultados são praticamente os mesmos, isso porque as mesmas causas, em condições idênticas (natureza do teste, instruções, técnicas de correção, treinamento dos pesquisadores e tipo de população), provocaram os *mesmos* efeitos.

O princípio da causalidade tem como correlato o *princípio do determinismo*, que diz:

*Não há exceções nas leis. Não há fatos que não sejam regidos por leis.*

Quando há uma mistura muito grande de causas e as leis não podem mais ser encontradas pelos métodos científicos clássicos, estabelecem-se leis estatísticas, baseadas em grande número de observações, e fundamentadas em médias e correlações entre variáveis.

As leis estatísticas estão baseadas na crença da continuidade dos fenômenos naturais e estabelecidas graças ao cálculo das probabilidades.

## 2º) A PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

A Evolução da Psicologia demonstrou que é possível aplicar-lhe todos os processos das ciências físicas, embora o seu objeto seja diferente, pois a Psicologia Experimental estuda a conduta animal e humana.

Iniciada em torno de 1860, pelo estudo das sensações e da percepção, ela se estende hoje a todo o domínio da personalidade.

Existem dois conceitos da Psicologia Experimental:

Um conceito restrito, utilizado por motivos predominantemente didáticos, por R. S. Woodworth; para esse autor, a Psicologia é experimental unicamente no caso de o experimentador exercer um *controle* da situação experimental, com as seguintes condições:

1º) Poder-se repetir as experiências por outra pessoa.

2º) Utilizar-se de uma ou várias variáveis independentes ou fatores de experimentação para observar a sua ação sobre a variável dependente. Por exemplo: ação do barulho (*variável independente*) sobre o trabalho mental (*variável dependente*).

Experimentar consiste, sobretudo, em manter fixas todas as variáveis independentes, menos uma, procurando conhecer os efeitos da mudança da variável independente sobre a variável dependente.

A Psicologia Experimental se diferencia assim, como mostra Andrews e também Woodworth:

1º) *Da Psicologia Diferencial*, cujo objetivo é estudar, para cada variável, as diferenças individuais, utilizando para isso o método estatístico e o cálculo das probabilidades.

2º) Da Psicologia Clínica, cujo objetivo é estudar o indivíduo e procurar explicar a conduta de cada um em função da sua história pessoal (Psicanálise) e pela observação da sua reação global a determinadas situações reais ou provocadas.

Enquanto que a Psicologia Experimental e a Psicologia Diferencial visam a fins teóricos e gerais, a Psicologia Clínica é caracterizada antes de tudo pela investigação tão completa quanto possível de casos individuais e concretos.

Como mostra Lagache, a objetividade e a subjetividade, o rigor e a flexibilidade, o espírito científico e o literário, o naturalismo e o humanismo, São oposições apenas aparentes entre a Psicologia Experimental e a Psicologia Clínica, e na realidade já superadas, em benefício de uma Psicologia unificada eminentemente científica e impregnada de espírito Experimental, no sentido tão bem descrito e analisado por Claude Bernard, e que definimos mais acima.

### **§ 3. Definição da Psicologia Aplicada**

A designação “Psicologia Aplicada” foi adotada pelo XI Congresso Internacional de Psicotécnica, em Paris, para substituir a palavra Psicotécnica, de sentido controvertido.

Com efeito, a “Psicotécnica” não é nada mais que a Aplicação dos métodos, processos e técnicas da Psicologia científica à resolução dos problemas humanos.

A Psicologia Aplicada utiliza-se dos seguintes ramos da Psicologia científica:

- a) A *Psicologia Diferencial* ou o estudo das diferenças entre os indivíduos e entre os grupos.
- b) A *Psicologia Experimental* ou o estudo em laboratório dos fenômenos psíquicos, com utilização dos métodos de controle rigoroso, tal como se faz nas ciências físicas.
- c) A *Psicologia Fisiológica* ou o estudo das relações entre o comportamento e as características somáticas e nervosas.
- d) A *Psicometria* ou o estudo das funções mentais por meio de testes.
- e) A *Psicologia Social* ou o estudo das interações e relações psicológicas entre os indivíduos e os grupos, assim como dos indivíduos entre si.
- f) A *Psicologia Genética* (ou evolutiva) ou o estudo do desenvolvimento das funções mentais e do comportamento, do embrião até a velhice.

- g) A *Psicologia Psicanalítica* ou o estudo das origens e motivos do comportamento.

#### § 4. *Objetivos da Psicologia Aplicada*

A Psicologia Aplicada tem as seguintes finalidades:

- a) Na *Indústria* e no *Comércio*, é utilizada para assegurar o aumento da produção pela Adaptação do homem ao Trabalho e do trabalho ao homem. Neste caso, aparece às vezes sob o nome de Psicologia Industrial, Psicologia do Trabalho ou ainda Tecnopsicologia.
- b) Na *Orientação profissional* dos adolescentes e nos Conselhos profissionais dados aos adultos. Muitos confundem Psicologia Aplicada com orientação profissional; convém esclarecer que a orientação profissional não é sinônimo de Psicologia Aplicada; mas a Psicologia Aplicada é um ramo da orientação profissional.
- c) Na *Pedagogia*, onde permite não somente tornar mais objetivos os exames escolares e seguir os progressos da aprendizagem, como a meteorologia segue as variações da temperatura, mas, também, propicia aos educadores a possibilidade de orientar os alunos em função das suas aptidões, e diagnosticar e resolver os casos-problema. A Psicologia aplicada à Educação torna às vezes o nome de *Psicologia Educacional* ou ainda *Psicopedagogia*.
- d) Na *Medicina*, a Psicologia aplicada auxilia o diagnóstico das doenças mentais em Psiquiatria e das doenças do sistema nervoso em Neurologia.
- e) Na *Psicoterapia* e na *Psicanálise*, quer dizer, no reajustamento dos indivíduos por meios psicológicos e pedagógicos, a Psicologia Aplicada colabora no levantamento das causas de desajustes e dá ao psicoterapeuta elementos objetivos para seguir os processos de readaptação.

A Psicologia Aplicada à Medicina e à Psicoterapia, pode denominar-se Psicologia *Clínica*.

- f) Nos *conselhos matrimoniais*, permite estudar as diferenças existentes entre os futuros cônjuges, prevenir incompatibilidades irreversíveis e reajustar casais infelizes.
- g) Na *Justiça* e na *Polícia*, é possível, hoje, não somente ajudar os juizes na pesquisa dos suspeitos, mas ainda efetuar, através da Psicologia Aplicada, estudo aprofundado dos delinqüentes, assim como esclarecer dúvidas quanto à idoneidade das testemunhas.
- h) No *Exército*, além das vantagens enunciadas para a Indústria e Comércio, o psicólogo estuda objetivamente o moral das tropas e a psicologia do comando.
- i) Na *Publicidade*. O estudo objetivo da influência da publicidade sobre os

indivíduos e os grupos possibilita indicar aos publicistas quais os processos mais adequados.

- j) Na *sondagem da opinião pública*, é considerada como uma das aplicações mais demonstrativas do valor da Psicologia Aplicada, pois constitui um grande apoio para a vida política, econômica e pública de um país.
- i) Nas *Artes*. A Psicologia Aplicada estuda as reações dos indivíduos às diferentes produções artísticas, além de diagnosticar as aptidões e tendências de qualquer pessoa.
- m) Na *segurança dos transportes*. Como veremos mais adiante, a Psicologia aplicada permite diminuir o coeficiente dos desastres, não somente pela seleção dos automobilistas ou dos aviadores, mas ainda pelo estudo dos sistemas de sinalização e de educação do público.
- n) Nas *Relações Humanas* e nas *Relações Internacionais*, como foi exposto em nossos livros *Relações Humanas na Família e no Trabalho*, *A Criança*, *O Lar e a Escola*, e *Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas*.



## **PRIMEIRA PARTE**

### ***Métodos e Processos da Psicologia Aplicada***

#### **CAPÍTULO 1: O Método Estatístico**

##### **§ 1. Estatística e Psicologia Aplicada**

A estatística é, na Psicologia Aplicada, um dos instrumentos essenciais, seja na elaboração de um teste, seja na sondagem de opinião pública ou na procura das causas dos desastres do trânsito. A estatística nos fornece normas matemáticas para saber qual a probabilidade de erro ou de acerto, nas hipóteses que se tiram da observação dos fenômenos ou da experimentação.

Na Psicologia Aplicada, trabalha-se, sobretudo, com grupos ou ainda populações, os quais podem constituir-se de alunos, de motoristas, de operários, de peças fabricadas, de provas, etc. Maior a população, maior a precisão da estatística. Na prática é, porém, difícil trabalhar com números muito grandes; por isso, costuma-se escolher, ao acaso, certo número de indivíduos, de modo a ter o que se chama uma amostra representativa da população estudada.

A cada elemento da população se dá um número, o qual pode ser uma nota, um número de ordem de uma classificação ou qualquer outro valor de uma *variável*  $x$ . Cada valor da variável aparece com uma certa *freqüência*.

##### **§ 2. Apresentação das Observações**

A Apresentação dos dados pode ser feita sob a forma numérica ou sob a forma de gráfico.

Eis, por exemplo (tabela A), a forma de Apresentação numérica das freqüências encontradas em um teste de inteligência (teste “INV”) organizado por nós e aplicado a um grupo de comerciários adolescentes de São Paulo pela nossa aluna Fanny Vinicki e

suas colaboradoras.

**T A B E L A “ A ”**

| PONTOS     | FREQUÊNCIA ( <i>f</i> ) | SOMA DAS FREQUÊNCIAS<br>OU N° DE ORDEM |
|------------|-------------------------|----------------------------------------|
| De 10 a 12 | 0                       | 0                                      |
| 13a15      | 2                       | 2                                      |
| 16a18      | 5                       | 7                                      |
| 19a21      | 10                      | 17                                     |
| 22a24      | 13                      | 30                                     |
| 25a27      | 26                      | 56                                     |
| 28a30      | 50                      | 106                                    |
| 31a33      | 51                      | 157                                    |
| 34a36      | 58                      | 215                                    |
| 37a39      | 39                      | 254                                    |
| 40a42      | 35                      | 289                                    |
| 43a45      | 27                      | 316                                    |
| 46a48      | 27                      | 343                                    |
| 49a51      | 9                       | 352                                    |
| 52ª54      | 3                       | 355                                    |
| 55a57      | 0                       |                                        |
|            | <b>N°. 355</b>          |                                        |

Colocando os mesmos dados sob a forma de gráfico, obteremos a curva da figura 1; na abscissa, colocamos o número de pontos (Pt); na ordenada, a frequência (*f*) dos casos para cada ponto.

Esta curva é chamada curva de Gauss e tem, em geral, a forma de um sino. A curva de Gauss encontra-se em toda a Biologia: para o peso, a altura, o perímetro torácico, etc.

As pesquisas da Psicometria mostram que o mesmo se passa com as funções mentais.

Acontece, às vezes, que não se encontra a forma de sino na distribuição das frequências. Na figura 2, temos diferentes tipos de curvas que, quando encontradas na Aplicação de um teste, por exemplo, significam que alguma coisa veio perturbar as experiências ou Observações.

No caso de um teste, a curva A mostra que a prova é fácil demais para a população estudada, pois quase todos responderam a todas as perguntas. A curva B mostra o caso contrário. As curvas C e D se encontram quando a população não é

homogênea: por exemplo, mistura de crianças de cinco a doze anos num mesmo grupo, ou, ainda, de intelectuais e serventes.

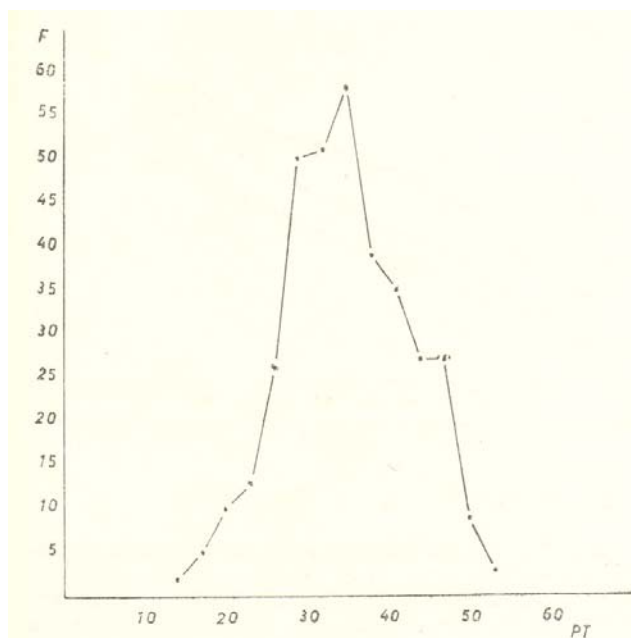


Fig. 1 – Curva de Gauss obtida com o teste não verbal de inteligência (INV), em São Paulo.

Outra maneira de se representar uma distribuição de freqüência é a seguinte: coloca-se na abscissa a variável (no nosso exemplo o número de pontos), e, na ordenada, a ordem de classificação correspondente a cada ponto. Construimos assim a chamada *curva de Galton*. Esta nos permite obter uma vista geral comparativa dos resultados em diferentes grupos. Na figura 3, representamos as curvas de Galton encontradas por Aurea Schechtmann e Eva Nick, com o nosso teste de inteligência não verbal, em 300 crianças do Rio de Janeiro, com idades de 7, 8 e 9 anos; como se pode observar, há diferenças entre cada grupo.

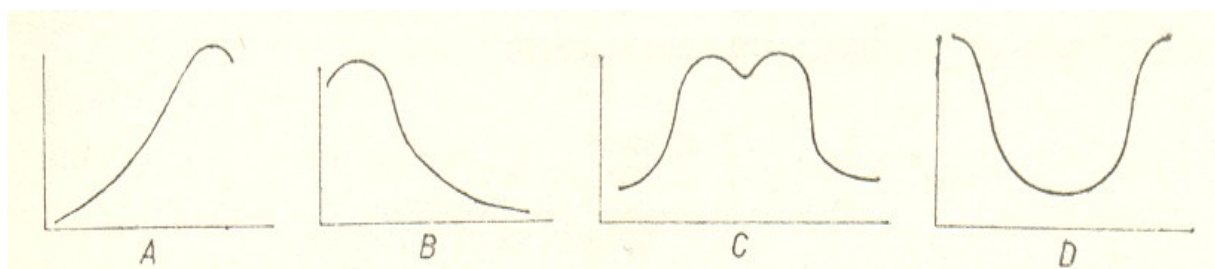


Fig. 2 –

Na abscissa do gráfico 3, temos as frequências acumuladas (*SF*) das cem crianças de cada idade. Na ordenada, o número de pontos.

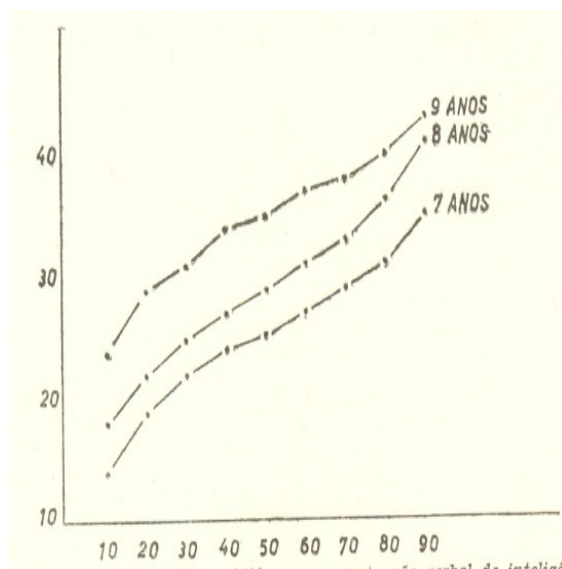


Fig. 3 — *Curvas de Galton, obtidas com o teste não verbal de inteligência, em crianças de 7, 8 e 9 anos, do Rio de Janeiro.*

### § 3. Características das Observações

Os gráficos nos dão uma vista global das observações; a estatística apresenta a vantagem de reduzir o conjunto de números ou os gráficos a alguns índices chamados parâmetros ou características. Há dois tipos de *parâmetros*: os de *tendência central* e os de dispersão.

1º) Os *parâmetros de tendência central* têm por objetivo fixar a posição das observações. Os principais parâmetros são:

#### a) A MÉDIA ARITMÉTICA

A média aritmética é calculada utilizando-se a seguinte fórmula:

$$M = \frac{Sx}{N}$$

**M** = Média  
**Sx** = soma dos valores da variável  
**N** = o número de observações.

No caso de haver um grande número de observações, multiplica-se cada valor

de x pela frequência correspondente; a fórmula de cálculo da média ficará, neste caso:

$$M = \frac{\sum fx}{N}$$

**Sx** = soma dos valores da variável  
**F** = frequência  
**X** = valor da variável  
**N** = o número de observações.

Existem processos de simplificação dos cálculos. Os interessados poderão consultar um dos tratados de estatística indicados na bibliografia.

#### b) A MEDIANA

A mediana é o valor da variável correspondente a um ponto da distribuição de frequência, situado de modo a ter igual número de casos acima e abaixo da distribuição. O mediano tem a vantagem de não ser influenciado pelos valores extremos.

#### c) A MODA

A moda é o valor da variável correspondente a ponto de maior frequência.

Numa distribuição de frequência ideal, a moda, a mediana e a média são confundidos. Cálculos especiais permitem transformar uma distribuição imperfeita, em razão do pequeno número de observações, em uma distribuição normal.

### 2º) Os parâmetros de dispersão

#### a) O DESVIO-PADRÃO

Sendo a média o parâmetro de tendência central mais utilizado, seria normal que os parâmetros de dispersão tivessem como ponto de partida a média. O desvio-padrão (D.P.) é a raiz quadrada da média dos quadrados dos desvios da média aritmética, como mostra a fórmula:

$$D.P. = \sqrt{\frac{\sum d^2}{N}}$$

**S** = soma  
**d** = desvios da média  
**N** = número de observações

O desvio-padrão é útil na determinação dos pontos da distribuição de frequência, além dos quais os dados fogem da norma estatística; fora disto, o D.P. é muito útil na comparação de diferentes grupos entre si.

#### b) OS PERCENTIS

Um meio muito cômodo de determinar a posição dos diferentes valores da variável é dividir o campo das variabilidades por cem. É o que se chama a percentilagem. Para percentilar uma distribuição, pode-se proceder de duas maneiras: a primeira, dividindo-se a abscissa da curva de Galton em cem partes iguais; a cada percentil corresponde um valor da variável (ver fig. 3). Outra maneira de calcular os percentis é a utilização da seguinte fórmula:

$$r = 1 + p \frac{n-1}{100}$$

Na qual:  $r$  = ordem de classificação ou frequências acumuladas  $Sf$   
 $p$  = o percentil procurado  
 $n$  = o número de observações.

A mediana corresponde ao percentil 50.

#### c) OS QUARTIS

Os quartis são encontrados por meio de uma divisão mais grosseira da distribuição, em quatro partes iguais; correspondem eles aos intervalos situados entre os percentis 0, 25, 50, 75 e 100.

### § 4. Erros de Amostra

Como vimos no início, em Psicologia Aplicada se trabalha em geral com amostras do grupo total a estudar; é indispensável saber que confiança se pode ter nos resultados, qual a probabilidade para que o resultado obtido não tenha sido devido ao acaso, para que o valor representativo da amostra seja testemunha fiel do grupo total. Com essa finalidade, calcula-se o erro-padrão  $E$ .

O erro-padrão da média é calculado pela fórmula:

$$E = \frac{DP}{\sqrt{N}}$$

O erro-padrão do desvio-padrão é:

$$E = \frac{DP}{\sqrt{2N}}$$

O erro-padrão de uma frequência é:

$$E = \sqrt{\frac{f(1-f)}{N}}$$

O erro-padrão de uma diferença é:

$$E = \sqrt{E_1^2 + E_2^2}$$

Para obter os limites de confiança, quer dizer, os valores em mais ou em menos, além dos quais só há 5% de probabilidade de os números achados estarem fora desses limites, multiplica-se  $E$  por 1,96.

Dito de outra maneira, há 95% de probabilidade de que um valor  $x$  esteja nos limites de mais ou menos 1,96  $E$ . A tabela  $B$  dá, para alguns valores de  $E$ , a probabilidade para que  $E$  seja maior que o número indicado.

**T A B E L A “ B ”**

| E   | PROBABILIDADE APROXIMADA |
|-----|--------------------------|
| 0,6 | 50                       |
| 1,0 | 31%                      |
| 1,5 | 13%                      |
| 2,0 | 05%                      |
| 2,5 | 01%                      |
| 3.  | 00,2%                    |
| 3,5 | 00,04%                   |
| 4   | 00,006%                  |

## **§ 5. Correlações**

Quando existem duas variáveis numa mesma distribuição, é interessante, às

vezes, conhecer o grau de relação existente entre elas. Por exemplo: rapidez e qualidade da produção dos operários de uma fábrica, resultados de um teste de inteligência e de memória, notas de português e de matemática, etc.

A figura 4 dá a representação gráfica da correlação entre duas variáveis X e Y.



A estatística permite calcular a correlação entre duas variáveis. Os coeficientes de correlação indicam se há algo de comum entre uma ou outra variável e qual a probabilidade de haver correlação.

Há diversos coeficientes de correlação. Eis os principais:

1º) *O coeficiente de Spearmann.* – O coeficiente de Spearmann é utilizado quando as duas variáveis são números de ordem de uma Classificação, como, por exemplo, a classificação da rapidez e da qualidade dos operários feita pelos mestres, ou ainda, dos alunos, em duas matérias no fim do ano.

A fórmula para calcular o coeficiente de Spearmann é a seguinte:

$$\rho = 1 - \frac{6 S d^2}{N(N^2 - 1)}$$

**S** = soma  
**r** = desvio da média da primeira variável  
**y** = desvio da média da Segunda variável

2º) *Coeficiente de correlação de Pearson.* — O coeficiente de correlação de Pearson é, atualmente, o mais utilizado e o mais seguro. Permite-nos calcular a correlação entre duas variáveis pela fórmula seguinte:

$$r = \frac{S_{xy}}{S_{x^2} \cdot S_{y^2}}$$

**S** = soma  
**r** = desvio da média da primeira variável  
**y** = desvio da média da Segunda variável  
**DP** = desvio-padrão



Os coeficientes de correlação podem ter valores que variam de – 1 a + 1. Um coeficiente negativo significa que as duas variáveis têm tendência a se excluir uma da outra; coeficiente positivo significa, pelo contrário, que as duas variáveis têm tendência a representar a mesma coisa. Eis uma tabela que permite, por simples leitura, entender o significado de cada valor dos coeficientes de correlação, traduzidos em percentagens de êxito de predição certa:

**T A B E L A C**

| <i>R</i> | % de Êxito | <i>R</i> | % de Êxito |
|----------|------------|----------|------------|
| 0,00     | 50%        | 0,55     | 58%        |
| 05       | 50         | 60       | 60         |
| 10       | 50         | 65       | 63         |
| 15       | 50         | 70       | 66         |
| 20       | 51         | 75       | 69         |
| 25       | 51         | 80       | 74         |
| 30       | 52         | 85       | 80         |
| 35       | 53         | 90       | 89         |
| 40       | 54         | 95       | 97         |
| 45       | 55         | 100      | 100        |

Como se vê, a probabilidade de acertar um coeficiente de correlação aumenta à medida que cresce o valor do coeficiente. Convém saber se o coeficiente de correlação é estatisticamente significativo. Para isto, calcula-se o erro provável do coeficiente pela seguinte fórmula :

$$E_p \cdot r = 0,6745 \frac{1 - r^2}{\sqrt{n}}$$

Para poder confiar no coeficiente *r*, é preciso que ele seja maior três vezes que o valor do erro provável. Além disto, só quando *r* está acima de 0,80, pode-se afirmar que, pelo conhecimento do valor de uma variável, é possível prever o valor da outra. No caso de um teste, por exemplo, se o coeficiente for superior a 0,80 e superior a três vezes o erro provável, pode-se afirmar que um pode substituir o outro, pois os dois medem a mesma coisa.

3°) *Coeficiente de correlação bisserial*. – O coeficiente de correlação bisserial é utilizado quando se conhecem todos os valores pertencentes a duas categorias: certo ou errado, superior ou inferior.

É o caso, por exemplo, quando um psicólogo de uma indústria quer calcular a correlação existente entre os resultados de um teste manual e a classificação dos operários em bons ou maus; ou, ainda, de um psicólogo que quer conhecer a correlação entre os acertos de cada pergunta de um teste de inteligência e o total do teste. A fórmula do coeficiente é:

$$r_{bis} = \frac{m' - m''}{D.P.} \times \frac{pq}{z}$$

$M'$  = média dos valores de x para os elementos da classe superior  
 $M''$  = média dos valores de x para os elementos da classe inferior  
 $p$  = proporção de elementos de uma classe  
 $q$  = proporção de elementos de outra classe  
 $z$  = valor de ordenada da curva normal correspondente  
 $DP$  = desvio-padrão.

Existem tabelas especiais (Faverge) que dão para cada valor de  $p$  e  $q$  o valor de  $pq$  e da sua raiz quadrada, a qual é necessária na seguinte fórmula do erro de  $r$  bis:

4°) *Coeficiente tetracórico*. – Quando as duas variáveis são dicotomizadas,

$$E = \frac{\sqrt{pq - r^2}}{N}$$

quer dizer, reduzidas a duas classes, o  $r$  bis não pode ser mais utilizado. Assim sendo, é empregado o “coeficiente tetracórico”. O coeficiente é calculado utilizando-se ábacos especiais.

5°) *Outros coeficientes*. – Existem outros coeficientes de correlação, como o de associação, de Yule, ou o de percentagem de acordos, os quais pretendem substituir o coeficiente tetracórico. Infelizmente, têm defeitos sérios que desaconselham o seu emprego.

O *coeficiente eneacórico*, de Coumetou, é utilizado para calcular a correlação entre duas variáveis, cujos valores estão repartidos em três categorias: média, forte e fraca. Uma tabela de conversão possibilita traduzi-los, após cálculos, em coeficientes de Pearson. O coeficiente de Coumetou vale somente no caso de serem as três categorias distribuídas da seguinte forma :

|                |                      |
|----------------|----------------------|
| Superior ..... | <b>25%</b> dos casos |
| Média .....    | <b>50%</b> dos casos |
| Inferior ..... | <b>25%</b> dos casos |

A fórmula do coeficiente é a seguinte:

$$Y = \frac{(C + D) - (A + B)}{T_1(C + J + B) + T_2(A + E + D) + T_3(A + F + C) + T_4(D + H + B)}$$

- A** = número de casos Inferiores nas duas séries  
**P** = número de caso e médios na série 1 e superiores na série 2.  
**C** = número de casos superiores nas duas séries.  
**J** = número de casos superiores na série 1 e médios na série 2.  
**B** = número de casos superiores na série 1 e inferiores na série 2.  
**H** = número de casos médios na série 1 e inferiores na série 2.  
**D** = número de casos inferiores na série 1 e superiores na série 2.  
**E** = número de casos inferiores na série 1 e médios na série 2.  
**T** = número de casos médios nas duas séries.

Eis a tabela de tradução dos Y em r de Pearson:

**T A B E L A “ D ”**

| Y    | .0  | .1  | .2  | .3  | .4  |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|
| .000 | .00 | .26 | .51 | .72 | .89 |
| .005 | .01 | .28 | .52 | .73 | .90 |
| .010 | .03 | .29 | .53 | .74 | .91 |
| .015 | .04 | .30 | .54 | .75 | .92 |
| .020 | .05 | .31 | .55 | .76 | .92 |
| .025 | .07 | .33 | .56 | .76 | .93 |
| .030 | .08 | .34 | .57 | .77 | .93 |
| .035 | .09 | .35 | .58 | .78 | .94 |
| .040 | .11 | .36 | .59 | .79 | .95 |
| .045 | .12 | .38 | .60 | .80 | .95 |
| .050 | .13 | .39 | .61 | .81 | .96 |
| .055 | .15 | .40 | .63 | .82 | .96 |
| .055 | .15 | .40 | .63 | .82 | .96 |
| .060 | .16 | .41 | .64 | .83 | .97 |
| .065 | .17 | .42 | .65 | .83 | .97 |
| .070 | .19 | .44 | .66 | .84 | .98 |
| .075 | .20 | .45 | .67 | .85 | .98 |
| .080 | .21 | .46 | .68 | .86 | .99 |
| .085 | .23 | .47 | .69 | .87 | .99 |
| .090 | .24 | .48 | .70 | .88 | .99 |
| .095 | .25 | .49 | .71 | .88 | .99 |

## § 6. Provas de Significação da Diferença Entre Duas Medidas

O fato de haver diferença entre dois resultados, como por exemplo entre a média de dois testes ou ainda entre duas percentagens, não quer dizer, ainda, que se

pode confiar nestes resultados; é indispensável saber se essas diferenças não são devidas à influência do acaso.

Para saber se a diferença entre duas medidas é significativa, procede-se da seguinte forma: calcula-se a diferença entre as duas medidas  $x'$  e  $x''$  e divide-se pelo erro-padrão da diferença.

A fórmula da significação da diferença entre duas medidas é a seguinte:

$$\text{Sign. dif.} = \frac{x' - x''}{E. \text{dif.}}, \text{ ou ainda } \frac{\text{dif.}}{E. \text{dif.}}$$

Quando o coeficiente obtido superar o valor três, é praticamente impossível que a diferença achada seja devida ao acaso, pois seria maior que três vezes o seu erro-padrão.

Para calcular a significação da diferença entre duas freqüências ou percentagens, calcula-se o  $\chi^2$  com a seguinte fórmula:

$$\chi^2 = \frac{[(f_4 - f_1) - 1]^2}{f_4 + f_1}$$

Esta fórmula só pode ser utilizada no caso de as freqüências ou percentagens terem sido tiradas de um mesmo grupo; por exemplo, no caso de comparar a percentagem de acertos em duas perguntas de uma prova escolar.

|             |           | PERGUNTA I |           |  |                       |
|-------------|-----------|------------|-----------|--|-----------------------|
|             |           | Êxitos     | Fracassos |  |                       |
| Pergunta II | Fracassos | $F_1$      | $F_2$     |  | $f$ . número de casos |
|             | Êxitos    | $F_3$      | $F_4$     |  |                       |

Quando se quer calcular a significação da diferença entre as frequências e percentagens de duas amostras independentes, é necessário aplicar a seguinte fórmula:

$$Z^2 = \frac{(n_1 - n'_1)^2}{n'_1} + \frac{(n_2 - n'_2)^2}{n'_2} + \frac{(n_3 - n'_3)^2}{n'_3} + \frac{(n_4 - n'_4)^2}{n'_4}$$

$$n'_1 = \frac{(n_1 + n_2)(n_1 + n_3)}{N} \quad n'_3 = \frac{(n_3 + n_4)(n_3 + n_1)}{N}$$

$$n'_2 = \frac{(n_1 + n_2)(n_2 + n_4)}{N} \quad n'_4 = \frac{(n_3 + n_4)(n_4 + n_2)}{N}$$

$$N = n_1 + n_2 + n_3 + n_4$$

Eis os valores de  $X^2$  para amostras dependentes e independentes, com a sua significação correspondente:

**SIGNIFICATIVO**

**P (.05)**  
X<sup>2</sup>=3,84

**ALTAMENTE  
SIGNIFICATIVO**

**P (.01)**  
6,64

Um  $X^2$  igual a esses valores permite afirmar que as diferenças são significativas com 5% ou 1% de probabilidade de erro.

## **CAPÍTULO 2: A Psicometria**

### **§ 1. *Psicometria e Psicologia Aplicada***

Baseada na Estatística, a Psicometria é o conjunto dos métodos de medida em Psicologia Experimental e Aplicada. Como veremos, a Psicometria tem numerosos campos de aplicação, mais particularmente na determinação das aptidões em seleção e Orientação Profissional, em Psicologia Aplicada à Psiquiatria e nos exames escolares.

O instrumento essencial da Psicometria é o teste.

### **§ 2. *Que É Um “Teste”?***

A palavra *teste* foi utilizada pela primeira vez em 1890, por Cattell, para designar uma prova organizada de maneira científica, e não *a priori*.

A Associação Internacional de Psicotécnica definiu o teste da seguinte forma:

É uma prova definida, consistindo em se desincumbir de uma tarefa, idêntica para todos os indivíduos examinados, com técnica minuciosa para avaliação do êxito ou dos fracassos, ou, ainda, para notação numérica do sucesso. A tarefa pode implicar conhecimentos adquiridos (teste pedagógico) ou funções sensório-motoras, ou mentais (teste psicológico).

Como se vê, um teste tem de obedecer a certas regras, a certas normas, na sua elaboração. Numerosos professores e o público em geral pensam que, juntar algumas perguntas de história e geografia ou de raciocínio basta para construir um teste; confundem teste e simples prova; vamos, a seguir, pela enumeração e descrição das condições de elaboração e organização de um teste, fazer sentir as diferenças existentes entre um teste e uma simples prova.

### **§ 3. *Condições Para Aplicação e Elaboração de Um Teste***

A Aplicação e elaboração de qualquer teste requerem certo número de condições experimentais, sem as quais se arriscam sérios reveses. Além das precauções a tomar na sua aplicação, um teste precisa ter um sistema de notação racionalizado, ser sensível, escalonado, fidedigno, válido, e, tanto quanto possível, ter sido submetido à análise estatística dos itens.

São três os fatores a considerar na aplicação de qualquer teste, tanto como fim de experimentação, quanto como fim prático. Esses fatores: *o examinador, o ambiente de exame e o examinando*.

a) O EXAMINADOR. O examinador deve seguir, rigorosamente, as instruções de aplicação do teste de tal maneira que as condições de aplicação sejam as mesmas para todos.

O examinador deve ser uma pessoa calma, controlada nas suas reações, inspirando confiança. Deve-se evitar que seja, por exemplo, um mestre a quem o examinando teme ou aborrece. O teste pode ser muito influenciado pela relação psíquica entre o examinando e o examinador.

É necessário lembrar que o aplicador a quem os examinandos temem, ou aquele que não levam a sério, não está apto para nenhum trabalho psicopedagógico ou psicométrico.

Além disso, nunca será demasiado advertir aos examinadores – disse Stern – que o teste é apenas um meio para se encontrar um objetivo, e esse objetivo é conhecer a personalidade. Com ele, procura-se compensar nossa deficiente capacidade de observação. Daí ser preferível “um mau teste em mãos de um bom examinador, a um bom teste em mãos de um mau examinador”.

b) O AMBIENTE DE EXAME. Só se deve aplicar um teste num ambiente tranquilo, isolado, onde não haja ruído e onde não possam ocorrer fatos que afastem a atenção do examinando. Antes de iniciar o trabalho, deve-se verificar se existe algum fator externo que possa influir no seu resultado.

O teste deve ser realizado, sempre que possível, a sós com o examinando, e de maneira nenhuma em presença dos pais, parentes, médicos de família, etc. Quando houver uma terceira pessoa – por exemplo, para aprendizagem da Aplicação do teste – dar uma satisfação ao examinando, dizendo-lhe: Esta é uma pessoa que também vai aprender o que fazemos aqui. Você não se importa? Caso o candidato demonstre má vontade, a terceira pessoa não deverá assistir ao teste.

c) O EXAMINANDO. Só se começa a aplicação de um teste quando o

examinando está tranqüilo, confiante, em estado psíquico normal, encarando com serenidade as explicações do examinador.

É de grande importância que o examinando realize o teste com naturalidade, espontaneamente e jamais obrigado. Deve-se primeiro ganhar a sua confiança, conduzindo-o, naturalmente, a interessar-se pela prova; explicar-lhe de maneira discreta como se realiza um teste psicológico, mediante o qual se pode verificar, por exemplo, até onde vai a sua capacidade de observação.

Uma das condições de bom rendimento é a aceitação da pesquisa pelo examinando, revelando-se como parte interessada.

Deve-se estimulá-lo nos exemplos (quando houver) ou ao notar dificuldade de compreensão.

Nas provas coletivas, tais condições deverão ser convenientemente adaptadas.

**Sistemas de notação** – Os sistemas de notação dependem, evidentemente, do tipo de teste utilizado. Mas, em geral, podemos distinguir os seguintes tipos de notação, evitando em todos qualquer participação subjetiva, qualquer opinião por parte de quem anota ou corrige:

- a) Nos testes organizados sob a forma de respostas a dar a determinadas perguntas, a correção se faz anotando-se os acertos; segue-se para isso uma lista-padrão das respostas certas e faz-se a contagem do número de acertos.

Eis, por exemplo, uma pergunta de um teste pedagógico:

**Exemplo 1.** *Quem proclamou a Independência do Brasil?*

Resposta .....

- b) Existem outros testes, nos quais se pede ao examinando para responder se as afirmações contidas neles são certas ou erradas.

O exemplo precedente será, neste caso, apresentado da seguinte forma:

**Exemplo 2.** *Pedro Álvares Cabral proclamou a Independência*

do Brasil    { Certo  
                  { Errado

- c) Os testes ditos de escolha-múltipla permitem escolher a resposta certa entre várias respostas erradas.



O nosso exemplo precedente ficará constituído da seguinte forma:

Exemplo 3. *Quem proclamou a Independência do Brasil foi:*

- (     ) *Pedro Álvares Cabral*
- (     ) *D. João VI*
- (     ) *O Príncipe Regente D. Pedro*
- (     ) *D. Pedro de Alcântara*
- (     ) *José Bonifácio.*

Em Psicometria, prefere-se a Apresentação das respostas sob forma de “múltipla-escolha”, isso porque a experiência mostrou que os outros tipos estão sujeitos a sérios inconvenientes. No exemplo 1, a resposta “Pedro” poder deixar o examinador em dúvida, pois o examinando pode ter pensado em Pedro I, Pedro II, Pedro Cabral ou Pedro de Alcântara. No segundo exemplo, o examinador nunca saberá se o examinando respondeu escolhendo ao acaso a resposta certa; no tipo certo-errado, o examinando tem uma probabilidade sobre duas de acertar. A questão do tipo “escolha-múltipla” elimina esses inconvenientes, pois a resposta certa é uma só, e o fato de ter de escolher entre cinco ou seis perguntas elimina, completamente, as influências do acaso.

Outros valores numéricos são obtidos por meio de aparelhos especiais. O tempo que levou cada indivíduo para executar uma determinada tarefa é medido por um cronômetro; existem cronoscópios para medir os *tempos de reação* de um indivíduo em centésimos de segundo; nos testes de habilidade manual, registradores especiais fazem a contagem dos erros cometidos.

Há, porém, certos tipos de testes para os quais é mais adequado fazer anotação numérica: como, por exemplo, avaliar uma redação. As professoras Helena Antipoff, de Minas Gerais, e Eloah Brandt Ribeiro, do Rio Grande do Sul, mostraram que isso é possível (número de idéias representadas durante um certo tempo sobre um teste idêntico para todos, tipo de exposição objetivo ou subjetivo, número de palavras utilizadas, etc). F. Goodenough mostrou a possibilidade de avaliar a riqueza do desenho de um boneco pela contagem do número de elementos representados. Rey aplicou esse princípio na reprodução de uma figura complexa, além de chegar a uma tipologia da reprodução.

Quando a apreciação de uma prova só pode ser qualitativa, utiliza-se o método

chamado dos juizes: pede-se a um determinado número de pessoas para dar uma nota. É indispensável, neste caso, que o número de juizes seja muito grande, o que na prática, dificilmente é realizável; felizmente, é muito raro que uma prova escape à possibilidade de anotação objetiva e o caso se limite, em geral, aos aspectos estéticos.

**Sensibilidade e escalonamento** – Diz-se que um teste é sensível, quando discrimina bem os indivíduos entre si; para isso, é preciso que o número de perguntas seja bastante grande. Pode-se proceder a um escalonamento, construindo um barema que permita situar qualquer indivíduo em relação à média do seu grupo ou dentro da distribuição de freqüências da população da qual ele faz parte.

É, por isso, indispensável que, na representação gráfica da distribuição das freqüências, se obtenha uma curva de Gauss. A probabilidade de se obter essa curva é aumentada quando, na construção de um teste, se toma a precaução seguinte:

Adaptar as perguntas ao grupo, de forma a ter, numa mesma prova, 25% de perguntas fracas, 50% de perguntas médias e 25 de perguntas fortes, aproximadamente; o grau de dificuldade de cada pergunta é achado, experimentando-a em grupo homogêneo de pessoas e calculando a percentagem de acertos em cada pergunta.

O exemplo 3 da pergunta, Quem proclamou a Independência do Brasil?, teve as seguintes percentagens de acertos, em experiências que fizemos em colégios particulares do Rio de Janeiro, no laboratório de Psicologia do SENAC, com a colaboração do prof. Jacir Maia.

**T A B E L A “ E ”**

| SÉRIE GINASIAL | NÚMEROS DE INDIVÍDUOS | PERCENTACENS DE ACERTOS |
|----------------|-----------------------|-------------------------|
| 1º.ano .....   | 128                   | 58,59%                  |
| 2º ano .....   | 138                   | 34,78%                  |
| 3º ano .....   | 91                    | 49,45%                  |
| 4º ano .....   | 65                    | 46,15%                  |

A pergunta pode ser considerada como média para as quatro séries ginasiais.

É sempre interessante, como aliás Binet já o recomendava, agrupar as perguntas de maneira a ter as fáceis no início e as difíceis no fim, para não desanimar

os indivíduos desde o começo do teste.

Temos diferentes maneiras de construir baremas e escalas; a percentilagem consiste em dividir a ogiva de Galton em cem partes iguais; na decilagem, divide-se a mesma em dez partes iguais. Pode-se, também, tomar como unidade o desvio-padrão (D.P.) e procurar, para cada valor da variável, o valor correspondente em frações do desvio-padrão; é preferível, sobretudo no caso de a curva se aproximar da normal, transformá-la em curva normal ideal de média zero e de desvio-padrão igual à unidade. Nessa curva, pode-se procurar o valor em desvio-reduzido, correspondendo a cada valor da variável  $x$  pela transformação:

$$z = \frac{x - m}{D.P.}$$

O *tetron* é outra unidade de medida preconizada em França e baseada no 1/4 do D.P., e se *obtêm* pela fórmula:

$$z = \frac{x - m}{D.P. \cdot \frac{1}{4}}$$

A medida mais utilizada atualmente é o percentil, calculado preferencialmente a partir da curva normal reduzida.

Há ainda baremas nos quais se agrupam os valores em cinco, seis ou sete categorias (J. Maia), calculados a partir da curva de Galton ou da curva normal reduzida.

Os testes de desenvolvimento mental têm os seus baremas baseados não mais na curva de Gauss ou de Galton, mas na curva evolutiva dos resultados obtidos em cada idade, de três a 16 anos, por exemplo. Conhecendo-se a média dos pontos, ou, ainda, o número de provas acertadas por 75% de indivíduos de cada idade, pode-se determinar a idade mental de cada indivíduo e o seu quociente intelectual (Q.I.), o qual se obtêm dividindo a idade mental (I.M.) pela idade real (I.R.), como mostra a seguinte fórmula :

$$Q.I. = \frac{I.M.}{I.R.}$$

Um Q.I. superior a 1 indica que o indivíduo tem inteligência superior à idade real; um Q.I. inferior a 1 indica que o indivíduo tem inteligência inferior à idade real ou cronológica.

Na prática de Psicologia Infantil, é interessante possuir os dois índices: o Q.I. que situa a criança em relação à Psicologia Evolutiva, o percentil que situa a criança em relação à média do seu grupo de idade, do ponto de vista da Psicologia Diferencial.

**Fidedignidade de um teste** — Não é suficiente a um teste ter sido aplicado em condições experimentais rigorosas, nem ser sensível e possuir um sistema objetivo de anotação. É ainda preciso verificar a sua fidedignidade, o que corresponde a saber se os resultados são fiéis, se se pode afirmar que os resultados que fornece hoje serão os mesmos de amanhã ou daqui a um mês ou um ano. Qual a variabilidade de uma aplicação à outra?<sup>1</sup>

Para responder a essa pergunta, costuma-se submeter um mesmo grupo de indivíduos duas vezes ao mesmo teste, com intervalos de um dia a vários anos, segundo o período de memorização. Calcula-se depois o coeficiente de correlação entre os resultados das duas aplicações. O índice obtido chama-se a *constância* do teste.

É preferível, a fim de evitar a influência da aprendizagem ou de fatores afetivos na repetição dos testes, calcular o índice de *homogeneidade* do teste: procura-se a correlação existente entre duas partes equivalentes do teste aplicado só uma vez. Os índices de fidedignidade encontrados para os testes de inteligência são, em geral, muito elevados, variando de 0,70 a 0,95, com intervalos pequenos, de um dia a alguns meses. A fidedignidade dos testes de inteligência é tão grande como a da medida do peso e da altura, e decresce com o tempo.

**Validade de um teste** – A validade de um teste é o seu valor preditivo. Um teste é considerado válido, quando a correlação entre os resultados obtidos com ele e o que pretendia medir ou prever é elevada.

Por exemplo, um teste de aptidão mecânica só é válido se os resultados

---

<sup>1</sup> Ver também a esse respeito o item 3, Capítulo 1 da 2.a parte.

obtidos por um grupo de mecânicos têm correlação apreciável com uma avaliação objetiva do valor profissional de cada um; da mesma forma, considera-se um teste de inteligência como válido se a correlação entre os resultados obtidos nele, com os de um outro teste já validado, é apreciável. Consideram-se como satisfatórios coeficientes de correlação de validade a partir de 0,50. É relativamente raro encontrar coeficientes superiores a 0,80.

**Análise dos itens e criação de séries paralelas** – Como vimos anteriormente, é possível conhecer o grau de dificuldade de cada item pela percentagem de acertos em diferentes grupos. Acontece, muitas vezes, que um teste já é demasiadamente conhecido, e precisamos, por isso, criar séries paralelas substitutivas. Conhecendo o grau de dificuldade de cada pergunta, é mais fácil criar séries paralelas, por substituição de cada pergunta antiga do teste por uma nova, equivalente.

Além disso, é bom conhecer a validade de cada item em função do conjunto. O coeficiente de correlação bisserial permite calcular a validade de cada item em relação ao total dos pontos do teste.

**Análise fatorial de baterias de testes** – Desde os tempos de Binet-Simon (criadores do primeiro teste de inteligência), constatou-se que certos testes, que pretendiam medir a mesma coisa, tinham entre si correlações baixas. Esse fato foi confirmado pela Orientação profissional e Orientação Escolar dos adolescentes; revelou-se que os indivíduos de nível mental idêntico tinham melhor êxito em certas matérias ou ocupações, que em outras; O que deixou supor a existência de outros fatores intelectuais, além da inteligência geral.

Spearman e Thurstone foram os primeiros a investigar experimentalmente os diferentes fatores, pela análise estatística das intercorrelações entre diferentes testes; 05 processos utilizados São conhecidos hoje sob o nome de *análise fatorial*.

Spearman utilizou o método da *equação tétrade* dada pela fórmula seguinte, na qual é o coeficiente de correlação entre quatro testes, *a*, *b*, *c* e *d*, tomados dois a dois:

$$t_{ab\ cd} = (r_{ab} \times r_{cd}) - (r_{ac} \times r_{bd})$$

Se  $t$  é nulo em todas as combinações, é sinal de que há um fator geral comum a todos os testes (fator  $G$ ), e um fator específico a cada um. No caso contrário, existem só fatores de grupos.

Thurstone usa método de análise fatorial por *rotação centróide*.

No caso da psicomotricidade, por exemplo, a maioria dos autores chegou à conclusão de que não existe uma aptidão psicomotora geral e que os testes motores não têm correlação com os testes de inteligência. Em recente análise de mais de 500 estudos feitos no mundo inteiro, sobre os testes de motricidade, M. de Montmollin encontrou os seguintes fatores, acabados nos diversos países onde foram feitas pesquisas sobre o assunto: rapidez, precisão, coordenação dos movimentos, destreza, agilidade, outros fatores ainda discutidos. Convém notar também a presença, em muitas provas motoras, de fatores não motores, como o fator espacial, perceptivo e de “inteligência prática”.

#### § 4. Classificação dos Testes

É hoje praticamente impossível reunir em um só capítulo todas as técnicas de investigação das funções mentais e sensório-motoras.

Muitos autores o fizeram em manuais, dentre os quais recomendados os de: Baumgarten, Claparède, Violet Conil e Canivet, Fryers e Rappaport.

Vamos aqui apresentar a Classificação geral dos testes, segundo o plano de Piéron (1948), citando, para tal, as técnicas atualmente mais utilizadas.

I. **Testes de inteligência** – Aqui, podemos incluir as escalas de: Binet-Simon, Simon, revisão do Binet-Simon, por Terman e Merrill; os testes de Gesell, para pequenas crianças os cubos de Kohs; o “Labirinto” de Porteus; a escala de Grace Arthur; o teste de Gille, experimentado em 100 000 crianças em França; teste “*Army Alpha-Beta*” utilizado em 2 000 000 de militares americanos; a escala de Wechsler Belevue, a de Ballard a de Lahy e a de Bonnardel as “Matrizes Progressivas” de Raven; o “*Chicago Test of Primary Mental Abilities*” de L. L. Thurstone; os testes de Piéron (França) e de Mira (Barcelona), estes dois últimos constituindo adaptações do teste de Thurstone. Alguns desses testes nos dão um índice da inteligência sob a forma de

idade mental ou de escala em percentis, sigma, tetron, etc. Outros dão, além do índice global, os resultados do rendimento dos diferentes aspectos da inteligência, os quais foram ultimamente isolados pela análise fatorial.

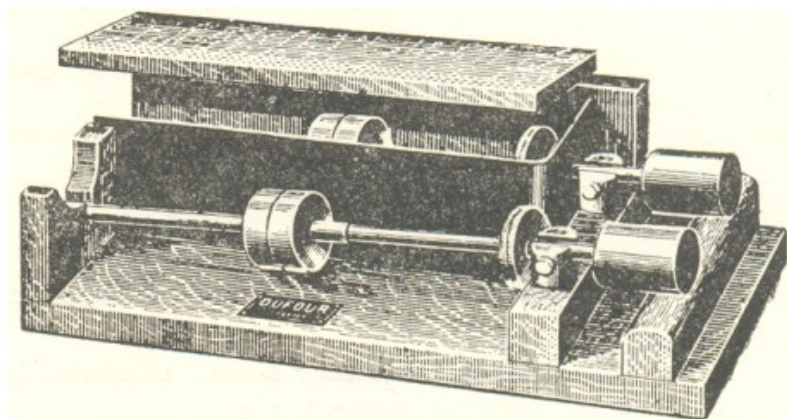


Fig. 5. *Teste de avaliação dos pesos* (do Catálogo Dufour, Paria)

Certos testes permitem medir um só dos fatores de maneira isolada. Entre esses, citamos o teste de “inteligência Mecânica” de Léon Walther, os testes de “Inteligência Prática” (manipuladora) de Declory, (caixas) de Rey; o de Stenquist, de Minnesota. Convém notar, também, que são muito raros os testes que permitem medir o fator geral em seu estado puro. Em geral, outros fatores vêm influenciar, ou melhor, saturar, como dizem os especialistas em análise fatorial, os testes que pretendem medir a inteligência no seu aspecto sintético. É conhecida, por exemplo, a influência muito grande do fator verbal no teste Binet-Terman, o que explica, talvez, as diferenças ecológicas relativamente consideráveis que foram encontradas (cidade e campo, bairros industriais e zonas residenciais, etc.). As últimas pesquisas realizadas sobre o teste das “Matrizes Progressivas” mostram certa saturação em fator espacial, além do fator geral apontado pelo autor; por isso, é mais apreciado na indústria que no comércio e na administração. O teste que até hoje mostra maior saturação em fator geral parece ser o “Teste dos Dominós”, preparado por Anstey para o exército inglês e publicado na França sob o nome de Teste “D-48”.

**II. Testes de Memória** – As duas escolas de análise fatorial, a de Spearman e a de Thurstone, estão de acordo sobre a existência de um fator de memória. Piéron distingue o exame:

a) *da rapidez de aquisição (Rey, Ombredane)*

b) *da tenacidade*

c) *das formas*      { *verbal (palavras, frases)*  
                              *Lógico (textos, códigos, etc.)*  
                              *Concreta (imagens, jogo de Kim, etc.)*  
                              *geométrica (figura complexa, de Rey).*

d) *dos tipos*      { *predominância auditiva (números, palavras, textos)*  
                              *predominância visual (imagens, textos, objetos, etc.)*  
                              *Predominância quinestésica.*

**III. Testes de atenção.** – Piéron discrimina o exame:

a) *das formas*      { *concentrada (riscar sinais, números, letras)*  
                              *distribuída (executar alternativamente várias tarefas)*

b) *da rapidez de início*

c) *da estabilidade*

d) *da fatigabilidade*

**IV. Testes de imaginação.** – Impõe-se o exame das:

*formas*      { *verbal (Piéron, Meili)*  
                              *lógica (Piéron)*  
                              *Predominância quinestésicas*  
                              *concreta visual (Piéron, Meili)*  
                              *formas gráficas pictorial (Meili e Rey)*  
                              *Artística*  
                              *Plástica*  
                              *musical (Seashore)*

**V. Testes verbais.** — Piéron especifica dentro deste grupo:

a) *riqueza de vocabulário;*

b) *precisão de expressão.*



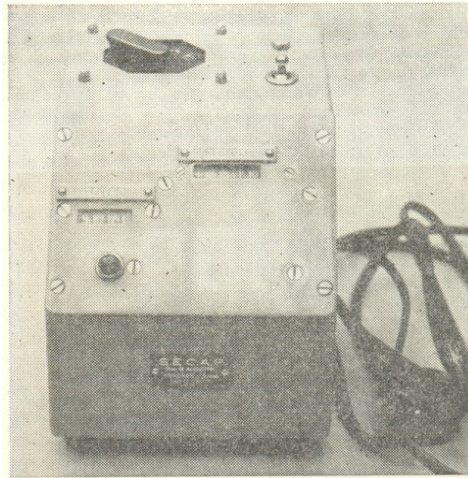


Fig. 6 — Aparelho registrador de erros  
(do Catálogo Secap, Paris).

**VI. Testes perceptivos.** — No quadro das funções perceptivas é necessário examinar:

- a) capacidade de apreensão (teste de Rossolimo, figuras lacunares de Rey, Gealt – teste de Lauretta Bender);*
- b) rapidez de estruturação (taquistoscópios);*
- c) plasticidade de estruturação;*
- d) visualização espacial (figura a desenrolar de Rey);*
- e) golpe de vista (Piéron).*

Os testes de percepção podem ser classificados, também, segundo o órgão receptor visual, auditivo, tátil, quinesésico, olfativo ou gustativo.

**VII. Testes motores.** — Os testes motores têm por objetivo medir a motricidade dos indivíduos. Pode-se distinguir:

- a) as escalas de desenvolvimento motor, como, por exemplo, a escala de Ozeretzki, que permite determinar a idade motora;*
- b) as baterias de testes, como a de Walther-Antipoff, de Heuyer-Baille ou de Gille;*
- c) os testes específicos, como o cronoscópio de Darsonyal ou o cronotoscópio de Piéron, para medida dos tempos de reação, Tapping, o termômetro, de Piéron, a ratoeira de Moede, a pontilhagem de Walther, os testes de coordenação bimanual de Lahy e de Daniel Antipoff.*

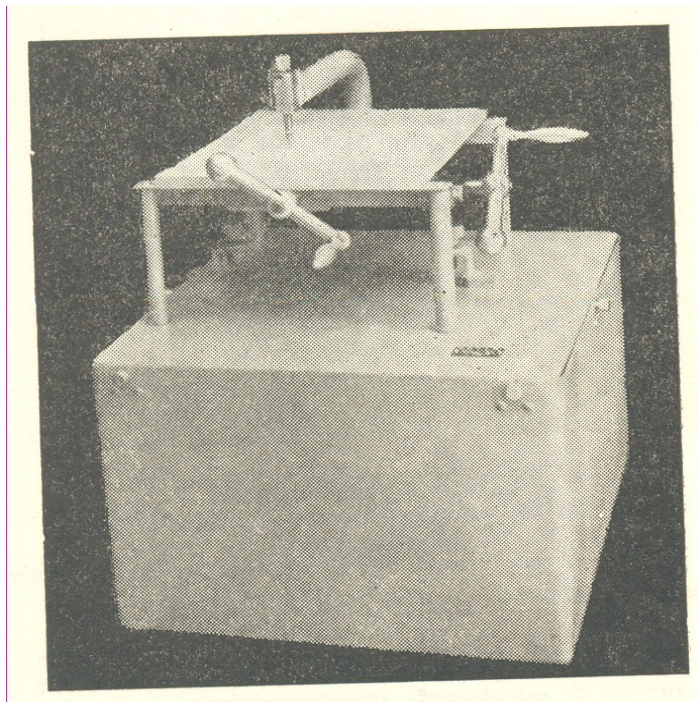


Fig. 7 – *Teste de motricidade de Lahy para exame da coordenação bimanual* (do Catálogo Secap, Paris).

VIII. **Testes pedagógicos e profissionais.** – Para avaliação do nível de conhecimento, os testes pedagógicos podem ser classificados segundo a matéria (conhecimentos de português, matemática, história, geografia, biologia, etc.), ou segundo a série e ano escolar (ginasial, científico, básico e técnico industrial ou comercial, etc.), ou, ainda, a profissão (datilógrafo, mecânico, torneiro, contador, etc.).

Existem, também, testes pedagógicos organizados de forma a permitir dizer que nível escolar atingiu determinado indivíduo.

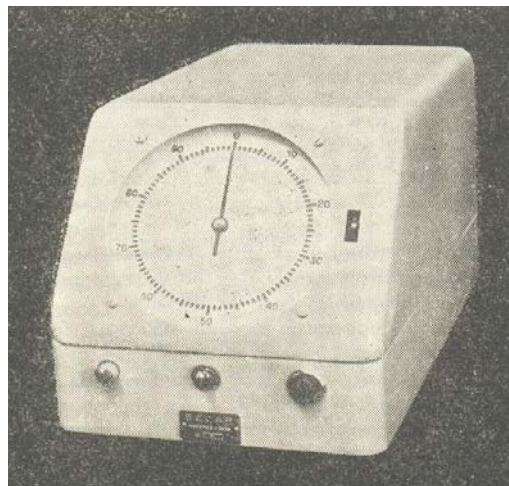


Fig. – teste de tempos de reação  
Cronoscópio (do Catálogo Secap, Paris)

**IX. Testes clínicos.** – Distinguem-se das demais técnicas pelo fato de não ser possível a sua avaliação numérica, substituindo-se esta pela observação direta (de onde o nome, tirado da medicina, de “clínico”).

Piaget utilizou a observação direta para estudar a evolução intelectual da criança. Algumas das técnicas empregadas por ele foram adotadas em Psicologia Aplicada. É assim que Barbel Inhelder utilizou a modelagem para determinar, nos débeis mentais, se estes já têm noção de conservação da matéria, do peso e do volume.

Hanfmann-Kasanine inventou um teste dito “conceitual”, o qual permite estudar e diferenciar formas de raciocínio.

Os testes clínicos São de manuseio muito delicado, e é preciso que o aplicador tenha Formação rigorosa.

Devemos distinguir o “método clínico”, que tem o sentido exposto acima, da “Psicologia Clínica”, cujo objetivo é a aplicação da Psicologia científica à Psiquiatria.

## **§ 5. Apresentação e Interpretação dos Resultados**

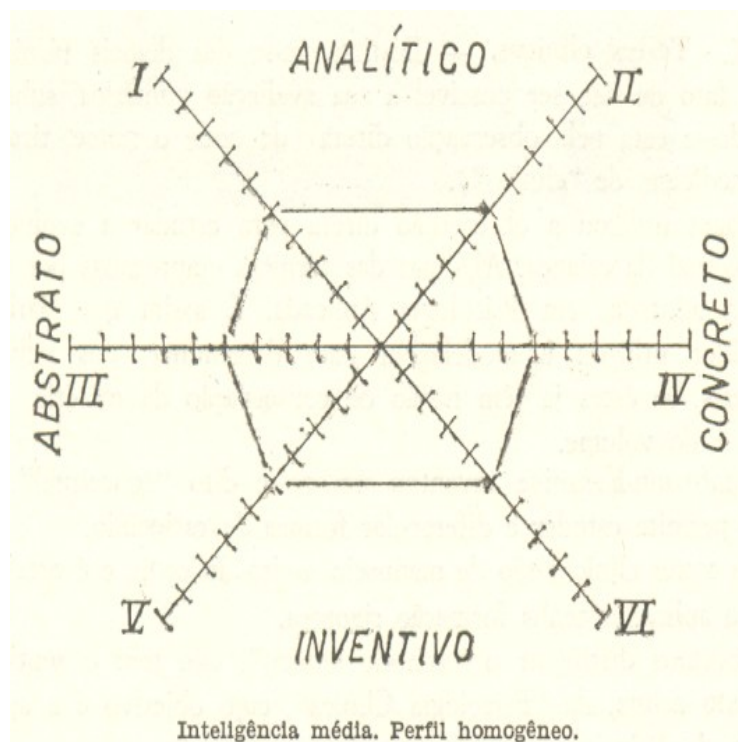
No caso de se fazer um exame utilizando grande quantidade de testes, é indispensável contornar a dificuldade representada pela comparação de numerosos

dados numéricos.

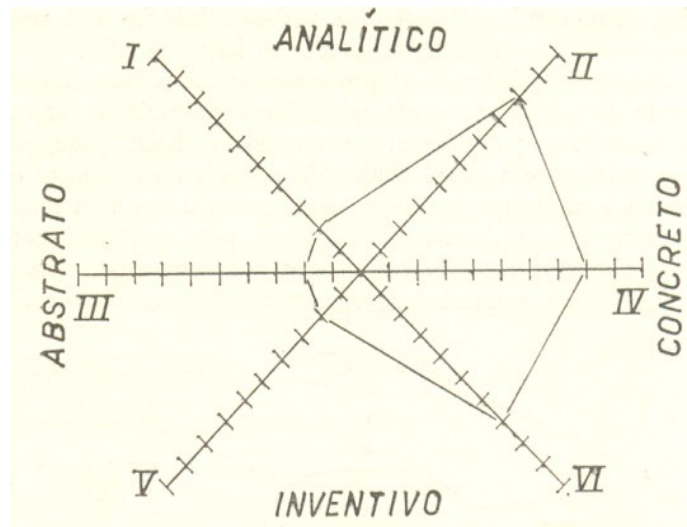
Com a utilização de escalas graduadas em percentis ou em desvios reduzidos, é possível dar vista sintética e comparativa dos resultados, sob a forma de *perfil psicológico*, chamado também de *psicograma*.

Existem várias formas de psicogramas. O perfil concêntrico de Meili permite uma visão rápida das formas da inteligência medidas pelo seu teste analítico (ver fig. 9).

Outra maneira de apresentar os resultados é sob forma linear, como costumamos fazer (fig. 10 e 11). O perfil é situado em relação à linha mediana, que corresponde à zona da mediana ou percentil cinquenta. A esquerda da linha corresponde ao lado negativo da média e, por conseguinte, aos resultados Inferiores; a direita é o lado positivo, que corresponde aos resultados superiores. No consultório psicopedagógico da Sociedade Pestalozzi do Brasil, introduzimos um sistema que permite situar uma criança, não somente com seus percentis, mas ainda em relação à sua idade.







Inteligência média. Predominantemente concreta.

Fig. 9 – Perfil analítico de Meili (as graduações correspondem aos percentis)

Nos testes de memorização ou de aprendizagem, é interessante colocar em gráfico os progressos ou regressos registrados; pode-se fazer a curva de aquisição de

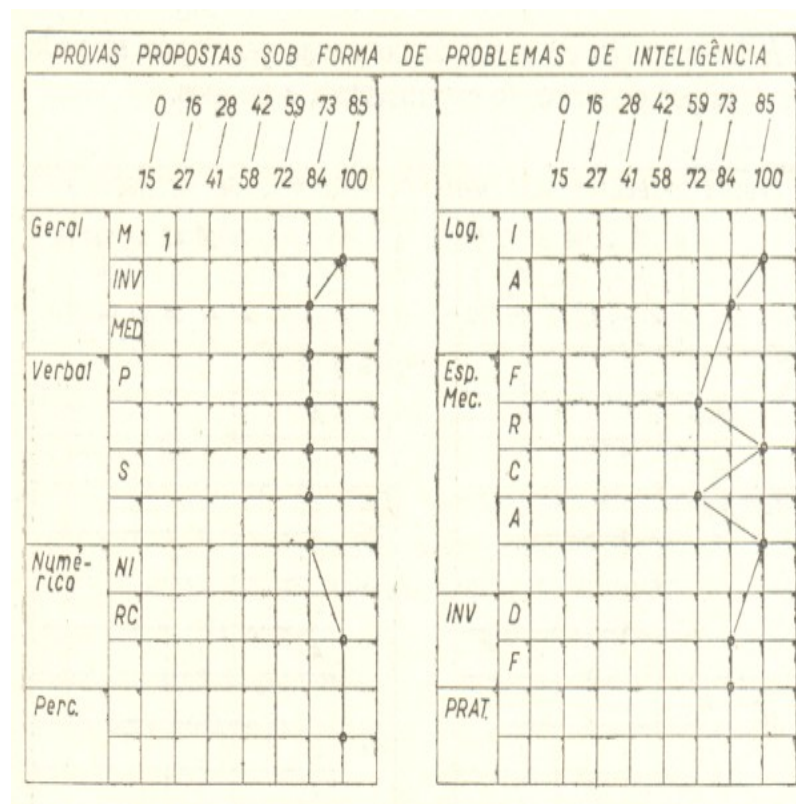


Fig. 10 – Perfil de um método (Inteligência superior).

uma criança em um teste de memorização de 15 palavras, no teste de educabilidade de Rey.

Na interpretação dos resultados de um teste, deve-se sempre considerar o simples resultado numérico, sobretudo quando inferior, como sendo submetido às várias influências que resumimos no esquema seguinte, inspirado em Rey (fig. 11).

No diagnóstico, devemos sempre examinar todos esses fatores. A atitude do examinador pode agir sobre a emotividade, provocando inibição no rendimento; um rendimento baixo pode, por sua vez, agir sobre a emotividade. Má vontade ou complexo

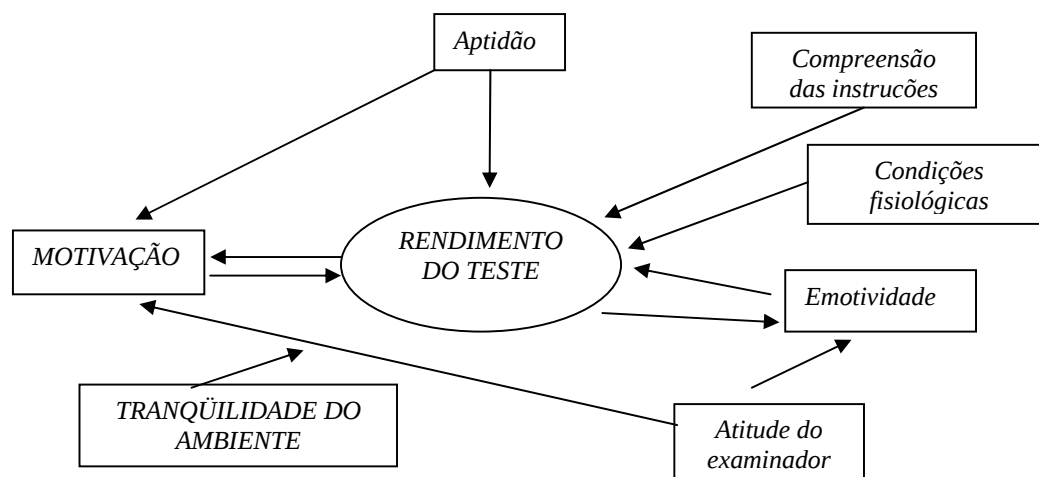


Fig. 11

de inferioridade provocam motivação desfavorável a um bom rendimento; uma aptidão desenvolvida provoca, pelo contrário, motivação favorável; a ação do examinador pode aumentar a motivação. Enfim, sem a aptidão, não há rendimento possível no teste.

A interpretação do resultado do exame psicológico só pode ser feita por pessoa muito experimentada e treinada.

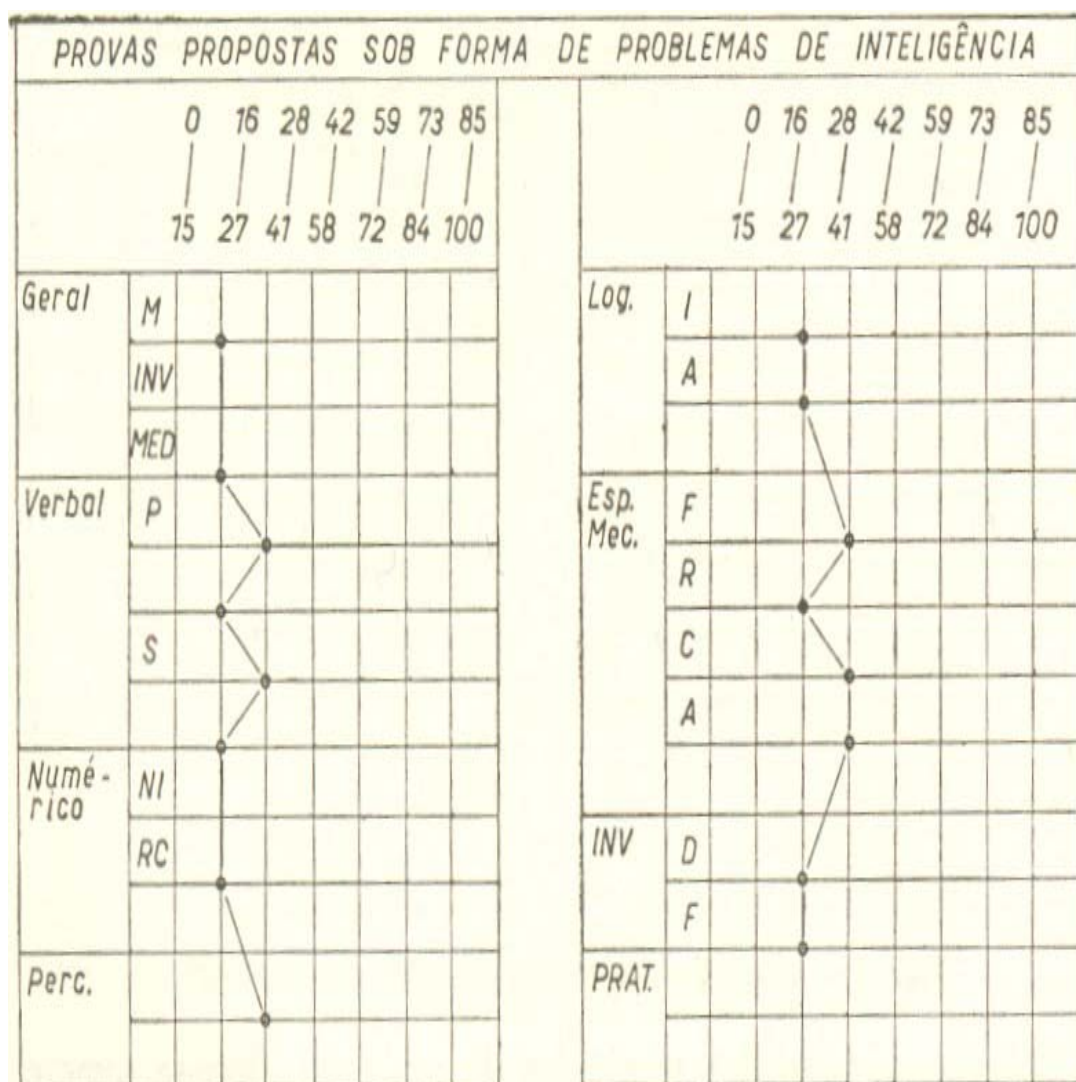


Fig. 12 – Perfil de um servente (pouco dotado)

### **CAPÍTULO 3: Estado Atual dos Conhecimentos Sobre Algumas Variáveis, Objeto de Estudos da Psicometria**

#### **§ 1. *Estudo do Pensamento e da Sua Evolução***

Seria mera utopia tentar expor em tão poucas linhas os resultados de todos os estudos experimentais realizados sobre o pensamento humano; isso corresponderia em descrever a metade da Psicologia Experimental.

Iremos apenas tentar fazer sentir ao estudante de Psicologia quais os processos utilizados para obter algumas das conclusões mais ilustrativas a respeito do assunto.

Os métodos utilizados são os descritos nos capítulos precedentes; a aplicação do processo das variáveis, do clínico e do estatístico no estudo do pensamento é tão entrelaçada que se pode considerar impossível dissociá-los, como veremos a seguir, embora o método clínico seja o predominante.

**A utilização de redações.** – Foi o psicólogo francês Binet um dos primeiros a estudar o pensamento em bases experimentais, através da aplicação de uma prova de redação às suas próprias filhas, Armande e Marguerite, sendo uma puramente do tipo descritivo e objetivo, e a outra de tipo sentimental e afetivo.

Helena Antipoff, no Brasil, desenvolveu de maneira muito feliz a idéia de Binet, criando o já conhecido teste das mãos, o qual consiste em descrever, durante vinte minutos as minhas mãos. A autora, através dessa técnica, muito rica em Observações clínicas e com possibilidades de tratamento estatístico, chega a conclusões quanto à:

*Função perceptiva*  
*Função representativa*  
*Função imaginativa*  
*Função interpretativa*  
*Função afetiva ou sentimental*  
*Função lógica ou dialética.*

**Os estudos clínicos de Piaget.** – Ao contrário das *Psicologias Logísticas* e apriorísticas que estudam, por meio da introspecção ou da lógica pura, o pensamento



no seu aspecto ideal e na fase terminal da evolução intelectual, Piaget procurou a explicação dos mecanismos do pensamento em uma perspectiva genético-evolutiva, encontrando na criança a explicação do pensamento adulto.

Pierre Janet já tinha demonstrado que o pensamento verbal era precedido por atos motores; *segundo* o rastro de Janet, Piaget demonstrou que qualquer operação mental (classificação, seriações, agrupamentos *escala* de valores, etc.), é precedida por operações concretas; a percepção precede a operação.

Mostrou, por exemplo, que a relação seguinte:

$$\textit{Se } A \succ B \textit{ e } B \succ C \textit{ então } A \succ C,$$

só pode ser realizada quando a criança já experimentou e é capaz de fazer seriações de bastões ou encaixes de objetos de tamanhos progressivos.

Na visão em profundidade de três *bastões* iguais, *A*, *B* e *C*. mas dispostos a distâncias diferentes da vista, os adultos e as crianças, depois de oito anos, percebem do seguinte modo:

$$AB \quad BC \quad e \quad A = C$$

Ora as crianças, antes de 6 e 7 anos, percebem do seguinte modo:

$$A = B, \quad B = C \textit{ mas } A \textit{ diferente de } C!!$$

A experiência de Rey, que consiste em pedir que desenhem o maior quadrado possível e depois o menor quadrado possível, também é uma demonstração de que não é possível fazer uma seriação mental, se não foi precedida de experiência concreta, pois, enquanto que os adultos e as crianças de mais de sete anos conseguem fazer logo um quadradinho de 1 a 2 mm, as crianças de menos de 6 a 7 anos ficam tateando e desenhando vários quadrados cada vez menores.

Isso mostra que o esquema antecipador do adulto é apenas fruto de agrupamentos anteriores concretos.

Com o nosso “Teste de Inteligência Não-Verbal”, mostramos, no Brasil, com a

colaboração de Eva Nick e Áurea Schechtmann, o acerto das experiências de Piaget; existem, nesse teste, problemas de seriações concretas e de seriações numéricas; damos a seguir a percentagem de acertos por idade de 7 a 12 anos, em escolas particulares da zona sul do Rio de Janeiro:

**T A B E L A “F”**

| Idades<br>(anos) | Nº DE ORDEM DAS PERGUNTAS       |                                 |
|------------------|---------------------------------|---------------------------------|
|                  | <i>Ser. Concretas</i><br>Nº. 25 | <i>Ser. numéricas</i><br>Nº. 31 |
| 7 .....          | 59%                             | 29%                             |
| 8 .....          | 70%                             | 40%                             |
| 9 .....          | 84%                             | 56%                             |
| 10 .....         | 85%                             | 64%                             |
| 11 .....         | 96%                             | 69%                             |
| 12 .....         | 93%                             | 78%                             |

Como se vê, há uma disparidade muito grande entre a idade onde a maioria das crianças resolve uma seriação concreta (8-9 anos) e onde resolve problemas de seriações numéricas, quer dizer, operações mentais (12 anos).

Também com processos clínicos, Piaget mostrou como se desenvolve a noção de conservação da matéria, da quantidade, do peso e do volume. Colocando açúcar na água, a criança, até 6-7 anos, crê no desaparecimento do açúcar.

Pedindo à criança para colocar, uma após outra, contando-as,. a mesma quantidade de contas em dois vidros iguais, a criança chega à conclusão de que há, efetivamente, a mesma quantidade de contas nos dois vidros; mas, se se transvasa as contas de um dos vidros para um mais grosso ou mais estreito, a criança afirmará que a quantidade de contas aumentou ou diminuiu segundo o caso; isso mostra que o raciocínio da criança está ligado estreitamente ao que ela percebe; só depois de 7-8 anos, aparece a noção de conservação da quantidade.

A noção de conservação do peso foi experimentada com pasta de modelagem: mostram-se à criança duas bolinhas de tamanho igual; a criança constata que os dois pesos São os mesmos; depois disso, transforma-se uma das bolinhas de massa no formato de salsicha comprida; a criança afirma que o peso vai aumentar porque é mais comprido, ou vai diminuir porque é mais fino, isto até 9-10 anos.

Até 11-12 anos, a criança afirma que o volume diminui ou aumenta conforme o tamanho ou espessura da pasta.

Com experiências análogas, Piaget estudou o raciocínio, o desenvolvimento das quantidades, dos números, do espaço, etc.

**A técnica de Hanfmann-Kasanin para o estudo da Formação de um conceito.** – O material utilizado por Hanfmann e Kasanin (1942), nos Estados Unidos, foi tirado de uma prova do psicólogo russo Vigotski, e tem por objetivo:

- 1º) Acompanhar, no adulto, o processo de Formação de um conceito.
- 2º) Procurar a existência de uma tipologia baseada nos níveis conceituais atingidos (conceitual, intermediário, primitivo).

O material é constituído por peças de formas, tamanhos, cores e alturas diferentes. Pede-se ao indivíduo que classifique as peças em quatro categorias, cujos símbolos estão escritos embaixo de cada peça; no início, só se revela ao examinando o nome de uma peça do grupo “MUR”. Mostra-se o nome de outras peças, até achar a solução, que é o agrupamento, segundo o tamanho e a altura; esta é a única Classificação possível em quatro categorias, de tal modo que as pessoas vão experimentando primeiro soluções concretas (cor, forma etc.).

**A técnica de associação de idéias.** – Kent Rosanoff imaginou um método que consiste em apresentar à pessoa uma série de 100 palavras muito conhecidas e em pedir que responda, a cada palavra, a primeira que lhe ocorra na mente.

Mil pessoas não dão mil respostas diferentes, mas há respostas que são dadas com grande frequência. Por exemplo: riqueza-fortuna.

Pode-se, a partir dessas experiências, fazer uma classificação dos tipos de associação (sinônimos, analogia, rimas ilógicas, etc.).

## § 2. A Medida da Inteligência

**Como “medir” a inteligência?** – No parágrafo precedente, mostramos que é possível estudar *como* funciona o pensamento e como evolui; outro problema a resolver é o *quanto* a pessoa pode “render” intelectualmente; o problema que iremos estudar é

de ordem quantitativa e abrange aspectos considerados outrora como de solução impossível; como “medir” abstrações como a inteligência, definida como sendo a “capacidade de adaptar-se a situações novas” (Claparède), ou o fator geral que preside a utilização de nossas aptidões (Spearman)?

Binet mostrou que isso era perfeitamente possível; juntou uma série de perguntas e provas, procurando saber a percentagem de respostas certas para cada idade, a partir de três anos; reuniu, então, num só grupo de cinco perguntas para cada idade, todas as perguntas ou provas que tinham sido resolvidas por mais de 75% das crianças ou adolescentes de cada idade.

Graças à aplicação do método estatístico, pode ele dizer se a criança estava acima ou abaixo de sua idade, do ponto de vista intelectual quem, em seu teste, resolve cinco perguntas de 9 anos, e nada mais, é considerado como tendo 9 anos de *idade mental* ou como possuidor de inteligência de 9 anos.

Quando se perguntou, certo dia, a Binet como definir a inteligência, Binet respondeu “A inteligência é o que meu teste mede”; essa afirmação pôs em termos objetivos o problema da definição de medida da inteligência, fugindo-se assim ao verbalismo e às especulações apriorísticas, que tanto prejudicam o adiantamento da psicologia.

Mais tarde, W. Stern substituiu a noção de “idade mental” pela de “quociente intelectual” (Q.I.), que se obtêm pela seguinte fórmula:

$$QI = \frac{Idade\ mental}{Idade\ real}$$

Um Q.I de 100 é considerado normal; o de 90, abaixo; e o de 110, acima do normal.

Além de uma revisão da escala de Binet por Terman, nos Estados Unidos, foram construídos outros testes de inteligência, que também permitem chegar ao Q.I. Os mais conhecidos são os cubos de Kohs (reconstrução de figuras geométricas de complexidade crescente por meio de cubos), a escala de Goodenough (desenho da figura humana), a escala de Alexander (conjunto de testes diversos com material de

madeira).

A determinação do Q.I. revelou-se, aos poucos, insuficiente, pois não permite situar qualquer pessoa em relação aos indivíduos de sua própria idade. Por isso, outros testes foram construídos, utilizando a média aritmética ou outros índices como pontos de referência; nestes testes, existem baremas que permitem transformar os resultados brutos em índices da situação da pessoa, em relação à média de seu grupo; entre esses testes, convêm citar o das “Matrizes Progressivas”, de Raven, os testes “*Army Alpha-Beta*” e o “A.C.G.T.”, ambos do exército americano das Primeira e Segunda Guerra Mundiais; o teste “Dominó 48”, de Anstey, o teste “Mosaico”, de Gille, e, no Brasil, o teste “I.N.V.” (Inteligência Não-Verbal), de nossa autoria, aplicado à população Brasileira.

Algumas precauções devem ser tomadas na construção de um teste, as quais já foram descritas anteriormente.

## OS RESULTADOS

**1. O crescimento mental.** – É hoje fato estabelecido definitivamente de que há um crescimento mental, cuja curva foi construída experimentalmente em vários países. Essas curvas vão subindo até os doze anos, aproximadamente, chegando a um teto horizontal entre os doze e os dezoito anos (Binet, Yerkes, “*Army-Alpha*”, Gille, Raven, nosso “I.N.V.” no Brasil, etc.).

Parece, segundo Piéron, haver maior rapidez e precocidade de desenvolvimento mental nos países quentes; porém, não há ainda comprovação experimental suficiente a esse respeito.

A título ilustrativo do crescimento mental, damos a seguir a média de pontos encontrada por nossas colaboradoras, Eva Nick e Áurea Schechtmann, em crianças das escolas primárias do Rio de Janeiro, com nosso teste “I.N.V.”:

T A B E L A “G”

| IDADES<br>(anos) | MÉDIA DE<br>PONTOS |
|------------------|--------------------|
| 7 .....          | 23,81              |
| 8 .....          | 27,69              |
| 9 .....          | 32,37              |
| 10 .....         | 34,50              |
| 11 .....         | 35,50              |
| 12 .....         | 35,85              |

Mostramos, em pesquisa realizada na Suíça, que é possível seguir o crescimento individual de crianças com o teste de Goode-nough repetido periodicamente.

**2. O envelhecimento mental.** – Nos testes de inteligência onde o fator verbal é secundário ou ausente, nota-se uma diminuição progressiva da média de pontos; essa involução já se inicia entre vinte e cinco e quarenta e cinco anos (*“Army-Alpha”*, Otis, Raven, Pichot).

Nos testes verbais, como o de vocabulário, por exemplo, que são fortemente influenciados pelo fator cultural, não se nota tanto essa diminuição. Eis, por exemplo, os resultados encontrados por Raven no teste das “Matrizes Progressivas” e no teste de “Vocabulário”, de Mill Hill:

|                            |    |    |    |    |    |    |    |
|----------------------------|----|----|----|----|----|----|----|
| Idade .....                | 6  | 14 | 20 | 30 | 40 | 55 | 65 |
| Matrizes .....             | 13 | 44 | 44 | 42 | 38 | 30 | 24 |
| Teste de vocabulário ..... | 11 | 38 | 51 | 58 | 58 | 55 | 52 |

**3. inteligência e sexo.** — Todos os autores que procuraram diferenças entre os sexos, quanto à inteligência, encontraram igualdade nos resultados (Gille, Raven, Freeman e Nory).

A experiência de Áurea Schechtmann e Eva Nick, com nosso teste “I. N. V.”, no Rio de Janeiro, confirma os resultados estrangeiros.

Na Pesquisa Nacional Sobre a População Brasileira, notam-se resultados levemente superiores nas mulheres, o que parece ser devido a fatores escolares.

**4. O nível econômico.** – Correlações positivas foram encontradas entre os resultados nos testes e o nível econômico das pessoas (Cattell) ou dos pais, quando os examinandos eram crianças (Bayley).

Do mesmo modo, diferenças significativas foram encontradas entre as médias de filhos de pessoas provenientes de diversas classes econômicas (Gille).

Da mesma forma, houve diferenças significativas entre os resultados de crianças de bairros pobres e ricos; Binet já tinha notado esse fenômeno, confirmado por pesquisa recente no Brasil por Eva Nick, com nosso teste “I. N. V.”, e pela Pesquisa Nacional Sobre o Nível Mental da População.

**5. A hereditariedade e o ambiente.** – O método de comparação entre grupos foi aplicado no caso da medida do nível mental de crianças pelos verdadeiros pais e de crianças adotivas: procurou-se a correlação entre o nível mental dos pais e o nível mental dos filhos; eis os resultados encontrados por Bárbara Burks:

FILHOS ADOTIVOS ..... FILHOS LEGÍTIMOS  
0,20 (N: 214) ..... 0,52 (N: 105)

Segundo avaliação de Piéron e de Bárbara Burks, a influência do meio seria de aproximadamente 20%, e a da hereditariedade, de 80%. Segundo Eysenck, essa interpretação é válida só nos países de escolaridade avançada.

O estudo dos gêmeos permite confirmar esses aspectos. Comparando gêmeos univitelinos e gêmeos fraternais, todos os autores encontraram correlação mais elevada entre o nível mental dos univitelinos que entre os gêmeos fraternais.

Eis, por exemplo, os resultados encontrados por alguns autores:

T A B E L A “H”

| AUTORES                            | ANO  | GÊMEOS<br>UNIV. | GÊMEOS<br>FRAT. | SIMPLES<br>IRMÃOS |
|------------------------------------|------|-----------------|-----------------|-------------------|
| Merriman                           | 1914 | 0,84            | 0,30            | -                 |
| Lauterbach                         | 1925 | 0,77            | 0,56            | -                 |
| Newmann,<br>Freeman e<br>Holzinger | 1937 | 0,88            | 0,63            | 0,36              |

Essas pesquisas mostram a importância do fator de hereditariedade na formação da inteligência.<sup>2</sup>

Newmann, porém, em 1935, comparou gêmeos univitelinos criados juntos, com outros separados desde o nascimento (19 casos), com os seguintes resultados:

|                     | JUNTOS | SEPARADOS |
|---------------------|--------|-----------|
| Altura .....        | 0,98   | 0,96      |
| Peso .....          | 0,97   | 0,88      |
| Q.I. (Binet) .....  | 0,91   | 0,67      |
| Q.I; (Otis) .....   | 0,92   | 0,72      |
| Conhecimentos ..... | 0,95   | 0,50      |

Como se vê, as correlações são mais elevadas quando os gêmeos são criados juntos. Os coeficientes, porém, ficam bastante elevados para os criados separadamente.

Piéron encontrou diferenças apreciáveis para inteligência segundo a atividade profissional dos pais.

**6. Inteligência e raça.** – Alguns autores encontraram diferenças entre certas raças; mas já ficou comprovado que essas diferenças eram devidas a circunstâncias culturais, ambientais ou econômicas.

Quando se comparam diferentes raças, sujeitas às mesmas condições, essas diferenças desaparecem. Brown (1944) encontrou Q.I. idênticos entre crianças pretas e brancas nos Estados Unidos. Aniela Ginsberg confirmou esse fato no Brasil (1952).

Outra descoberta confirmando esses dados: Klineberg mostrou que o nível mental dos pretos crescia proporcionalmente ao tempo passado na cidade.

Na Pesquisa Nacional sobre o Nível Mental da População Brasileira, os pretos da cidade têm resultados superiores aos brancos do interior do país.

**7. Inteligência e profissões.** – Está comprovado que o grau de inteligência é diretamente proporcional ao grau de complexidade da atividade profissional (Yoakun e Yerkes, Cattell, Piéron). Confirmamos esses resultados no Brasil, com o teste de Meili;

---

<sup>2</sup> Ver também 3, Cap. I, 2ª parte.



as médias vão diminuindo na seguinte ordem: diretores, secretários, datilógrafos, auxiliares de escritório e serventes.

**8. Inteligência e altitude.** – Segundo Piéron, foram encontradas diferenças entre o nível mental segundo a altitude da moradia, dados confirmados por nossa Pesquisa Nacional.

### § 3. As Habilidades Mentais Primárias

**1. Observações e experiências clínicas** – Através do estudo clínico das operações mentais, constatou-se que, em certos casos, havia maneiras diferentes de resolver certos problemas.

A experiência de Rey é, neste sentido, bem demonstrativa: Em um bocal, foi fixado, sobre um suporte, um pauzinho de madeira, *B* e *C*, no plano horizontal. À mesma altura, dos dois lados do bocal, foram perfurados dois buracos, *A* e *D*, com abertura suficiente para permitir a passagem de duas agulhas de tricô, juntas. Pede-se à pessoa para encontrar um processo que permita medir a distância *BC*.

Há três maneiras diferentes de chegar à mesma conclusão:

*a) Pela atividade sensório-motora:*

O indivíduo constrói um instrumento de medida com as duas agulhas, juntando-as, e, depois de tê-las introduzido no bocal, movimenta-as paralelamente, de modo a encontrar, concretamente, a medida certa de *BC*. É o grupo dos manipuladores.

*b) Por visualização e combinação perceptiva:*

Fazem o levantamento, em uma folha de papel, dos segmentos *AD*, *AB* e *CD*, após ter imediatamente visualizado e combinado os diferentes segmentos. Procedem assim por combinação efetiva de distâncias reais. É o grupo dos arquitetos.

*c) Por operação abstrata e raciocínio puro:*

Põe-se, por escrito ou mentalmente, a operação:

$$BC = AD - (AB + CD) \text{ ou } BC = BD - CD$$

E o grupo de geômetras.

No teste dos cubos de Yerkes também se pode resolver o problema pela visualização, pela aritmética ou por combinação dos dois.

Os educadores e psicopedagogos notaram também que havia, fato observável diariamente, indivíduos que tinham êxito em certas matérias e fracassavam em outras. Por exemplo: boas notas em português; notas inferiores em matemática.

No domínio profissional também se notou que indivíduos extremamente capazes em atividades verbais, como advocacia ou secretariado, fracassavam em atividades científicas de engenharia ou de mecânica.

**2. A experimentação psicométrica.** – Diante dessas observações empíricas ou experiências clínicas, muitos autores, como Spearman e Thurstone, resolveram aplicar testes de naturezas as mais diversas possíveis e, através de um processo estatístico chamado Análise fatorial, baseado no cálculo das correlações, procurar o grau de dependência ou de independência entre os testes, tirando conclusões sobre o número de fatores existentes nas operações mentais efetuadas nos testes. Às vezes, testes que aparentemente medem a mesma coisa têm, entre si, correlações baixas, o que demonstra que diagnosticam fatores diferentes.

Esses fatores são, segundo Spearman, os seguintes:

A) Quatro fatores gerais:

- a) o fator *G*, que rege todos os processos mentais
- b) o fator *C*, representando a rapidez
- c) o fator *O*, representando a eficiência mental
- d) o fator *W*, seria um fator caracterológico de *self control*.

B) Fatores de grupo:

- a) o fator *lógico*
- b) o fator *mecânico*
- c) o fator *psicológico*
- d) o fator *aritmético*
- e) o fator, *musical*
- f) o fator *verbal*
- g) o fator de *rapidez de resposta*.

Thurstone, com seu método de análise fatorial por *rotação centróide*, achou os seguintes fatores:

- 1) o fator *numérico (N)*

- 2) o fator *verbal* (*V*) de compreensão
- 3) o fator *espacial* (*S*)
- 4) o fator *W*, de fluência da. palavra (*world*)
- 5) o fator *R* de raciocínio indutivo ou dedutivo
- 6) o fator mnésico (*M*), comum aos testes de memória, com possíveis subfatores.

Esses fatores todos são achados com o “*Chicago Test of Primary Mental Abilities*” (1943), com o qual se chega a um perfil.

É possível que outros fatores existam e que a análise fatorial ainda não os tenha isolado como, por exemplo, a “Invenção” (Meili, Antipoff) ou a “Inteligência Social” (Moss, Hunt).

3. **Os instrumentos de estudo.** – Para estudar os diferentes fatores, são utilizados testes padronizados e validados segundo critérios próprios de Psicometria. Queremos apenas descrever, para cada fator, o tipo de teste utilizado, citando alguns dos instrumentos mais conhecidos.

*Fator verbal de compreensão ou fator “V”.* É medido por testes nos quais se pede a definição de uma lista de palavras (Binet-Terman), sinônimos ou antônimos (Pichot, Otávio Martins, Otacílio Rainho, Mira y Lopez).

*Fator verbal de fluência ou fator “W”.* Permite ser avaliado pelo processo que consiste em pedir à pessoa para dar o maior número de palavras em determinado tempo (Binet-Terman) ou escrever todas as palavras que começam por determinada letra (Thurstone).

*Fator espacial “S”.* Encontra-se nos testes nos quais se pede ao examinado representar mentalmente figuras geométricas movimentos ou rotações no espaço bi ou tridimensional (cubos de Yerkes, Rybakoff, formas de Walther e teste “Jota” de O. Martins, Thurstone, Piéron, Rey, etc.).

*Fator numérico “N”.* As operações de adição e multiplicação são as mais utilizadas para medir esse fator (Thurstone, Claparède).

*Fator de raciocínio “R”.* Encontra-se em problemas de indução e dedução, problemas do completamento de séries de letras, de número, de figuras (Meili, Thurstone, Mira, Piéron, etc.).

*Fator perceptivo “P”.* Ocorre nos trabalhos que necessitam esforço de atenção perceptiva, incluindo essencialmente a atividade de encontrar igualdades ou diferenças na comparação de grupos de palavras ou de números.

*Fator mnésico “M”.* Será estudado em parágrafo especial, quando se abordará o estudo da memória.

Além desses fatores, cuja existência já foi demonstrada pela análise fatorial, existem outros, cuja existência está ainda a espera de comprovação estatística, mas para os quais já existem instrumentos que os pretendem medir.

*Inteligência prática ou “sensório-motor”.* Foi estudada na criança por A. Rey, com processos clínicos (labirintos e sistemas de alavancas de madeira), por Decroly (caixa para abrir), por Porteus (labirintos impressos); encaixes (Seguin, Pintner, Wittmer, Healy), *puzzles* (Bize, Mira), reconstrução de objetos (Stenquist, bomba de Schulz).

*Inteligência criadora ou Imaginação.* Estudada através do número de idéias expostas em redações (Helena Antipoff), ou combinação do maior número de frases diferentes com três palavras (Binet, Meili), ou, ainda, pelo desenho do maior número de figuras a partir de elementos determinados (Meili, Rey).

*Inteligência social.* Medida pelos testes americanos de Moss-Hunt-Omwake.

#### **4. RESULTADOS DOS ESTUDOS DE PSICOLOGIA DIFERENCIAL**

##### **a) DIFERENÇAS ENTRE OS SEXOS**

Enquanto que já verificamos a igualdade, hoje incontestada, entre os sexos, para o fator geral da inteligência, há também certa segurança em afirmar diferenças entre os sexos, para algumas habilidades mentais primárias.

O *fator S* é nitidamente superior, no grupo masculino, em todas as pesquisas efetuadas a esse respeito, com testes de mecânica ou com a própria bateria de Thurstone.

O *fator N* foi encontrado igual entre os sexos, por Hobson (1947), e superior no grupo masculino, por Piéron (1945), por Schmidberger (1932) e por Fells e Fox (1932).

Os *fatores verbais* revelaram-se superiores nos grupos femininos, em estudos feitos por F. Goodenough (1927), Belle Schiller (1944) e Mme. Piéron (1945); Hobson (1947) encontrou tal diferença para o fator *W*, e não para o *V*.

O *fator mnésico* revelou ser superior no grupo feminino, nas pesquisas de Goodenough (1927), de Hobson (1947) e Mme. Piéron (1945).

#### *b) A EVOLUÇÃO DAS APTIDÕES*

Já vimos que o fator geral da inteligência atinge um teto em seu desenvolvimento, a partir de 12 a 14 anos. Há a involução progressiva, que tem início a partir de 25 anos, mas que não é proporcional à evolução.

O *fator S*, segundo Earl, Kilgour e Patrick Slater, só apareceria depois dos treze anos; entretanto, Otávio Martins, em sua análise fatorial do teste “A. B. C.”, de Lourenço Filho, já identificou o mesmo fator, na idade de sete anos. Mellone (1944) também encontrou o fator já com 7 anos e nos dois sexos.

O *fator verbal* está muito pouco afetado pela regressão mental sem sua evolução estaciona com a puberdade.

O *fator numérico* também estaciona com a puberdade, mas as médias tendem a diminuir com a idade após 25 anos, sobretudo nas mulheres (Jones e Gonrad).

À medida que vai acabando a adolescência, observa-se uma diferenciação progressiva das aptidões. Jeanne Monnin observou uma correlação de 0,34 nas meninas de 12 a 15 anos, entre o fator *N* e o fator *V*; nos adultos, essa correlação baixa a 0,13.

#### *c) INFLUÊNCIA DA HEREDITARIEDADE E DO AMBIENTE*

As pesquisas realizadas com gêmeos põem em relevo maior influência do ambiente sobre os testes de fator verbal que sobre os testes não-verbais (Willoughby, 1928). As “crianças-lôbo”, recolhidas depois de oito anos, dificilmente assimilam a linguagem. Para o *fator N*, vários estudos deram correlações positivas entre pais e filhos e entre irmãos variando essas correlações de 0,20 a 0,60 (Cobb, Carter, Willoughby).

O *fator S* também foi encontrado como tendo correlação positiva entre irmãos (Fryer).

Como o mostra Piéron (1949), analisando outros autores, a influência do meio é inversamente proporcional à idade da criança; quanto mais jovem é a criança, tanto maior possibilidade tem o meio de influenciar seu desenvolvimento mental. Segundo Reymert e Hulton, a idade limite seria 7 anos.

#### § 4. O Estudo da Memória

A Memória foi uma das primeiras habilidades mentais estudadas em Psicologia Experimental, pois é suscetível de ser abordada não somente pelos processos clínico e estatístico, mas, ainda, pelo método das variáveis.

**Os métodos de estudo da memória.** – O primeiro autor que fez um estudo experimental da memória foi Ebbinghaus (1885), demonstrando a possibilidade de chegar-se a resultados quantitativos e, também, de introduzir esquema experimental no estudo da memória.

A possibilidade de chegar-se a resultados quantitativos foi bem ilustrada pela experiência de Jacobs (1887), que se utilizou de séries numéricas de dificuldade crescente.

Eis um exemplo:

972  
1406  
39418  
067285  
3516927  
58391204  
764580129  
2164089573  
45382170369  
810932614280

O resultado numérico poderá ser o número de algarismos da série alcançada pela pessoa ou, ainda, o número de séries retidas.

O tratamento estatístico dos resultados de grande número de pessoas já permitira utilizar os resultados em estudos de Psicologia Diferencial; Binet foi o primeiro

a utilizar, em seu teste, a memória de números, dando assim normas de Psicologia Diferencial aplicada à evolução da memória.

Os métodos utilizados no estudo da memória são os seguintes (segundo Woodworth):

*a) MÉTODO DOS ELEMENTOS RETIDOS*

É o que foi descrito acima, sendo, também aplicável a textos, palavras, figuras, etc.

*b) MÉTODO DE AQUISIÇÃO*

Consiste em apresentar, várias vezes, a mesma lista de elementos a reter; procura-se o tempo ou o número de repetições necessárias para que a série seja retida completamente.

*c) MÉTODO DO “SOPRAR”*

É Uma modificação do método de aquisição, que consiste essencialmente em, a cada repetição, ajudar à pessoa, soprando-lhe as palavras ou números que não tinha ainda memorizado.

Além da notação do número de acertos a cada repetição, é possível notar o número de ajudas necessárias, traçando-se a curva de aquisição e de certos.

*d) MÉTODO DE ECONOMIA*

Consiste em fazer duas aprendizagens sucessivas, da mesma série de elementos, com certo intervalo de tempo entre as duas.

Diz-se que houve economia, quando a aquisição, na segunda experiência, é mais rápida que na primeira. O método da economia está sendo largamente utilizado no estudo da influência da aquisição de uma série sobre a rapidez de aquisição de outra diferente; quando a segunda é mais rápida que a primeira, diz-se que há transferência positiva da aprendizagem. Se ocorre o contrário, há transferência negativa.

e) *MÉTODO DOS PARES ASSOCIADOS*

As listas de elementos estão grupadas por pares a serem retidos simultaneamente (nomes e fisionomias, palavras de duas línguas diferentes, mercadoria e preço da mercadoria, etc.).

f) *MÉTODO DE RECONHECIMENTO*

Após apresentação de uma determinada série de elementos, pede-se pessoa, depois de certo intervalo de tempo, para reconhecer, numa nova série mais numerosa, os elementos da primeira série. (Exemplos teste de Mme. Piéron, teste de Moss-Hunt-Omwake.)

Faz-se a contagem do número de acertos e do número de erros; podendo chega-se a um índice único:

$$M = \frac{\text{acertos} - \text{erros}}{N}$$

g) *MÉTODO DE RECONSTRUÇÃO*

Consiste em apresentar série de estímulos, numa certa ordem ou posição, e, após tê-los desarrumado, pedir a reprodução da ordem ou da posição dos elementos.

Andrews, em seu livro clássico sobre a metodologia da Psicologia Experimental, distingue o estudo:

a) *Da fixação mnemônica*

Nas experiências de fixação, distingue três fatores principais, que podem influenciar o processo: os que provêm da *pessoa* (motivação, aptidão, Adaptação, estado de saúde, etc.), os que provêm da *tarefa e do material*, e os que provêm das *condições de exercício e de tremo*.

Uma experiência sobre aprendizagem pode ser resumida assim:

|                     |       |       |       |
|---------------------|-------|-------|-------|
| Grupo de Controle:  | $P_1$ | $T_0$ | $E_1$ |
| Grupo experimental: | $P_1$ | $T_1$ | $E_1$ |

As variáveis independentes, pessoa (*P*) e tarefa (*T*), são as mesmas; o que varia são as condições de experimentação (*E*).



*b) Da conservação das lembranças ou retenção*

O esquema, segundo Andrews, de uma experiência de retenção é o seguinte:

|                     |      |       |       |
|---------------------|------|-------|-------|
| Grupo de Controle:  | $AL$ | $I_0$ | $R_1$ |
| Grupo experimental: | $AL$ | $I_1$ | $R_1$ |

A variável independente é uma das condições do intervalo ( $I$ ) entre a aprendizagem inicial ( $A$ ) e o teste final de retenção ( $R$ ).  $A$  e  $R$  ficam constantes, embora possam ser imaginadas experiências nas quais  $A$  ou  $R$  mudem.

*c) Da transferência da aprendizagem*

O esquema de tal experiência é o seguinte:

|                     |       |       |       |
|---------------------|-------|-------|-------|
| Grupo de Controle:  | $E_1$ |       | $Z_2$ |
| Grupo experimental: | $E_1$ | $A_1$ | $Z_2$ |

Os grupos experimentais ( $E$ ), embora diferentes, devem possuir condições idênticas  $E$ . Só o grupo experimental está submetido a uma aprendizagem  $A$ , preliminar; procuram-se as diferenças dos resultados no teste de aprendizagem  $Z$ .

No mesmo livro, Andrews cita algumas das principais variáveis, julgadas indesejáveis no estudo experimental da memória: as diferenças de aptidões individuais, de motivação, e o tremo fora da experiência (facilitação por experiências anteriores, presença na sala de objetos ligados à aprendizagem dos elementos, como palavras, etc.), efeito da comunicação dos estímulos aos examinandos por pessoas que já se submeteram à experiência.

**O material utilizado nas experiências.** – É evidente que o material utilizado é extremamente numeroso, pois todo o mundo concreto ou verbal pode ser memorizado.

Sílabas sem significado foram utilizadas por Ebbinghaus (1885), a fim de evitar o efeito da familiaridade com palavras conhecidas.

Listas de números foram amplamente utilizadas, por sua simplicidade de manejo e pela relativa rapidez de sua aplicação (Binet e Henri, Gates, etc.).

Além de listas de palavras (Claparède, Rey) ou de textos, existem séries de imagens (Claparède, Piéron), de letras, de sons, de objetos, de formas a reproduzir, etc.

A Apresentação do material pode ser visual, auditiva, olfativa, tátil e gustativa.

**Resultados obtidos através do método clínico.** – Procurando analisar a maneira pela qual as pessoas memorizavam uma série de números, constatou-se que algumas, no momento do aumento da dificuldade, agrupavam os números por três ou quatro, facilitando, assim, o processo de memorização, mas demonstrando, também, a interferência de um fator de inteligência no próprio processo da memória. Martin e Fernberger confirmaram essas observações clínicas pelo método das variáveis, mostrando aumento de 20% da reprodução, por estudantes, de uma série de números, após terem sido treinados em agrupá-los.

Há análise de discordâncias muito grandes entre testes de inteligência com resultados elevados e testes de memória com resultados baixos; pode-se colocar em relevo, em numerosos indivíduos, fatores de baixa de *tonus* fisiológico em geral, ou, ainda, fatores afetivos de timidez e inibição, aos quais a memória se revela muito sensível (Rey).

**Resultados obtidos através do método das variáveis.** – Vamos tentar resumir, aqui, as principais conclusões que podem ser tiradas das experiências, nas quais se utilizou o método das variáveis.

- 1º) O *tempo de aquisição* depende da quantidade de elementos a memorizar (Lyon, Bynot, Muller).
- 2º) *Processos auxiliares* (Woodworth) facilitam a memorização (familiaridade com experiências anteriores, relações lógicas, rítmicas, aritméticas, associações com elementos similares, no caso de elementos sem significado a memorizar).
- 3º) A aprendizagem tende a modificar o organismo, de modo a facilitar e abreviar o tempo de uma reaprendizagem posterior.
- 4º) Um esforço mental consecutivo a uma aprendizagem provoca uma retração do número de elementos assimilados, os quais são sempre superiores, no caso de haver repouso entre duas repetições. Esse fenômeno é chamado de inibição retroativa (Muller e Plzecker, 1900).
- 5º) O fenômeno da inibição retroativa demonstra a existência de atividade provável de elaboração fisiológica, posterior à própria experiência de aprendizagem e caracterizada, em muitos indivíduos, por fenômenos de *perseverança* dos elementos em sua mente (melodias que “não saem da cabeça”, números de telefones, etc.).

- 6º) O esquecimento dos elementos mais recentemente assimilados faz-se em primeiro lugar (Ribot). Esta lei foi confirmada por Jackson, em neurologia.
- 7º) A retenção de uma lição difícil é maior que a de uma lição fácil (Ebbinghaus).
- 8º) A retenção é maior quando a aprendizagem é realizada antes do sono (Jenkins e Dallenbach).
- 9º) A reprodução gráfica de formas faz-se no sentido de formas anteriormente assimiladas (Kuhlmann).
- 10º) Com o tempo, figuras assimétricas ou sem formas clássicas tendem a ser reproduzidas no sentido da forma clássica mais aparentada (Kofka), ou no sentido da acentuação das diferenças com a forma clássica (Wolf).

## **Resultados da Estatísticas e da Psicologia Diferencial**

### **ANÁLISE FATORIAL DA MEMÓRIA**

Spearman (1927) já admitia a existência do fator mnésico, embora o fator *G* entrasse em muitas atividades já analisadas Thurstone e outros também confirmaram a existência do fator *M*.

Certos autores encontraram “subfatores” (visual, auditivo, espacial, lógico), os quais são, segundo Vernon, ainda hipotéticos.

### **EVOLUÇÃO DA MEMÓRIA**

Binet foi o primeiro autor a estudar a memória do ponto de vista evolutivo. Eis os resultados encontrados em seu teste, revisto nos Estados Unidos (Binet-Stanford), com a memória imediata de séries numéricas:

T A B E L A “I”

| IDADE | No de Algarismos repetidos |
|-------|----------------------------|
| 2;6   | 2                          |
| 3;    | 3                          |
| 4;6   | 4                          |
| 7;    | 5                          |
| 10;   | 6                          |

Todas as experiências realizadas confirmam, como as de Claparède, que não há mais progresso nos testes de memória, após a idade de 10 anos.

## MEMÓRIA E SEXO

Já Vimos anteriormente que os resultados são levemente superiores no sexo feminino.

Starch encontrou correlação de 0,31, entre testes de memória aplicados a pais e filhos.

### § 5. A Atenção

A atenção é um dos fatores da atividade mental cuja existência se impõe a *priori* como evidente, mas cuja presença se revelou, prática de difícil constatação experimental.

A maioria dos pesquisadores inferiu a sua existência através do estudo dos efeitos da sua perturbação ou da sua eliminação sobre o rendimento nos testes; demonstrou sua presença estudando as perturbações da atividade mental devidas à sua ausência.

**O estudo das flutuações da atenção.** – Em 1875, Urbantschich, utilizando o teste do relógio, para medida da surdez, notou que, a uma certa distância, os indivíduos tinham momentos nos quais ouviam o relógio, e outros momentos nos quais não ouviam nada; notou uma certa periodicidade

Essas oscilações foram também notadas no caso da percepção de fracos estímulos visuais e táteis. Falou-se em “flutuação da atenção, caracterizada por “ondas de atenção”.

Procurou-se conhecer a rapidez de flutuação da atenção, na percepção de leve ruído, ou de um pequeno ponto preto sobre fundo branco; ficou demonstrado que essa velocidade varia não somente para a mesma pessoa, mas ainda o tempo médio difere para cada pessoa; além disso, comprovou-se que variava também em função da intensidade do estímulo, sendo que o tempo de percepção dos estímulos fortes era maior que o dos estímulos fracos. Eis, por exemplo, uma experiência de Wiersma (1901), citada por Woodworth, sobre o tempo de audição em função da intensidade de um estímulo auditivo para dois indivíduos (o tempo completo de apresentação dos estímulos é de 300 segundos):

T A B E L A “J”

| INTENSIDADE RELATIVA<br>DO ESTÍMULO | TEMPOS DE AUDIÇÃO |                  |
|-------------------------------------|-------------------|------------------|
|                                     | 1ª <i>pessoa</i>  | 2ª <i>pessoa</i> |
| 1                                   | 102 seg.          | 126 seg.         |
| 1,2                                 | 164               | 213              |
| 1,5                                 | 190               | 221              |
| 1,8                                 | 226               | 245              |
| 2,3                                 | 257               | 283              |
| 3                                   | 284               | 299              |

Essas oscilações parecem devidas tanto a fatores inerentes aos órgãos periféricos quanto aos órgãos centrais. Além disso, o desvio da atenção para outros estímulos internos ou externos também parece fator importante nessas flutuações; a dificuldade de fazer duas tarefas diferentes ao mesmo tempo é uma prova desse fato.

**A distração.** – Durante determinada atividade que necessita de um esforço mental, pode-se introduzir estímulos perturbadores, tais como campainhas, quedas de objetos, introdução de pessoas fantasiadas, etc.

As experiências efetuadas e citadas por Woodworth demonstram que há um aumento da energia necessária para realizar a mesma tarefa, quando ocorre perturbação; os indivíduos procuram compensar os efeitos da perturbação por um esforço maior.

**Os atos simultâneos.** – Binet (1890), após ter treinado pessoas a fazer pressões rítmicas sucessivas sobre pele de borracha ligada a um cilindro registrador, pedia que lessem simultaneamente um texto ou fizessem operações aritméticas; as duas atividades eram perturbadas.

Outros autores demonstraram, ao contrário, que a pressão num dinamômetro aumentava o rendimento na memorização e no cálculo mental. Mas se trata, nesses dois casos, de atividades diferentes na sua natureza, sendo que uma é muscular e a outra mental; duas atividades mentais simultâneas sempre perturbam uma à outra.

**O estudo direto da atenção.** – Em vez de procurar demonstrar a existência da atenção através dos efeitos da sua perturbação, certos autores procuraram organizar testes que poderiam medir diretamente a atenção.

Através de experiências de taquistoscópios, procurou-se o tempo mínimo necessário para percepção de determinados objetos, nos quais as figuras eram perceptíveis em determinado tempo mínimo.

Eis, segundo Glanville e Dallenbach, o número médio de elementos apreendidos por três pessoas deferentes, no taquistoscópio

|            |                                          |     |
|------------|------------------------------------------|-----|
| Capacidade | para número de pontos .....              | 8,8 |
|            | para leitura de letras.....              | 6,9 |
|            | para formas geométricas.....             | 3,8 |
|            | para forma e cor (simultaneamente) ..... | 3,0 |

Existem testes chamados de “atenção” ou “concentração”. Rossolimo, por exemplo, fazia apontar e contar traços e círculos misturados num conjunto de cruces. Bourdon foi o primeiro a imaginar os testes chamados de *barragem*, que consistem em riscar determinada letra ou grupo de letras num texto. Há uma variante feita com números.

O teste de concentração de Toulouse-Piéron consiste em riscar quatro tipos demais, misturados com outros parecidos, porém diferentes pela direção de determinado traço. A. Rey inventou também um teste de atenção que consiste em contar grupos de pontos.

Resta saber se esses testes todos medem o mesmo tipo de atenção, ou mesmo se medem a atenção. A análise fatorial permitirá, talvez, dar uma resposta a essa pergunta.

**Resultados da análise fatorial.** – Procurando a correlação entre diferentes testes que pretendam medir a atenção, verificou-se que os coeficientes São, em geral, baixos (Easly, 1941); além disso, a maioria dos testes chamados de atenção tem correlação elevada com testes que medem os fatores *P*, *M*, *S* e *N* (Wittemborn, 1943), embora Holzinger tivesse descoberto um fator comum (*t*) a certos testes, nos quais é necessário ouvir e seguir instruções.

Como o mostra Rey, e também Vernon, confunde-se muitas vezes a atenção com o nível mental ou com o interesse pela atividade. O que se pode afirmar é que a *atenção aparece onde há necessidade de um esforço mental, quer dizer, em toda a atividade que necessita de rendimento; onde há automatismo, não se precisa de*

*atenção.* A atenção parece ser o esforço necessário para mobilizar as energias, permitindo o aproveitamento máximo de uma ou várias habilidades mentais; *Esse esforço é tão dependente do desenvolvimento da aptidão , e também da motivação, que é perfeitamente lógica e explicável a dificuldade que se encontra para medir a atenção no seu estado puro.* Atenção e esforço mental parecem intimamente ligados, e são talvez uma única coisa, sobretudo quando se pensa na sua ligação com a motivação: só há esforço mental onde há interesse; não há atenção sem motivação. O trinômio “atenção-motivação-aptidão” é, na realidade, de decomposição difícil.

## **CAPITULO 4: Os Métodos de Estudo da Personalidade**

### **§ 1. *Que é Personalidade?***

É muito difícil dar uma definição da *personalidade*, pois o seu conceito varia de autor para autor.

Allport (1937) enumerou cinquenta definições diferentes. Essa divergência advém do fato de ser a personalidade abordada pelos autores em apenas um ou alguns dos seus aspectos, sem, entretanto, atentar para o conjunto que ela constitui.

Allport nos dá uma definição, na qual reúne todas as opiniões; diz ele:

A personalidade é a organização dinâmica dos sistemas psicofísicos que determinam o ajustamento do homem ao ambiente.

Sheldon chega a conclusão semelhante, inspirado no próprio Allport, e diz:

A personalidade é a organização dinâmica dos aspectos cognitivos, afetivos, conativos, fisiológicos e morfológicos do indivíduo.

Mac Kinnon (1944) concebe a personalidade segundo o esquema seguinte:

A inteligência corresponde ao aspecto cognitivo, correspondendo o temperamento ao aspecto afetivo, e o caráter ao aspecto conativo.

### **§ 2. *Classificação dos Métodos de Estudo da Personalidade***

Inspirando-nos em três trabalhos anteriores, de Pichot, de Mira e o nosso, propomos a seguinte classificação, na qual introduzimos os métodos sociológicos, os métodos mistos, assim como alguns subgrupos:

#### ***Métodos:***

1°) PSICOSSOMÁTICOS:

- a)** Técnicas morfopsicológicas
- b)** Técnicas neuro-reflexológicas

2°) PSIQUIÁTRICOS

3°) EXPRESSIVOS:



- a)** Técnicas grafológicas
- b)** Técnicas filmológicas
- c)** Técnicas miocinéticas
- d)** Técnicas fisiodetectoras
- e)** Técnicas fonográficas
- f)** Técnicas fotográficas
- g)** Técnicas fisiognômicas

4°) INTERROGATIVOS:

- a)** Técnicas orais
- b)** Técnicas escritas

5°) OBSERVAÇÃO:

- a)** Técnicas clínicas
- b)** Técnicas interpretativas

6°) SOCIOLÓGICOS:

- a)** Técnicas sociométricas
- b)** Técnicas ecológicas
- c)** Técnicas grupoterápicas
- d)** Técnicas sócio-visitadoras

7°) PROJETIVOS:

- a)** Técnicas constitutivas
- b)** Técnicas construtivas
- c)** Técnicas interpretativas
- d)** Técnicas catárticas ou situativas

8°) PSICOTERÁPICOS:

- a)** Técnicas psicanalíticas
- b)** Técnicas narco-analíticas
- c)** Técnicas psicodramáticas

9°) DE ANÁLISE MOTIVACIONAL

10°) GENÉTICOS:

- a)** Técnicas genealógicas
- b)** Técnicas psicoevolutivas ou anamnéticas
- c)** Técnicas genotrópicas

11°) ESTATÍSTICO-ANALÍTICO

12°) MISTOS.

### § 3. Descrição dos Métodos, Processos e Técnicas de Estudo da Personalidade

**I Os métodos psicossomáticos.** – São os métodos nos quais se estudam interações ou concomitâncias entre os traços ou tipos de personalidade e traços ou tipos fisiossomáticos. Podemos distinguir:

#### a) AS TÉCNICAS MORFOPSICOLÓGICAS

Estudando as relações entre a morfologia do indivíduo, vários autores chegaram a por em evidência o fato de certos tipos morfológicos terem tipos correspondentes de personalidade.

As classificações biotipológicas são muito variadas; entre elas, podemos citar as que distinguem os tipos *cerebral*, *respiratório*, *muscular* e *digestivo* (Rostan, 1826); *macrosquelo*, *mesatisquelo* e *braquisquelo* (Manouvrier, 1902); *longitipo* *microsplânquico*, *normotipo* *normosplânquico* e *braquitipo* *megalosplânquico* (Viola, 1905); *leptossômico*, *atlético* e *pícnico* (Kretschmer, 1921); *longilíneo*, *mediolíneo* e *brevilíneo* (Pend, 1922); *endomórfico*, *mesomórfico* e *ectomórfico* (Sheldon e Stevens, 1941).

A essas classificações biotipológicas, baseadas na sua maioria em medidas antropométricas, vários autores acharam correspondentes caracterológicos: *ciclotímico* e *esquizotímico* (Kretschmer); *bradipsíquico* e *taquipsíquico* (Pend); *viscerotônico*, *somatotônico* e *cerebrotônico* (Sheldon e Stevens). Parece que a classificação de Sheldon e Stevens, além de ser a mais recente, corresponde mais à realidade, porque leva em consideração os três componentes somáticos e temperamentais, para avaliar a sua importância relativa em cada indivíduo, sendo as correspondências somatopsíquicas baseadas em estudos estatísticos, os primeiros nesse gênero de pesquisa.

#### b) AS TÉCNICAS NEURO-REFLEXOLÓGICAS

São as técnicas que estudam os aspectos da personalidade resultantes de condicionamentos (Pavlov, Watson), de lesões sistemáticas (Sherrington, Massermann,

Rey), pelas observações das influências de lesões nas diferentes partes do sistema nervoso sobre a personalidade.

**II O método psiquiátrico.** – Apoiando-se, em parte, nos métodos de investigação psicossomáticos, a Psiquiatria desenvolveu, sob a influência de Kraepelin, Janet e Bleuler, uma tipologia própria, baseada na classificação de doenças mentais; segundo esse ponto de vista, cada um de nós teria, em menor grau, traços de personalidade de uma das principais doenças mentais; podemos distinguir, desse modo, tipos *esquizóides*, *epileptóides*, *obsessivos*, *ciclóides*, *paranóides*, etc.

**III Os métodos expressivos.** – Utilizado por Mira, o termo “expressivo” reúne, na sua significação, todas as técnicas nas quais as “expressões” da personalidade podem ser registradas por meios audiovisuais. Dentre estas, podemos distinguir:

**a) AS TÉCNICAS GRAFOLÓGICAS**

Em todos os tempos, os homens procuraram conhecer a personalidade através da escrita; Suetônio fez um estudo da escrita de Augusto, e Shakespeare dizia: “Dá-me a escrita de uma mulher e lhe direi o seu caráter”. Esses dois fatos são lembrados por Michon, que pode ser considerado como o precursor da grafologia científica, desenvolvida por Klages e sistematizada por Crepieux Jamin.

O estudo da escrita se faz hoje considerando as letras na sua direção, dimensão, forma, inclinação, tamanho, grossura, pontuação, finais, assinatura, assim como a apresentação geral e ordenação das frases.

**b) AS TÉCNICAS MIOCINÉTICAS**

Derivadas diretamente da grafologia, estas técnicas estudam experimentalmente as concomitâncias dos movimentos e dos traços de personalidade. O termo “miocinético” foi sugerido por Mira e designa o teste de sua autoria, publicado em 1939, e que pode ser considerado como um sistema de Psicometria aplicada à grafologia. O autor demonstrou, com validação feita sobretudo em doentes mentais e primitivos, a possibilidade de diagnosticar a auto e hétero-agressividade pelos movimentos da mão no plano sagital; o grau de introversão e extroversão, no plano horizontal; a elação e a depressão, no plano vertical; a inibição, no tamanho dos traços;

e o grau de coerência entre o temperamento, medido pela mão esquerda, e o caráter, medido pela mão direita.

Um psicólogo suíço, Carrare, utilizava um teste chamado “*La réglette*”, no qual se estudavam os componentes caracterológicos de movimentos no plano horizontal, com os olhos fechados.

A técnica de Lúria consiste em estudar as variações da pressão dos dedos diante de palavras-estímulo. Mira modificou, com fins judiciais, essa técnica, criando o *monotômetro*.

#### c) AS TÉCNICAS FILMOLÓGICAS

O registro fílmico das reações dos indivíduos, em situações espontâneas ou provocadas, fornece documentos permanentes de estudo e de comparações interindividual é assim que, por exemplo, o filme foi o instrumento essencial do estudo da evolução da criança e na demonstração didática de Gesell. O Instituto de Filmologia de Paris estudou cinematicamente, sob a direção de Wallon e Zazzo, as reações de crianças à projeção de vários filmes, pondo em evidência reações de angústia de tal ordem que permitem proibir, a priori, certos tipos de filmes para certas idades.

#### d) AS TÉCNICAS FISIODETECTORAS

Agrupamos nesta categoria todas as técnicas que permitam registrar reações de natureza fisiológica e estímulos psicológicos. São estas:

- 1) As *reações electrocutâneas*; de natureza especialmente emocional (Radecki), dependem das zonas subcorticais hipotalâmicas (Piéron) e podem ser registradas por micro-aniperímetro. Associadas à palavra estímulo (Jung.Rosanoff), são elas utilizadas em Psicologia Judiciária, por *meio* do “*lie detector*” (detector de mentiras)

Com o nosso teste mostramos a possibilidade de utilizar o reflexo psicogalvânico ou electrocutâneo para medir a emotividade neurovegetativa; tratamos esse problema do mesmo modo que a medida da inteligência , procurando conhecer o número de estímulos aos quais o indivíduo reage, e tratando, estatisticamente, os resultados obtidos em grupos de amostra.

- 2) As *reações respiratórias* podem ser registradas por diversos processos, num quimógrafo.

- 3) As *reações circulatórias*; podem ser registradas igualmente pelo processo do tambor de Marey, ou pelo registro piezográfico de Lahy. Convém acrescentar que as reações electrocutâneas, respiratórias e circulatórias, podem ser estudadas conjuntamente com polígrafos.
- 4) As *reações metabólicas*; podem ser determinadas pelo registro do PH (Lagnel Lavastine), nos estados de angústia, pelo registro do metabolismo basal, ou pela pesquisa oximétrica.
- 5) As *reações eletroencefalógraficas*; utilizadas no diagnóstico da epilepsia, não permitiram, até agora, fazer avaliação.es sobre personalidade.

e) AS TÉCNICAS FONOGRÁFICAS

O registro da Voz e o estudo das correlações entre as suas modulação e a personalidade está ainda num estado embrionário. Convém assinala, porém, a utilização cada vez maior do registro fonográfico das entrevistas, das sessões psicoterápicas individuais ou de grupo, e mesmo de exames psicológicos completos.

Do mesmo modo que o filme, essa técnica permite gravar, para sempre, as reações e respostas, que podem ser reestudadas a qualquer momento.

f) AS TÉCNICAS FOTOGRÁFICAS

Estas técnicas foram utilizadas sobretudo pelos psicólogos desejosos de classificadas reações afetivas e, mais especialmente, emotivas, como, por exemplo, o fez Dumas, para os homens, e Köhler, para os macacos.

As observações feitas a propósito dos filmes e do registro fonográfico valem também para as técnicas fotográficas.

g) AS TÉCNICAS FISIOGNOMÔNICAS

Citamos estas técnicas no fim porque, embora reconhecida sua importância, como pioneiras das técnicas expressivas (Lavater), foram praticamente abandonadas, apesar do valor capital das reações fisionômicas, Como expressão objetiva da personalidade. Esse abandono é devido, provavelmente à impossibilidade de avaliação objetiva destas expressões que Bohring. e Guilford colecionaram em sistemas de recortes de modelos faciais, acabando combinações diferentes. A filmologia e a fotografia darão talvez um novo impulso às pesquisas sobre o assunto.

**IV. Os métodos interrogativos.** – Os métodos interrogativos são constituídos de técnicas nas quais o indivíduo responde às perguntas apresentadas, sob forma oral ou escrita.

**a) APRESENTAÇÃO ORAL**

As entrevistas têm por finalidade conhecer melhor o examinando e, inclusive, deixá-lo descrever-se a si mesmo. As entrevistas podem ser espontâneas, ou dirigidas. Vasco Vaz publicou um excelente roteiro para tais entrevistas.

**b) APRESENTAÇÃO ESCRITA**

Nesta categoria, podemos distinguir os questionários diretos, como o de Pressey, que consistem em sublinhar, dentre uma lista de palavras, as que o indivíduo acha agradáveis ou desagradáveis, e os questionários indiretos, nos quais as perguntas feitas não têm relação aparente com o que se está pesquisando. Assim é também o teste “*Tsedek*”, de julgamento moral, de Baruk.

Os “*inventários*” de personalidade São questionários, em geral muito demorados, que, previamente submetidos a uma análise estatística, permitem uma visão mais segura dos traços de personalidade considerados em relação a normas objetivas. Citamos o de Bernreuter, que foi adaptado e estudado no Brasil por Noemy Silveira Rudolfer, o “*Multiphasic Inventory*”, de Evans e Connel, e a “*Minnesota Personality Scale*”.

Notamos também a existência de questionários de atitudes, como o de Sweet e o de Thurstone, tendo sido o primeiro estudado na França por Chauffard e Benassy.

Os questionários de interesses profissionais, como os de Strong, Thurstone e Kuder, são de grande utilidade em Orientação Profissional.

**V. Os métodos de observação.** – Os métodos de observação consistem em descrever e interpretar a conduta dos indivíduos em situações espontâneas ou experimentais. Podemos distinguir:

a) O MÉTODO CLÍNICO

Preconizado por Lagache, consiste em descrever e interpretar a reação global do indivíduo em situação de exame. Como diz Rey, esta situação pode ser considerada como estímulo, de tal maneira que se pode fazer um diagnóstico da personalidade mesmo através das flutuações do rendimento nos perfis psicológicos.

b) O MÉTODO INTERPRETATIVO

Resume-se em descrever as diferentes formas de conduta e em traduzi-las em termos psicológicas, tendo cada espécie de conduta várias significações possíveis, como o mostra Bingham.

**VI. Métodos sociológicos.** – Os métodos sociológicos utilizam o conhecimento das relações entre o indivíduo e o seu ambiente social ou, ainda, dos indivíduos entre si com o fim de diagnóstico da personalidade. Entre as técnicas utilizadas citaremos:

a) AS TÉCNICAS SOCIOMÉTRICAS

Perguntando-se aos membros de um determinado grupo social (empresa, turma de escola, equipes de pesquisas, etc.) com quem gostaria de trabalhar, por exemplo, ou, ainda, com quem gostaria de passar as férias, pode-se chegar a classificar os indivíduos pelo número de escolhas recebidas e a pô-las em um gráfico chamado “sociograma”, de Moreno. A colocação de “líder”, de “isolado” ou de “rejeitado”, no seu ambiente social, dá, sobre os indivíduos, indicações muitas vezes mais seguras que qualquer outra técnica de estudo da personalidade. Verificamos que os isolados quase sempre são considerados “casos-problemas” nas outras técnicas.

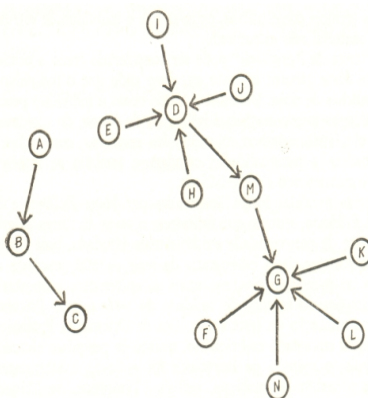


Fig. 13 – Sociograma levantado em uma empresa comercial do Rio de Janeiro

*(os indivíduos D e G são os líderes).*

**b) AS TÉCNICAS ECOLÓGICAS**

Baseiam-se no estudo da influência do ambiente de habitação sobre a sociedade e, por conseguinte, sobre o indivíduo.

**c) AS TÉCNICAS GRUPOTERÁPICAS**

Apesar de terem finalidade de terapêutica, permitem observações muito interessantes das reações do indivíduo diante do “líder”, e dos indivíduos entre si.

**d) AS TÉCNICAS SÓCIO-VISITADORAS**

São as técnicas de serviço social que, por meio de visitas domiciliares, possibilitam observações in loco; os assistentes sociais são elementos preciosos nesse trabalho.

**VII. O método projetivo.** – Utilizado pela primeira vez por Frank, em 1939, o termo técnica projetiva designa todo tipo de atividade espontânea ou experimental na qual o indivíduo exterioriza a sua personalidade íntima, nos seus planos consciente ou inconsciente. Podemos distinguir nesses métodos as seguintes categorias, utilizadas por Pichot:

**a) AS TÉCNICAS CONSTITUTIVAS**

Nas técnicas constitutivas, exige-se que o indivíduo dê estrutura a um material não estruturado.

O “teste de Rorschach” pode ser considerado como a primeira técnica desse gênero; consiste em dizer tudo que o indivíduo vê em manchas de tinta. Utiliza-se o modo como o indivíduo percebe e localiza as interpretações, a influência da forma, do movimento e da cor, assim como o conteúdo das respostas, com o fim de diagnosticar a personalidade; estudam-se também as interações entre o pensamento e a afetividade.

Formas paralelas foram imaginadas por Hans Zulliger e Harower Erickson, autores que utilizaram o teste de forma coletiva. É o teste de personalidade até hoje mais estudado, pois Ombredane e Klopfer citam bibliografia de mais de 600 pesquisas efetuadas no mundo inteiro, nas quais se apresentam propostas de modificações ou



estudos de validade do teste para a Psicopatologia; a utilização do teste com o fim de Orientação Profissional está ainda em estado embrionário, quanto às pesquisas efetuadas.

Depois, o método de Rorschach foi aplicado à interpretação de outros estímulos musicais, verbais (Tautofone, de Skinner), tridimensionais ou consistindo ainda em nuvens (Stern). Existe também um teste constitutivo tátil para cegos.

No desenho livre, cujos fenômenos projetivos foram descritos por Morgenstem, considera-se o tamanho, a forma, a cor e o conteúdo (Liss). A modelagem e a "*Finger Painting*" (pintura digital) de Shaw podem ser consideradas também como técnicas constitutivas.

#### b) AS TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Nas técnicas construtivas, o indivíduo deve partir de estruturas definidas e criar estruturas mais largas. Pode-se distinguir:

- 1) O *jogo* e o psicodrama, amplamente utilizados por Anna Freud, Melanie Klem e Madeleme Rambert, com material variando de bonecos a fantoches, animais, veículos desmontáveis. Ultimamente, Schneider, nos Estados Unidos, propôs a constituição de cenas sobre uma pequena platéia, com dezenas de personagens de cartolina; R. Stora preconiza técnica análoga com figuras de chumbo. O "*teste da aldeia*", de Arthus, que pode também entrar nesta categoria, consiste em construir uma aldeia a partir de casinhas e outros elementos.
- 2) O *desenho*. Os testes de Sandet e de Wartegg constam do complemento de linhas. No teste de Morgenstem, pede-se ao indivíduo que desenhe a sua família. No de Buck, o examinando deve desenhar uma casa, uma árvore e uma pessoa. Koch sugere a interpretação de desenhos de duas árvores.

#### c) AS TÉCNICAS INTERPRETATIVAS

Consistem as técnicas interpretativas em pedir ao indivíduo que invente uma resposta ou uma composição atendendo a estímulos definidos. Nessa categoria, podemos classificar:

- 1) O "*Thematic Aperception Test*" (Teste de Apercepção Temática), de Murray, com formas para adultos, adolescentes (Symonds) e crianças (Bellak), no qual se pede ao indivíduo, diante de gravuras, que invente uma história. Apesar de

não ter recebido um sistema de cotação satisfatório, é esse teste que provoca o maior número de fenômenos projetivos.

- 2) O *teste de associação de idéias*, de Jung-Rosanoff, no qual se pede responder o mais depressa possível a uma série de palavras-estímulos.
- 3) O *teste das fábulas*, de Duas, e o das *histórias a completar*, de Madeleine Thomas e Rey.
- 4) O *teste de reação à frustração*, de Rosenzweig, com formas para adultos e crianças.

d) AS TÉCNICAS CATÁRTICAS OU SITUATIVAS (MIRA)

Consistem essas técnicas em colocar o indivíduo diante de uma situação emocional fictícia (teatro, situação de exame, simulação de incêndio ou de fracasso numa prova, etc.) e em observar as suas atitudes e reações emotivas. As situações de emergência são as mais indicadas como estímulos.

**VIII Os métodos psicoterápicos.** – Partindo das teorias de Freud, Adler e Jung, é muitas vezes útil procurar as origens da conduta ou da escolha de uma ocupação em complexos sexuais ou de inferioridade, ou ainda no inconsciente coletivo, através de processos utilizados em Psicoterapia, como as associações livres, a análise dos sonhos, a narco-análise, o sonho acordado de Desoille o psicodrama, etc.

É, no entanto, indispensável lembrar que essas técnicas estão reservadas para a cura de neuroses, e que precisam ser manuseadas por especialistas muito bem treinados.

**IX. Os métodos genéticos.** – São os métodos que procuram a origem dos traços de personalidade na hereditariedade familiar.

a) O MÉTODO GENEALÓGICO

Consiste em procurar dentro da família os traços temperamentais e os tipos de doenças mentais predominantes, a fim de formular hipóteses sobre a personalidade dos indivíduos. É o método utilizado em Psiquiatria e aproveitado por Szondi para demonstração da sua teoria do genotropismo, que nos levaria a escolher os nossos amigos, congêneres e profissão dentro de certo determinismo genético.

Nessas técnicas, utiliza-se um *genetograma*, que permite resumir num gráfico os dados da herança de um indivíduo.

b) A ANAMNESE PSICOLÓGICA

Pode ser utilizada com o fim de diagnosticar a personalidade, não somente tomando em consideração os dados hereditários e fisiogênicos, mas também procurando conhecer os fatores psicogênicos, incluindo nestes os próprios traços de personalidade que podem ser considerados na sua interação recíproca, tal como o preconiza A. Rey.

c) O MÉTODO GENOTRÓPICO DE SZONDI

Consiste em escolher, dentro de fotografias de doentes mentais, os que são simpáticos e antipáticos aos examinandos, tirando-se disso um diagnóstico versando sobre os equivalentes característicos dos vectores “sexual”, “paroxístico”, “esquizofrênico” e ciclóide. A validade do processo é muito discutida.

**X. Os métodos estatísticos.** – Ante essa diversidade de pontos de vista, qual deve ser a posição de um psicólogo que deseja fazer uma investigação da personalidade?

A dificuldade essencial, em que esbarraram todos os experimentadores, é que são obrigados a provar que os mais objetivos, que haviam encontrado com o auxílio de métodos indiretos, correspondem perfeitamente ao traço de carácter procurado; isto é, são obrigados a demonstrar a validade de um sinal objetivo, apoiando-se em julgamentos subjetivos.

Para mostrar que um sinal *X* em um teste *Y* correspondia ao carácter *Z*, eles eram, e são ainda, muitas vezes, obrigados a estabelecer correlações entre os sinais objetivos do teste *Y*, que eles conhecem, e o carácter *Z*, que é justamente aquele que eles procuravam definir com o teste.

Aliás, Binet não procedeu de outro modo, para estabelecer seu teste de inteligência, ou, pelo menos, para demonstrar o seu valor. Provou que os resultados de seus testes, baseados no êxito de 75% das crianças de cada idade, correspondiam ao julgamento subjetivo do seu mestre.

Só mais tarde foram calculadas correlações entre os diversos testes de inteligência. Chegou-se assim a isolar certos fatores gerais ou específicos, que dirigem

nossa atividade intelectual. Essa análise fatorial vem confirmar matematicamente as descobertas ou as hipóteses dos neurólogos, concernentes à atividade cerebral.

Parece que já ultrapassamos, para o estudo da personalidade, o estado correspondente àquele em que Binet se encontrava, do ponto de vista da inteligência; os psicólogos de todos os países do mundo tendem a procurar correlações existentes entre diferentes sinais de diferentes testes ou métodos, mais que supõem medir o mesmo traço de personalidade. Os métodos de análise fatorial, que tiveram e têm ainda tanta importância no estudo das funções intelectuais, começam a ser utilizados no estudo da personalidade. É, provavelmente muito cedo para tirar conclusões sobre os primeiros trabalhos efetuados por Cattell, Guilford, Thurstone, Eysenck e outros, a partir de métodos de notações sobre o comportamento, de respostas a questionários ou de outras técnicas mais objetivas. Fatores foram isolados pela maioria dos pesquisadores em análise fatorial, tais como a “esquizotimia-cicloidia”, *“surgence-dessurgene”*, que corresponde à “euforia-depressão”, a “ascendência-submissão”, o fator G, a “estabilidade emocional”, medida em testes de “perseveração-rigidez” e a “influência-sugestibilidade”. Todavia, nem todos os traços da personalidade podem ser submetidos a medidas comparativas, pelo simples fato de alguns constituírem características especificamente pessoais. Se de um lado a análise fatorial mostra que o indivíduo pode ter uma parte da sua personalidade medida por testes objetivos, a outra parte é constituída de fatores que fazem com que nenhuma personalidade seja idêntica, pois a combinação e a intensidade destes depende de cada evolução individual, só podendo ser avaliados por processos projetivos e clínicos em geral.

No plano do diagnóstico prático, pensamos que a Psicologia aplicada ao estudo da personalidade deve ser um reflexo da tendência experimental de que acabamos de falar.

**XI. Os métodos de análise motivacional.** – Surgiram, nestes últimos anos, vários trabalhos visando a analisar a personalidade através dos níveis motivacionais. Por exemplo: o confronto entre o nível de aspiração de uma pessoa e o seu nível de aptidão fornece dados de grande interesse; uma pessoa com nível de aspiração

elevado e nível de aptidão baixo será, com muita probabilidade, um elemento insatisfeito, com tendências à desconfiança em relação ao mundo exterior e a revolta.

Estudos sobre níveis motivacionais, como o de aspiração e expectativa (F. Robaye), de realização (A. Angelini), de auto-estimação (Nuttin, Rey), parecem-nos bastante promissores.

**XII. Os métodos mistos.** – Não é porque um doente tosse que o seu médico o mandará para um sanatório. Ser-lhe-á preciso fazer uma radiografia, uma cutirreação, um exame de escarro, uma sedimentação sanguínea, uma tubagem, etc. Só quando esses exames tiverem sido positivos é que ele terá o direito, para com a própria consciência, de fazer o diagnóstico de tuberculose.

O mesmo acontece com o diagnóstico psicológico, e da personalidade em particular. Só uma coleção de sinais, tão numerosos quanto possível, permitirá afirmar-se nos achamos em presença de uma pessoa social ou reservada, agressiva ou tímida, etc. Tais sinais podem ser revelados com os diferentes métodos que descrevemos acima.

Atualmente os serviços de Psicologia Aplicada no Brasil, como o Isop, os Serviços de Orientação Profissional do SENAC e do SENAI, o Coj, o Consultório da S.P.B., utilizam a combinação de várias técnicas no estudo da personalidade. Existem, porém, técnicas que reúnem, numa só prova, vários métodos. Jung foi o primeiro a utilizar, conjuntamente, uma técnica projetiva e uma técnica expressiva, combinando o seu teste de associação de idéias com o “reflexo psicogalvânico”. Lúria seguiu o mesmo caminho, associando o teste de Jung a uma técnica miocinética.

O “afetivo-diagnóstico”, de nossa autoria, é, possivelmente, a primeira técnica de estudo da personalidade que reúne, numa só prova, métodos “expressivos”, “interrogativos”, projetivos, “clínicos”, já tendo sido submetidos a um tratamento estatístico elementar.

São técnicas análogas que permitirão, baseadas em análises fatoriais, efetuar, num prazo mais curto, um diagnóstico mais seguro.

## CAPÍTULO 5: Dimensões e Variáveis da Personalidade

### § 1. A Psicotropia

Numerosos são os psicólogos que procuraram conhecer as grandes linhas constitutivas da personalidade. O que há de interessante é que a maioria insistiu na presença de uma dicotomia formada por dois pólos opostos, duas grandes tendências da personalidade. Dicotomia que Claparède chamou de Psicotropia.

Já vimos, a respeito do estudo do pensamento, que Binet tinha descoberto duas atitudes diferentes nas suas filhas, donde partiu para a dicotomia objetivo-subjetiva. Jung, partindo de observações psiquiátricas e psicanalíticas, chegou à dicotomia extroversão-introversão, que seria equivalente à classificação de Kretschmer dos tipos esguizóides-ciclóides.

Claparède (1933), Schneider (1937) e Eysenck (1950) fizeram um apanhado das diferentes classificações existentes. Reproduzimos, a seguir, as principais, dando o nome do autor correspondente (as três primeiras são classificações de doenças mentais).

| AUTOR              | ANO  | C L A S S I F I C A Ç ã O |                      |
|--------------------|------|---------------------------|----------------------|
| Janet .....        | 1894 | Histérico                 | - Psicastônico       |
| Kraepelin .....    | 1899 | Maníaco-depressivo        | - Demente-precoc     |
| Bleuler .....      | 1824 | Sintônico                 | - Esquizofrônico     |
| James .....        | 1890 | Positivista               | - Ideólogo           |
| Binet.....         | 1900 | Objetivo                  | - Subjetivo          |
| Rostan .....       | 1828 | Digestivo                 | - Respirat.-cerebral |
| Jung .....         | 1923 | Extrovertido              | - Introvertido       |
| Kretschmer .....   | 1926 | Ciclotímico               | - Esquizotímico      |
| Cattell .....      | 1933 | <i>Surgent</i>            | - <i>Desurgent</i>   |
| Guillford .....    | 1936 | Expansivo                 | - Reservado          |
| Rorschach .....    | 1920 | Extratensivo              | - Introversivo       |
| Mikhailowski ..... | 1905 | Adaptado (prático)        | - Inadaptado (ideal) |

Resta saber se todas essas classificações representam um mesmo fenômeno

ou se, pelo contrário, atrás de cada termo se escondem sentidos diferentes e funções diversas.

Além disso, existe uma tendência a considerar a Psicotropia como tricotômica, e não como dicotômica. O frenologista Wells (1869) distinguiu:

- 1°) *O temperamento motor*
- 2°) *O temperamento mental*
- 3°) *O temperamento vital*

Essa tricotomia dos temperamentos tinha fundamentos biotipológicos na classificação de Rostan, que distingue os tipos seguintes:

- 1°) *Tipo digestivo*
- 2°) *Tipo muscular*
- 3°) *Tipo cerebral*

Kretschmer distinguiu três tipos físicos:

- 1°) *Tipo pícnico*
- 2°) *Tipo atlético*
- 3°) *Tipo astênico*

Sheldon teve o mérito, inspirando-se na própria classificação de Kretschmer, de considerar esses tipos como extremos. e de procurar, em cada indivíduo, a proporção em que cada componente se encontra. Partindo da embriologia, que distingue no feto três folhetos principais (endodermo, mesodermo e ectodermo), Sheldon distinguiu os componentes (e não os tipos) seguintes:

- 1°) *Endomorfo (predomínio do desenvolvimento do endodermo)*
- 2°) *Mesomorfo (predomínio do desenvolvimento do mesodermo)*
- 3°) *Ectomorfo (predomínio do desenvolvimento do ectodermo)*

Utilizando o processo fotográfico, Sheldon procurou classificar cada componente de cada pessoa em sete categorias, numa escala de 1 a 7. Cada componente será representado por um número, sendo o biótipo individual representado por três números. O endomorfo extremo, assim, será caracterizado pelo índice 711; o mesomorfo extremo, pelo índice 171, e o ectomorfo extremo, pelo índice 117.

Sheldon teve o cuidado de utilizar-se de processos estatísticos para demonstrar a independência relativa dos três componentes, através do cálculo das intercorrelações.

Eis os resultados encontrados entre os três componentes para 2 000 homens:

|   | 1 | 2     | 3      |
|---|---|-------|--------|
| 1 | - | -9,32 | - 0,27 |
| 2 | - | -     | -0,64  |
| 3 | - | -     | -      |

As correlações levemente negativas mostram a independência dos três componentes físicos.

Procurou, então, Sheldon demonstrar que cada componente tem a sua correspondência temperamental, correspondência que iremos expor a seguir:

| COMPONENTE FÍSICO | CORRESPONDÊNCIA TEMPERAMENTAL |
|-------------------|-------------------------------|
| Endomorfia 1      | Viscerotonia                  |
| Mesomorfia 2      | Somatotonia                   |
| Ectomorfia 3      | Cerebrotonia                  |

Eis, segundo tradução de J. A. Paiva, as principais características de cada componente do temperamento:



## CORRELAÇÕES PSÍQUICAS

| TRAÇOS PSICOLÓGICOS                                     | TEMPERAMENTO | CARÁTER | ATITUDE |
|---------------------------------------------------------|--------------|---------|---------|
| <i>Viscerotonia</i>                                     |              |         |         |
| <b>V.</b> 1 – Relaxação de postura e de movimento ..... | .....        | .....   | .....   |
| 2 – Gosto pelo conforto físico .....                    | .....        | .....   | .....   |
| 3 – Lentidão reacional .....                            | .....        | .....   | .....   |
| 4 – Prazer em comer .....                               | .....        | .....   | .....   |
| 5 – Socialização das refeições .....                    | .....        | .....   | .....   |
| 6 – Prazer na digestão .....                            | .....        | .....   | .....   |
| 7 – Gosto de cerimoniosidade .....                      | .....        | .....   | .....   |
| 8 – Sociofilia .....                                    | .....        | .....   | .....   |
| 9 – Amabilidade indiscriminada .....                    | .....        | .....   | .....   |
| 10 – Anseio de afeição e de aprovação .....             | .....        | .....   | .....   |
| 11 – Orientação social .....                            | .....        | .....   | .....   |
| 12 – Regularidade emocional .....                       | .....        | .....   | .....   |
| 13 – Tolerância .....                                   | .....        | .....   | .....   |
| 14 – Complacência .....                                 | .....        | .....   | .....   |
| 15 – Sono profundo .....                                | .....        | .....   | .....   |
| 16 – Falta de têmpera .....                             | .....        | .....   | .....   |
| 17 – Extroversão afetiva .....                          | .....        | .....   | .....   |
| 18 – Relaxação e sociofilia à alcoolização .....        | .....        | .....   | .....   |
| 19 – Necessidade de companhia nas aflições .....        | .....        | .....   | .....   |
| 20 – Indinação para a infância .....                    | .....        | .....   | .....   |
| <i>Somatotonia</i>                                      |              |         |         |
| <b>S</b> 1 – Firmeza de postura e de movimento .....    | .....        | .....   | .....   |
| 2 – Gosto pela aventura .....                           | .....        | .....   | .....   |
| 3 – Energia física .....                                | .....        | .....   | .....   |
| 4 – Necessidade de ação, prazer no exercício .....      | .....        | .....   | .....   |
| 5 – Desejo de domínio e de poder .....                  | .....        | .....   | .....   |
| 6 – Gosto de riscos .....                               | .....        | .....   | .....   |
| 7 – Maneiras rudes e bruscas .....                      | .....        | .....   | .....   |
| 8 – Coragem física .....                                | .....        | .....   | .....   |
| 9 – Agressividade combativa .....                       | .....        | .....   | .....   |
| 10 – Carência de sensibilidade .....                    | .....        | .....   | .....   |

| TRAÇOS PSICOLÓGICOS                                           | TEMPERAMENTO | CARÁTER | ATITUDE |
|---------------------------------------------------------------|--------------|---------|---------|
| 11 – Claustrofobia .....                                      | .....        | .....   | .....   |
| 12 – Crueldade, ausência de melindres .....                   | .....        | .....   | .....   |
| 13 – Voz irrefreada .....                                     | .....        | .....   | .....   |
| 14 – Indiferença a dor .....                                  | .....        | .....   | .....   |
| 15 – Ruidosidade .....                                        | .....        | .....   | .....   |
| 16 – Maturidade precoce.....                                  | .....        | .....   | .....   |
| 17 – Extroversão conativa, dissociação horizontal .....       | .....        | .....   | .....   |
| 18 – Firmeza e agressividade à alcoolização .....             | .....        | .....   | .....   |
| 19 – Desejo de ação nas aflições .....                        | .....        | .....   | .....   |
| 20 – Indinação para fins e atividades juvenis .....           | .....        | .....   | .....   |
| <i>Cerebrotonia</i>                                           |              |         |         |
| <b>C</b> 1 – Constrangimento de postura e de movimentos ..... | .....        | .....   | .....   |
| 2 – Super-reação fisiológica .....                            | .....        | .....   | .....   |
| 3 – Rapidez reacional.....                                    | .....        | .....   | .....   |
| 4 – Gosto de isolamento .....                                 | .....        | .....   | .....   |
| 5 – Intensidade mental, super atenção, apreensão .....        | .....        | .....   | .....   |
| 6 – Reserva emocional e de sentimentos .....                  | .....        | .....   | .....   |
| 7 – Motilidade facial controlada, e dos olhos .....           | .....        | .....   | .....   |
| 8 – Sociofobia .....                                          | .....        | .....   | .....   |
| 9 – Inibição no trato social .....                            | .....        | .....   | .....   |
| 10 – Ausência de hábitos, atividade Irregular .....           | .....        | .....   | .....   |
| 11 – Agorafobia .....                                         | .....        | .....   | .....   |
| 12 – Imprevisibilidade de atividades e de sentimentos .....   | .....        | .....   | .....   |
| 13 – Controle vocal, repressão de ruídos .....                | .....        | .....   | .....   |
| 14 – Hipersensibilidade à doença.....                         | .....        | .....   | .....   |
| 15 – Sono escasso, fadiga crônica. ....                       | .....        | .....   | .....   |
| 16 – Aspecto e maneiras juvenis .....                         | .....        | .....   | .....   |
| 17 – Introversão, dissociação vertical .....                  | .....        | .....   | .....   |
| 18 – Resistência ao álcool e entorpecentes .....              | .....        | .....   | .....   |
| 19 – Necessidade de solidão nas aflições .....                | .....        | .....   | .....   |
| 20 – Orientação para os períodos finais da vida .....         | .....        | .....   | .....   |

Sheldon demonstrou, indiscutivelmente, haver correlação positiva e alta entre os componentes físicos e temperamentais, conforme mostra o quadro seguinte de intercorrelações:

|              | ENDOMORFISMO | MESOMORFISMO | ECTOMORFISMO |
|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Viscerotonia | + 0,79       | – 0,23       | – 0,40       |
| Somatotonia  | – 0,29       | + 0,82       | – 0,53       |
| Cerebrotonia | – 0,32       | – 0,58       | + 0,83       |

Em outro quadro de correlações, e que reproduzimos a seguir, Sheldon demonstrou a Independência dos três fatores temperamentais.

|              | SOMATOTONIA | CEREBROTONIA |
|--------------|-------------|--------------|
| Viscerotonia | – 0,34      | – 0,37       |
| Somatotonia  | —           | – 0,62       |

Recentes pesquisas brasileiras de Paiva, Ginsberg e O. Pereira encontraram correlações elevadas com a biotipologia de Sheldon, para extroversão-introversão.

Outro psicólogo, Le Senne, utilizando a classificação de Heymans e Wiersma, demonstrou também a existência de uma distribuição tricotômica da Psicotropia, embora não se saiba ainda se os fatores apontados por ele são idênticos aos de Sheldon. A classificação de Heymans, distinguindo três propriedades constitutivas da personalidade, é a seguinte:

*A emotividade*

*A atividade*

*A ressonância das representações* (primária ou secundária).

Simbolizando o tipo emotivo por *E*; o tipo ativo por *A*, e o tipo de ressonância por *P* (primário) ou *S* (secundário), e acrescentando a letra *n* quando o traço não existe, podemos representar a Classificação de *Le Senne* assim:

|               |             |                |            |
|---------------|-------------|----------------|------------|
| <i>EnAP</i> : | nervoso     | <i>nEAP</i> :  | sanguíneo  |
| <i>EnAS</i> : | sentimental | <i>nEAS</i> :  | fleumático |
| <i>EAO</i> :  | colérico    | <i>nEnAP</i> : | amorfo     |
| <i>EAS</i> :  | apaixonado  | <i>nEnAS</i> : | apático    |

Embora essa classificação seja sedutora, o seu tratamento estatístico deixa muito a desejar.

Eysenck (1945), após ter examinado 10 000 neuróticos e normais, chega à conclusão de que o que ele chama de “dimensões de personalidade” é constituído de

três fatores essenciais: um fator *G*, da inteligência; um fator de introversão-extroversão e um fator geral de nervosismo. Eysenck confirmou a pesquisa de Burt, demonstrando que a dicotomia extroversão-introversão tem uma distribuição de frequência aproximando-se da curva normal de Gauss, o que mostra que se trata de uma só variável.

## **§ 2. As Variáveis da Personalidade**

Murray (1938), com a colaboração de uma equipe de 27 especialistas da clínica psicológica de Harvard, e utilizando a maior parte dos métodos de estudo da personalidade descritos nos parágrafos anteriores, examinou 13 indivíduos, em sessões de quatro horas semanais, durante vários meses. Depois de efetuados todos os exames, os especialistas se reuniram em mesa-redonda, para estudar, em sessões de aproximadamente cinco a seis horas, cada indivíduo, a fim de reconstituir a sua história, desde o nascimento, e isolar as diferentes “*variáveis*” da personalidade.

Uma análise estatística do quadro de intercorrelações entre as variáveis e as síndromes está dando uma base ainda mais sólida a esse trabalho, que pode ser considerado, junto aos de Eysenck e de Sheldon, como precursores de uma nova era no estudo científico da personalidade.

Murray chegou à conclusão da existência de 44 variáveis da personalidade, distribuídas da seguinte forma:

- 1º) 20 necessidades manifestas correspondendo a atitudes determinadas;
- 2º) 8 necessidades latentes, sensíveis a inibição, a cuja avaliação devem ser somadas as atitudes manifestas e as tensões criadas pela inibição;
- 3º) 4 fatores internos diversos;
- 4º) 12 traços e atributos gerais.

São estas variáveis que traduzimos para o português e que iremos enumerar e definir a seguir, por considerar o estudo de Murray o mais completo sistema até agora descrito e apoiado em bases científicas, com processos adequados ao estudo da personalidade.

### LISTA DAS NECESSIDADES MANIFESTAS

| Nº  | NECESSIDADES                                                                                                | ATITUDES CORRESPONDENTES  | SÍMBOLOS            |
|-----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|---------------------|
| 1.  | Humilhação .....                                                                                            | Humilhada .....           | <i>N. Hum.</i>      |
| 2.  | Acabamento .....                                                                                            | Realizadora .....         | <i>N. Acab.</i>     |
| 3.  | Afiliação .....                                                                                             | Afiliativo .....          | <i>N. Afil.</i>     |
| 4.  | Agressão .....                                                                                              | Agressiva .....           | <i>N. Agres.</i>    |
| 5.  | Autonomia .....                                                                                             | Autônoma .....            | <i>N. Auto.</i>     |
| 6.  | Reação .....                                                                                                | Reacional .....           | <i>N. Reac.</i>     |
| 7.  | Submissão .....                                                                                             | Submissa .....            | <i>N. Subm.</i>     |
| 8.  | Defesa .....                                                                                                | Defensiva .....           | <i>N. Def.</i>      |
| 9.  | Dominação .....                                                                                             | Dominadora .....          | <i>N. Dom.</i>      |
| 10. | Exibição .....                                                                                              | Exibicionista .....       | <i>N. Exib.</i>     |
| 11. | Evitação do sofrimento .....                                                                                | Receosa .....             | <i>N. Ev. sofr.</i> |
| 12. | Evitação da inferioridade .....                                                                             | Antidesvalorizadora ..... | <i>N. Ev. infer</i> |
| 13. | Inviolação .....                                                                                            | Autopreservadora .....    | <i>N. Inv.</i>      |
|     | <i>Esta necessidade é considerada como sendo um componente de N. Ev. sofr., N. Ev. infer. e de N. Reac.</i> |                           |                     |
| 14. | Proteção .....                                                                                              | Protetora .....           | <i>N. Prot.</i>     |
| 15. | Ordem .....                                                                                                 | Ordenada .....            | <i>N. Ord.</i>      |
| 16. | Jogo .....                                                                                                  | Lúdica .....              | <i>N. Jog.</i>      |
| 17. | Rejeição .....                                                                                              | Rejeitora .....           | <i>N. Rej.</i>      |
| 18. | Isolamento .....                                                                                            | Isoladora .....           | <i>N. Isol.</i>     |
|     | <i>Esta necessidade é considerada como aposta à N. Exib. e não como variável separada.</i>                  |                           |                     |
| 19. | Sensação .....                                                                                              | Sensual .....             | <i>N. Sens.</i>     |
| 20. | Sexual .....                                                                                                | Erótica .....             | <i>N. Sex</i>       |
| 21. | Socorro .....                                                                                               | Imploradora .....         | <i>N. Soc.</i>      |
| 22. | Superioridade .....                                                                                         | Ambiciosa .....           | <i>N. Sup.</i>      |
|     | <i>Esta necessidade é considerada como composta pelas N. Acab. e N. Consid.</i>                             |                           |                     |
| 23. | Compreensão .....                                                                                           | Intelectual .....         | <i>N. Compr.</i>    |

Há, ainda, algumas necessidades que são mencionadas por Murray, embora não estejam incluídas sistematicamente no seu estudo.

São elas:

| NECESSIDADES                                     | ATIITUDES CORRESPONDENTES | SÍMBOLOS          |
|--------------------------------------------------|---------------------------|-------------------|
| Aquisição                                        | Captativa                 | <i>N. Acq.</i>    |
| Evitação do vexame                               | De medo do vexame         | <i>N. Ev. Vex</i> |
| Conhecimento                                     | Investigadora             | <i>N. Conh.</i>   |
| Construção                                       | Construtora               | <i>N. Const.</i>  |
| Explicação                                       | Didática                  | <i>N. Expl.</i>   |
| Consideração                                     | Pretensiosa               | <i>N. Consid.</i> |
| <i>Esta necessidade foi incluída na exibição</i> |                           |                   |
| Retenção                                         | Retentiva                 | <i>N. Ret.</i>    |

Há certas necessidades, muito sensíveis à inibição, que não se objetivam; na avaliação da potência da necessidade, deverão ser tomadas em consideração tanto as tensões internas inibidas como as que se traduzem sob forma de atividade manifesta.

As necessidades inibidas que Murray chamou de latentes, têm grande influência subjetiva e agem indiretamente sobre a nossa conduta manifesta; são elas as seguintes:

#### NECESSIDADES LATENTES

| NECESSIDADES           | SIGNIFICADOS                                                                                                 | SÍMBOLOS                  |
|------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
| Humilhação .....       | Recalque da humilhação (masoquismo e passividade). Desejo de sofrer, de ser dominado sexualmente.            | <i>N. L. Hum.</i>         |
| Agressão .....         | Agressão recalcada (ódio e sadismo). Desejo de ferir e de fazer sofrer os outros.                            | <i>N. L. Agr.</i>         |
| Conhecimento .....     | Recalque da necessidade de conhecer. Desejo de ver e de examinar. Sondar assuntos privativos.                | <i>N. L. Conh.</i>        |
| Dominação .....        | Dominação recalcada. Desejo do poder total.                                                                  | <i>N. L. Dom.</i>         |
| Exibicionismo .....    | Exibicionismo recalcado. Desejo de se exhibir em público                                                     | <i>N. L. Exi.</i>         |
| Sexual .....           | Sexualidade recalcada. Desejo de relações sexuais.                                                           | .....                     |
| Homossexualidade ..... | Homossexualidade recalcada. É a <i>N. L. Sex.</i> , dirigida sobre objeto do mesmo sexo.                     | <i>N. L. Hor,zosserē.</i> |
| Socorro .....          | Angústia e medo de encontrar-se sem ajuda. Desejo de segurança, de ajuda, de proteção, de simpatia, de amor. | <i>N. L. Socor.</i>       |

Murray confirmou ainda a existência do que chama de fatores. internos em número de quatro. São eles:

| FATORES                         | SIGNIFICADOS                                                                                                                                                                                                                | SÍMBOLOS                     |
|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| 1. Ego ideal .....              | Conjunto de imagens representando. Indivíduo (ou um modelo aceito por ele) tendo êxitos notáveis. Níveis elevados de aspiração. É a manifestação da <i>N. Acab.</i> , latente ou insatisfeita.                              | <i>E. I</i>                  |
| 2. Narcisismo<br>Superego ..... | Amor de si mesmo sob qualquer forma. Consciência. Imagens inibidoras e punitivas representativas da autoridade parental, social ou religiosa. A sua ação pode ser plácida ou conflitiva.                                    | <i>Nar.</i><br><i>S. E..</i> |
| 3. Superego<br>integrado .....  | Situação na qual os imperativos da Consciência São aceitos pelo Ego., a tal ponto que a pessoa quer o obrigatório.                                                                                                          | <i>S. E. I.</i>              |
| 4. Superego<br>conflitivo ..... | Situação na qual o Superego entra em conflito com os impulsos associais e traduz-se em crises de Consciência, complexo de culpa, remorsos, ansiedade, impulsos obsessivos, em corrigir-se, depressões, sintomas neuróticos. | <i>S. E. C.</i>              |

Parece que a *N. Ev. Vex.* está coberta por estas duas últimas variáveis Além das trinta e duas variáveis, Murray estudou mais doze traços que iremos expor a seguir:

| TRAÇOS                                   | SIGNIFICADOS                                                                                                                                                                       | SÍMBOLOS           |
|------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| Ansiedade .....                          | Timidez, apreensão, tormento                                                                                                                                                       | <i>Ans.</i>        |
| Criatividade .....                       | Capacidade de produzir e inventar idéias originais, métodos novos, novas hipóteses e explicações; compor obras de valor artístico                                                  | <i>Cre.</i>        |
| Conjuntividade –<br>Disjuntividade ..... | Coordenação ou descoordenação da ação e do pensamento; coordenação ou descoordenação da conduta e das tendências; capacidade ou incapacidade de dar estrutura coerente a sua vida. | <i>Conj. Disj.</i> |
| Emotividade .....                        | Grau de emoção, de afeição e de excitação do sistema autônomo, tal como elação, raiva, medo, vergonha, etc. O contrário é a placidez.                                              | <i>Emo.</i>        |
| Tenacidade .....                         | Persistência e perseverança do esforço ou de tendência comportamental.                                                                                                             | <i>Tem.</i>        |

| TRAÇOS                                                 | SIGNIFICADOS                                                                                                                                                                                                           | SÍMBOLOS        |
|--------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| Exocatexia-<br>Endocatexia.....                        | EXOCATEXIA: Catexia positiva, ação prática e dos empreendimentos em cooperação. Preocupação por todos os acontecimentos exteriores                                                                                     | <i>Exo.</i>     |
|                                                        | ENDOCATEXIA: Catexia positiva do pensamento e da emoção. Preocupações por atividades interiores, tais como sentimentos, fantasias, generalizações, reflexões teóricas, idéias religiosas. Afastamento da vida prática. | <i>Endo.</i>    |
| Intracépção-<br>Extracépção .....                      | INTRACEPÇÃO: Predomínio dos sentimentos e das fantasias. Perspectiva humana imaginativa e subjetiva. Ação romântica.                                                                                                   | <i>Intra.</i>   |
|                                                        | EXTRACEPÇÃO: Gosto de contato com a realidade; atitude céptica; gosto por resultados tangíveis ou mecânicos. atitude céptica.                                                                                          | <i>Extra.</i>   |
| Impulsão –<br>Deliberação .....                        | Impulsão: Tendência a agir rapidamente e sem reflexão; decisões intuitivas ou emotivas; incapacidade de inibir um impulso.                                                                                             | <i>Imp.</i>     |
|                                                        | DELIBERAÇÃO: Inibição e reflexão antes da ação.                                                                                                                                                                        | <i>Delib.</i>   |
| Intensidade .....                                      | Potência do esforço; ardor na expressão das opiniões.                                                                                                                                                                  | <i>Int.</i>     |
| Projetividade-<br>Objetividade .....                   | PROJETIVIDADE: Disposição em projetar inconscientemente seus próprios sentimentos, Emoções e necessidades. Manter crenças nascidas do próprio desejo ou provocadas pela angústia.                                      | <i>Proj.</i>    |
|                                                        | OBJETIVIDADE: Disposição para julgar os outros e a si mesmo de maneira desinteressada; realismo psicológico.                                                                                                           | <i>Obj.</i>     |
| Sentimentos<br>r a d i c a i s e<br>conservadores..... | SENTIMENTOS RADICAIS: Criação, promulgação ou defesa de idéias, sentimentos, teorias novas, discutíveis ou opostas à tradição.                                                                                         | <i>St. rad.</i> |
|                                                        | SENTIMENTOS CONSERVADORES: Manter pontos de vista convencionais; rejeição de novas idéias.                                                                                                                             | <i>St. con.</i> |
| 12. Uniformidade-de-<br>mudança .....                  | UNIFORMIDADE: Consistência da conduta; rigidez de hábitos, uniformidade; aderência a certos lugares, determinada gente ou modo de conduta.                                                                             | <i>Un.</i>      |
|                                                        | MUDANÇA: Tendência a caminhar, a não se submeter a hábitos fixos a procurar novos amigos e a adotar novas modas; mudar de interesses e profissão. Instabilidade.                                                       | <i>Mud.</i>     |



Murray e seus colaboradores, após terem estudado as inter-correlações entre as variáveis, indicaram os agrupamentos plausíveis e descreveram as interações possíveis.

Murray insistiu sobre a necessidade de se estudarem as variáveis da personalidade, não somente em função dessas interações, mas, ainda, dos acontecimentos da infância e da catexia de cada idéia, objeto ou pessoa; quer dizer, do seu próprio sistema de valores e nível de aspirações, que deverão ser postos em paralelo com as diferentes capacidades reais.

A diferenciação das variáveis pode dar a impressão de uma atomização e desarticulação da personalidade. Os estudos de Murray, porém, pelo contrário, tendem a explicar a personalidade através da *integração* das diversas variáveis num conjunto harmoniosamente *unificado*, em vista da realização das aspirações e objetivos individuais. Trata-se de um estudo científico exaustivo, em que foram utilizados os três métodos indicados no início deste curso, a saber: o das variáveis, o clínico e o estatístico.

**CONCLUSÃO.** – Como se vê é ainda muito difícil definir quais as dimensões da personalidade, pois, enquanto certos autores, como Sheldon e Eysenck, chegam à conclusão da existência de três grandes fatores, outros, como Murray, descobriram dezenas de variáveis e fatores diferentes.

É interessante notar que muitas das variáveis analisadas por Cattell e Murray se encontram como traços ou fatores integrantes e característicos das dicotomias. Só experiências e estudos de intercorrelação entre os diferentes sistemas e métodos poderão esclarecer quais as semelhanças e quais as diferenças entre os resultados obtidos pelos vários pesquisadores.

Cada uma das variáveis descritas poderia ser objeto de estudo especial. Iremos, mais adiante, expor as *experiências* realizadas sobre a Variável a respeito da qual já existem estudos clássicos e importantes resultados, de validade relativamente segura, a saber: a emotividade e as emoções.

### **§ 3. Estudo das Emoções e da Emotividade**

**O problema do estudo das emoções e da emotividade.** - A emoção é um fenômeno que se dá em cada um de nós. Fenômeno normal, porém, de natureza muito complexa.

Os primeiros autores que tentaram estudar as Emoções, como W. James, afirmaram que a emoção é a consciência que temos das modificações orgânicas que se produzem após a percepção de um estímulo de natureza afetiva. Estudar as Emoções consistiria em procurar as relações existentes entre essa consciência e as modificações corporais.

Outros autores definem as emoções partindo das próprias reações corporais, e não mais do fenômeno consciência. Contudo, duas emoções diferentes, o medo e a alegria, podem, quando não se traduzem as reações faciais, ser caracterizadas por modificações corporais idênticas; por exemplo, o aumento das pulsações cardíacas. Por isso, foi necessário também incluir os estímulos no estudo das emoções . Estudar as emoções consiste, então, em analisar tanto as causas como os efeitos, procurando reconstituir o mecanismo de um fenômeno global chamado emoção. Em outras palavras, podemos distinguir:

- 1º) Os estímulos e a excitação periférica.
- 2º) A transmissão central. Os sistemas sinápticos conduzindo à excitação central. Os centros de excitação.
- 3º) Os órgãos de reação. As reações.
- 4º) Os nervos sensitivos adutores e a transmissão central das excitações provocadas pelas diversas reações.

À psicologia Fisiológica cabe estudar os mecanismos de transmissão nervosa das estimulações e reações.

À psicologia Experimental cabe estudar:

- 1) os estímulos.
- 2) as reações emotivas.

Procedendo assim, a Psicologia Experimental tentou resolver os seguintes problemas:

- 1º) Existe um só fenômeno emotivo ou existem vários tipos de emoções, e, neste caso, quais são? Existem reações emotivas específicas ou todas as reações são difusas?
- 2º) Como medir a emotividade? Existem diferenças individuais na emotividade? Existem tipos emotivos?
- 3º) Quais as correlações entre a emotividade e os outros traços de personalidade?
- 4º) Como se formam as Emoções ? Qual a sua origem?

Iremos, em primeiro lugar, expor as diferentes técnicas de estimulação e de detecção das reações.

**Os estímulos experimentais.** – Os *processos de estimulação* são os mais diversos possíveis. Costumamos classificá-los da seguinte forma:

#### 1º) ESTÍMULOS EXTERNOS

Os que são apresentados aos indivíduos no seu campo exteroceptivo. Podemos distinguir:

- a) Os *estímulos sensoriais*, como ruídos repentinos, buzinas, sensações luminosas, tácteis, térmicas, dolorosas, álgicas.
- b) Os *estímulos representativos* como filmes, palavras indutoras, imagens, manchas de tinta, atitudes intimidadoras (*"Scolding-technique"*).

Esses dois subgrupos podem ser subdivididos segundo o órgão receptor (visual, auditivo, etc.).

#### 2º) ESTÍMULOS INTERNOS

- a) Aparecimento de conteúdos mentais nos estados de hipnose, de narcose ou nas sessões de Psicanálise.
- b) Alucinações em estados psicopatológicos.
- c) Administração de hormônios tireoidianos, supra-renais, sexuais, etc., ou extração dos mesmos.
- d) Estimulações centrais hipotalâmicas por meios mecânicos, físicos e químicos.

**As técnicas de detecção das reações emotivas.** – Os processos de investigação das reações emotivas podem ser classificados em três grandes grupos, segundo a função onde se dá a reação: neurovegetativa, neuromuscular ou intelectual.

### 1º) REAÇÕES EMOTIVAS NA ESFERA NEUROVEGETATIVA

#### a) *Registro das reações no aparelho circulatório*

O *pletismógrafo* registra as variações de pressão das diferentes partes do corpo, devido às variações da pressão dos capilares.

O *esfigmógrafo* e o *esfigmomamômetro* permitem seguir as variações da velocidade, da amplitude e da forma do ritmo cardíaco, através das suas pulsações.

#### b) *Registro das reações respiratórias:*

O *pneumógrafo* permite registrar as mudanças no ritmo da respiração.

#### c) *Registro das reações glandulares.*

O reflexo *psicogalvânico* ou *electrocutâneo*, de natureza sudorípara e de comando hipotalâmico, pode ser registrado através de *galvanômetro* extremamente sensível.

### 2º) REAÇÕES NA ESFERA NEUROMUSCULAR

A técnica de Lúria consiste em pedir ao examinando para apoiar-se num botão, ligado a um *quimógrafo*, enquanto está sendo submetido a estímulos emocionais (palavras indutoras, por exemplo), sob influências dos quais aumenta a pressão da pessoa ou a pessoa mesma se esqueça do movimento.

O *ergógrafo*, normalmente utilizado para estudo da fatigabilidade muscular, permite também estudar a influência de estímulos emocionais sobre o esforço muscular. É o caso também do *dinamógrafo* e do *dinamômetro*.

### 3º) REAÇÕES NA ESFERA INTELECTUAL

A atividade intelectual pode ser profundamente perturbada por estímulos de natureza emocional. Há, por exemplo, no teste de Rorschach, diminuição do número de respostas.

As perturbações da *atividade verbal* podem ser observadas através do *aumento do tempo de reação verbal*, no teste de Rorschach, nas respostas às lâminas do

“afetivo-diagnóstico” ou no “*Thematic Aperception Test*”, nas associações de idéias, segundo a técnica de Jung.

O *rendimento mnésico* acentua perturbações, quando existe heterogeneidade marcante nos resultados de diversas provas de memorização.

Nos testes chamados de “atenção”, vários sinais podem ser interpretados como sendo de perturbação emocional. No teste de Toulouse-Piéron (cancelamento de sinais), nota-se uma queda da qualidade e da rapidez, assim como uma inversão na direção dos traços. No teste de “atenção difusa”, de Lahy, nota-se aumento dos erros, sob influência de filmes ou de toques de buzina.

A *percepção* pode ser perturbada notando-se no teste de Rorschach a ausência de interpretação colorida; “refúgio” nas interpretações do branco e do matizado; interpretação de detalhes insignificantes e de detalhes de elementos geralmente interpretados como um todo.

Estudaremos a seguir os resultados das principais *experiências* realizadas no campo das emoções e da emotividade.

## RESULTADOS EXPERIMENTAIS

**As modificações corporais nas emoções.** – Numerosos autores procuraram diferenciar as emoções comparando as suas manifestações fisiológicas entre si. Dumas, por exemplo, estudando as *combustões orgânicas* na alegria e na tristeza, encontrou os seguintes resultados:

|           |                                      |
|-----------|--------------------------------------|
| Alegria:  | 350 cc CO <sup>2</sup> por hora e kg |
| Normal:   | 150 cc CO <sup>2</sup> por hora e kg |
| Tristeza: | 110 cc CO <sup>2</sup> por hora e kg |

O mesmo autor, estudando as reações *dinamométricas* com o aparelho de Regnier, evidenciou as seguintes diferenças:

|                      | HOMENS | MULHERES |
|----------------------|--------|----------|
| <b>Estado normal</b> | 45kg   | 30 kg    |
| <b>Cólera</b>        | 58     | 40       |

|                            |    |    |
|----------------------------|----|----|
| <b>Depressão</b>           | 20 | 14 |
| <b>Melancolia dolorosa</b> | 25 | 16 |

As *reações respiratórias* foram objeto de numerosos estudos, cujos resultados podemos resumir da seguinte forma: os estímulos agradáveis ou desagradáveis aumentam, em geral, a rapidez respiratória. Os estímulos bruscos fazem parar a respiração.

Woodworth, através de um estudo bibliográfico das experiências realizadas sobre a “fração I” (tempo de inspiração dividido pelo tempo total do ciclo respiratório), enumera os seguintes resultados:

|                        |      |
|------------------------|------|
| Linguagem falada ..... | 0,16 |
| Riso .....             | 0,23 |
| Excitação.....         | 0,60 |
| Espanto .....          | 0,71 |
| Medo repentino .....   | 0,75 |

A experiência de Blatz, no domínio das *modificações circulatórias*, é bem ilustrativa (citado por Woodworth). O indivíduo, sentado numa cadeira com truque, é repentinamente jogado para trás, como se a cadeira se estivesse quebrando. Em 21 indivíduos, o pulso passou de 84 a 104.

Repetindo a experiência com as mesmas pessoas, Bentz notou um fenômeno de antecipação, pois o pulso aumentava antes de cair a cadeira.

A excitação também aumenta a circulação. Eis, por exemplo, dados citados por Woodworth, das experiências de Brown e Van Gelder, os quais tiraram os índices da pressão sanguínea e do pulso antes e depois de um exame de Psicologia:

|                            | <b>ANTES DO EXAME</b> | <b>DEPOIS DO EXAME</b> |
|----------------------------|-----------------------|------------------------|
| <b>Pressão sistólica .</b> | 15mm                  | 2mm                    |
| <b>Pulso .....</b>         | 25 puls.              | 5 puls.                |

O *reflexo electrocutâneo* ou *psicogalvânico* é o fenômeno mais estudado no domínio das Emoções, pois é considerado como especificamente de natureza emocional, conforme mostra o estudo bibliográfico de Landis, no qual quarenta autores sobre cinquenta concluem o significado emocional do reflexo.

O reflexo se traduz pelo desvio da agulha de um galvanômetro (microamperímetro) ligado à pessoa por meio de eléctrodos, sendo que uma corrente de 4,5 volts atravessa o corpo da pessoa; leves variações de sudação provocam diminuição da resistência da pele e, por conseguinte, desvio da agulha. O reflexo só aparece depois de três a cinco segundos do estímulo; esse período é chamado “tempo de latência”.

Qualquer estímulo de natureza afetiva para o indivíduo provoca o reflexo electrocutâneo.

Alguns autores conseguiram reflexos electrocutâneos condicionados. O R.E.C. é sujeito ao *fenômeno de habituação*. Nas nossas experiências sobre o “afetivo-diagnóstico”, a média das reações obtidas num primeiro grupo de estímulos e num segundo grupo de estímulos foi a seguinte (para um grupo Brasileiro e outro grupo examinado por nós na Europa):

|                       | GRUPO FRANCO-SUIÇO |          | GRUPO BRASILEIRO |          |
|-----------------------|--------------------|----------|------------------|----------|
|                       | HOMENS             | MULHERES | HOMENS           | MULHERES |
| <b>Primeira parte</b> | 43                 | 65       | 64               | 83       |
| <b>Segunda parte</b>  | 36                 | 50       | 47               | 72       |

Como se vê, em todos os grupos, a segunda parte provoca menos reações que a primeira parte. Outros autores estão também descrevendo o mesmo fenômeno.

Segundo Landis e Hunt, a amplitude média do desvio do galvanômetro seria a maior nos estados de tensão, no sobressalto, na surpresa e no medo.

Patterson encontrou uma correlação, variando de 0,53 a 0,88, entre a intensidade da emoção e a intensidade do desvio da agulha. Nas nossas experiências com o “afetivo-diagnóstico”, encontramos correlações de 0,78 e 0,68, entre o número de reações electrocutâneas e a auto-estimação das pessoas (20) sobre a sua emotividade. Esses resultados também estão a favor da *validade* do reflexo electrocutâneo como *medida* da emoção.

**A medida da carga afetiva dos estímulos.** — Com o nosso “afetivo-diagnóstico”, mostramos ser possível medir objetivamente a carga afetiva de qualquer

estímulo, através da percentagem de reações dadas por determinado grupo de indivíduos ao mesmo estímulo. Eis, por exemplo, os resultados encontrados no Brasil com 236 pessoas, diante de algumas palavras estímulo:

| PALAVRA      | HOMENS    | MULHERES  |
|--------------|-----------|-----------|
|              | % REAÇÕES | % REAÇÕES |
| Noite .....  | 79        | 92        |
| Prazer ..... | 67        | 77        |
| Pais .....   | 67        | 92        |
| Roubar.....  | 62        | 85        |

O mesmo processo foi utilizado por nós para estudar a carga afetiva de imagens, cores, formas e mesmo de peças de teatro.

**Correlação entre reações emotivas de mesma natureza e estímulos diferentes.** – Problema interessante a resolver é o de saber se existem pessoas mais sensíveis a estímulos de certa natureza; se existem tipos de emotivos visuais e auditivos, por exemplo; tentamos, através das nossas experiências com o “afetivo-diagnóstico”, mostrar como era possível resolver esse problema: calculamos, por exemplo, a correlação, para as mesmas pessoas, entre o número das suas reações electrocutâneas, imagens e palavras tomadas como estímulos. Eis os resultados encontrados sobre grupos de vinte europeus e cento e cinquenta e dos brasileiros:

Europa ..... 0,89  
 Brasil ..... 0,73

Esses resultados, equivalentes a milhares de quilômetros de distância, mostram que, se há um fator comum entre os estímulos, o qual pode ser interpretado como de natureza afetiva, existem igualmente indivíduos que têm tendência a ser mais sensíveis a estímulos de natureza visual ou auditiva.

**Correlação entre reações diferentes ao mesmo estímulo.** – Há muito tempo que os psicólogos discutem entre si para saber se a emoção é um fenômeno que atinge a todo o organismo, conforme a descrição de Dupré, ou se existem tipos emotivos



diferentes; mostramos ser possível resolver esse problema, procurando comparar entre si as reações diferentes do mesmo tipo de estímulo.

No nosso “afetivo-diagnóstico”, mostramos, por exemplo, qual a correlação entre as reações exclamativas e o reflexo psicogalvânico: examinando quatrocentos e cinquenta e oito respostas, encontramos 97% de exclamações acompanhadas de reação electrocutânea. Procuramos também qual a correlação entre os fenômenos emotivos de inibição e o reflexo psicogalvânico; eis os resultados encontrados (percentagem de inibições acompanhadas de reação electrocutânea):

| IMAGENS |     | ASSOCIAÇÕES |     |
|---------|-----|-------------|-----|
| Europa  | 42% | Europa      | 50% |
| Brasil  | 50% | Brasil      | 62% |

Esses resultados estão confirmados pelo fato de as correlações entre o tempo de reação verbal e o número de reações psicogalvânicas variarem entre  $-0,02$  e  $+0,07$ , e mostram que a coexistência de inibição e reação electrocutânea está sujeita à influência do acaso, ou que existe em casos especiais, cuja natureza nos é ainda desconhecida.

Segundo Landis, o reflexo psicogalvânico em crianças seria fraco, quando as crianças choram ou gritam.

Como se vê, há ainda muito que pesquisar quanto ao problema da coexistência de reações emotivas de natureza diferente.

**O problema da medida da emotividade.** — O problema da medida da emotividade está intimamente ligado ao problema anterior, quer dizer, ao saber se existe um ou vários tipos de emoção e, por conseguinte, de emotividade; se existe só um tipo difuso de emoção, neste caso, pode-se medir a emotividade através de qualquer tipo de reação emotiva; no caso contrário, será necessário medir cada tipo de emotividade, através de cada espécie de reação emotiva. Como não se conhece ainda bem esse problema, só se lhe podem dar soluções parciais.

Através do nosso “afetivo-diagnóstico”, mostramos qual a metodologia que pode ser utilizada para medir a ou as emotividades; tratamos o problema tal como o da medida da inteligência; da mesma forma que se procura o número de respostas certas a determinado número de problemas ou perguntas, procura-se o número de estímulos afetivos, aos quais a pessoa apresentou reações emotivas. Utilizando o reflexo psicogalvânico, mostramos que a emotividade psicogalvânica tinha a mesma distribuição de freqüência que a inteligência, quer dizer, uma representação gráfica gaussiana. Conseguimos assim construir no Brasil escala da emotividade, através do reflexo psicogalvânico, conforme mostramos a seguir:

|                      |   |    |    |    |     |
|----------------------|---|----|----|----|-----|
| <i>Percentis</i>     | 0 | 25 | 50 | 75 | 100 |
| <i>Nº de reações</i> | 2 | 17 | 22 | 27 | 37  |

Quem reagiu a mais de 22 estímulos está acima da média; quem reagiu a menos de 22 estímulos está abaixo da média.

**Linguagem e emoção.** — Já vimos que é possível medir a carga afetiva de palavras, e demos alguns exemplos. Além disso, através do nosso “afetivo-diagnóstico”, mostramos ser possível estudar o valor emotivo das formas de linguagem, através da percentagem de reações emotivas que as acompanham. Damos, a seguir, os resultados encontrados para diferentes formas de respostas ao teste:

| RESPOSTAS        | % DE REAÇÕES ELETROCUTÂNEAS |
|------------------|-----------------------------|
| <b>Objetiva</b>  | 58%                         |
| <b>Subjetiva</b> | 74%                         |

Entre as respostas subjetivas distinguimos:

| RESPOSTAS SUBJETIVAS          | % DE REAÇÕES ELETROCUTÂNEAS |
|-------------------------------|-----------------------------|
| <b>Qualificativas</b>         | 50                          |
| <b>Simbólicas</b>             | 58                          |
| <b>Estéticas</b>              | 71                          |
| <b>Associativas</b>           | 75                          |
| <b>Interrogativas</b>         | 81                          |
| <b>Observações e críticas</b> | 83                          |
| <b>Afetivas exclamativas</b>  | 97                          |

Como se vê, a percentagem de reações E.C. aumenta com o valor afetivo a *priori* da forma de linguagem. As interrogações e Observações já eram consideradas por Jung como índices de um complexo, como uma fuga e evasão da resposta pedida.

**Diferenças entre os sexos.** — Com o nosso “afetivo-diagnóstico”, colocamos em evidência diferenças apreciáveis para as reações exclamativas, conforme o seguinte resultado:

| RESPOSTAS EXCLAMATIVAS  | HOMENS | MULHERES |
|-------------------------|--------|----------|
| <b>Grupo europeu</b>    | 21%    | 54%      |
| <b>Grupo brasileiro</b> | 33%    | 50%      |

Não foi possível, porém, evidenciar a mesma superioridade das mulheres para as reações electrocutâneas e as inibições, embora haja entre as mulheres tendência para apresentarem maior percentagem de reações electrocutâneas à maioria dos estímulos.

**Emoções “condicionadas”.** — Darrow e Heath (citados por Woodworth) mostraram, com o reflexo psicogalvânico, que era possível criar reflexos emocionais condicionados; combinando choques fortes com o toque de um instrumento, os indivíduos, após algumas repetições, reagem só ao instrumento; outros autores conseguiram resultados idênticos com luzes.

Massermann mostrou que não é possível conseguir reações emotivas condicionadas, através da estimulação direta do hipotálamo em cachorros.

**Os resultados da análise fatorial.** — Como já vimos, a maioria dos autores encontraram o fator emocional (Boll, Murray, Burt, Guilford, Reyburn e Taylor). Ferguson, examinando as quintuplas canadenses, as Dionnes, encontrou dois fatores emocionais diferentes, um de agressividade e outro de medo. A existência de um fator emocional geral e de “subfatores” específicos está, porém, ainda para ser demonstrada, no plano psico-estatístico.

## SEGUNDA PARTE

### ***Os Campos de Aplicação da Psicologia***

#### **CAPÍTULO 1: O Trabalho Humano**

Como mostrou o nosso mestre Léon Walther, a Psicologia, quando aplicada ao trabalho humano, pode tomar três aspectos diferentes quanto ao campo da sua Aplicação.

- 1º) *A Adaptação do homem ao trabalho*, pela orientação profissional dos adolescentes, pelos conselhos profissionais no reajustamento profissional dos adultos e pela seleção profissional na admissão ao emprego.
- 2º) *A Adaptação do trabalho ao homem*, pela modificação dos ambientes, dos instrumentos e dos métodos de trabalho.
- 3º) *A Adaptação do homem ao homem*, pelas relações humanas.

Visa a Psicologia Aplicada a aumentar a produtividade coletiva pela melhoria do bem-estar individual.

A Adaptação do homem ao trabalho toma às vezes o nome de *Psicologia Subjetiva*, enquanto que a Adaptação do trabalho ao homem se denomina *Psicologia Objetiva*.

Começaremos a tratar da Adaptação do homem ao trabalho.

#### **§ 1. *A Adaptação do Homem ao Trabalho Pela Orientação e Seleção Profissional***

A história da evolução da Adaptação do homem ao trabalho pode ser dividida em três etapas:

- 1) a dos *critérios tradicionais*
- 2) a dos *critérios empíricos*

3) a dos *critérios científicos*.

**Crítérios tradicionais.** — A primeira etapa, a dos *critérios tradicionais*, vai ser encontrada na Idade Antiga, entre gregos e romanos, e na Idade Média, quando o feudalismo era dominante. Nessa época, as profissões eram transmitidas de pai a filho, isto é, hereditariamente. Essa tradição pressupõe, como mostra Poyer, a crença numa herança Psicológica, que tem como raiz filogenética a transmissão da organização totêmica e o parentesco místico.

O próprio Platão, que já tinha idéias avançadas sobre a divisão do trabalho, não escapava à pressão da tradição, pois recomendava nas *Leis* a distribuição das ocupações da indústria e do comércio aos escravos e aos estrangeiros. Entretanto, Platão pode ser considerado como precursor da segunda etapa, porque recomendava a divisão da sociedade em *três* classes, correspondentes às faculdades dos indivíduos:

- 1) A *classe filosófica*, na qual predominam os homens cujas faculdades intelectuais São desenvolvidas, cabendo-lhes a procura do conhecimento e a direção da sociedade, aproveitando a virtude e a sabedoria.
- 2) A *classe militar*, constituída por homens fortes, apaixonados, que se deveriam consagrar à guerra, protegendo e defendendo a sociedade sob a direção da primeira classe.
- 3) A *classe dos artífices*, composta de homens que prestavam obediência absoluta às outras duas classes, ocupando-se do comércio e dos ofícios.

A filiação a essas classes não deveria ser determinada por um espírito de casta e sim por intermédio de um sistema educativo, que descobriria e desenvolveria as qualidades dos indivíduos, para integrá-los na classe a que a natureza os destinara. Dessa forma, seria conseguida a justiça social.

A etapa tradicionalista se prolonga no regime feudal, em que, como se sabe, se encontravam duas classes distintas: os possuidores de feudos, ou terras nobres, constituindo a nobreza, e os camponeses, que trabalhavam nos domínios senhoriais. Entre eles, distinguem-se os camponeses descendentes de colonos e os descendentes de escravos, chamados também os servos da gleba. Tanto a primeira como a segunda classes eram de caráter nitidamente hereditário.

Como se vê, muito tempo se passou até que as idéias de Platão pudessem ser realizadas.

**Critérios empíricos.** — A segunda etapa, a dos *critérios empíricos*, apareceu sob influência de dois fatores principais, que colocaram em relevo a necessidade da Orientação Profissional.

1º) *A Revolução Francesa suprimiu os privilégios*

As aptidões, antigamente inutilizadas, podem ser melhor aproveitadas, porque o homem é livre na escolha da sua profissão. Convém notar, porém, que, apesar da supressão dos privilégios, certas profissões se transmitem de pais a filhos. É o caso das famílias de relojoeiros na Suíça, dos ceramistas em Portugal e França, constituindo esta última profissão um segredo a ser transmitido dentro da família.

Neste caso, o aparecimento da etapa empírica não coincide com o completo desaparecimento dos critérios tradicionalistas, mas com a continuação destes.

2º) *O desenvolvimento da técnica e do maquinismo provocou a divisão do trabalho e um aumento considerável do número das ocupações.*

Como consequência desses dois fatores, o indivíduo tem plena liberdade na escolha de sua ocupação. Como, porém, é grande o número de profissões, então lança ele mão de diversos caminhos para abraçá-las.

Pode continuar a tradição familiar, tal como no caso das famílias de relojoeiros e ceramistas, conhecendo-se também famílias de juristas, médicos e negociantes, sem mencionar as famílias reais; podemos lembrar que, até hoje, o decapitador em França, chamado Monsieur de Paris, recebe esta incumbência, por tradição, de seu pai, desde a Revolução Francesa.

Apesar da supressão dos privilégios, que caracterizou a etapa dos critérios tradicionalistas subsistem até hoje rastros dessa época, sob a forma acima descrita. Muitos são os pais que impõem a seus filhos o caminho a seguir, às vezes contra a vontade destes. Felizmente, encontram-se pais que lhes deixam a livre escolha, segundo suas aspirações.

O desenvolvimento da escolaridade e sua obrigatoriedade tiveram grande repercussão na distribuição dos indivíduos em função das suas aptidões. Com efeito, a escola é, ou deveria ser, um crivo natural para ingresso nas carreiras universitárias, mantendo nas ocupações, com tarefas simples e automáticas, os menos dotados.

O professor também é freqüentemente chamado a dar conselhos de orientação profissional, ora aos pais, ora aos próprios alunos. O fato de ter observado seus alunos durante um ou vários anos e conhecer-lhes as qualidades e defeitos, através de observação quotidiana, de exames e provas, parece justificar essa maneira de agir.

Com o tempo, a escolha das ocupações em função da tradição, dos conselhos dos professores, da vontade dos pais, ou das aspirações e decisão pessoal dos indivíduos, se revelou insuficiente pelas seguintes razões:

1ª) **A TRADIÇÃO.** Como Vimos anteriormente, a orientação profissional através de tradições familiares pressupõe a hereditariedade psicológica. Ora, sabemos hoje que a hereditariedade das aptidões deve ser considerada apenas como submetidas às leis de probabilidades, variando a percentagem de transmissão pais-filhos em função das aptidões consideradas. Currie Outhit (1933), R. Cattell e J. L. Wilson (1938) mostraram que a correlação dos resultados nos testes de inteligência entre os pais e os filhos varia de 0,80 a 0,84, o que quer dizer que a correlação pode ser considerada como existente, mas não é absoluta.

Segundo Fisher e Piéron, a influência da hereditariedade no nível mental dos indivíduos pode ser considerada de 80% pelo menos. Percentagens idênticas foram encontradas para as aptidões musicais. As correlações encontradas por vários autores para outras aptidões são, em geral, muito mais baixas. Por isso, não é de surpreender que muitos indivíduos que escolheram a profissão dos pais por imitação, tradição ou obrigação, tivessem fracassado ulteriormente.

De outro lado, muitos pais escolheram para seus filhos a ocupação na qual eles mesmos fracassariam por inadaptação, guardando recalcada sua aspiração, e querendo realizá-la nos seus filhos.

2ª) **A OPINIÃO DOS PROFESSORES.** É bem verdade que os professores podem ter uma opinião mais objetiva que os pais a respeito de seus alunos; porém, as turmas

numerosas, a divisão do trabalho entre os professores, tendo como resultado a diminuição de tempo consagrado aos alunos, a coletivização do ensino, têm como consequência o afastamento do professor do aluno. Na maioria dos casos, o professor só pode externar uma opinião certa e autorizada no caso de alunos cujas aptidões se destacam com tal evidência que lhe atraíam a atenção pelo comportamento ou pelas notas.

**3ª) AS ASPIRAÇÕES INDIVIDUAIS.** Muitos indivíduos, apesar de livremente escolher sua ocupação, fracassam porque suas tendências não acharam uma correspondência proporcional nas suas aptidões. É o caso, por exemplo, de indivíduos infradotados, exercendo cargos acima de suas possibilidades.

O aumento desses fracassos, assim como o desenvolvimento das doenças profissionais, físicas e mentais, proporcional à diversificação das ocupações, levou muitos autores a procurar outras soluções para o problema de orientação profissional, pondo em destaque a necessidade de:

1º) *conhecer o indivíduo*

2º) *conhecer as ocupações,*

devendo-se atingir esses dois objetivos por processos científicos, entrando-se assim na etapa dos critérios científicos.

É interessante notar que, já em 1575, o médico espanhol Juan Huarteres, no seu *Examen de ingenios para las ciencias*, pergunta: “Qual o gênero de gênios que se pode distinguir e quais os ramos da ciência que melhor lhes correspondem? Achava o autor que era importante a prevenção dos erros na escolha da profissão. O governo deveria encarregar sábios de determinar nos rapazes as disposições para as diferentes ciências. Os homens se diferenciam entre si pela “*imaginación, la memoria y lo entendimiento*”. Seu trabalho foi até a sistematização das profissões segundo as suas exigências psicológicas. Aquelas que precisavam da memória seriam, segundo ele, as línguas, a jurisprudência, a medicina teórica, a teologia positiva, a geografia e as ciências matemáticas. As artes e as ciências que exigem “entendimento” seriam a teologia, a escolástica, a medicina teórica, a dialética, a filosofia e a moral, a jurisprudência aplicada e a advocacia. Para “imaginación”, a poesia, a eloquência, a



arquitetura, a astrologia, a arte de governar, a arte da guerra, da pintura, do desenho, da leitura e da escrita.

Segundo Walther, esse autor foi o primeiro a tentar uma classificação das profissões.

**Critérios científicos.** — A terceira etapa, a dos *critérios científicos*, caracteriza a época moderna, na qual a orientação e a seleção profissional científica se estão desenvolvendo a passos largos. Dois fatores vieram contribuir grandemente para isto:

- 1º) *A divisão e a racionalização do trabalho, sob influência de Taylor, Ford, Fayol, etc.*
- 2º) *Por outro lado, o desenvolvimento da Psicologia científica e da Psicotécnica, como Aplicação da Psicologia Experimental e da Psicofisiologia à Resolução dos problemas humanos, sob influência de Munsterberg, Piéron, Claparède,. Wallon, Fryers, Cattell, Walther, etc., e, mais particularmente no Brasil, Maurício de Medeiros, Lourenço Filho, Ulisses Pernambucano, Noemy da Silveira Rudolfer, Jacir Maia, Leme Lopes, Otávio Martins, Newton Campos, Rubens Marcial, Helena Antipoff, R. Mange, Betty Katzenstein, Walter Barioni, Mira y Lopez, Isaías Alves, Sílvio Rabelo, Otávio de Freitas Júnior, Anita Pais Barreto e outros.*

Na Alemanha, foram criados os primeiros serviços científicos de orientação profissional. Em Munique, em 1895, a colocação em aprendizagem já era baseada num inquérito cujos dados são fornecidos pelos pais e professores. Em 1916, criou-se um verdadeiro “*bureau*” de orientação profissional que, em 1938, orientou um milhão e cento e oitenta e quatro mil aprendizes dos dois sexos.

Na França, a 17 de março de 1913, foi nomeada, por decreto,. uma comissão composta de Fontaigne, Lahy e Piéron; esses cientistas foram encarregados de fazer estudos relativos à Psicologia do trabalho e aptidões profissionais. Depois de ter sido criado e organizado o ensino técnico, pela Lei Astier, de 1919, começaram a aparecer serviços de Orientação profissional. Em 1928 foi criado, em Paris, o Instituto Nacional de Orientação Profissional,. cuja tarefa essencial é formar conselheiros. O decreto-lei de 24 de maio de 1938 tornou obrigatória a orientação profissional para todas as crianças de menos de 17 anos que queiram ingressar em uma carreira industrial ou comercial. Outro decreto-lei, de 1939,. deu estrutura administrativa à organização da orientação profissional, de tal forma que, desde 1931, 200000 crianças podem ser orientadas anualmente.

Na Bélgica, a orientação profissional foi regulamentada em dezembro de 1928.

Existem institutos em Madri e em Barcelona, este último tendo sido criado pelo professor Mira y Lopez, em 1919.

Na Inglaterra, fora do Instituto de Psicologia Industrial, a Orientação profissional está sendo feita por serviços subordinados ao governo.

Na Itália, desde 1938, a formação de técnicos está sendo feita em Turim, assim como no Instituto de Psicologia Experimental, de Roma.

Sob o impulso de Claparède, Léon Walther, Baumgarten, Meili, Rey, a Orientação profissional se desenvolveu muito na Suíça, país que pode ser considerado como um dos seus berços. Lá encontramos o Instituto Psicotécnico de Lausanne e de Berna. Genebra possui o famoso Instituto Jean-Jacques Rousseau, assim como um Serviço de Orientação Profissional para as escolas, dirigido pelo Dr. Heinis.

Em Portugal, encontramos o Instituto de Orientação Profissional, de Lisboa, funcionando desde 1925.

Nos Estados Unidos da América do Norte, o primeiro ensaio foi feito na Central High School, de Detroit, em 1898. A orientação profissional, desde 1920, é obrigatória no Estado de Nova Iorque. Em todos os Estados existem, atualmente, serviços de orientação, junto aos serviços públicos de colocação. O U.S. Bureau of Education assinala que, em 1942, existiam 1662 conselheiros de orientação profissional, em 1 233 escolas, servindo 1 659 744 alunos.

No Brasil, a orientação profissional organizou-se aos poucos, sob várias influências.

- 1) O primeiro laboratório de Psicologia Aplicada foi organizado para os funcionários da Estrada de Ferro Sorocabana, em São Paulo, sob a direção do prof. Roberto Mange, em 1928.
- 2) Em São Paulo, também, o prof. Lourenço Filho criou junto à Secretaria de Educação o primeiro Serviço de Orientação Educacional, em 1934.
- 3) No decreto-lei n°. 4 244, de 9 de abril de 1942, ou Lei Orgânica do Ensino Secundário, a Orientação profissional está incluída na orientação educacional.

- 4) O decreto-lei nº. 8621, de 10 de janeiro de 1946, criando o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, tornou obrigatória a Orientação profissional para os aprendizes do comércio.

Com a vinda do prof. Léon Walther, em 1948, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial organizou um setor de orientação e seleção profissional no seu departamento nacional. Esse serviço, que tem por objetivo a formação de técnicos, pesquisas sobre as profissões comerciais e a aplicação da orientação profissional em todos os Estados do Brasil, tinha, em 1953, organizado a orientação profissional junto ao SENAC, nos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Ceará, Santa Catarina, Bahia, Paraná, Pará, Estado do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Distrito Federal.

- 5) Sob a Orientação de Roberto Mange, e com a participação técnica de Osvaldo de Barros, Walther Barioni e Betty Katzenstein, a Orientação profissional se desenvolveu dentro do SENAI, em São Paulo.
- 6) Em 1947, a Fundação Getúlio Vargas convidou o prof. Mira y Lopez para organizar um Instituto de Orientação e Seleção Profissional no Rio de Janeiro, tendo como objetivos a pesquisa, a formação de técnicos e a aplicação da orientação e seleção profissional, no Distrito Federal. Sob a Orientação do prof. Mira y Lopez, o Dr. Symacha Schwarzstein criou um Serviço junto à Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.
- 7) Em 1952, o Estado do Rio Grande do Sul, através de um acordo de cooperação com o SENAC, iniciou a orientação profissional nas escolas primárias públicas.
- 8) Sob a iniciativa de Helena Antipoff, o Departamento Nacional da Criança criou, em 1948, o Centro de Orientação Juvenil, dirigido pela profa Elisa Veloso, no Rio de Janeiro; e, em 1945, foi criado, na Sociedade Pestalozzi, o Consultório Psicopedagógico. Estes dois serviços têm, entre seus objetivos, a orientação profissional da criança excepcional.
- 9) A Seleção profissional está sendo cada vez mais utilizada pelas grandes firmas brasileiras. No domínio da seleção dos motoristas dos transportes coletivos, o Isop está realizando um Trabalho pioneiro, com resultados já bastante ilustrativos.

Vamos, a seguir, mostrar em que consistem a seleção e a orientação profissional e quais os resultados alcançados até hoje.

A) A SELEÇÃO PROFISSIONAL, em que temos de escolher, entre vários candidatos, aquele ou aqueles que mais convenham a uma determinada ocupação.

# PERFIL PSICOLÓGICO DA HIERARQUIA DE UMA GRANDE ADMINISTRAÇÃO

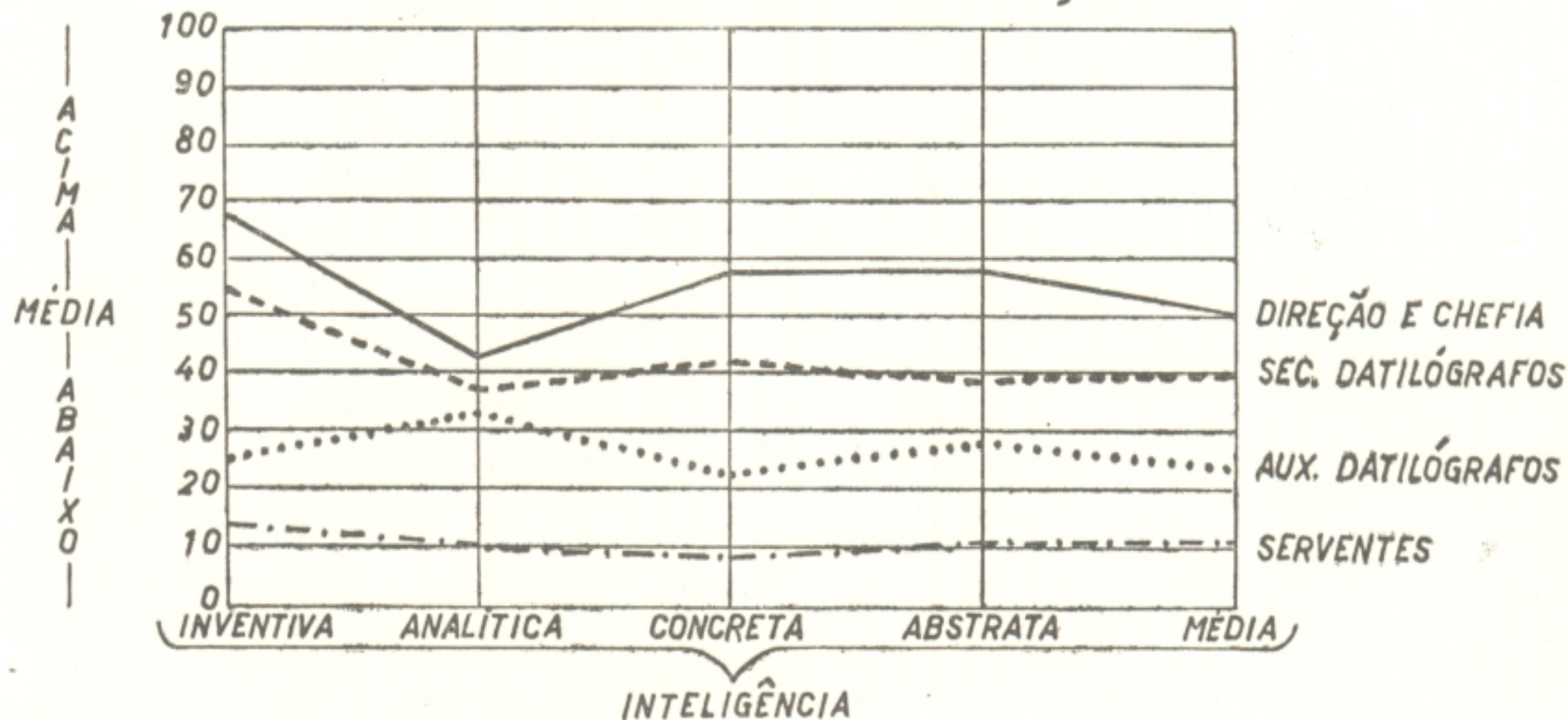


Fig. 14 — Perfil que mostra as diferenças encontradas no Rio de Janeiro, pelo autor, entre diretores e chefes administrativos, secretários, dactilógrafos auxiliares de escritório e serventes (teste de Meili).

Os empregadores e os chefes de pessoal costumam admitir os indivíduos por processos tradicionais, os quais apresentam inconvenientes sérios. Citamos os principais:

- 1º) A *aparência pessoal* do candidato a emprego é, muitas vezes, considerada, conscientemente ou não, como um fator essencial na admissão. Sabemos que nem sempre quem tem boa Apresentação é apto, honesto ou interessado em trabalhar.
- 2º) A *impressão pessoal* do empregador ou chefe de pessoal sobre o candidato. Muitos São os que se gabam de ter um golpe de vista infalível, de serem “*psicólogos natos*”; existem, de fato, alguns empregadores que, pelo simples fato de ter visto um candidato e, sobretudo, entrevistado, chegam a boa conclusão; mas são raros. Todas as observações e experiências realizadas no mundo inteiro indicam o contrário; mesmo depois de longos anos de convivência, está comprovado que diferentes chefes de um mesmo em pregado têm opiniões diferentes sobre ele.
- 3º) O *atestado do ou dos empregadores anteriores* serve de base para a admissão, na maioria das empresas, a tal ponto que quem não os possui é considerado como suspeito. É no entanto, do conhecimento dos empregadores e chefes com longa experiência o quanto são falhos tais atestados.

com efeito, a maioria dos empregadores, mesmo quando despede um indivíduo por incapacidade ou desonestidade costuma fornecer-lhe tal documento, levada por comodismo compaixão ou, ainda, medo de ganhar um inimigo. São atestados de complacência, os quais, evidentemente, não têm nenhum valor.

É por isso que as grandes e pequenas companhias costumam, cada vez mais , utilizar-se da Psicologia Aplicada na seleção do seu pessoal.

**B) A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL**, em que temos de prever entre várias profissões, aquela ou aquelas que mais convenham a determinada pessoa.

Por orientação profissional, entendemos o “auxílio prestado aos adolescentes na escolha de uma profissão adaptada às suas capacidades, aos seus gostos, tomando-se em consideração as necessidades nacionais em mão de obra, de tal modo, que se favoreça o desenvolvimento da personalidade e se permita ao indivíduo tirar do

seu trabalho o máximo de satisfação, utilizando-se, da melhor maneira possível, das suas possibilidades produtivas”<sup>3</sup>.

Os “conselhos profissionais” são dados aos adultos.

Na Orientação profissional, encaram-se vários pontos de vista que são os seguintes

- 1) *Ponto de vista dos pais*
- 2) *Ponto de vista do adolescente*
- 3) *Ponto de vista do professor*
- 4) *Ponto de vista do médico*
- 5) *Ponto de vista do psicólogo*
- 6) *Ponto de vista do economista.*

É pela síntese entre esses vários pontos de vista que se chega ao conselho de orientação profissional. Como se vê, a Psicologia Aplicada constitui uma parte da orientação profissional. Esta parte é preponderante, pois dela depende o diagnóstico das aptidões mentais e da personalidade; é a razão pela qual os psicotécnicos estão encarregados de efetuar a orientação profissional, reunindo as opiniões das demais pessoas que trabalham com a criança.

Tanto em orientação como em seleção profissional, o papel da Psicologia Aplicada é o de fazer um prognóstico, tanto quanto possível seguro, sobre o êxito profissional. Pode-se dizer, de modo geral, que o prognóstico resulta da confrontação do diagnóstico (aptidões e inaptidões constatadas em cada indivíduo) com as exigências das várias profissões.

A maneira de fazer o diagnóstico das aptidões já foi bastante tratada na primeira parte deste livro. Quanto ao prognóstico, podemos distinguir, do ponto de vista metodológico, várias maneiras de estabelecer um juízo prévio a respeito do êxito ou fracasso profissional, em função da situação em que se encontra a Psicologia Aplicada.

- 1) *Existem monografias sobre a profissão*, revelando estudos de valor relativo, apoiados em premissas nem sempre seguras, resultantes de inquéritos realizados junto a profissionais. Neste caso, há, algumas vezes, excelentes

---

<sup>3</sup> B.L.T.. 1948

instrumentos de trabalho, que devem ser utilizados em função do espírito científico que lhes tenha presidido a elaboração.

Por muito tempo, acreditou-se que bastava interrogar diversos técnicos, empregados, diretores, sobre as diferentes aptidões, necessárias para a obtenção de rendimento máximo em cada especialidade, sendo esse fato devido, provavelmente, à crença na velha teoria das faculdades mentais.

Paralelamente à Evolução da Psicologia Experimental e da “tomada de consciência” da soma das funções que se esconde atrás da terminologia psicológica atomística, percebeu-se pouco a pouco que o método de inquéritos para determinação das aptidões profissionais era insuficiente, pelas seguintes razões:

- a) Numerosos chefes e empregados tendem, aliás compreensivelmente, a superestimar sua profissão, devido ao seu orgulho profissional. Quando se pergunta a um servente se é necessário ser inteligente para exercer sua profissão, ele, decerto, não irá responder negativamente.
- b) Mesmo quando a resposta é exata, não temos nenhuma indicação para saber o grau indispensável da aptidão requerida pela função.
- c) Não há concordância entre a terminologia do psicólogo e a do profissional. Assim, por exemplo, encontramos diretores de empresas que entendem pela expressão inteligência a bagagem de conhecimentos, ou mesmo, simplesmente, a memória. O trabalho de inquérito pressupõe um entendimento terminológico entre os psicólogos e o pessoal das empresas onde são efetuados tais inquéritos. É preciso, nessas condições, que o chamado pessoal tenha inteligência suficiente para compreender todas essas abstrações, que muitas vezes se mostram difíceis de ser assimiladas pelo próprio psicólogo, e de cuja correspondência a uma realidade funcional nem sempre estamos seguros.
- d) As divergências de pontos de vista entre a direção e o pessoal são freqüentemente profundas. Em um inquérito feito pelo alemão Bell (1933), o objetivo era dar uma contribuição empírica, tendo-se em vista aperfeiçoar a educação das jovens nas escolas de comércio. De acordo com os resultados, verificou-se que os chefes tinham tendência a valorizar as aptidões de natureza intelectual, enquanto que os empregados, tanto de escritório como de venda, insistiam sobretudo nas aptidões caracterológicas.

Ante esses fatos, numerosos psicólogos constataram a necessidade de tomar mais precauções e, sobretudo, de participar pessoal e ativamente nas pesquisas.

Alguns chegaram mesmo a praticar as profissões por eles estudadas, a fim de conhecê-las melhor.

Um outro método consiste em não formular aos profissionais nenhuma pergunta de ordem psicológica, mas em obter uma descrição, a mais completa e objetiva possível, das diferentes tarefas quotidianas e ocasionais de cada especialidade. O psicólogo, após a observação pessoal destas tarefas, as traduz em linguagem de aptidões. Esse ponto de vista marca já um grande avanço sobre o seu precedente, pois evita certos inconvenientes que já assinalamos.

A análise dos motivos de dispensa, das causas dos diferentes acidentes de trabalho, das curvas de eficiência em função da idade, do sexo, do meio, do estado civil, etc., permite acrescentar ao estudo indicações muito úteis.

2°.) *É conhecido o nível mental ou coeficiente de inteligência necessário ao exercício da profissão*, com os seus limites inferiores e superiores e, bem assim, as médias resultantes dos testes aplicados aos bons e aos maus profissionais.

Assim, Cattell, por exemplo, tirou a média dos *quocientes intelectuais* (QI) encontrados em certos grupos de profissionais. Eis os resultados obtidos:

| OCUPAÇÕES                                 | MÉDIAS |
|-------------------------------------------|--------|
| Engenheiros .....                         | 142    |
| Professores primários .....               | 137    |
| Estenodactilógrafos.....                  | 124    |
| Operários em instrumentos de precisão ... | 114    |
| Metalúrgicos .....                        | 102    |
| Separadores de fábrica.....               | 77     |

Estudos desse gênero permitem dar base objetiva aos prognósticos dos êxitos profissionais, mas nem sempre evidenciam devidamente as aptidões indispensáveis, nem as que, tendo apenas valor relativo, contribuem acessoriamente para que seja firmado o prognóstico.

3°) *É conhecida a correlação entre um teste, ou uma bateria de testes, e uma ou várias profissões*. Esse caso é o mais simples de solucionar, pois se



conhece matematicamente a probabilidade do sucesso, visto possuir cada teste um conhecido valor de predição.

É, aliás, o ideal generalizado, para o qual está caminhando a Psicologia Aplicada. Infelizmente, porém, a juventude dessa ciência não permite ainda que aqueles valores sejam aplicáveis a todas as profissões. Sabemos, por exemplo, que os testes de aptidão mecânica, de Walther, têm uma correlação de 0,99, para engenharia mecânica, mas que, para relojoaria, o coeficiente é baixo.

A análise fatorial das aptidões humanas prestou um grande auxílio à Orientação profissional, pois permitiu colocar o problema do diagnóstico e do prognóstico da orientação e seleção profissional em bases científicas. É a ambição de Thurstone chegar-se a uma profissologia baseada na análise fatorial. Assim, atualmente, já é possível fazer-se um prognóstico relativamente seguro quanto aos seguintes fatores:

O fator *G* aproxima-se do caso estudado no parágrafo precedente, relativo ao nível mental.

O fator numérico *N*, quando desenvolvido, permite prever o êxito nas *ocupações* de contabilidade, caixa, estatística, coleta de impostos, etc.

Os fatores *V* (verbal) e *W* (fluência verbal), quando muito desenvolvidos, permitem, com certa precisão, prever o êxito nas línguas clássicas e modernas, no jornalismo, na História, no direito e no secretariado.

O fator *S* (espacial) tem validade muito elevada para a mecânica e as ciências físicas.

Os testes de motricidade têm correlação, em geral elevada, com as profissões manuais.

A inteligência social, ainda discutida como fator (Moss, Hunt), tem correlação apreciável com as ocupações de direção do pessoal, de venda, de assistência social e de contato com o público em geral.

Além disso, os fatores de personalidade são cada vez mais tomados em consideração na orientação e seleção profissional. Dentre os fatores isolados por

Cattell, o fator *P*, de perseveração, quando muito desenvolvido, seria uma contra-indicação para ocupações variadas, requerendo adaptação rápida a situações novas.

Os interesses profissionais devem, cada vez mais, ser tomados em consideração. Os estudos feitos com os testes de interesses profissionais de Strong, de Kuder e de Thurstone, colocaram em relevo a importância destes e a sua correlação alta com o êxito nas ocupações profissionais correspondentes. Os grupos de interesses isolados até hoje, e para os quais todas as análises fatoriais chegaram ao mesmo resultado, são:

|                             |                |
|-----------------------------|----------------|
| Biologia                    | Serviço social |
| Ciências Físicas e Mecânica | Linguística    |
| Comércio                    | Direção        |
| Administração               | Persuasão      |
| Música                      | Cálculos       |
| Arte                        |                |

É provável que a investigação dos interesses profissionais seja cada vez mais importante, pois a análise dos motivos de fracassos profissionais coloca em destaque a ausência de motivação.

4°) *Não existe nenhuma documentação psicológica sobre a profissão.* Neste caso, o psicólogo deve recorrer à sua experiência pessoal e realizar um estudo da profissão, empregando, de preferência, o método das correlações.

De modo geral, podemos dizer que o valor do prognóstico depende de numerosos fatores, alguns dos quais já começam a ser conhecidos, como, por exemplo, a estabilidade das funções mentais. Os psiquiatras já observaram, há muito tempo — e é fato comprovável e comprovado em todos os consultórios do mundo, — que os débeis mentais não se desenvolvem mais no seu nível mental, que sua evolução estaciona na época da adolescência. A experiência dos professores especializados na educação dos atrasados mentais vem confirmar as observações dos psiquiatras: quem não conseguiu aprender a ler e escrever até a puberdade, apesar de ter recebido toda assistência pedagógica necessária, nunca mais poderá ser alfabetizado; quem chegou ao nível de primeiro, segundo ou terceiro ano primário, e não conseguiu progredir mais em virtude de oligofrenia, nunca mais irá além do nível ao qual chegou na puberdade.

A histologia nervosa também não acusa maior desenvolvimento do córtex cerebral, onde se localizam os principais centros intelectuais, na época da puberdade.

A Psicologia Experimental vem acrescentar a todas essas observações e pesquisas uma contribuição valiosa: aplicando diversos testes de inteligência a centenas de milhares de crianças, todos os pesquisadores, ao construir a curva de desenvolvimento intelectual, verificaram uma tendência assintótica na chegada da puberdade.

Não se trata apenas, como poderiam suspeitar os leigos, de um fenômeno coletivo e de valor geral, porque as observações foram baseadas em médias: a estabilidade das aptidões intelectuais é um fato individual. O Instituto de Psicologia Industrial, de Londres, realizou, de 1928 a 1932, vasto estudo sobre a estabilidade das aptidões, após os 10 anos de idade; os pesquisadores retestaram, três anos seguidos, os mesmos indivíduos e encontraram correlações oscilando entre 0,87 e 0,99, coeficientes considerados, em estatística, extremamente elevados e significativos. Experiências idênticas, realizadas por Terman, nos Estados Unidos, confirmaram estas e outras pesquisas, com idades mais adiantadas.

Considerando-se a importância da inteligência na escolha das profissões, é, por conseguinte, possível, com aproximadamente 11-12 anos, prever que grau de complexidade um indivíduo poderá atingir na sua aprendizagem e na vida profissional. Além disso, a pesquisa do Instituto de Psicologia Industrial, de Londres, põe em evidência a constância das aptidões para mecânica, após 12-13 anos.

As conclusões dos pesquisadores quanto aos traços biotipológicos e temperamentais são também favoráveis quanto à sua constância; é, aliás, neste terreno que as discussões são ainda vivas entre os psicólogos; se o acordo é geral quanto aos traços permanentes e constitucionais, por definição, é possível que o caráter, quer dizer, o conjunto dos aspectos da personalidade submetidos à influência do ambiente, estejam sujeitos a variações, durante a puberdade. As experiências de “reteste”, nesse domínio, precisam ser desenvolvidas, para esclarecimento desse ponto.

Quanto à estabilidade dos interesses e das tendências, os estudos realizados nesse campo mostram que, quanto mais os indivíduos se adiantam em idade, tanto mais estáveis são os seus interesses.

Vasco Vaz encontrou correlação mais elevada para adultos que para adolescentes, em pesquisa sobre a constância da escolha, no teste do “catálogo de livros”.

Strong nos dá os seguintes coeficientes de correlação:

|                         |      |
|-------------------------|------|
| 11 anos.....            | 0,62 |
| 17 a 18 anos .....      | 0,71 |
| Adultos colegiais ..... | 0,80 |

Como se pode constatar, observando-se as correlações, a estabilidade dos interesses cresce paralelamente à idade.

As pesquisas de Strong, de Lehmann e de Witty mostram ser maior o interesse dos homens pela física, mecânica, ciências políticas e comércio. Demonstram as mulheres maior interesse pela música, arte, atividades literárias, humanismo, escritório, professorado, trabalhos sociais.

Mesmo que não existisse nenhuma experiência a respeito da estabilização das aptidões na adolescência, a orientação profissional tem hoje provas diretas da sua eficácia. São essas provas que exporemos a seguir.

#### **O valor prognóstico dos exames de orientação e seleção profissional. –**

Submetendo dois grupos de indivíduos a processos diferentes, é possível comparar a eficiência destes mesmos processos. É o que fizeram certos pesquisadores, para demonstrar a eficiência da orientação profissional com base em Psicologia Aplicada: se um grupo de adolescentes orientados se mostra mais satisfeito em seu emprego, e se a percentagem de mudança de emprego e de curso profissional é superior em um grupo não orientado, isso prova que é mais interessante escolher cientificamente uma ocupação, que deixar a influências fortuitas e ocasionais o futuro profissional da mocidade.

Um dos estudos mais antigos nesse terreno foi o de Nantes, na França. O Centro de Orientação Profissional dessa cidade submeteu um grupo de 300 adolescentes ao processo completo de **O.P.** e comparou a estabilidade profissional desse grupo com outro grupo de 300 adolescentes, que escolheram a sua profissão sem receber conselho nenhum. Os números que damos a seguir são bastante eloqüentes:

|                                                           | ORIENTADOS<br>N=300 | NÃO<br>ORIENTADOS<br>N=300 |
|-----------------------------------------------------------|---------------------|----------------------------|
| Ficaram no emprego.....                                   | 274%                | 99%                        |
| Mudaram de emprego.....                                   | 26%                 | 201%                       |
| Ficaram como empregados no lugar<br>de aprendizagem ..... | 221%                | 97                         |

A convite do Birmingham Education Comitee, o Instituto de Psicologia Industrial, de Londres, iniciou um vasto inquérito sobre 2 301 rapazes. Segundo os resultados publicados em 1944, a diferença de estabilidade no emprego entre dois grupos, de quatro anos de intervalo, foi de 35%. O inquérito de Londres foi diretamente inspirado pelo estudo anterior de Mira y Lopez, em Barcelona.

De 1927 a 1931, o mesmo Instituto de Londres encontrou acerto em 97% dos casos de predição de êxito e de fracasso profissional.

Em 1935, a revista *Human Factor*, de Londres, publicou inquérito de Myers sobre 116 adolescentes, cujos resultados foram:

|                                                                         | PERCENTAGEM<br>DE ÊXITO |
|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| Os que seguiram o conselho, de acordo com seu gosto                     | 87%                     |
| Os que seguiram o seu gosto, contra o conselho dado                     | 50%                     |
| Os que seguiram o conselho, contra o seu gosto .....                    | 80%                     |
| Os que têm uma ocupação contra o conselho e contra<br>o seu gosto ..... | 47%                     |

Em 1937, nos Estados Unidos, Proktor Williams encontrou 1600 moços de cursos superiores, 13 anos de dada a Orientação: 84,3% tinham chegado à função desejada, sendo que 23,3% se declararam inteiramente satisfeitos, e 60% declararam ter satisfeito as suas aspirações profissionais. Convém notar que o mesmo autor achou

uma grande concordância, depois de 13 anos, entre o nível mental medido 13 anos atrás e o nível profissional atingido.

Em 1946, o Instituto de Orientação Profissional, de Lisboa, fez um controle do processo sobre 142 encaminhados para estudos superiores. Eis os resultados:

|                           | SEGUIRAM A ORIENTAÇÃO<br>N = 105 |       | NÃO SEGUIRAM A ORIENTAÇÃO<br>N = 37 |       |
|---------------------------|----------------------------------|-------|-------------------------------------|-------|
| Resultados positivos..... | 84                               | 80,0% | 18                                  | 48,7% |
| Resultados duvidosos..... | 13                               | 12,4% | 6                                   | 16,2% |
| Fracassos .....           | 8                                | 7,6%  | 13                                  | 35,1% |

Em 1946, na França, onde se examinam atualmente 200 000 adolescentes por ano, um inquérito realizado pelo Instituto Nacional de Orientação Profissional, em todo o país, revelou que:

- 1°) 84% dos adolescentes tinha seguido os conselhos depois de um ano, seja no curso ou no emprego;
- 2°) 70% estavam ainda seguindo o conselho, depois de 3 anos;
- 3°) 80% ainda seguiam o conselho, depois de 5 anos. Como se trata do mesmo grupo, o aumento da percentagem mostra que 10% voltaram a seguir o conselho nos três anos posteriores.

Segundo o inquérito feito junto aos empregadores, depois de 3 anos, 17% dos que não seguiram o conselho tiveram problemas de ajustamento.

O inquérito efetuado junto aos pais revelou que 83,5% estavam satisfeitos.

Temos, além disso, os seguintes resultados:

| GRUPO QUE SEGUIU O CONSELHO:<br>INSATISFEITOS..... 9,8%                 |                                                       | GRUPO QUE NÃO SEGUIU O<br>CONSELHO: 30,5%                |
|-------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| Seguiram o <i>conselho</i><br>conforme o gosto:<br>Satisfeitos..... 82% | Seguiram o <i>conselho</i><br>contrário ao gosto: 50% | Seguiram o gosto <i>contrário</i><br>ao conselho:<br>46% |

O inquérito francês mostra que, entre as 200 000 crianças orientadas anualmente, as 35 000 que não seguem o conselho comportam 5 000 casos de fracassos profissionais e 10 000 de insatisfação real.

Em 1949, nos Estados Unidos, Anderson encontrou 82,4% de estabilidade em 444 veteranos de guerra submetidos a exames de orientação profissional.

Em uma primeira sondagem realizada em São Paulo, em 1952, Osvaldo de Barros Santos encontrou diferenças significativas entre grupos orientados e não orientados, no que se refere ao êxito na aprendizagem do senai.<sup>4</sup>

Outro campo de demonstração do valor da Psicologia Aplicada, na resolução dos problemas do trabalho humano, é o trânsito. Em Paris, por exemplo, onde a Psicologia Aplicada foi instalada desde 1923, por Lahy, para seleção dos condutores de ônibus, o número de desastres ficou diminuído até hoje, apesar do aumento

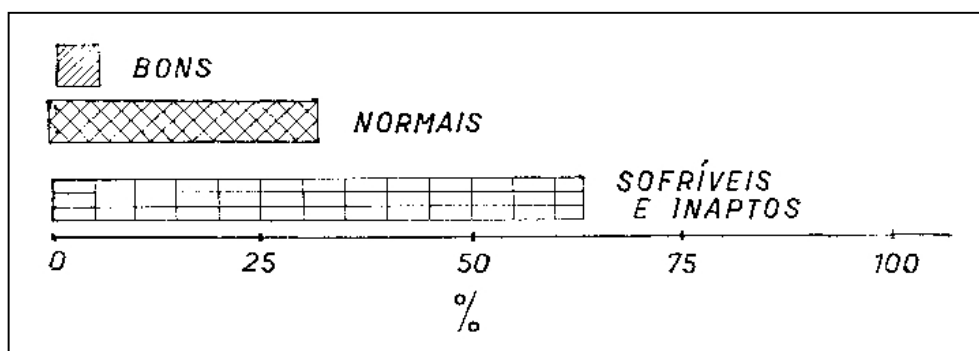


Fig. 15 — Gráfico que mostra a diferença da percentagem de condutores acidentados e apontados no exame psicotécnico como bons, normais e inferiores (sofríveis e inaptos). (isop, Rio).

proporcional do número de veículos; enquanto isso, ia aumentando o número de desastres nos veículos particulares, para os quais não há seleção de motoristas.

No Rio de Janeiro, Mira y Lopez fez observações idênticas: depois de ter iniciado a seleção dos motoristas, houve redução do número dos desastres; tendo mudado o diretor do Trânsito, o novo suprimiu os exames: a fig. 15 mostra a proporção de indivíduos acidentados nos grupos indicados pelo isop como bons condutores e condutores inferiores, 6 meses após a supressão dos exames pelo novo diretor de Trânsito.

<sup>4</sup> Em 1955, no Seminário Latino-Americano de Psicologia, Walter Barloni, com a colaboração de Adelina Parito, Rosa N. Teixeira e Catarina Nastari, mostrou haver 20% de diferença na estabilidade profissional entre grupos orientados e não orientados. Cecília Stramandnoli mostrou resultados análogos no Isop do Rio de Janeiro.

A complexidade dos problemas que se apresentam no prognóstico demonstra como é delicado o exercício da profissão de psicólogo, o qual será, em certos casos, verdadeiro matemático a aplicar o cálculo das probabilidades, como acontece na seleção do pessoal para as indústrias; mas terá, em outros casos, de somar aos seus conhecimentos propriamente psicológicos a arte de um clínico, como, por exemplo, no trabalho de orientação profissional da adolescência, em que tem de conciliar o ponto de vista dos pais, o do professor, o do próprio menor, o do médico, o do economista, o do assistente social e o seu próprio, de psicólogo, para obter um prognóstico tão exato quanto possível.

## § 2. A Adaptação do Trabalho ao Homem

O rendimento no trabalho não depende só das aptidões pessoais, pois numerosos chefes de empresas industriais ou comerciais notaram que outros fatores independentes do indivíduo influenciavam consideravelmente a produção; podemos distinguir três tipos principais de fatores: os métodos de trabalho, os instrumentos de trabalho e o ambiente de trabalho.

A Psicologia Aplicada, na adaptação do trabalho ao homem, permite agir sobre esses três fatores, muitas vezes com tal êxito, que aumenta a produção ou melhora a qualidade do trabalho, em proporções que podem parecer verdadeiros milagres. Daremos a seguir alguns exemplos ilustrativos.

1º) **A adaptação dos métodos de trabalho.** — O estudo sistemático da fadiga mostrou que existem diferentes tipos de curvas de fadiga, tipos que dependem, em geral, de condições próprias aos indivíduos. Mosso, com o seu *ergógrafo*, foi um dos primeiros a estudar os diferentes tipos de fadigabilidade muscular. Há indivíduos que mantêm certo rendimento no seu trabalho e, de repente, se cansam; outros têm o seu rendimento diminuído proporcionalmente ao aumento do cansaço; certos indivíduos cansam no meio do trabalho e outros cansam no início, e depois aumentam o seu rendimento.

Bernard encontrou uma fórmula que permite reunir, em um índice só, todos os tipos de fadigabilidade. Tomando como pontos de referência o rendimento médio Inicial  $R$ , mediano  $R$  e terminal  $R$ , mostrou ele ser possível calcular um índice  $d$ , aplicável em



todos os casos da curva de fadiga. Eis a fórmula:

$$d = 2R_2 + R_3 - 3R_1$$

Bernard demonstrou, com experiências feitas com a fadigabilidade nos tempos de reação, que a dispersão de  $d$  é normal e tem a forma da curva de Gauss.

Discípulos de Mosso procuraram estudar os meios de diminuir a fadiga e constataram, no caso do ergógrafo, que, se o intervalo de repouso entre cada contração muscular era pequeno, o rendimento diminuía e aumentava o cansaço. Aumentando o tempo dos repousos intercalários, aumentava o rendimento; existe, porém, um tempo de repouso limite, além do qual o rendimento começa a diminuir. Maggiora demonstrou que, com dez segundos de intervalo entre cada contração muscular, não há esgotamento possível no ergógrafo de Mosso.

Aplicando esse princípio ao trabalho industrial, Léon Walther e outros procuraram os tempos intercalados máximos, permitindo um *maximum* de rendimento. É assim que Walther, diminuindo o tempo de trabalho de cada operário, obteve aumentos de produção de 40 a 100%, na embalagem de chocolate e na fabricação de peças de relojoaria.

Além dos repousos intercalados, o mesmo psicólogo obteve aumentos apreciáveis da produção introduzindo o ritmo no trabalho, com ajuda de um metrônomo.

Além da fadiga, a Psicologia Aplicada estendeu os seus estudos à aprendizagem, permitindo a descoberta de leis da aprendizagem e do treino, nas quais os métodos de trabalho devem inspirar-se. Essas leis põem em destaque a influência do exercício, do reforço provocado pela aprendizagem de duas atividades conexas, do desuso, do interesse ou desinteresse e das necessidades vitais.

Sabe-se hoje que um grupo de trabalhadores que não está interessado em produzir rende muito menos que um grupo interessado; daí a necessidade de dar estímulos aos trabalhadores, sob forma de prêmios à produção, de comissões de venda, de salário proporcional ao rendimento, de citações em quadros de honra, de louvor público, etc. Empresas que passaram do sistema do salário fixo ao sistema de comissões e de salário proporcional viram os seus lucros aumentarem fabulosamente, enquanto que os empregados ganhavam, às vezes, o dobro que antes. Há, porém, precauções a tomar, a fim de evitar a *surmenage*; à proporção que aumenta a

produção, é preciso que diminua, gradativamente, o salário proporcional ao aumento de produção, de tal modo que, quando o trabalhador chega ao limiar após o qual a experiência mostrou que começa a fadiga, não haja mais interesse em produzir mais.

Da mesma forma, é indispensável que o trabalhador ou o aprendiz esteja convencido da utilidade do que ele está fazendo; em caso contrário, o rendimento no trabalho ou na aprendizagem é muito inferior.

Pelo estudo sistemático e minucioso dos movimentos no trabalho e pela cronometragem do tempo gasto para cada movimento, chegou-se à conclusão, para muitas operações profissionais, de que havia movimentos inúteis; suprimindo-os, conseguia-se, em muitos casos, não somente aumentar o rendimento, mas ainda diminuir o cansaço de cada operário.

O registro fotográfico dos movimentos, antes e depois de sua correção, é bem demonstrativo das diferenças entre os dois procedimentos.

**2º) A adaptação dos instrumentos de trabalho.** — O cansaço provocado por instrumentos de trabalho inadequados à fisiologia do homem contribui para uma sensível diminuição de rendimento. A maioria das cadeiras utilizadas nos escritórios e nas indústrias é geradora de cansaço, pois não está adaptada de maneira alguma ao corpo. O ideal é a utilização de cadeiras reguláveis, que dão real apoio ao corpo humano e que podem ser adaptadas a qualquer tipologia. Pelo conforto que se dá ao trabalhador, diminui-se o seu cansaço e aumenta-se o rendimento.

Léon Walther, numa realização hoje considerada como clássica nos meios relojoeiros da Suíça, transformou completamente a posição secular dos relojoeiros: pos ele um apoio de madeira, para sustentar os braços na sua posição natural.

Na transformação das máquinas, para adaptá-las à fisiologia do homem, considera-se sempre vantagem reduzir a amplitude dos movimentos, assim como economizar os músculos em jogo. Foi assim que, por exemplo, Léon Walther conseguiu obter um aumento de produção por máquina de 120%, simplesmente modificando a posição de duas alavancas, de tal modo que fizessem trabalhar só a musculatura dos dedos, em vez das musculaturas braçal e dorsal.

**3) A adaptação do ambiente de trabalho ao homem.** — É incrível como

influem na produção alguns detalhes do ambiente de trabalho.

Está comprovado que o barulho nas oficinas é fator de cansaço para o operário. Em compensação, a música é indicada, durante certos tipos de trabalho; existem diretores de indústrias que introduziram conferências radiofônicas para cultura do pessoal submetido a trabalhos monótonos.

A cor dos lugares de trabalho é muito importante: o vermelho aumenta a produção no início, mas provoca irritação nervosa e cansaço; o preto é deprimente; várias experiências mostraram que a cor ao mesmo tempo estimulante e repousante é o verde-claro.

Os locais bem iluminados favorecem a produção; da mesma forma, a aeração conveniente, renovando o oxigênio do ar, facilita a recuperação fisiológica.

Além das condições fisiológicas do ambiente, existem condições psicológicas e sociais indispensáveis ao bem-estar do trabalhador e ao seu bom rendimento: a emulação entre as equipes de trabalho e os trabalhadores entre si, os sistemas de promoção, o exemplo dos bons trabalhadores, que devem em cada equipe estimular os outros.

A composição das próprias equipes de trabalho é importantíssima. Recentes estudos de sociometria aplicada à indústria revelaram que a produção das equipes de trabalho compostas de indivíduos que se escolheram reciprocamente para o trabalho comum é muito superior ao das equipes organizadas sem tomar em consideração as afinidades pessoais; e quando se juntam inimigos num mesmo trabalho, não há mais cooperação possível ([vide fig. 13](#)).

Da mesma forma as técnicas de chefia são bastante conhecidas; considera-se hoje, o líder, quer dizer, a pessoa que dirige um grupo com a participação espontânea dos seus membros,<sup>5</sup> como sendo o indivíduo que consegue tirar melhor produção do grupo; no sociograma é ele que recebe o maior número de escolhas. É, por conseguinte, ele que conseguirá mais facilmente a cooperação da equipe. Muitas baixas de rendimento são devidas, não a inaptidões, mas às influências nocivas da chefia. Psicólogos da Western Electric Co. procuraram saber por que o rendimento das operárias era tão irregular; estudos feitos durante cinco anos demonstraram que, muitas

---

<sup>5</sup> Ver também Relações Humanas na Família e no Trabalho do mesmo autor.

vezes, a produção baixava em função de problemas das operárias com os chefes.

### § 3. Relações Humanas<sup>6</sup> no Trabalho e Diagnóstico da Personalidade<sup>7</sup>

Não há muito tempo, certo psicólogo, encarregado da direção do serviço de treinamento de pessoal de grande empresa comercial, apresentou o seu parecer a respeito do diagnóstico da personalidade de certo candidato a vendedor, dirigindo-se ao diretor de pessoal, mais ou menos nos seguintes termos: “Fulano não serve para vendedor, pois tem dificuldades nas suas relações com as pessoas”; a resposta do diretor não se fez esperar: “O senhor, que dirige um serviço de treinamento, onde se fazem cursos de Relações Humanas, deve poder modificá-lo, não é?”

A nossa história não diz se o psicólogo conseguiu modificar a personalidade do candidato; porém, o breve colóquio, que acabamos de relatar, contém, implicitamente, um dos aspectos mais importantes do tema, cujo relatório nos foi confiado; sem provavelmente o saber, o referido diretor acabava de tocar num dos aspectos mais atuais do problema de utilização do diagnóstico da personalidade em Psicologia Aplicada ao trabalho e, mais particularmente, no que se refere às Relações Humanas; em outras palavras, a pequena história evidência o choque existente entre uma concepção estática, em que se situa grande parte da Psicologia Aplicada moderna, e um conceito evolutivo e dinâmico dos que aplicam a Psicologia à Educação ou às Relações Humanas; o conflito se deu em nosso psicólogo, que se encontrou, por assim dizer, “esquizofrenizado” e cindido em duas personalidades opostas: a do psicólogo, que utiliza o diagnóstico da personalidade para aceitar ou recusar candidatos a emprego, e a do psicólogo educador, que usa dos recursos da Psicologia da Aprendizagem e das técnicas da Psicologia Social, para transformar essa mesma personalidade, há pouco considerada como imutável.

Vamos examinar, mais de perto os dois pontos de vista, limitando-nos a estudar e a tentar descobrir soluções no que se refere ao campo das Relações Humanas no

---

<sup>6</sup> Relatório do autor no Congresso Interamericano de Psicologia. Rio, 1959.

<sup>7</sup> Relações humanas. — Aceitamos aqui a definição de Keith Davis, aplicada ao trabalho: “Relações humanas, como prática de administração e a integração das pessoas em uma situação de serviço, de maneira a motivá-las a trabalhar como um todo, produtiva e cooperativamente, com satisfação econômica, psicológica e social”. Objeto de estudo da Psicologia Social, atualmente o termo é utilizado para designar o conjunto de suas técnicas, aplicada a à resolução de problemas humanos. No caso de Relações Humanas no Trabalho, entendemos, por esse termo, o conjunto de técnicas da Psicologia Social aplicadas a criar, dentro da empresa, clima favorável ao aumento e manutenção da produtividade.

trabalho; isto não nos impedirá, porém, de, na análise do conflito propriamente dito, fazer alguns paralelos com outros campos de aplicação do diagnóstico da personalidade.

**O diagnóstico da personalidade e o ponto de vista estático.** – Não pretendemos, aqui, fazer nenhuma exposição das diferentes técnicas utilizadas no diagnóstico da personalidade, pois estamos aqui reunidos entre psicólogos que as conhecem e as utilizam; queremos apenas mostrar como, evidentemente sem o querer, muitos psicólogos que se utilizam dessas técnicas, seja com o fim de aplicação, seja com o fim de pesquisa, caíram progressivamente na cilada muito bem tramada da imutabilidade da inteligência, das aptidões, dos interesses e da conduta em geral. Há, para isso, várias explicações:

1ª) *As normas de construção de um teste* exigem que o instrumento, além de *valido*, seja também *fiel*; ora, o que implica a fidelidade de um teste, senão justamente a estabilidade daquilo que se mede? Os testes que não apresentam coeficientes de fidedignidade estatisticamente elevados e significativos são simplesmente rejeitados; ora, nada prova que a instabilidade seja do instrumento; esta pode ser o reflexo de uma mudança ou evolução dos próprios examinados; assim, um teste pode ter uma fidedignidade baixa justamente por ter uma validade elevada; exemplificando: num teste de medida da emotividade, encontramos coeficiente de correlação elevado entre os resultados e a auto-estimação dos indivíduos, tomada como critério de validação; no entanto, aplicando o mesmo teste, a três meses de intervalo, encontra-se um baixo coeficiente de precisão; os dois coeficientes. podem ser interpretados da seguinte maneira: o teste mede a emotividade, mas é submetido a modificações em muitas pessoas.

É provável que a obsessão em procurar testes fidedignos tenha influído em muitos psicólogos, no seguinte sentido:

- a) Criar uma cegueira em relação a todos os aspectos da personalidade instáveis ou sensíveis a influências do meio, tais como tensões, pressões sociais, educação.
- b) Afastar, sistematicamente, as técnicas de fidedignidade duvidosa, entre as quais podemos, provavelmente, encontrar excelentes instrumentos de

exploração dos aspectos mutáveis da personalidade.

- c) Provocar o medo, camuflado com argumentos racionais, por parte dos defensores do uso de testes, de ser a testologia destruída pelo fato de existirem no adulto muitos caracteres suscetíveis de evolução; daí a tendência de muitos psicólogos a recusar reconhecer a possibilidade dessa evolução, pois anularia a fidedignidade dos testes.

2ª) Encontramos freqüentemente tais reações nos psicólogos especializados em *seleção profissional*, os quais não admitem que uma pessoa possa inudar, pois pensam que isso tornaria a sua profissão inútil; caso a pessoa selecionada ou rejeitada se modifique, tal fato poderá ser interpretado como erro de diagnóstico, ferindo-se, com isso, o orgulho profissional e provocando uma atitude de defesa muito pouco proveitosa para o progresso científico.

3ª) *A orientação profissional dos adolescentes*, nos países onde esta se tornou obrigatória, também levou a maioria dos profissionais a defender a tese da estabilização definitiva da personalidade na adolescência, pois pensavam e ainda pensam que, pelo fato de ser essa orientação feita essencialmente à base testológica, se houver possibilidade de modificar a personalidade através da educação, não haverá mais orientação profissional possível; tal fenômeno foi apontado recentemente na França por Léon, que, ao mesmo tempo, mostrou como é possível sair do impasse; interessante é notar que, na América do Sul, o trabalho de Léon acaba de ser prefaciado pelo prof. Mira y Lopez, o qual endossou, em grande parte, as asserções do autor; isso, por si só, tem grande significado, pois é aquele um dos pioneiros da utilização de testes em Psicologia do Trabalho na Europa e na América Latina, embora seja de notar uma resistência feroz do grupo do Instituto Nacional de Orientação Profissional, de Paris, chefiado por Henri Piéron; os argumentos desses autores, além de se basearem na validade do processo de O.P. propriamente dita, são apoiados sobretudo nas inúmeras pesquisas que evidenciam um teto, um *plateau* das curvas evolutivas na fase da adolescência, o que tende a demonstrar que não há mais evolução possível da inteligência e das aptidões nessa fase; é esse último ponto de vista que nos interessa mais particularmente aqui, e que iremos estudar a seguir.

4ª) O *“plateau” das curvas evolutivas na adolescência*. Conforme foi amplamente demonstrado, as curvas evolutivas da inteligência e das aptidões

apresentam uma forma igual em todas as pesquisas até agora realizadas; não se notam mais progressos no adulto.

No entanto, a recente pesquisa sobre o nível mental da população brasileira nos apresenta fatos bastante perturbadores; com efeito, os grupos de analfabetos não submetidos, por definição, à ação educativa da escola, não apresentam evolução desde sete anos de idade; tudo se passa como se a maturidade da inteligência, neste grupo, se fizesse aos sete anos.

O fenômeno de transferência de aprendizagem sobre o resultado dos testes já foi observado por vários autores; no entanto, sabemos ainda muito pouco sobre as possibilidades de melhorar o raciocínio e as aptidões nos adultos; a pesquisa sobre o nível mental, da qual acabamos de falar, nos levou a fazer a seguinte comprovação: da mesma forma que os que não freqüentaram a escola não acusam desenvolvimento nos testes de nível mental, da mesma maneira se pode supor que o *plateau* observado nas curvas clássicas de evolução da inteligência seja devido ao término da escolaridade da maioria da população nessa época; se todos continuassem a estudar depois da puberdade, não é impossível a hipótese do desenvolvimento; Piaget já observou recentemente que, se se tivesse medido o nível mental das crianças gregas, provavelmente se obteria o resultado equivalente ao nível de dez anos das crianças da nossa civilização; isto porque, naquela época, ainda não existiam certos tipos de raciocínio, os quais permitiram o nosso avanço científico, e que são provavelmente formados na nossa escola secundária; nada impede de supor que, daqui a alguns séculos, o *plateau* se dê em idade mais adiantada.

Da mesma forma, é muito provável que as campanhas de educação de adultos, atualmente desenvolvidas nas regiões de índice de alfabetização baixo, levem a um deslocamento do *plateau*; basta lembrar o que Klineberg relata a respeito dos índios Osages, cujo Q.I. médio subiu sensivelmente após ter sido descoberto o petróleo na sua região, fato que veio modificar as condições sócio-econômicas e educacionais.

Recentemente, no Rio de Janeiro, tivemos a oportunidade de mostrar que o início do *plateau* varia em função da freqüência ou não à escola secundária.

Alguns irão invocar as inúmeras experiências feitas, demonstrando altos coeficientes de correlação entre aplicações de testes de inteligência, feitos com vários

anos de intervalo, sobre os mesmos indivíduos; convém lembrar que, em se tratando de adultos, é muito pouco provável que esses tenham sido submetidos a exercícios de aperfeiçoamento de raciocínio ou mesmo, mais simplesmente, estejam ainda estudando.

As dúvidas que acabamos de levantar a respeito do término do desenvolvimento intelectual na adolescência são ainda maiores quanto à estabilização dos interesses, dos níveis de aspiração, dos modos de reagir às frustrações, da agressividade, da inibição, da sociabilidade ou das centenas de variáveis descritas por vários autores, através de análises clínicas ou fatoriais da personalidade; o estudo da evolução da personalidade do adulto está ainda por fazer; as provas da sua estabilização ainda são bem frágeis; no que se refere aos aspectos caracterológicos propriamente ditos da personalidade, o ponto de vista estático que estamos examinando, encontrou apoio na distinção feita por vários autores entre os aspectos constitucionais, representados pelo temperamento, e os aspectos adquiridos, produtos da influência da educação e do meio, em geral representados pelo caráter; o fato é que tal dicotomização se presta a fáceis refúgios para as reações de defesa que descrevemos mais acima; se, por exemplo, uma pessoa que tinha sido diagnosticada como introvertida se tornar extrovertida sob influência de técnicas de Relações Humanas, e liberta de toda inibição, dir-se-á que mudou o caráter mas que o temperamento ficou o mesmo; alguns insistirão mesmo sobre os perigos de desajuste que isso poderá causar; entre estes alguns está o autor destas linhas... No entanto, temos de perguntar a nós mesmos se isso não constitui uma posição cômoda e uma forma de ressaltar, de maneira permanente, qualquer erro de diagnóstico ou de prognóstico.

Ao estudarmos as diferentes técnicas utilizadas pela Psicologia social para orientar as Relações Humanas no sentido da produtividade, somos forçados a reconhecer que estamos diante de ponto de vista totalmente oposto ao da posição estática que acabamos de descrever. A oposição reside essencialmente nisto: o orientador ou selecionador procura adaptar o homem ao meio do trabalho, partindo da sua personalidade atual; o psicólogo especializado em Relações Humanas procura ajustar o homem ao ambiente de trabalho, modificando essa personalidade; iremos



mostrar a seguir que a maioria das técnicas de Relações Humanas, atualmente utilizadas, tem em mira, explícita ou implicitamente, transformação da personalidade humana, visando a criação de ambiente social favorável à produtividade ótima.

**As técnicas de Relações Humanas e o ponto de vista evolutivo.** – As técnicas de Relações Humanas pretendem, em grande parte, ao procurar aumentar a produtividade, modificar atitudes e condutas, adaptando o homem ao trabalho.

Não podendo escolher os trabalhadores ou os chefes em função da sua personalidade, pois tem que trabalhar com o pessoal já em exercício nas funções há cinco, dez ou vinte anos, nasce, para o técnico em Relações Humanas, a necessidade de transformar a personalidade desses trabalhadores, sobretudo quando, por motivos vários, não é possível mudar essas pessoas de lugar.

Colocando o indivíduo perante outras pessoas e incentivando-o a confrontar as suas opiniões, atitudes, sentimentos e conduta, visam as técnicas de Relações Humanas modificar esses fatores ou resultantes da personalidade, desenvolver potenciais ainda inaproveitados, incentivar o espírito de objetividade diante dos problemas de trabalho, o autocontrole, estimular a maturação emocional; nos chefes, procura ele transformar atitudes tradicionais de autocracia ou paternalismo em verdadeira liderança democrática; essa última também implica, além da maturidade emocional, a que acabamos de nos referir, verdadeiras revoluções da personalidade, por parte de chefes agressivos, inibidos, instáveis ou egocêntricos.

Várias centenas de publicações apareceram nestes últimos anos sobre o assunto; o interesse vai crescendo, à medida que aumenta o número de grandes empresas concomitantemente com a descentralização administrativa e a divisão do trabalho.

Várias perguntas merecem resposta neste breve relatório:

- 1) Quais as técnicas de Relações Humanas atualmente utilizadas para modificação da personalidade, e que esferas da personalidade pretendem elas atingir?
- 2) Qual a validade dessas técnicas e que pesquisas foram realizadas para comprová-las?

É a essas duas perguntas fundamentais que iremos tentar responder; não

pretendemos, no entanto, citar todos os trabalhos, por isso seria objeto de um estudo bibliográfico de vários meses. Outros já o fizeram; iremos limitar-nos, além de relatos pessoais, a nos apoiar em vários trabalhos publicados e indicados na bibliografia; os que participarem dos debates que se seguirem a este relatório prestarão grande colaboração, ajudando-nos em nosso objetivo principal nesse parágrafo, ou seja, o de mostrar até que ponto técnicas de Relações Humanas podem modificar a personalidade.

Responderemos às duas perguntas simultaneamente, no momento de abordarmos cada técnica de por si. Antes de fazermos a explanação destas, tínhamos procurado classificá-las segundo a sua origem: com efeito, todas elas foram direta ou indiretamente influenciadas pela Pedagogia chamada ativa, pela Psicanálise e Psicoterapia individual ou de grupo, e pela Psicologia Social; mas tivemos de abandonar rapidamente tal tentativa, pois, salvo uma ou outra exceção, em todas elas se encontram, entrelaçadas, influências de nomes como Freud, Dewey, Slavson, Rogers, Kurt Lewin, Moreno e outros ainda. O máximo que conseguimos fazer foi ordená-las em função da influência predominante, começando pelas técnicas diretamente emanadas dos laboratórios de Psicologia Social, até técnicas pedagógicas, passando pelos métodos provindos da Psicanálise e da Psicologia de grupo. Para cada uma delas, daremos breve descrição metodológica, para depois dar exemplos, seja de pesquisas de validação, as quais, por si sós, darão uma idéia da esfera de personalidade mudada, seja de opiniões e testemunhos de vários autores a respeito.

O “T Group” (*Training Group*), também chamado grupo de diagnóstico, nasceu sob a inspiração de Kurt Lewin, em 1946, no *Research Center for Group Dynamics, no Massachusetts Institute of Technology*; o “T Group” visa formar, nos seus participantes, a compreensão da dinâmica dos grupos, através de uma experiência “*sui-generis*” de participação-observação de um grupo composto de pessoas de origem a mais heterogênea possível, que não se conheçam, sem objetivo prefixado para o grupo, sob a direção de um “monitor”, em geral “não diretivo”, no sentido rogeriano, embora alguns grupos tenham orientações diferentes, segundo a formação pedagógica do monitor; os participantes podem tornar-se observadores, visando a melhor compreensão das reações individuais e das interações psíquicas; a experiência, realizada em regime

de internato, afastado de centro urbano (por exemplo, Bethel, no Maine), demora três semanas e é complementada por conferências, discussões em grupos menores (“S Groups”), projeções cinematográficas e entrevistas individuais, em caso de desajustamentos sérios provocados pela experiência.

Atualmente, a experiência de Bethel, lançada pelo Research Center of Group Dynamics e pela American Adult Education Association, está desenvolvendo os Laboratórios Nacionais de Treinamento em Desenvolvimento de Grupo, que têm o seu equivalente nas experiências francesas de sócio-análise; alguns ex-participantes dos “T Groups” publicaram as suas impressões das experiências em um número especial do *Bulletin de Psychologie*, de Paris; em geral, falam de uma espécie de choque psicológico, provocado não somente pela angústia inicial, na primeira fase de formação, mas também pelo fato de serem forçados a tomar posição, a se definirem melhor, a reverem as suas próprias motivações e conduta, diante da descoberta de pontos de vista alheios, inteiramente diferentes, e atitudes e condutas diferentes, diante da mesma situação. Haveria, segundo uma hipótese sócio-analítica, uma transferência da aprendizagem da conduta no grupo, sobre a situação de vida.<sup>8</sup>

O “T Group” está sendo utilizado ou adaptado em muitos programas de treinamento de gerente para liderança. Um estudo bastante sério acaba de ser publicado por Paul Buchanan e Philips Brunstetter, sob o título *A Research Approach to Management Improvement*; nesse programa, foi incluída uma experiência de verificação da validade do processo, por meio de questionários aplicados aos subordinados de um grupo experimental e de um grupo de controle; os dois grupos eram compostos de gerentes, sendo que um dos dois foi submetido ao programa, enquanto o outro não era submetido; o programa, que era de três dias apenas, acusou influência positiva sobre o grupo experimental, alta e significativamente diferente do grupo de controle; foi calculado um índice de mudança para os sete objetivos que se tinham em mira; entre estes, figuram itens que se referem à contribuição para aumentar a capacidade de liderança, e também para descentralizar responsabilidades; tanto o primeiro como o segundo item implicam modificações de conduta que só podem ser obtidas através de um aumento de controle emocional, de uma diminuição do egocentrismo (confiar

---

<sup>8</sup> Ver também *Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas*. ed. Itatiaia 1967. e o trabalho de Fela Moscovict,

responsabilidades aos outros) e de uma série de outros aspectos que, infelizmente, o trabalho não descreve, por ter como objetivo principal melhorar as operações administrativas dos departamentos do governo norte-americano.

Parece que o “T Group” tem influência na mudança da personalidade; mas é ainda muito cedo (dez anos não bastam para a formação e controle de novos métodos pedagógicos), para se tirarem conclusões quanto à esfera ou às esferas da personalidade atingidas pelo treinamento; pode ser que estejamos em presença de um embrião de uma técnica que permita alvejar um dos objetivos mais difíceis no treinamento: modificar esferas da personalidade, outras que não a dos conhecimentos ou das opiniões, isto é, as atitudes, o temperamento e as motivações.

São inúmeras as técnicas e as suas variações na formação de chefes para liderança; todas se inspiram diretamente nas experiências de Lewin sobre os três tipos de chefias e os tipos intermediários (triângulo da direção); em geral, começam por debates ou psicodramas sobre as diferenças de atitude e conduta dos três tipos, assim como as repercussões destas sobre os sentimentos, atitudes e conduta dos dirigidos.

Tais debates têm por efeito forçar os indivíduos à tomada de consciência das suas próprias maneiras de dirigir pessoas; questionários reforçam ainda tomadas de posição relativas às suas opiniões a respeito; tal tomada de posição, ou melhor, a existência desta foi demonstrada através da técnica de riscos de Maier, cujo objetivo, além daquele de provocar uma catarse do receio de fracassar na mudança de atitudes, é justamente o de reforçar as tomadas de posição. Eis, por exemplo, as percentagens de opiniões antes do debate de riscos, entre 134 estudantes:

| RECOMENDARIAM O MÉTODO<br>DEMOCRÁTICO | Antes | Depois |
|---------------------------------------|-------|--------|
| <b>Sim</b>                            | 53    | 68     |
| <b>Não</b>                            | 29    | 43     |
| <b>Indecisos</b>                      | 52    | 23     |

Uma vez conseguidas essas tomadas de posição, o fato de o grupo ser dividido em duas posições antagônicas facilita a manutenção da técnica de debate liderado.

Todos os cursos visam à mudança da conduta e do caráter; diretivos ou não diretivos, preconizam a liderança democrática. As técnicas utilizadas para esse fim são

variáveis e podemos citar entre elas:

A *Conference Leadership*, de Hannaford, utilizada tanto para treinar os chefes em liderança de debates quanto para assimilação de novos conhecimentos a respeito de Relações Humanas ou mesmo para modificações de atitudes.

Tivemos oportunidade de aplicar várias vezes essa técnica em cursos de chefia; eis as opiniões emitidas pelos alunos, chefes do Banco da Lavoura, depois do curso:

| PERCENTAGEM DE CHEFES QUE ACHAM TER O CURSO MODIFICADO SUAS ATITUDES |                 |
|----------------------------------------------------------------------|-----------------|
| <i>I Curso</i>                                                       | <i>II Curso</i> |
| 60%                                                                  | 100%            |

(Conforme se vê, de 60 a 100% acham que o curso modificou as suas atitudes.)

As *técnicas de entrevista*, visando a orientação ou o aconselhamento, merecem especial estudo, pois constituem também técnicas de Relações Humanas, já que se trata da ação de um indivíduo sobre o outro; o tipo de interação psico-social pode ter repercussões profundas sobre modificações da personalidade; é, pelo menos, o que pretendem a Psicoterapia e a Psicanálise, em todas as suas modalidades.

O trabalho de Rogers permitiu, conforme o mostra Super, precisar melhor as diferentes atitudes favoráveis ao desenvolvimento ou modificação da personalidade adulta, e sobretudo mostrar que haveria dois tipos de aconselhamento: o *diagnóstico prescritivo tradicional* e o *não diretivo*, que Rogers preconiza; reencontra-se, aqui, o velho conflito entre a Educação tradicional verbalística e a educação nova, chamada ativa; num tipo de entrevista, o cliente ouve o conselho dado pelo entrevistador; no segundo tipo, o cliente chega, por si próprio, às conclusões, com a ajuda do entrevistador. Super acha que, na realidade, a maioria dos entrevistadores utiliza os dois métodos, segundo os casos; alunos de Super tentaram comparar a modificação da idéia de si mesmo, em dois grupos, em que foram utilizadas, em cada um, uma a técnica; não houve diferenças, pois nenhum dos grupos modificou a idéia de si mesmo; conforme se vê, além do problema da validade da entrevista, como processo de diagnóstico, resta ainda a demonstrar a sua eficiência como processo de mudança da personalidade.

O *T.W.I. (Training Within Industry)*, já bastante divulgado a América Latina pelo “Ponto IV”, através da CEBAI e posteriormente pelo SENAI, procura em algumas sessões modificar os chefes nas suas maneiras de manter Relações de trabalho, assim como treinar os seus funcionários ou operários.

O *Role Playing (R.P.)* e o Psicodrama, lançado por Moreno, e que pode ser dividido em três categorias conforme o objetivo de utilização:

- a) A *dramatização-demonstração* visa mostrar aos participantes diferentes maneiras de resolver conflitos, dirigir pessoas, etc. Em geral, serve de instrumento de motivação para debate. A participação emocional dos estudantes é considerada como um dos fatores de modificações posteriores de conduta.
- b) A *dramatização-praticagem* visa formar diretamente os estudantes na prática de Relações humanas, na resolução de problemas ou na mudança de conduta.
- c) A inversão de papéis, que tem por finalidade desenvolver a empatia, colocando pessoas em conflito no papel do antagonista, ou operário no lugar do chefe e chefe no lugar do subordinado.

Recente investigação de Lawshe, Brune e Bolda, efetuadas sobre alunos de um Curso de Relações Humanas, na Purdue University, apontou, entre outras, as seguintes opiniões sobre os efeitos da dramatização:

|                                                                                                         | % Não | % Sim |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|-------|
| 1) O R.P. permite melhor compreensão do problema?                                                       | 11    | 89    |
| 2) O R.P. o ajudou a pensar nas várias maneiras e caminhos para tomar uma decisão?                      | 17    | 83    |
| 3) Chegou a mudar o seu estado de espírito, em relação à solução de um caso, durante ou depois do R.P.? | 35    | 65    |
| 4) O R.P. ajuda a encarar melhor o ponto de vista alheio?                                               | 11    | 89    |
| 5) Todos os que dirigem pessoas deveriam beneficiar-se da dramatização?                                 | 16    | 64    |

Nós mesmos tivemos a oportunidade de verificar os efeitos da dramatização-praticagem utilizada no Banco da Lavoura, para incrementar o sorriso das balconistas; eis os resultados obtidos (96 de moças que atendiam ao balcão, com um conveniente sorriso):

Antes do curso .....21%

Depois do curso .....66%

Embora esse exemplo não seja tomado entre cursos de chefia, mostra que se podem obter modificações da conduta, sem que isso prove, no entanto, que se mudou algo no estado emocional da pessoa.

O estudo de casos consiste na apresentação e debate, pelos alunos, de casos realmente acontecidos; partindo da *Harvard Business School*, é atualmente o método predominantemente utilizado na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. Tem também por objetivo, além de aumentar conhecimentos, modificar atitudes e condutas, graças à demonstração das várias soluções apresentadas por várias pessoas para o mesmo caso; também tremaria o raciocínio em torno de casos da vida profissional.

Ainda existem inúmeras técnicas de treinamento em Relações Humanas, como *Philips 66*, cursos de “*técnica de chefia*”, de liderança, que utilizam combinações dessas várias técnicas, cursos de Relações com o público, para vendedores, viajantes, representantes, balconistas, *Business Game*, que é uma aplicação do *Role Playing* no treinamento de tomadas de decisão nos negócios, e outros ainda.

Todas essas técnicas pretendem, através de atividades de grupo, nas quais predomina o debate, modificar certos aspectos da personalidade. Em recente comunicação, Morris Viteles cita vários autores que apontam o problema sério que seria criado pelo resultado prático dos programas de formação de chefes em Relações Humanas; segundo estes, as técnicas de Relações Humanas tenderiam a modificar a personalidade, no sentido do pensamento grupal, implicando nisso uma perda de individualidade e aquisição de uma mentalidade de conformista, em relação à organização industrial existente; assim nasceu a figura do homem de “terno cinzento” (*The man in the gray flannel suit*), de Sloan Wilson (citado por Viteles).

Viteles insiste no fato de que não há ainda provas suficientes da ação dos programas de Relações Humanas sobre a modificação da personalidade, sobretudo no sentido do conformismo, apontado, entre outros, por White; pensa ele, apoiado em alguns autores, que outras influências contribuem, além do treinamento propriamente dito, para essas modificações, e que o problema principal é o de controlar os fatores

que favorecem ou dificultam o treinamento em Relações Humanas, isto é, de criar clima favorável à aceitação deste. A fim de lutar contra o coaforinismo, Viteles pensa na necessidade de prestar uma assistência educacional aos Managers, a fim de permitir-lhes uma adaptação à nossa civilização em mudança, através do desenvolvimento da capacidade de pensar de maneira independente e do fomento do espírito crítico; de interpretar corretamente e compreender os *problemas de Relações Humanas* e as diferentes influências que afetam a vida de uma empresa. Com essa finalidade, preconiza Viteles a realização de programas de estudos humanísticos, por ele iniciados em 1953 na Universidade de Pensilvânia, graças à criação de um Instituto de estudos humanísticos para chefes, financiado pela *Bell Tele-phone System*. Os cursos são dados a chefes de alta categoria hierárquica e neles se ensina história, ciência, filosofia e arte; visitas, concertos, excursões a museus, leituras, completam o programa de dez meses de duração, em tempo integral.

Os controles, realizados em grupos experimentais e grupos de controle, apontam, além de progressos nas diferentes áreas de conhecimentos, modificações importantes e estatisticamente significativas, que foram alcançadas nas seguintes áreas da personalidade: Atitudes sociais, receptividade a idéias novas e espírito crítico; crescimento da área das preferências artísticas no "*Kuder Preference Record*;" aumento dos valores estéticos no inventário de Allport Vernon; decréscimo, no mesmo teste, dos valores econômicos; diminuição do conservantismo.

Em resumo, modificações foram obtidas nas esferas dos conhecimentos, dos interesses, das opiniões e das atitudes; a experiência está continuando, e nos dirá, provavelmente, se houve também mudança na conduta propriamente dita, pois espera-se uma transferência da aprendizagem em situação de chefia.

O trabalho de Viteles equaciona, de maneira bastante convincente, o problema da validação dos processos de treinamento, através do estudo da personalidade, e aponta caminhos já traçados há muito tempo pela metodologia das ciências em geral, da Psicologia Experimental e da Pedagogia Experimental; prepara, também, em grande parte, a resolução do conflito entre o ponto de vista estático, predominante em certas esferas da testologia, e o ponto de vista evolutivo do treinamento em Relações



Humanas.<sup>9</sup>

Com efeito, esta breve análise das técnicas de treinamento em Relações Humanas nos mostra que é ainda muito cedo para concluir quanto à sua ação real sobre as modificações da personalidade; há unanimidade em afirmar que se operam modificações; as primeiras investigações feitas nestes últimos anos apontam predominantemente a esfera das opiniões e atitudes; as modificações de conduta, quando investigadas, o são através de questionários aos ex-alunos ou aos seus subordinados (Hariton); há um problema de medida objetiva que essas investigações não conseguiram superar. É necessária a elaboração de programas de investigação e de abordagem, diferentes do que se fez até agora nesse domínio. É o que constituirá a nossa primeira sugestão para ajudar na resolução do conflito que descrevemos na primeira parte deste trabalho.

**Diagnóstico da personalidade e Relações Humanas.** Vimos, no presente relatório, que o diagnóstico da personalidade, utilizado como instrumento de prognóstico do êxito profissional ou do ajustamento psicossocial, isto é, sobretudo na seleção profissional, pressupõe a demonstração da imutabilidade da personalidade do homem adulto. Sérias restrições a esse respeito estão sendo feitas pela Psicologia Social, inclusive num domínio tradicionalmente considerado imutável, como o da inteligência e o das aptidões.

As recentes técnicas de treinamento em Relações Humanas estão, por seu lado, conseguindo certas mudanças, cuja natureza nos escapa ainda em grande parte, por falta de investigação suficiente a respeito.

As conclusões a que nos leva esse estado de coisas, para a psicologia Aplicada, são as seguintes

- 1º) Recomendar certas precauções e mudanças de ponto de vista na utilização do diagnóstico da personalidade em seleção profissional.
- 2º) Dar preferência à utilização das técnicas de diagnóstico da personalidade a serviço da orientação e aconselhamento dos indivíduos, evitando o seu uso na seleção.
- 3º) Os dois processos, a seleção e a orientação, deverão sempre que

---

<sup>9</sup> Esse conflito aparece mesmo no presente livro; o leitor experimentado reconhecerá certas contradições entre capítulos, contradições que o autor não conseguiu eliminar, por ser ele mesmo um reflexo da evolução sugerida.

possível, ser seguidos de novas investigações da personalidade, dentro de um programa de *follow-UP* e conjuntamente com o treinamento.

- 4º) A comparação dos primeiros diagnósticos e dos subseqüentes poderá servir de base para uma validação mais acurada, tanto dos processos de treinamento, quanto das técnicas de investigação da personalidade.

Vamos examinar mais detalhadamente cada um destes pontos.

**1º) Seleção profissional.** – As dúvidas levantadas pelas experiências de treinamento em Relações Humanas, a respeito da imutabilidade dos diferentes aspectos da personalidade do adulto, põem em relevo problema deontológico sério: com efeito, é contrário à ética profissional do psicólogo utilizar técnicas de investigação da personalidade, prejudicando os interesses da pessoa humana ou das organizações a que serve. Ora, o processo de seleção implica:

- 1) *Diagnóstico quanto ao estado atual da pessoa;*
- 2) *Prognóstico quanto ao seu ajustamento futuro.*

Escolher o melhor candidato a um emprego consiste em escolher o que mais serve atualmente e o que, ao mesmo tempo, possua maiores probabilidades de se adaptar no futuro.

O primeiro processo exige técnicas de validade estatística comprovada. O segundo processo, o do prognóstico, exige alto grau de precisão ou fidedignidade.

Vimos, na primeira parte do presente trabalho, que, se o problema da validação é de solução possível, o da fidedignidade implica a estabilidade da personalidade, a qual é posta em dúvida pelo treinamento em Relações Humanas.

Logicamente, e até maiores pesquisas a respeito, o estudo da personalidade utilizado em seleção profissional, deveria obedecer aos seguintes critérios:

- a) Deixar bem claro, nos relatórios, que os diagnósticos feitos valem para o período em que foram realizados os exames e que, sobretudo no domínio das opiniões, atitudes e conduta, pode haver mudanças, em função do ambiente de trabalho.
- b) Que foram escolhidos os melhores entre os candidatos apresentados, em função das suas características atuais; que isso não quer dizer que, entre os rejeitados, não haja indivíduos que, depois de treinamento, poderiam ser aproveitados.
- c) Seria mesmo aconselhável, no que se refere mais especialmente aos testes caracterológicos, utilizá-los em fase posterior à admissão, isto é, no

momento de entrevistas de ambientação, ajustamento ou reajustamento profissional dentro da empresa, como meios auxiliares desses processos. É dessa fase posterior que iremos falar a seguir.

**2º) Orientação e aconselhamento dos indivíduos dentro do ambiente do trabalho.** – Parece-nos que as técnicas de investigação da personalidade deveriam ser utilizadas cada vez mais para reforçar o aconselhamento (tanto quanto possível não-diretivo) dos indivíduos:

- a) *no momento da sua integração na empresa;*
- b) *conjuntamente com cursos de treinamento;*
- c) *no momento em que surgirem problemas de ajustamento com os seus chefes e colegas ou ao seu trabalho propriamente dito.*

Reexames periódicos poderiam registrar objetivamente eventuais mudanças.

É o que se faz em muitas empresas norte-americanas, e o que estamos realizando no Departamento de Orientação e Treinamento do Banco da Lavoura de Minas Gerais.

Tal maneira de agir tem a vantagem de, além de ajudar realmente o indivíduo a se ajustar cada vez melhor e a encorajá-lo a progredir, seguindo esse desenvolvimento passo a passo, permitir, também, prosseguir nas pesquisas quanto à ação dos programas de treinamento em Relações Humanas, sobre os diferentes aspectos da personalidade, ponto que iremos estudar mais adiante.

Nos países latino-americanos, onde a necessidade de mão-de-obra é tão grande que, para uma pessoa há, quase sempre, várias vagas disponíveis no mesmo estabelecimento, o problema de seleção se transforma antes no problema de escolher entre várias ocupações a que se adapta melhor às características atuais do candidato; por isso, preferimos, quando a equipe de psicólogos é pequena (é o caso na maioria das empresas), fazer trabalho de aconselhamento individual, revelando ao empregador os aspectos positivos do indivíduo para o seu melhor ajustamento, o que contribui para a criação de um clima de satisfação geral. A seleção limita-se aos processos julgados indispensáveis para um mínimo de produtividade inicial, salvo nos casos em que há perigo de morte. O aconselhamento individual tem ainda a vantagem, sobre os processos de seleção, de evitar outro problema deontológico, talvez ainda mais sério do que o anterior: é o de saber até que ponto temos o direito moral de utilizar técnicas

psicológicas de investigação da pessoa humana, revelando a terceiros, isto é, aos empregadores, os aspectos negativos; a recusa a um exame psicotécnico de admissão, sobretudo para ocupações que envolvem relações humanas, tem efeitos sérios sobre o conceito moral do candidato rejeitado. Os perigos da espionagem psicológica (Otis) podem ser evitados, se se conseguir do empregador que só se lhe revelem as qualidades dos indivíduos para o seu aproveitamento em benefício da empresa e da pessoa, e não os seus defeitos, como muitos fazem atualmente. Parece-nos que a melhor solução ainda é organizar um sistema de aconselhamento cujas conclusões fiquem somente entre o entrevistador e o entrevistado, salvo autorização especial da sua parte, no sentido de as revelar; isso depende, evidentemente, do grau de cultura e compreensão do empregador.

Tanto no ponto de vista deontológico, como no de maior segurança quanto ao problema do prognóstico, objeto de tese principal do presente relatório, é preferível o diagnóstico da personalidade aplicado ao aconselhamento ao aplicado à seleção.

**3) Pesquisas sobre a validade das técnicas de treinamento em Relações Humanas.** — Estabilidade dos traços de personalidade no adulto. Programas bem organizados de Relações Humanas nas empresas deveriam incluir planos de verificação sistemática da eficiência da ação educativa. Essa eficiência, Como já vimos, implica modificações da personalidade. Os programas deveriam, antes de tudo, definir quais os aspectos da personalidade que se pretende modificar, e entre eles:

- Quais aptidões? (Há ainda poucas provas dessa possibilidade).
- Quais interesses?
- Que opiniões?
- Que tipo de atitudes?
- Que tipo de conduta?

Os métodos de controle utilizados em Pedagogia Experimental são perfeitamente aplicáveis no caso de Relações Humanas; é preciso organizar grupos experimentais e grupos de controle, verificar as variáveis em jogo e controlá-las.

A medida dos traços de personalidade deve ser precedida por uma escolha adequada dos instrumentos permitirá, ao mesmo tempo, controlar a sua validade e a mutabilidade ou não dos traços observados.

Se, por exemplo, se pretende diminuir o estado de tensão reinante numa

empresa, utilizam-se, para medir esse estado, um questionário de moral do pessoal e os sinais de angústia no Teste de Rorschach. Se se tomarem medidas da tensão antes e depois da realização do programa, e só no grupo experimental se notarem as modificações esperadas, isto é, diminuição das respostas de tensão no questionário e diminuição das respostas “*clob*” (por exemplo) no Teste de Rorschach, teremos provas de que com muita probabilidade:

- 1º) O programa de Relações Humanas foi eficiente.
- 2º) Os instrumentos de diagnóstico da personalidade são válidos, como medida da angústia.
- 3º) É possível diminuir a tensão num grupo e a angústia individual através de técnicas de Relações Humanas.

Conforme se vê, a utilização conjugada, a título experimental, de técnicas de diagnóstico da personalidade e de treinamento em Relações Humanas, em vez de chegar a criar conflitos entre psicólogos partidários ou não da estabilidade e imutabilidade da personalidade do adulto, permite justamente ajudar a resolver dissidência, além de fornecer base cada vez mais segura de validação, tanto dos processos de treinamento em Relações Humanas como das técnicas de investigação da personalidade, propriamente ditas, sem falar do valor precioso que representam tais experiências para um *follow-up* visando o desenvolvimento individual.

Alguns pesquisadores e educadores já entraram nessa via; é de se desejar que a abordagem do problema que acabamos de expor seja cada vez mais utilizada.

#### § 4. O Estudo das Profissões

### Objetivos do estudo das profissões

Com a crescente divisão do trabalho industrial, comercial e agrícola, o número de profissões aumentou consideravelmente, tornando-se necessários os seguintes tipos de estudos especializados:

1º) **Classificação e conceituação das atividades profissionais.** — Em várias pesquisas de natureza econômica, legal, sociológica, censitária ou pedagógica, revela-se necessário estabelecer listas de profissões, ou mesmo dicionários codificados.

Exemplos:

- 1) O Ministério do Trabalho precisou, para aplicação da lei dos dois terços, conhecer quais as profissões existentes no Brasil; mandou organizar um dicionário chamado Código Adotado na Apuração das Declarações de Empregados, que serviu também para o levantamento do nível mental da população brasileira, na parte referente às relações entre inteligência e profissões.
- 2) O U. S. Department of Labor encontrou-se diante do seguinte problema: como fornecer aos órgãos públicos de colocação de trabalhadores informações e técnicas que facilitassem a classificação e a colocação dos trabalhadores? Assim nasceu o *Dictionary of Occupational Titles*, contendo a codificação de 40 023 títulos profissionais com 22 028 definições.
- 3) O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial precisou, para organizar os seus cursos e realizar posteriores estudos de atividades profissionais, identificar e classificar as ocupações nitidamente comerciais. Chegou-se assim, após três anos de intensas pesquisas, a uma classificação e conceituação das atividades comerciais, contidas na Publicação n°. 17, da referida entidade.

**2º) Análise do trabalho de determinada atividade profissional.** — Não basta, porém, o conhecimento da existência ou do significado das palavras para atender a certos objetivos; muitas vezes é necessário analisar uma das atividades sob vários ângulos: *econômicos* (salário, promoção, situação no mercado do trabalho, etc.); *sociológicos* (grupos sindicais, condições de integração no grupo profissional, existência de tensões psicossociais, atitudes, Relações humanas); *psicológicos e fisiológicos* (aptidões, personalidade, indicações e contra-indicações); *legais* (regulamentos, leis trabalhistas, etc.); e *pedagógicos* (aprendizagem, grau cultural necessário, etc.).

A finalidade do estudo da atividade profissional dita quais devem ser os pontos de vista predominantes nesse estudo. Entre as finalidades da análise de profissões podemos citar:

a) A APRENDIZAGEM OU ORGANIZAÇÃO DE CURSOS PROFISSIONAIS

Exemplo: O Departamento Regional do SENAC de São Paulo resolveu organizar um curso de garçom; para isso, era necessário saber o que tinha de ser ensinado em aulas na escola e o que era necessário ensinar na prática da profissão; para esse fim, realizou-se um estudo da profissão de garçom, de onde foi tirado o programa do curso.

b) A SELEÇÃO PROFISSIONAL

*Exemplo:* Uma empresa industrial chamou um orientador profissional para escolher, entre vários candidatos, o mais apto para exercer a ocupação de linotipista; para realizar essa tarefa, era necessário conhecer a natureza do trabalho, a sucessão das operações, a idade ótima de exercício da ocupação, os graus de cultura e de inteligência necessários, a acuidade visual e outras aptidões indispensáveis ao êxito nessa profissão, permitindo-lhe organizar um programa de seleção; encontrando um trabalho realizado pelo SENAI, de análise da profissão de linotipista, o orientador teve resposta às implicações sobre a matéria.

c) ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

*Exemplo:* Um adolescente apresenta, no seu exame de orientação profissional, bom grau de inteligência geral, escolaridade deficiente e desinteresse geral pelos estudos ginasiais; demonstra, porém, aptidões para desenho, muito boa habilidade manual e gosto por atividades industriais. O problema consiste, para o orientador profissional, em descobrir uma profissão na qual ditas aptidões podem ser aproveitadas, e o tipo de curso mais condizente com as mesmas. Também para isso é necessário ter uma análise de profissões que permita resolver esse problema.

d) AVALIAÇÃO PROFISSIONAL

*Exemplo:* Uma empresa comercial observou grande mobilidade profissional das suas demonstradoras; suspeitou de que o salário não era suficiente, mas não sabia quanto valia essa ocupação profissional; chamou então um psicólogo do trabalho que, além de analisar a ocupação, examinou todas as demonstradoras em exercício; pelo cotejo da complexidade do trabalho com as aptidões encontradas em outras ocupações, foi possível dar uma remuneração mais justa às demonstradoras.

e) RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO

*Exemplo:* Num escritório, o chefe de serviço notou diferenças apreciáveis de rendimento entre vários carimbadores; um deles carimbava a metade das cartas no mesmo intervalo de tempo que o outro; fez-se uma decomposição dos gestos profissionais e chegou-se à conclusão de que a diferença era devida à distância da

almofada à carta a carimbar; colocando a almofada diretamente ao lado da carta a carimbar, o rendimento dobrou.

*f)* A PREVENÇÃO DOS ACIDENTES DO TRABALHO

Exemplo: Uma grande empresa siderúrgica tinha, na oficina de laminação, alto índice de queimaduras das pernas entre os acidentes do trabalho; para apurar as causas dessa ocorrência, fêz-se a análise do trabalho através da observação dos trabalhadores em exercício, chegando-se à conclusão que não utilizavam convenientemente as tenazes, fazendo passar as lâminas de ferro incandescente entre as pernas em vez de segurá-las de lado, como a técnica recomenda.

*g)* A RECUPERAÇÃO DOS DEFICIENTES FÍSICOS E SENSORIAIS

O grande número de soldados feridos durante as guerras levou os governos interessados a estudar as profissões que podem ser exercidas pelos trabalhadores parcialmente incapacitados.

*h)* CONTRATOS DE TRABALHO

Exemplo: O Estado de São Paulo sentiu a necessidade de definir melhor as tarefas de cada um dos funcionários, não somente com o objetivo de fixar remunerações, mas sobretudo de determinar para cada novo funcionário as tarefas que lhe são afetas, delimitando o seu campo de ação; para isso, realizou e publicou no Diário Oficial verdadeiras monografias profissionais de cada posto de trabalho existente no Estado.

Conforme se vê, as finalidades pelas quais se fazem estudos e análises de profissões são numerosas e diversas.

Iremos, a seguir, limitar-nos ao estudo e análise de profissões tendo em vista a orientação profissional e a aprendizagem.

## **Conceituação das atividades profissionais**

Antes de iniciar a análise propriamente dita de uma atividade profissional qualquer, convém definir o que é a atividade que se vai estudar, isso a fim de delimitar exatamente qual o tipo de profissional que deverá ser entrevistado, observado ou



examinado.

**1º) Como definir uma atividade profissional?** — Segundo o *Dictionary of Occupational Titles*, definir uma atividade profissional consiste essencialmente em responder às seguintes perguntas:

- a) Que faz o trabalhador?
- b) Como faz?
- c) Por que faz?

Em cada definição, consta também o ou os sinônimos da referida atividade.

*Exemplo:* Secretário (escritório) 1.33.01. Secretário estenógrafo. Faz trabalho geral de escritório, aliviando gerentes e outros elementos da companhia de pequenas tarefas executivas e de escritório: toma ditado, usando estenografia ou máquina de estenotipia (estenotipista); transcreve ditado ou as anotações reproduzidas por uma máquina de transcrever (operadora de máquinas de transcrever); anota e faz lembrar aos chefes os seus compromissos; entra em contato com as pessoas que vêm ao escritório, encaminhando-as a outros funcionários, quando não há necessidade de que entrem em contato com o chefe; atende e faz chamados telefônicos; manuseia correspondência pessoal e importante, redigindo correspondência de rotina por iniciativa própria; supervisiona outros funcionários do escritório; pode manter registros do pessoal (escriturário de serviço de pessoal).

Essa definição é de caráter nitidamente operacional e, por isso mesmo, não pode pairar dúvida quanto à natureza da atividade assim conceituada.

A conceituação costuma-se fazer utilizando como fontes de estudo os seguintes instrumentos de trabalho: dicionários enciclopédicos ou filosóficos, dicionários e códigos de ocupações profissionais, classificações de ocupações profissionais.

A conceituação de uma atividade, quando precede uma análise profissional deve ser considerada como provisória, pois elementos provindos da própria análise podem enriquecer ou mesmo modificar a definição inicial, que constitui, neste caso, apenas uma hipótese de trabalho.

Quando existem especializações na atividade conceituada, convém citá-las depois da definição, utilizando também o conceito operacional.

*Exemplo:* Depois da definição de “secretário”, o *Dictionay of Occupational Titles* conceitua também as atividades profissionais de secretário jurídico, secretário particular, secretário de polícia, secretário administrativo.

2º.) **Posição da atividade já definida em relação aos conceitos profissionais já existentes.** — profissão, ocupação, função, ofício, cargo, são termos correntemente utilizados na linguagem profissional; convém, após ter definido a atividade profissional, situar tal atividade em relação a essa terminologia.

*Exemplo:* “Balconista” é profissão, cargo, função, ocupação ou ofício?

Para responder a essa pergunta é necessário, em primeiro lugar, conceituar esses termos.

Iremos utilizar, para essa conceituação, principalmente o trabalho de Robert Dannemam, Costa Pinto e Maurício de Magalhães Carvalho, já bastante divulgado, por ser este o mais completo e um dos mais sérios realizados no Brasil sobre o assunto.

Esses autores, após exaustivo estudo bibliográfico e considerações sobre os aspectos sociológicos do conceito de profissão como processo, como grupo e como vocação, chegaram às seguintes definições:

1. **PROFISSÃO:** toda a atividade específica, relativamente contínua, exercida em troca de determinada remuneração e cujo exercício permite ao profissional adquirir *status* social.

Essa definição inclui, portanto, as noções de:

- a) Especificidade da atividade, resultante da divisão do trabalho.
- b) *Continuidade* da atividade, distinta das que a pessoa exerce ocasionalmente.
- c) *Remuneração* (dona de casa, estudante, membro da Legião da Boa Vontade ou visitador de Associação de Luta Anti-Alcoólica, não constituem profissões, nesse sentido, pois não têm remuneração)
- d) *Status social*. Essa noção, de definição mais difícil, parece, segundo os autores citados, mais ligada a uma noção de classe social, ligada também ao prestígio que confere o seu exercício e, provavelmente, à existência de organizações sindicais ou puramente profissionais. Atualmente o “*status social*” só existe realmente para atividades profissionais de grau universitário (advogado, engenheiro, médico, economista, etc). Outros agrupamentos foram tentados; podem ser considerados como tendo “*status social*” os “comerciários” e os “industriários”, sem que se pudesse falar em profissão

de industrial ou comerciante, em virtude de não preencherem a condição a (especificidade).

2. OCUPAÇÃO: cada uma das diversas posições orgânicas que, sob várias denominações, surgem no quadro das empresas, em consequência da necessidade de haver encarregados de executar as tarefas características das diferentes funções.

3. FUNÇÃO: cada uma das atividades em que se divide o processo geral de trabalho dentro da empresa. Isso significa que junção, entendida no seu sentido dinâmico, é o papel que cada uma dessas atividades desempenha no assegurar, por divisão do trabalho, a marcha do conjunto.

No exemplo do balconista, pode-se dizer que balconista não é uma profissão pois não tem “*status social*”, embora tenha continuidade, especificidade e seja sujeita à remuneração. Balconista é uma ocupação típica da função de venda.

Além dos termos definidos pelos autores acima citados, existem dois outros que convém definir, e para os quais utilizaremos definição inspirada pelos dicionários brasileiros.

4. OFÍCIO: termo reservado para as ocupações de natureza artesanal ou manual.

Não se pode falar, por exemplo, em ofício de vendedor ou de secretário; mas, as expressões: ofício de sapateiro, padeiro, mecânico, são universalmente aceitas.

5. CARGO: ocupação profissional na qual são confiadas tarefas de certa responsabilidade, incluindo, em geral, a noção de superioridade dentro da hierarquia empresarial.

Assim, por exemplo, pode-se falar *em cargo de superintendente, de chefe, de orientador, de diretor*.

Essas definições não são as únicas existentes; são apenas resultado de uma precaução semântica, indispensável para entendimento terminológico entre as pessoas que estudam atividades profissionais.

## **Análise da atividade profissional**

Tanto para orientação profissional como para organização de cursos profissionais ou de planos de aprendizagem, faz-se necessário o conhecimento de certo número de dados, que iremos agrupar em torno de tópicos, cujo conjunto constitui um plano completo de análise da atividade profissional, tomando em consideração os mais recentes estudos feitos a respeito (Bonnardel, Ombredane et Faverge, Laugier et Weinberg, Walther, Dannermann-Costa Pinto-Magalhães). Iremos expor, para cada tópico, quais são os dados a pesquisar, sem nos preocuparmos por enquanto com questões de metodologia. Estas serão objeto de estudo posterior, embora já sejam enumerados, quando conveniente, os métodos e técnicas empregados.

### **PLANO PARA APRESENTAÇÃO DE UMA MONOGRAFIA PROFISSIONAL**

**1. Denominação da atividade profissional.** — Além do nome da atividade, convém, se couber, indicar também os sinônimos.

**2. Metodologia utilizada.** — Convém descrever aqui os *métodos e técnicas da análise*, especificando em que parte do trabalho foram utilizados, pois é possível que o mesmo método não se aplique a cada um dos tópicos deste plano de monografia. Por exemplo, a observação do trabalhador em exercício é indispensável para descrição da atividade, enquanto que, para obtenção de dados sobre o sexo e a idade, será necessário recorrer ao método interrogativo.

A apresentação desses dados poderá ser feita da seguinte forma:

| MÉTODO E TÉCNICA UTILIZADA                                                       | ITEM CORRESPONDENTE DA MONOGRAFIA |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|
| A) MÉTODO BIBLIOGRÁFICO                                                          |                                   |
| a) Monografias e análises profissionais .....                                    | .....                             |
| b) Biografias de profissionais célebres .....                                    | .....                             |
| c) Citações em manuais ou resumos .....                                          | .....                             |
| B) MÉTODO INTERROGATIVO                                                          |                                   |
| a) Entrevista de:                                                                |                                   |
| trabalhadores .....                                                              | .....                             |
| dirigentes .....                                                                 | .....                             |
| b) Questionário escrito livre, aplicado em:                                      |                                   |
| trabalhadores .....                                                              | .....                             |
| dirigentes .....                                                                 | .....                             |
| c) Questionário escrito orientado, aplicado em:                                  |                                   |
| trabalhadores .....                                                              | .....                             |
| dirigentes .....                                                                 | .....                             |
| C MÉTODO DE OBSERVAÇÃO                                                           |                                   |
| a) Observação provocada                                                          |                                   |
| Trabalhadores em exercício .....                                                 | .....                             |
| Trabalhadores deficientes físicos, mentais ou .....s                             | .....                             |
| Filmes .....                                                                     | .....                             |
| b) Observação espontânea                                                         |                                   |
| Procura dos acidentes de trabalho .....                                          | .....                             |
| Procura das doenças profissionais .....                                          | .....                             |
| Procura dos motivos de promoção .....                                            | .....                             |
| Procura dos motivos de dispensa .....                                            | .....                             |
| Procura dos erros profissionais .....                                            | .....                             |
| D) MÉTODO EXPERIMENTAL                                                           |                                   |
| a) Exercício da profissão pelo autor da análise .....                            | .....                             |
| b) Exame psicológicos dos profissionais .....                                    | .....                             |
| c) Exame fisiológico dos profissionais .....                                     | .....                             |
| d) Exame biotipológico dos profissionais .....                                   | .....                             |
| e) Supressão momentânea de certas variáveis.....                                 | .....                             |
| E. MÉTODO ESTATÍSTICO                                                            |                                   |
| a) Técnica profissiográfica .....                                                | .....                             |
| Média e desvio-padrão de grupos de profissionais em geral .....                  | .....                             |
| Média e desvio-padrão de grupos de trabalhadores bons, médios e inferiores ..... | .....                             |
| b) Correlação entre qualidade profissional e resultados nos testes .....         | .....                             |
| c) Análise fatorial                                                              |                                   |

3. **Definição da atividade profissional.** — Esse assunto já foi tratado anteriormente.

4. **Histórico da atividade.** — A história de uma profissão traz, muitas vezes, elementos preciosos para esclarecimento de certos aspectos necessários à análise de

uma atividade profissional, sobretudo no que se refere aos processos de divisão do trabalho dentro da própria profissão ou ocupação.

**5. Descrição da atividade.** — Neste tópico, convém descrever:

- a) As operações realizadas diariamente;*
- b) As operações realizadas ocasionalmente;*
- c) Os instrumentos utilizados;*
- d) O material manipulado.*

Fotografias dos gestos profissionais e dos instrumentos dão às monografias mais vida e maior objetividade.

**6. Exigências para o êxito profissional.**

A) SEXO. Indicar se a preferência por um dos sexos é absoluta ou relativa.

B) IDADE. Dar a média das idades encontradas, assim como os limites superiores e inferiores. Indicar também o limite geralmente admitido para início da atividade.

C) ESTADO CIVIL. Indicar se a preferência é absoluta ou relativa.

D) NACIONALIDADE.

E) NÍVEL ESCOLAR:

- Primário
- Médio 1º. ciclo
- Médio 2º. ciclo
- Superior

F) CONHECIMENTOS TÉCNICOS

G) DIPLOMAS

H) EXIGÊNCIAS FÍSICAS E FISIOLÓGICAS:

- a) Biótipo (segundo a classificação de Sheldon);*
- b) função digestiva.*

É importante considerar este tópico em todas as atividades que obrigam a irregularidade das refeições, posição curvada, jantares de “negócios”, trabalhos sedentários, esforços musculares importantes após as refeições, mudanças de regime alimentar, por viagens.

Citar as doenças profissionais mais freqüentes.

*c) Função circulatória.*

Devem ser indicadas as condições necessárias do sistema circulatório em todas as atividades onde há emoções, perigos, trabalho em pé, esforços musculares intensos.

Citar as doenças profissionais mais freqüentes.

*d) função respiratória e termo-reguladora.*

Este item visa sobretudo às atividades submetidas a mudanças bruscas de temperatura, manipulação de objetos quentes ou frios, variações de pressão atmosférica, trabalho com poeiras ou doentes.

Citar as doenças profissionais mais freqüentes.

*e) Função neuromuscular.*

Convém encarar neste tópico todas as atividades nas quais são necessários grandes esforços musculares, movimentos violentos; aqui podem também ser classificadas aptidões motoras tais como:

- Força
- Rapidez dos gestos
- Coordenação dos gestos
- Precisão dos movimentos
- Resistência a tremores.

Para essas aptidões, convém indicar em que grau são necessárias.

Citar as doenças profissionais mais freqüentes.

*f) funções sensoriais.*

*1ª) funções cutânea e quinesésica:*

- Limiar sensorial
- Percepção das diferenças térmicas
- Sensibilidade dolorosa
- Percepção de diferenças de peso
- Percepção das diferenças de espessura no tocar
- Percepção das rugosidades.

Convém também considerar neste item todas as atividades onde há necessidade de manter equilíbrio em alturas perigosas, trabalhos com tecidos e tintas (alergias) e trabalhos com alimentos ou de contato com pessoas (afecções cutâneas contagiosas).

#### *2ª) Função olfativa e gustativa*

Com exceção de algumas profissões, este item é dispensável; quando for o caso, é necessário citar as anomalias gustativas que contra-indicam o exercício da atividade.

#### *3ª) Função auditiva*

##### *Acuidade auditiva*

##### *Audição perfeita:*

- quase normal
- leve hipoacusia
- hipoacusia acentuada
- surdez grave
- surdez profunda.

##### *Aptidões musicais (auditivas):*

- diferenciação tonal
- diferenciação das mudanças de intensidade
- reconhecimento dos intervalos
- apreciação do melhor ritmo.

##### *Discriminação auditiva:*

Reconhecer, entre vários barulhos, mudanças de tonalidade dum só (máquinas, automóvel, etc.).

#### *4ª) Função visual:*

##### *Acuidade visual:*

Consultar a obra clássica de Bonnardel, *Vision et Professions*, que dá a acuidade visual necessária a centenas de atividades profissionais diferentes.

##### *Visão noturna*

##### *Resistência ao ofuscamento:*

- Limiar de tolerância
- Tempo de recuperação.



*Precisão visual:*

Percepção das distâncias, profundidades, velocidades, “golpe de vista”.

*Rapidez de percepção visual.*

*Campo visual.*

*Uso de óculos:*

Certas ocupações são incompatíveis com o uso de óculos..

*g) Função vocal:*

Distinguem-se vários graus de expressão de linguagem: expressão perfeita; boa expressão; alguns defeitos bem corrigidos; distúrbios orgânicos da linguagem; perda completa da linguagem.

#### I) EXIGÊNCIAS INTELECTUAIS

Conforme a metodologia utilizada, pode-se fornecer os resultados do inquérito em relação a exigências intelectuais, sob forma de gráfico (profissiograma), de quadro no qual estão indicados os graus exigidos para cada fator (infranormal, inferior, médio, médio superior, superior, supernormal), ou, na pior das hipóteses, de indicação da necessidade ou não da referida aptidão.

As exigências intelectuais serão expostas em linguagem de acordo com os últimos resultados da análise fatorial, a saber:

Fatores G (inteligência geral)

*N* (numérico)

*V* (verbal de compreensão)

*W* (verbal de fluência)

*S* (espacial)

*R* (raciocínio)

*P* (rapidez e exatidão da atenção perceptiva)

*Mv* (memória visual)

*Ma* (memória auditiva).

Convém também citar os fatores ainda hipotéticos, tais como a inteligência social e a imaginação criadora ou invenção, o fator geral de rapidez mental, e um fator que corresponderia ao “espírito de síntese”.

No caso de ter havido um estudo de correlações entre o rendimento no trabalho e o rendimento nos testes, indicar o coeficiente de validade de cada teste, mencionando os testes utilizados; no caso contrário, convém fazer um projeto incluindo uma lista de testes que poderiam ser utilizados numa pesquisa de comprovação das deduções feitas por outros métodos.

#### J) EXIGÊNCIAS ARTÍSTICAS

Bom gosto. Capacidade de expressão teatral. Aptidões para desenho. Aptidões musicais.

#### K) EXIGÊNCIAS DA PERSONALIDADE

Embora qualquer divisão no domínio da personalidade, entendida no sentido de Allport, seja puramente arbitrária, em virtude do sentido de unidade que está ligado a esse conceito, convém fazer uma classificação dos seus diferentes aspectos, a fim de facilitar a compreensão e a exposição dos dados referentes a esse tópico. Distinguiremos: as exigências caracterológicas, as exigências éticas, as exigências no que toca à motivação e as exigências sociais.

##### a) *Exigências caracterológicas:*

- Perseverança e tenacidade
- Resistência à monotonia
- Espírito de ordem
- Paciência
- Rapidez de reações
- Confiança em si mesmo
- Prudência
- Iniciativa
- Ambição
- Equilíbrio emocional
- Empáfia
- Controle de si mesmo em situações de frustração.

##### b) *Exigências éticas:*

- Senso de disciplina
- Pontualidade
- Assiduidade
- Honestidade
- Lealdade
- Senso de justiça.

c) *Exigências quanto à motivação profissional:*

Interesse para as seguintes atividades (segundo análises de Thurstone, Strong, Kuder):

|                                     |                |
|-------------------------------------|----------------|
| Ciências biológicas                 | Arte           |
| Ciências físicas                    | Música         |
| Cálculos                            | Agricultura    |
| Direção                             | Alimentação    |
| Persuasão                           | Vigilância     |
| Atividades verbais                  | Classificação. |
| Atividades de contato com pessoas   |                |
| Atividades assistenciais            |                |
| Negócios (lucro)                    |                |
| Atividades que exigem movimentação. |                |

d) *Exigências sociais:*

Sociabilidade  
Capacidade de lidar com pessoas de alta categoria  
Facilidade em dirigir as pessoas  
Espírito de cooperação  
Apresentação e aspecto exterior  
Cortesia  
Capacidade de convencer  
Capacidade de fazer amigos.

**7. Formação profissional, aprendizagem ou treinamento.**

A) Idade mínima e máxima de início.

B) Discriminar se é necessária formação, *aprendizagem, treinamento ou simples instrução*, para se obter uma pessoa capacitada.

C) *Processo de formação, aprendizagem, instrução ou treinamento.*

a) *Teoria:*

Matérias de cultura geral. Nível. Duração.  
Matérias de cultura técnica. Nível. Duração.

b) *Prática:*

Sucessão das operações na ordem a ser ensinada.  
Sucessão das ocupações a serem exercidas antes desta.  
Estágios necessários.  
Aspectos da personalidade a desenvolver. Processos.  
Material necessário à prática.

c) *Cursos e escolas existentes:*

Condições de admissão (idade, sexo, grau de instrução).

Programas.

Diplomas.

D) *Processos de aperfeiçoamento.*

Indicar aqui se sentiu a necessidade de cursos de aperfeiçoamento do pessoal.

a) *Teoria. Ver item anterior.*

b) *Prática. Idem.*

c) *Cursos existentes.*

8. Perspectiva.

A) SALÁRIO:

a) Indicar se o salário difere de empresa em empresa ou se é fixo.

b) Limites mínimos e máximos (indicar a data em virtude das variações existentes).

c) Tipo de remuneração: mensal, quinzenal, semanal, diária, horária, por tarefa, variável (comissão) (parte fixa e parte variável).

d) Evolução do salário nos últimos cinco anos.

e) Prognóstico quanto ao futuro.

B) CARREIRA:

a) *Tipos de promoção:*

Salarial. De categoria dentro da atividade.

Passagem a ocupação mais complexa. Quais?

Hierárquica. Verificar se há possibilidade de chegar a altos postos dentro das empresas, iniciando ou passando por essa ocupação.

b) *Motivos de promoção:*

Antigüidade.

Merecimento.

C) Mercado de trabalho:

a) Indicar se há facilidade ou dificuldade em encontrar empregados.

b) Procurar se há tendência ao desaparecimento da atividade.

c) Tentar prognóstico para o futuro, no que diz respeito à oferta e à procura.

9. **Entidades profissionais.** — Associações de classe, sindicatos. Indicar os endereços.

## 10. Bibliografia sobre a profissão.

### Metodologia da análise profissional

A diversidade de métodos e técnicas de estudo de atividades profissionais é grande; a variedade de finalidades pode ser considerada como sendo a causa principal desse fato: por exemplo, para estudar o histórico de uma profissão, convém fazer uma pesquisa bibliográfica; para colher os elementos indispensáveis com o fim de organizar o programa de um curso profissional, será necessário interrogar e observar profissionais em exercício, enquanto que, para conhecer as contra-indicações de ordem médica de uma ocupação, é necessário examinar trabalhadores antigos ou procurar estatísticas sobre a matéria.

Iremos, a seguir, descrever os diferentes métodos e as técnicas que os integram, esforçando-nos por citar exemplos, a fim de facilitar a compreensão do assunto.

a) **O método bibliográfico.** — É regra elementar em matéria de pesquisa científica não começar um estudo sem, em primeiro lugar, tomar as seguintes providências:

1º) Verificar se o assunto já foi estudado por outro autor; em caso positivo, se as conclusões forem indiscutíveis, talvez não valha a pena fazer o esforço e gastar tempo numa pesquisa que já foi realizada.

2º) Caso o relatório da pesquisa seja julgado insuficiente, procurar os pontos duvidosos e limitar o planejamento do estudo a esses pontos. É o que acontece com monografias profissionais feitas no estrangeiro e apresentando todos os requisitos previstos para um bom trabalho, mas a respeito dos quais não se sabe até que ponto as conclusões são aplicáveis ao Brasil; é, neste caso, necessário realizar sondagens em várias empresas, a fim de verificar se as operações são as mesmas.

Quanto ao método propriamente dito, é bastante conhecido; iremos apenas resumir os princípios essenciais a uma boa pesquisa bibliográfica. Em primeiro lugar, convém procurar, nas revistas especializadas em orientação profissional, formação

profissional e estudos profissionais, citações de publicações referentes ao assunto. Depois, poder-se-á procurar as publicações, que podemos classificar da seguinte maneira:

- a) Monografias de análise profissional;
- b) Dicionários de profissões;
- c) Manuais de descrição das técnicas da profissão;
- d) Tratados de Psicologia, Sociologia, Economia, Profissiologia, Medicina do Trabalho, etc.;
- e) Manuais de orientação profissional;
- f) Biografias de profissionais ilustres;
- g) Classificação ou análises profissionais feitas por entidades públicas ou particulares (muitas vezes não publicadas).

Convém, durante a análise de cada publicação, fazer as seguintes. fichas, conforme aconselha a prof. Maria Violeta Vilas Boas:

a) *Ficha bibliográfica*, em que se anotam:

- O título do livro;
- O nome completo do autor;
- A referência quanto a página ou páginas, se for artigo de uma revista ou capítulo de um manual.
- A editora;
- A cidade de edição;
- O ano da publicação;
- O número de páginas.

Distinguem-se ficha bibliográfica por assunto e ficha bibliográfica *por autor*.

A coleção de fichas bibliográficas já classificadas facilita a listagem das referências bibliográficas, no fim da apresentação do estudo de atividade profissional.

b) *Ficha de conteúdo*, na qual se coloca o resultado da análise propriamente dita do texto. Distingue, a autora citada, dois tipos de ficha de conteúdo:

- 1) *A ficha cópia*, que tem em vista servir de transcrição de citações ou de trechos inteiros, julgados suscetíveis de serem utilizados na apresentação da monografia profissional.
- 2) *A ficha resumo*, que pode ser de três tipos diferentes:

Resumo de trecho.

Resumo de livro.

Resumo de trabalho (individual ou coletivo).

O plano de classificação das fichas pode ser idêntico ao “plano de análise”.

No próprio estudo bibliográfico, podem-se distinguir três fases:

- a) A coleta de dados;
- b) A análise bibliográfica;
- c) A síntese bibliográfica, na qual se procura reunir num só trabalho todos os dados fichados, seguindo o plano para análise profissional, já indicado anteriormente.

Caso seja julgada suficiente, a própria síntese bibliográfica pode servir de trabalho definitivo, constituindo assim a própria monografia profissional.

Em geral, porém, surgem dúvidas de tal ordem que é necessário completar o estudo bibliográfico, lançando mão de outros métodos que iremos descrever a seguir.

b) **O método interrogativo.** — O método mais simples, em aparência, para se obterem dados, é o de fazer perguntas sobre estes. Segundo Bize, Otto Lipmann foi um dos primeiros, em 1916, a utilizar questionário que compreendia 86 perguntas e que foi aumentado em 1917 para 105 e depois para 148, versando sobre as características necessárias para o exercício das atividades profissionais.

As perguntas são, em geral, preparadas em função do assunto a pesquisar, e propostas sob forma de questionário escrito, o qual pode ser preenchido com ou sem a assistência de um pesquisador. A experiência demonstrou que a assistência do técnico é, em geral, indispensável para diminuir os grandes inconvenientes dos questionários, inconvenientes que iremos resumir a seguir:

1º) A linguagem utilizada nos questionários nem sempre é a mesma que a utilizada pelos profissionais; certos termos têm sentidos diferentes para o pesquisador e para o profissional; por exemplo, muitas pessoas confundem inteligência com grau de instrução, ou, ainda, com memória, enquanto o psicólogo sabe que são características diferentes. Há, por conseguinte, necessidade de esclarecer bem o sentido das palavras e verificar pessoalmente a semântica utilizada pelos entrevistados.

2º) Existe tendência compreensível dos entrevistados a superestimar, por orgulho profissional, as aptidões necessárias para o êxito na profissão; ou, ainda, a enumerar mais tarefas do que estão realizando realmente, dando, assim, mais importância à profissão do que a que tem na realidade. Assim, por exemplo, Charter e Witley, estudando, por meio de questionários, as tarefas exercidas pelas secretárias, obtiveram de 125 secretárias respostas quanto a 871 tarefas diferentes, enquanto que, no término do trabalho, chegaram os autores à conclusão de que só 22 mereciam ser tomadas em consideração.

3º) As informações prestadas pelos chefes e as prestadas pelos empregados são muitas vezes divergentes, como, por exemplo, no inquérito realizado por Bell em 1953, em Berlim, em que 80% dos chefes entrevistados estimavam a inteligência como fator importante para os vendedores, enquanto que só 50% dos empregados opinaram nesse sentido.

Por essa razão, é preferível entrevistar dirigentes e dirigidos; o confronto das informações fornece maior segurança às conclusões.

O método interrogativo pode ser aplicado para descrição das operações, para conhecer melhor as exigências para o êxito profissional (sexo, idade, estado civil, nacionalidade, nível escolar: aptidões físicas e mentais, etc.), para conhecer as exigências quanto à formação profissional, para saber quais as perspectivas quanto a salário, carreira e mercado de trabalho, enfim, praticamente para todos os tópicos de uma monografia profissional.

Os próprios questionários, quando organizados para esse fim prestam-se a apuração estatística, a qual permite fornecer maior segurança, desde que os resultados sejam bem interpretados.

Evidentemente, certos dados fornecidos pelo método interrogativo necessitam comprovação experimental; é o caso, especial mente, da aplicação do referido método, para descobrir as aptidões necessárias; em geral, as conclusões que se apoiam exclusivamente em questionários trazem lista interminável de exigências, as quais reunidas numa só pessoa, existem unicamente em gênios; além disso, os questionários não fornecem o grau necessário para cada aptidão.



c) **Método de observação.** — Pode-se observar os trabalhadores ou fenômenos diretamente ligados ao trabalho provocando-se as condições necessárias para observação ou, então, aproveitando situações espontâneas.

1º) OBSERVAÇÃO PROVOCADA

Há várias maneiras de observar os trabalhadores:

- a) Pede-se ao trabalhador que exerça normalmente a sua atividade, e *anota-se tudo* que se achar conveniente, à medida que se processa o trabalho; depois da observação, faz-se a redação final.
- b) Outra maneira é a que consiste em utilizar *fichas* ou *questionários* previamente preparados, e assinalar com um X os itens correspondentes à medida que se vai processando a observação.

A observação pode-se fazer com trabalhadores deficientes físicos, sensoriais ou mentais, com a vantagem de se poderem tirar conclusões utilíssimas sobre a importância da existência de determinada aptidão, pois, se um profissional tem êxito em certa atividade, embora seja deficiente, é que essa deficiência é compatível com o exercício da ocupação; é assim, por exemplo, que se consegue refutar muitas conclusões *a priori*, como, por exemplo, quando encontramos ótimo balconista daltoniano de tecidos, enquanto, *a priori*, o daltonismo seria contra-indicação absoluta para o exercício da profissão.

- c) O *filme* e a *fotografia* são muitas vezes utilizados, tendo em vista notadamente o estudo e decomposição dos movimentos.

2º) OBSERVAÇÃO ESPONTÂNEA

Certas ocorrências na vida profissional permitem fazer observações muito valiosas, no que se refere às exigências profissionais:

- a) *A procura das causas dos acidentes de trabalho*

O estudo das causas dos acidentes de trabalho colocou em relevo a importância de certas aptidões como a inteligência concreta, a atenção visual e outras para as ocupações profissionais onde ocorrem.

*b) A procura das doenças profissionais*

A existência de doenças profissionais permite tirar conclusões quanto a certas exigências fisiológicas; por exemplo, crises nervosas de dactilógrafas apontaram a necessidade da integridade do sistema nervoso para o exercício dessa ocupação; a formação de varizes nas vendedoras desaconselha o exercício da ocupação de balconista para pessoas que têm tendência para esse tipo de distúrbio circulatório.

*c) A investigação dos motivos de promoção ou de dispensa de profissionais*

Em recente inquérito realizado por nós em grande firma comercial, com o fim de investigar as aptidões necessárias para o êxito no balcão, procuramos as razões de dispensa de empregados dessa ocupação; entre os motivos de personalidade, encontramos os seguintes:

|                        |     |
|------------------------|-----|
| Desonestidade .....    | 35% |
| Insubordinação .....   | 33% |
| Agressividade .....    | 17% |
| Homossexualidade ..... | 15% |

O fato de esses traços de conduta serem motivos de dispensa nos levou a colocá-los entre as contra-indicações para o exercício da profissão de vendedor, com a ressalva, evidentemente, de que a insubordinação e a agressividade podem ser, em muitos casos, de natureza psico-social, e, por conseguinte, depender do meio.

Também os motivos de promoção são indicadores preciosos para apontar aptidões ou outras características necessárias ao bom desempenho de ocupação profissional.

*d) A procura de erros profissionais*

Lahy e Pacaud, estudando o condutor de locomotivas, demonstraram a utilidade do levantamento dos diferentes erros profissionais; a interpretação da lista desses erros, embora tivesse o mesmo inconveniente de subjetividade assinalado a respeito das conclusões que se podem tirar dos resultados obtidos através do método interrogativo ou de observação, apresenta, segundo Bize, a vantagem de partir da realidade.

d) **O método experimental.** — Através da experimentação rigorosa, numerosos autores tentaram esclarecer pontos impossíveis de investigar por outros métodos, ou, ainda, aspectos do estudo de profissões, cuja interpretação por outros métodos fica impregnada de subjetivismo e por conseguinte, cientificamente discutíveis, cujas conclusões são:

a) EXERCÍCIO DA PROFISSÃO PELO ANALISTA

Por isso, alguns psicólogos pensaram que o exercício da ocupação estudada traria alguns esclarecimentos a respeito das aptidões necessárias para o êxito profissional. Assim, Léon Walther exerceu a ocupação de relojoeiro, o que lhe facilitou, sem dúvida nenhuma, o estudo daquela ocupação. Da mesma forma, quando visitamos o prof. André Ombredane, em Paris, estava ele exercendo a ocupação de condutor de trem do Metropolitano dessa cidade, com o mesmo fim.

Nada, porém, indica que as aptidões colocadas em função por um intelectual, como é o caso do psicólogo, sejam as mesmas que as utilizadas pelo profissional; de outro lado, embora baseadas em observações científicas, as conclusões só se referem a uma pessoa e não podem, por conseguinte, ser passíveis de generalização.

b) EXAME DOS PROFISSIONAIS

Para poder generalizar conclusões, é necessário constituir amostras de profissionais da ocupação estudada e examiná-los sob os diversos aspectos que se têm em mira, a saber:

o psicológico,  
o fisiológico,  
o biotipológico.

Existem duas maneiras de proceder para *determinação dos tipos de exames a realizar*.

*Primeira maneira:* Após ter utilizado os métodos interrogativo, bibliográfico e de observação, faz-se uma lista das características individuais necessárias segundo os inquéritos realizados; considera-se essa lista como hipótese de trabalho, a ser confirmada pelo exame de profissionais; a lista dos testes a utilizar para a pesquisa que se tem em mira está deduzida da lista da qual acabamos de falar.

Por exemplo, se, depois da análise das operações: da secretária, se chegou à hipótese de que são necessárias fluência verbal, compreensão verbal, atenção perceptiva e rapidez de gestos dos dedos, então, a lista dos testes intelectuais a serem aplicados para comprovação da hipótese indicará os saturados em fator *V*, *W*, *P*, e os testes de rapidez de movimentos.

*Segunda maneira:* Faz-se o exame dos profissionais, investigando todos os aspectos da personalidade, inclusive o fisiológico e o biotipológico, com o fim de verificar quais se destacam como importantes; o segundo método, embora mais trabalhoso que o primeiro, que é mais econômico, apresenta a vantagem de demonstrar experimentalmente que os fatores não apontados nos outros métodos realmente não têm importância.

O exame de profissionais necessita ser completado por um trabalho estatístico, do qual iremos falar mais adiante.

#### c) TÉCNICA DA SUPRESSÃO MOMENTÂNEA DE CERTAS VARIÁVEIS

Suprimindo momentaneamente certas aptidões num profissional em exercício, e verificando a influência dessa supressão sobre o rendimento, pode-se chegar a conclusões interessantes quanto à importância de determinado fator; por exemplo, colocar luvas para averiguar a necessidade de sensibilidade cutânea, ou amarrar certos órgãos motores.

e) **O método estatístico.** — Como já vimos anteriormente, o método interrogativo e o método experimental necessitam, na maioria das vezes, do auxílio estatístico; o método estatístico visa essencialmente colocar os fatos sob forma numérica, a fim de poder compará-los entre si ou estudar a interação ou interdependência das variáveis em jogo.

Os resultados costumam ser apresentados sob as seguintes formas:

#### 1ª) PERCENTAGEM

Perguntando a balconistas se preferem lidar com pessoas, objetos ou idéias, obtivemos os seguintes resultados:

Pessoas ..... 52%

|               |     |
|---------------|-----|
| Objetos ..... | 14% |
| Idéias .....  | 6%  |
| Misto .....   | 28% |

Esses dados mostram, com eloquência, a preferência dos balconistas para lidar com pessoas; os resultados acima, por exemplo, podem ser confrontados com resultados obtidos por Baumgarten na Suíça, sobre um grupo de vendedores viajantes; 65,2% responderam que preferiam lidar com pessoas, quer dizer, também a maioria.

Quando se comparam resultados sob forma de percentagem, antes de tirar conclusão quanto às diferenças encontradas, é necessário calcular a significância estatística dessas diferenças.

## 2ª) MÉDIA ARITMÉTICA

A média e o desvio-padrão, assim como outras medidas de tendência central e de dispersão, são utilizados cada vez que os dados podem ser organizados numa distribuição de freqüência.

Assim, por exemplo, a idade, os escores obtidos nos testes, índices antropométricos, podem ser traduzidos sob forma de média.

Eis, por exemplo, os resultados obtidos em grupo de balconistas e amostra de pessoas ao acaso para os três componentes e somatotipia de Sheldon.

| OCUPAÇÕES    | BALCONISTAS |           | AMOSTRA AO ACASO |           |
|--------------|-------------|-----------|------------------|-----------|
|              | <i>M</i>    | <i>DP</i> | <i>M</i>         | <i>DP</i> |
| Endomorfismo | 3,88        | 1,77      | 4,13             | 1,22      |
| Mesomorfismo | 4,38        | 0,96      | 4,45             | 0,86      |
| Ectomorfismo | 4,01        | 1,23      | 3,73             | 1,31      |

Podia-se, *a priori*, pensar que os balconistas deveriam ser mais endomórficos que a população em geral, em virtude do componente viscerotônico ligado a esse biótipo; na realidade, não há diferença significativa entre os dois grupos, o que nos leva a concluir que não há predominância biotipológica nos balconistas.

As médias são também utilizadas para realizar estudos comparativos das ocupações em função do nível mental. Eis, por exemplo, a lista de ocupações classificadas por Yoakum e Yerkes (trad. Jacir Maia):

*Inteligência: muito elevada*

Engenheiros (civis e mecânicos)  
Sacerdotes  
Contadores.

*Inteligência,: superior*

|                    |                                |
|--------------------|--------------------------------|
| Médico             | Secretário                     |
| Professor          | Dentista                       |
| Químico            | Gerentes gerais de companhias. |
| Desenhista técnico |                                |

*Inteligência: média superior*

|                                  |                                           |
|----------------------------------|-------------------------------------------|
| Estenodactilógrafo               | Escriturário postal                       |
| Guarda-livros                    | Eletricista                               |
| Governante                       | Mestre de construção                      |
| Amanuense,                       | Escriturário Escriturário (estoquista)    |
| Escriturário de E. Ferro         | Escriturário (recebedor e distribuidor)   |
| Fotógrafo                        |                                           |
| Telegrafista,                    | radiotelegrafista Droguista, farmacêutico |
| Condutor de trem                 | Mestre de oficina                         |
| Músico (de banda ou orquestra)   | Gravador (de imprensa)                    |
| Pintor (de cartazes e letreiros) |                                           |

*Inteligência: média*

|                          |                        |
|--------------------------|------------------------|
| Maquinista de locomotiva | Carpinteiro (de navio) |
| Ferrador                 | Mecânico (consertador) |
| Telefonista              | Policial e detective   |
| Almoxarife               |                        |

*Inteligência: abaixo da média*

|                                           |                               |
|-------------------------------------------|-------------------------------|
| Montador de automóveis                    | Açougueiro                    |
| Mecânico de motor de navios               | Foguista                      |
| Rebitador                                 | Ferreiro                      |
| Fazedor de peças e instrumentos mecânicos | Mecânico de estrada de ferro  |
| Mecânico de motor de autos                | Tipógrafo                     |
| Tintureiro, lavador                       | Carpinteiros em geral         |
| Consertador de armas                      | Padeiro                       |
| Bombeiro (de encanamentos)                | Britador de minas             |
| Encanador                                 | Pintor                        |
| Torneiro                                  | Trabalhador em cimento armado |
| Mecânico geral de autos                   |                               |
| Chofer (motorista)                        | Fazendeiro                    |
| Alfaiate                                  | Motorista de caminhão         |
| Carpinteiro de pontes                     | Pedreiro                      |
| Instalador (eletricidade)                 | Tratador de cavalos           |
| Fazedor de peças mecânicas                | Sapateiro                     |
| Motociclista                              | Mecânico de usinas            |
|                                           | Barbeiro                      |

Guarda-freios  
Ator de revistas Ferrador.

Moço de cavalaria  
Caixeiro de loja  
Ferrador

*Inteligência: inferior*

Guardador de armazéns de fábricas  
Caldeireiro  
Carpinteiro naval  
(colocação de mastros, etc.)  
Cocheiro  
Mineiro, em geral  
Agente de estação  
Atendente de hospital  
Pedreiros de trabalhos grossos  
Lenhador

Sapateiro remendão Marinheiro  
Trabalhador em estruturas de edifícios

Trabalhador em lonas  
Trabalhador em couros  
Foguista, em geral  
Cozinheiro  
Tecerão  
Laminador de metais  
Servente de pedreiro.

*Inteligência: muito inferior*  
Pescador.

3ª) PERFIS PROFISSIONAIS OU PROFISSIOGRAMAS

As médias e limites de normalidade podem ser traduzidos em percentis, tomando como base amostra representativa da população em geral, isso no caso de medidas psicológicas ou biotipológicas; o conjunto dos resultados permite traçar um “profissiograma”, que facilita a visão de conjunto da faixa na qual se encontra a maioria dos profissionais. Os profissiogramas são muito úteis em caso de seleção ou de orientação profissional, pois basta comparar para esse fim o perfil individual com o perfil da profissão.

Certos profissiogramas são constituídos por dois ou três perfis distintos, correspondentes à qualidade dos profissionais (bom, médio, inferior, ou bom e mau, etc.).

4ª) COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO

Os diferentes coeficientes de correlação (Spearman, Pearson, Bisserial, Yule, etc.) são ainda os instrumentos estatísticos mais seguros na análise profissional, pois, quando utilizados de maneira criteriosa, permitem obter com grande precisão o grau de dependência entre os fenômenos observados. São eles utilizados nos seguintes casos:

a) *Calculo da validade* dos testes e índices fisiológicos e biológicos, para as diferentes ocupações, quer dizer, comparação entre o resultado no exame e o rendimento profissional.

Roy Dorcus e Jones, no seu livro *Handbook of Employee Selection*, dão os coeficientes de validade para centenas de ocupações e testes diferentes; convém, na comunicação dos resultados, indicar, a exemplo desses autores, dados tais como:

1. O número de indivíduos examinados;
2. Os testes utilizados;
3. Os critérios utilizados para o julgamento dos indivíduos:  
Produção ou volume de vendas;  
Julgamento de um ou vários chefes e, neste último caso, intercorrelação entre os julgamentos (grau de confiança nos critérios);
4. Validade.

b) *Indicação* da ordem de importância dos diferentes fatores intelectuais, biológicos, caracterológicos, etc.

Os próprios coeficientes de validade dos testes podem servir para esse fim, no caso de os testes serem representativos de algum fator previamente isolado pela análise fatorial.

c) Análise fatorial. Através do preenchimento de questionários sobre as tarefas executadas por grupos de profissionais, calcula-se a intercorrelação entre as respostas e procura-se, pelo referido método de análise fatorial, reagrupar os itens em torno de certos fatores; foi o que fez Lawshe, por exemplo, para os empregos de escritórios, chegando aos seguintes agrupamentos:

1. Dactilografar.
2. Copiar e conferir.
3. Comunicar informações.
4. Preparar o trabalho e dirigi-lo.
5. Preencher formulários.
6. Fazer e expedir pacotes.
7. Fazer um trabalho de rotina.
8. Calcular (cit. por Ombredane e Faverge).

O mesmo processo pode também ser aplicado à pesquisa da existência de tipos de profissionais num grupo heterogêneo, isso através da análise fatorial dos resultados nos testes.



## CAPÍTULO 2: A Educação

### Psicologia Aplicada e Educação

Constituindo a Psicologia Aplicada a utilização das técnicas da Psicofisiologia e da Psicologia Experimental para a resolução dos problemas humanos, é evidente que a sua importância é primordial na Educação, pois a Educação não pode alhear-se da Psicologia; não se pode educar convenientemente sem conhecer bem os indivíduos que se quer educar.

A Psicologia Aplicada tem a sua utilidade em múltiplos domínios da Educação, o que iremos estudar a seguir.

#### § 1. O Controle da Eficiência da Escolaridade

É indispensável, para qualquer professor, saber se o que ele ensinou foi assimilado por seus alunos e, no caso contrário, quais os pontos que precisam ser revistos, porque a memória não os assimilou.

A *docimologia*, termo criado por Piéron (França) para designar uma das especializações da Psicologia Aplicada, responde a esse problema. A docimologia, ou “ciência dos exames”, tem por finalidade elaborar provas objetivas, a fim de, substituindo o sistema antigo de notações escolares, permitir uma eficiente e verdadeira medida da aprendizagem.

Os fatores que perturbam a objetividade do tradicional sistema de notações escolares, já são bastante conhecidos; lembramos, porém, os principais, que são:

O *acaso* permite que alunos pouco aplicados durante o ano escolar saibam a questão caída no exame, casualmente estudada na véspera, ao passo que outros mais estudiosos e inteligentes desconhecem justamente aquele ponto da prova.

A *timidez* e a *inibição* de certos candidatos inteligentes e cultos os impedem de dar nos exames escolares o rendimento equivalente a seu grau de instrução; isso

acontece sobretudo nos exames orais, em que os examinadores têm pouco tempo, perturbando os candidatos pela sua atitude impaciente e apressada.

A *memória* permite a certos indivíduos pouco inteligentes decorar a matéria, sem tê-la convenientemente assimilado.

O *coeficiente pessoal do examinador* é muito mais importante do que se pensa à primeira vista. Qualquer um pode refazer as experiências de Laugier e Bonnardel, que submeteram à correção de vinte examinadores as mesmas provas; só houve 50% de acordo entre as correções.

Prosseguindo nas suas experiências, os autores convocaram os mesmos vinte professores, alguns anos depois, e lhes deram as mesmas cópias para corrigir novamente. Pois bem: o acordo com a primeira correção, feita pelos mesmos professores, foi também de 50%. A Loteria Federal não faria pior.

Mostramos, numa pesquisa realizada na Seção de Orientação e Seleção profissional do D. N. do SENAC, que as notas escolares não permitem prever o êxito na vida; pois bons alunos na escola fracassam às vezes na vida, enquanto que alunos com péssimas notas escolares tornam-se mais tarde indivíduos de elite.

Para evitar todos ou parte desses inconvenientes, a utilização de testes padronizados constitui uma das formas de colaboração da Psicologia Aplicada à Educação. Graças aos testes e às provas objetivas, é possível hoje:

- a) Comparar a eficácia de diversos métodos de aprendizagem, submetendo vários grupos previamente selecionados, de forma que possuam níveis mentais idênticos, a métodos diferentes de aprendizagem; os grupos cujas médias nas provas objetivas serão, no fim da aprendizagem, as mais elevadas serão justamente os que foram submetidos ao melhor método. Por exemplo, por meio de medidas objetivas, numerosos psicólogos e pedagogos demonstraram que as médias das turmas treinadas por meio de ensino audiovisual (filmes, diapositivos e discos), são sempre superiores às das turmas submetidas ao ensino tradicional.
- b) Comparar a eficiência do ensino em regiões, grupos escolares, escolas, turmas e alunos.

É o que já estão fazendo os Serviços de Pesquisas e Medidas Educacionais de numerosos Estados do Brasil, os quais estão em condições de indicar as escolas mais

eficientes e de apontar as deficiências não somente de certos grupos escolares, mas ainda de turmas e de alunos. Além disso, podem alertar os professores, através da aferição de cada pergunta das provas, sobre certos aspectos das matérias, os quais não foram suficientemente assimilados pelos alunos. Por exemplo: se, a uma pergunta sobre a definição dos triângulos equiláteros, 75 a 90% dos alunos de 30 turmas da mesma série responderam certo, enquanto que, numa turma, só 10% dos alunos acertaram, é sinal de que há alguma coisa errada nessa turma; será preciso que o professor volte a ensinar esse ponto.

c) Evitar injustiças na atribuição das notas.

Com o uso das provas objetivas, qualquer pessoa insatisfeita com o resultado pode verificar o acerto da nota; existem, hoje, critérios para avaliação objetiva de redações.

## § 2. O Estudo da Leitura

Embora de aquisição relativamente recente na filogênese, a leitura merece estudo psicológico especial, não somente por ser veículo potente de saber e meio de união entre os povos da Terra, mas ainda porque é necessário conhecer o mecanismo do seu funcionamento a fim de poder ditar normas para a leitura mais eficiente e mais rápida.

A leitura foi estudada de várias maneiras, e vários aspectos dessa atividade foram abordados. Iremos examinar os essenciais.

**Os movimentos dos olhos durante a leitura.** – um fenômeno dos mais curiosos da leitura foi observado, quando se fez o registro fotográfico dos movimentos dos olhos durante a leitura de um trecho (Dearborn, 1906); mostrou-se, através desse processo, que:

- a) O movimento dos olhos, durante a leitura, não é contínuo; faz-se por saltos sucessivos; há algumas pausas para fixação.
- b) O número de fixações depende da dificuldade do texto.
- c) O número de fixações diminui com o grau de escolaridade. Eis os resultados encontrados por Buswell (cit. por Woodworth):

| SÉRIES | FIXAÇÕES POR LINHA | TEMPO MÉDIO DE FIXAÇÃO | MOVIMENTOS DE REGRESSÃO |
|--------|--------------------|------------------------|-------------------------|
| 1ª     | 18,6               | 660ms                  | 5,1                     |
| 2ª     | 10,7               | 364ms                  | 2,3                     |
| 3ª     | 8,9                | 316ms                  | 1,8                     |
| 4ª     | 7,3                | 268ms                  | 1,4                     |
| 5ª     | 6,9                | 252ms                  | 1,3                     |

- e) O tempo de fixação é sujeito a diferenças individuais, diminui com o grau de escolaridade e é proporcional à dificuldade do texto.
- f) Há, em todos os gráficos registrados, movimentos de regressão, provenientes do encontro de dificuldades ou de partes interessantes no texto.
- g) O tempo maior é o tomado pela fixação.
- h) O tempo de fixação, durante a leitura, é muito maior que o tempo necessário nas experiências taquistoscópicas para a retina registrar determinada palavra. Isso mostra que a fixação não tem por objetivo e utilidade o simples registro retiniano da palavra na direção da qual os olhos pararam; isso está confirmado pelo fato de que 95% do tempo de leitura é consagrado à fixação, e só 10% aos movimentos oculares; se se acrescentar a isso o fato de que, durante os movimentos oculares, só serão registradas manchas e linhas difusas, tem-se de chegar à conclusão de que o tempo de exposição (Woodworth), maior que o tempo de percepção, serve para colher não somente a palavra, mas ainda todo o campo marginal que a visão pode atingir, sem ser necessária uma fixação; ao mesmo tempo, o conteúdo das palavras registradas é fundido na idéia global expressa pela frase.
- i) O número de fixações e movimentos regressivos aumenta na revisão tipográfica. O tempo é maior na pesquisa dos erros tipográficos que na do significado; eis, por exemplo, a experiência de Crosland (cit. por Woodworth):

|                         | PERITOS | NOVATOS |
|-------------------------|---------|---------|
| Pesquisa de erros       | 90      | 70      |
| Pesquisa do significado | 83      | 54      |

**Intervalo óculo-vocal na leitura oral.** – A leitura oral é mais lenta que a leitura silenciosa; isso provém da complexidade maior do primeiro processo; enquanto a

expressão vocal de uma frase se efetua, os olhos têm tendência a percorrer a frase seguinte; disso resultam um intervalo de tempo e um espaço entre o movimento dos olhos e a expressão vocal, intervalo chamado de óculo vocal, que pode ser medido por um aparelho registrador simultâneo do som e dos movimentos dos olhos. Esse intervalo é maior nos leitores treinados. É quase nulo diante de palavras difíceis. Aumenta com o grau de escolaridade, conforme o exemplo seguinte de Buswell (cit. por Woodworth).

Intervalos-letras, média de:

| SÉRIES           | TRÊS BONS LEITORES | TRÊS LEITORES INFERIORES |
|------------------|--------------------|--------------------------|
| 2 <sup>a</sup>   | 11,0               | 5,4                      |
| 6 <sup>a</sup>   | 11,9               | 11,2                     |
| 9                | 15,6               | 11,5                     |
| 12 <sup>aa</sup> | 15,9               | 12,4                     |

**Movimentos orais durante a leitura silenciosa.** – Foi comprovado que, mesmo durante a leitura silenciosa, existem ainda alguns movimentos da linguagem, automatismo que provém dos tempos de aprendizagem escolar.

Pintner (1913) procurou eliminar esses movimentos, substituindo-os por outros; pedia aos indivíduos que repetissem números (13, 14, 15, 16) durante a leitura de um texto de 70 palavras contendo 10 idéias; o texto variava a cada experiência, e pedia-se-lhes que reproduzissem, depois de cada experiência, as idéias enunciadas. Como se vê pelos resultados abaixo, o rendimento inicial diminui, no início, mas no fim é muito superior à leitura inicial;

| SÉRIES                                                    | TEMPO POR PASSAGEM | IDEIAS REPRODUZIDAS P/ SEG. DE TEMPO DE LEITURA |
|-----------------------------------------------------------|--------------------|-------------------------------------------------|
| 20 passagens s/ contar<br>Passagens lidas contando: ..... | 18 seg.            | 0,30                                            |
| 1º                                                        |                    |                                                 |
| 2º                                                        | 23 seg             | 0,11                                            |
| 3º                                                        | 29 seg             | 0,20                                            |

|                                      |        |      |
|--------------------------------------|--------|------|
| 4º                                   | 19 seg | 0,26 |
| 5º                                   | 18 seg | 0,26 |
| 6º                                   | 15 seg | 0,32 |
| 7º                                   | 15 seg | 0,32 |
|                                      | 12     | 0,39 |
| 20 passagens finais sem contar ..... | 12     | 0,40 |

Esse tipo de experiência é utilizado pelos educadores para reeducar as pessoas na leitura sem movimentos orais, já que está comprovado que prejudicam a rapidez de leitura.

**A percepção global das palavras.** – Por muito tempo, acreditou-se que a leitura de palavras se fazia através da leitura consecutiva das letras que as compõem. Cattell demonstrou o contrário: procurou, com o taquistoscópio, verificar quantas palavras, com sentido, sem sentido e letras, podiam ser registradas em 10m. Eis os resultados citados por Woodworth:

3-4 letras  
2 palavras sem sentido  
4 palavras com sentido.

Isso mostra que a leitura de palavras com sentido faz-se globalmente. Foi comprovado que essa leitura faz-se por meio de “pontos de referência”.

Outra prova de que percebemos o conjunto das palavras e não as letras é que, se se apresentam no taquistoscópio palavras com um erro ou omissão tipográfica, a palavra é lida sem que seja percebido o erro.

**Condições tipográficas.** – Segundo análise bibliográfica feita por Woodworth, o tamanho das linhas e a espessura das letras têm pouca importância na leitura; porém, um bom contraste entre o brilho do papel e as letras aumenta a legibilidade.

**Resultados estatísticos.** – Tanto Lourenço Filho como Woodworth mostram, através das suas análises bibliográficas, que as correlações entre a capacidade geral para leitura e a inteligência são, em geral, baixas. Lourenço Filho demonstrou, através do seu “Teste A. B. C.”, que a capacidade para leitura parece ligada a um conjunto de

Fatores específicos, identificados no seu teste, por Otávio Martins, como sendo provavelmente o fator mnésico *M*, o fator verbal *V* e talvez o fator espacial *S*.

Vernon, através de uma análise bibliográfica das análises fatoriais realizadas com testes de leitura ou de decomposição da leitura, encontrou resultados contraditórios; enquanto uns encontram fatores isolados, como os de vocabulário, de rapidez, de precisão ou mesmo os próprios fatores de Thurstone, outros encontraram só um fator geral da leitura.

### § 3. Técnicas de Síntese e Aconselhamento em Orientação Educacional

As recentes descobertas da Psicologia Experimental e, mais particularmente, a contribuição da análise fatorial, permitem hoje, com muita segurança, indicar, por meio de testes, os diferentes aspectos intelectuais de entrevistas e questionários sobre as tendências e os interesses de cada um, bem como distribuir os alunos, em função de suas aptidões, para os diversos cursos existentes, e isso já no fim do ensino primário.

#### **Objetivos da síntese e do aconselhamento**

Na orientação educacional de indivíduos, a síntese e o aconselhamento são as penúltimas fases do processo, sendo que a última consiste em verificar os resultados práticos do aconselhamento ou mesmo, se for necessário, reforçá-lo.

Vamos resumir os principais tipos de problemas que se apresentam ao orientador educacional:

#### **I. TIPOS DE PROBLEMAS DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**

1º) **Insuficiência de rendimento escolar.** – O educando apresenta más notas ou se queixa de dificuldades nos estudos, Podemos distinguir dois grandes tipos de insuficiências:

1. *Insuficiências globais.* O aluno apresenta dificuldade em todas as matérias.
2. *Insuficiências parciais.* O indivíduo tem más notas apenas em algumas matérias, ou numa só.

2º) **Problema de conduta.** – Em geral, apresenta-se sob forma de questão de disciplina; é freqüente o orientador ser chamado a resolver tais problemas, quando o professor ou o diretor não o conseguiram pelos meios tradicionais.

Mais raramente, são apresentados problemas de anomalias, tais como timidez, brutalidade, problemática sexual, mitomania, etc.

3º.) **Escolha de um curso. Orientação ou reorientação escolar.** – No fim do primeiro ou do segundo ciclo secundários, ou no início destes, apresenta-se ao aluno ou aos seus pais, ou aos dois, o problema da escolha entre os vários caminhos possibilitados pela atual legislação do ensino.

1. *No fim dos estudos primários*, o orientador pode auxiliar a família a resolver a alternativa entre curso ginásial, curso comercial básico, curso industrial básico, curso básico agrícola ou aprendizagem no próprio emprego.
2. *No fim do primeiro ciclo de grau médio*, isto é, no fim dos cursos acima indicados, surge o problema da escolha entre cursos técnicos industriais, cursos técnicos de comércio, cursos técnicos agrícolas, cursos clássico e científico ou aprendizagem no emprego.
3. *No fim dos cursos de segundo ciclo*, além da eventual colocação num emprego, de acordo com o curso feito, existe o problema da escolha de um curso superior.

Todos esses problemas de orientação escolar dificilmente podem ser dissociados dos de orientação profissional, isto é., da escolha de uma ocupação profissional.

4º) **Escolha de uma ocupação profissional. Orientação profissional.** – Embora este problema seja melhor resolvido por serviços especializados em orientação profissional, a que o orientador educacional deverá recorrer, em muitos lugares tais serviços ainda não existem, e o orientador necessita estar preparado para prestar a sua colaboração às famílias nesse domínio. O problema pode apresentar-se durante os estudos, por razões de insuficiência escolar ou por motivos econômicos.

O *aconselhamento*, que se faz após as conclusões emanadas da síntese, visa auxiliar o educando e sua família a tomarem uma resolução quanto à *escolha do melhor caminho* (no caso da orientação escolar ou profissional) ou a *mudarem de atitude ou de conduta*, no caso de problemas de conduta ou de insuficiência de rendimento escolar.



A forma dos problemas, tais como se apresentam na mente do aluno, é muitas vezes confusa, imprecisa ou superficial; eis: por exemplo, uma lista de setenta e duas perguntas, que me foram apresentadas, por escrito, pelos alunos de dois colégios secundários, após uma palestra sobre o tema “Como escolher uma profissão”?

- 1) Qual o melhor meio de escolher uma profissão exata?
- 2) Uma pessoa que não tem gosto nos estudos, que deve fazer na vida?
- 3) O senhor disse há pouco que não se deve pensar no arrecadamento monetário de uma profissão. Pergunto eu: deve ou não o indivíduo pensar em sua subsistência e seu bem-estar futuro? Por que escolher uma profissão pouco rendosa, apesar de para ela ter vocação?
- 4) Quais os indícios seguros que uma pessoa pode ter para ser engenheiro?
- 5) Meu pai é médico, e parece que me interesso pela medicina, mas não por ele ser médico; que o senhor acha disso?
- 6) E quando não se apresentam em casa essas tendências de consertar algo? Como se escolhe, então, a profissão?
- 7) Eu sou semi-oficial em torno mecânico. Gosto de manejar a máquina. Será que isto é motivo para eu estudar engenharia mecânica?
- 8) Ao mudarmos de opinião sobre uma carreira, sob a influência do ambiente ou sob influência de literatura, acertamos na escolha?
- 9) Peça-lhe indicar-me uma profissão boa. Não gosto muito de estudar e sou tímido. Gosto da vida no interior.
- 10) Quais são as melhores profissões para uma pessoa que não sabe fazer nada?
- 11) Gostaria de saber quais são as 2500 profissões.
- 12) Como é possível fazer um curso de especialização em petróleo?
- 13) Quando temos muitas dúvidas, como nos poderemos resolver?
- 14) O meio influi na escolha da vocação?
- 15) Se a vocação foi infundida pela hereditariedade, ou costume da família, essa manifestação que sentimos pode dar certo também para nós?
- 16) O indivíduo que gosta de criar animais domésticos, qual seria sua vocação profissional?
- 17) O que acha da agronomia? Quais as matérias essenciais para um bom êxito?
- 18) Quero que o senhor me indique a minha profissão. Gosto muito de matemática (só não entendo geometria). Também gosto de química. O que o senhor me aconselha?
- 19) O que acha sobre engenharia mecânica?
- 20) Uma pessoa, sendo quase nula em matemática, poderá formar-se em engenharia?

- 21) Para a boa formação em Direito, que curso se deve seguir em continuação ao ginásio?
- 22) De mais de 2000 profissões, qual a mais exercida no Brasil?
- 23) Quem ainda não escolheu sua profissão, que deve fazer?
- 24) Fale sobre a sua profissão. Como o senhor a escolheu?
- 25) Professor: o senhor podia explicar as condições para ser ou praticar a profissão de banqueiro ou bancário?
- 26) Como saberei de minha verdadeira vocação?
- 27) Quando se tem há algum tempo uma profissão em vista, uma mudança repentina será prejudicial?
- 28) Se for por dinheiro ou desejo dos pais que uma pessoa escolhe a sua profissão, poderá ela ter êxito nessa profissão?
- 29) As profissões são em número de quase 2000, como disse o senhor. Mas a dúvida é seguir uma profissão que possa sustentar-nos no meio em que fomos criados, meio este em que nos casaremos e teremos muito brevemente de sustentar nossa esposa e filhos. Portanto, pergunto: – Qual seria a profissão a seguir, fora das mais ou menos sete principais, que nos sustente em um meio mais ou menos equivalente ao em que fomos criados?
- 30) Se uma pessoa não gosta de línguas e se é obrigada a estudá-las no colégio, os professores fazem mal em obrigá-la a isto?
- 31) Um rapaz que já está cursando o 3º. científico, não tendo ainda um fito almejado, pensa em fazer um curso que não o seu (dúvida). Com que meios poderá ainda adquirir a sua vocação?
- 32) Quais as profissões relacionadas com a mecânica e a eletricidade? Gosto de eletricidade. Seria isto motivo suficiente para que siga a carreira de engenheiro mecânico-eletricista?
- 33) Tenho habilidade para o desenho. Pretendo exercer alguma carreira que se relacione com o mesmo. Como poderei encaminhar-me?
- 34) Como se escolhe, dentro de uma profissão que tem várias subdivisões, a que lhe fica bem?
- 35) Para quem deseja ser engenheiro arquiteto, qual a escola preparatória que se deve seguir: científico ou comércio?
- 36) Uma pessoa escolhe uma profissão, mas não tem certeza se é a que lhe convém. Como faz ela para ter certeza de que quer ou não seguir a carreira que escolheu?
- 37) Prof. Pierre: quais os indícios que acusam um futuro jornalista, ou um escritor, e onde ele poderia estudar para tal – aqui no Brasil ou no exterior?
- 38) Como sabemos quando temos vocação para a carreira militar?
- 39) Como se descobre se se tem vocação para a vida política?
- 40) Quem gosta de ficar à toa, qual é a profissão que deve seguir?

- 41) Quando estamos em dúvida para escolher uma profissão, que devemos fazer? Há no Brasil, em especial em Belo Horizonte, órgãos que auxiliam os secundaristas, pela orientação, no estudo da medicina? Qual o melhor método para um estudante se preparar para o estudo de medicina?
- 42) A pessoa que tem uma ideia obcecada e julga-se infeliz, se não conseguir aquilo que deseja, pois vai ficar com o amor próprio abatido, como faz?
- 43) Gostaria de saber se a História é a matéria fundamental para formação do indivíduo em qualquer setor profissional.
- 44) Até que ponto o meio poderá influir na escolha da profissão?
- 45) Se o indivíduo possui características de vocação para duas profissões distintas, que deve fazer?
- 46) E quando está indeciso, sem nenhuma preferência?
- 47) Até agora, a minha vocação é ser dentista. Meu pai quer que eu seja engenheiro, mas eu não sou muito fã de matemática.  
Eu tenho medo de seguir a engenharia, por gosto de meu pai, e fracassar. Qual a opinião do senhor a meu respeito? Estou confuso.
- 48) Fiz um teste vocacional há muito tempo, obtendo o seguinte resultado: engenharia mecânica. Entretanto, agora, mudei de ideal, ou melhor, criei um ideal. Quero ajudar os outros. Pretendo estudar Filosofia, onde posso ajudar a juventude.  
Que acha?
- 49) Podia citar algumas profissões, das 2000 existentes, relacionadas com eletrônica e astronomia?
- 50) Como posso conhecer a maior parte das profissões?
- 51) Como sabemos se temos vocação para geólogo?
- 52) Uma pessoa que não consegue vencer numa profissão que lhe tenha custado muitos esforços deve tentar outra?
- 53) Qual o caminho que se deve seguir, quando não se consegue escolher uma profissão de agrado?
- 54) Como devemos fazer para descobrir a nossa vocação, e o que tomar por base?
- 55) Que diz o senhor sobre quem tem duas ou mais vocações? Por que o senhor não faz com a gente um curso vocacional?
- 56) Que devo sentir para ser médico? Quais as causas principais para que eu não mude de pensar?
- 57) Uma pessoa pode, ao mesmo tempo, ter facilidade para línguas e para a matemática e matérias congêneres?
- 58) Quem gosta de viajar de bicicleta, que deve fazer?
- 59) Uma pessoa que tem facilidade para aprender línguas, qual a profissão ou profissões que podem mais se utilizar deste conhecimento? Que acha o senhor do Curso de Diplomacia, promovido pelo Itamarati?

- 60) Tenho vontade de seguir engenharia mecânica, mas não gosto de estudar. Que acha o senhor?
- 61) Os resultados são positivos? Está certo aquele que escolheu uma carreira baseado no gosto e na aptidão?
- 62) O senhor acha ou não que, com as dificuldades apresentadas pelo mundo de hoje, devemos tornar-nos, o mais possível, práticos? Por exemplo, o pobre que não tem recursos para saber o que sofre a fim de enfrentar a sua profissão?
- 63) Esses testes do SOSP foram idealizados aqui no Brasil? Há possibilidades de um grande erro na orientação dada?
- 64) No fim desse exame, quais são os resultados? Pode-se confiar fielmente no resultado?
- 65) Quando se tem pouca inteligência e pouca memória, que é que se faz para desenvolvê-las?
- 66) Podemos escolher uma profissão motivada também pela vontade de servir à comunidade em que vivemos?
- 67) O senhor acha que um indivíduo com alto senso de responsabilidade vence em qualquer profissão? Qual o principal item, dos escritos no quadro, para escolha de uma profissão?
- 68) Se um estudante não tira notas boas em línguas, mas gosta muito de estudá-las, terá aptidão para ser professor de línguas?
- 69) O senhor não acha que essa orientação deve ser dada antes do término do curso ginasial?
- 70) Estou em dúvida no que se refere à minha vocação: às vezes sinto vontade de fazer Sociologia política, às vezes Direito. Não me defini exatamente, mas acho que farei Direito.
- 71) Que se deve fazer, quando não se tem gosto particular por nenhuma profissão, mas se é capaz de interessar-se por todas?
- 72) Poderá um mesmo rapaz ter aptidão para mais de uma profissão?

## II. A SÍNTESE

No momento de iniciar a síntese dos dados colhidos, convém ter em mente qual o problema a ser resolvido pelo orientador, o qual terá de fazer uma seleção de dados em função desse problema.

Pode acontecer, no entanto, que, através dos dados colhidos e durante a operação de síntese, o orientador note, atrás do problema apresentado, outros escondidos de maior importância ou gravidade para o educando; ou, então, que o problema apresentado seja apenas um pretexto para fazer com que o orientador descubra os verdadeiros motivos do pedido; existe também caso em que todos os

alunos são obrigatoriamente submetidos ao processo de orientação educacional, havendo, neste caso, necessidade de definir o problema, durante a entrevista ou por meio de um questionário.

Assim sendo, temos várias situações possíveis:

- a) O problema apresentado no início é o problema verdadeiro
- b) O problema apresentado no início é secundário, havendo
- c) aspectos mais importantes a tratar.
- d) O problema foi definido durante o processo de orientação educacional.

Uma vez esclarecido o problema, pode-se passar então à síntese propriamente dita. Esta pode ser dividida em várias fases:

- 1) *Síntese dos dados parciais*, isto é, integração e resumo de grandes agrupamentos de dados (aptidões, interesses, caráter, etc.)
- 2) *Síntese das sínteses parciais*, na qual se procura resumir e realçar os aspectos mais importantes em função do problema apresentado.
- 3) *Conclusão quanto à orientação dada*.

Vamos iniciar pela descrição dos métodos de síntese parcial

**1. Síntese dos dados parciais.** – Os dados colhidos podem ser agrupados da seguinte forma:

- Dados provindos da anamnese
- Dados sobre aptidões
- Dados caracterológicos
- Dados médicos
- Dados escolares

Iremos, a seguir, examinar como se faz a síntese de cada um desses dados.

**2. Síntese dos dados da anamnese e crítica das testemunhas.** – Uma vez terminadas as entrevistas com os responsáveis e como o próprio educando, convém estudar o conteúdo destas, geralmente anotado em ficha especial, quando não registrado num gravador de som.

Nesse estudo, convém estar sempre presente a natureza do problema, a fim de se selecionarem os dados importantes para solução deste.

- 1) Quando se trata de *problema de orientação escolar ou profissional*, o que interessa colher são informações referentes a:
  - a) Aparecimento precoce de certas aptidões;
  - b) Áreas de interesses demonstrados desde a infância;
  - c) Constantes caracterológicas e tentativas de explicação;
  - d) Informações sobre o estado atual dos itens a, b, c;
  - e) Desejos dos responsáveis e do próprio educando, quanto ao seu futuro escolar e profissional;
  - f) Recursos econômicos.

Convém fazer um resumo bastante conciso dos dados, resumo no qual aparecem unicamente as informações essenciais.

*Exemplo:* J. M. sempre se mostrou adiantado em tudo quanto se refere a desenho, pintura; além disso, faz qualquer trabalho manual; costuma montar e desmontar relógios, e consertar as instalações elétricas, fazendo disso seu passatempo preferido. Lê *Mecânica Popular* e livros sobre foguetes e eletrônica. Gostava de construir navios e aviões de papelão.

Prefere brincar sozinho, sempre foi “caladão” (*sic*) e um pouco tímido. (O seu irmão “tira melhores notas na escola do que ele”, afirmou-nos a mãe.) Inferioridade?

Continua atualmente com as mesmas características de aptidões, interesses e conduta.

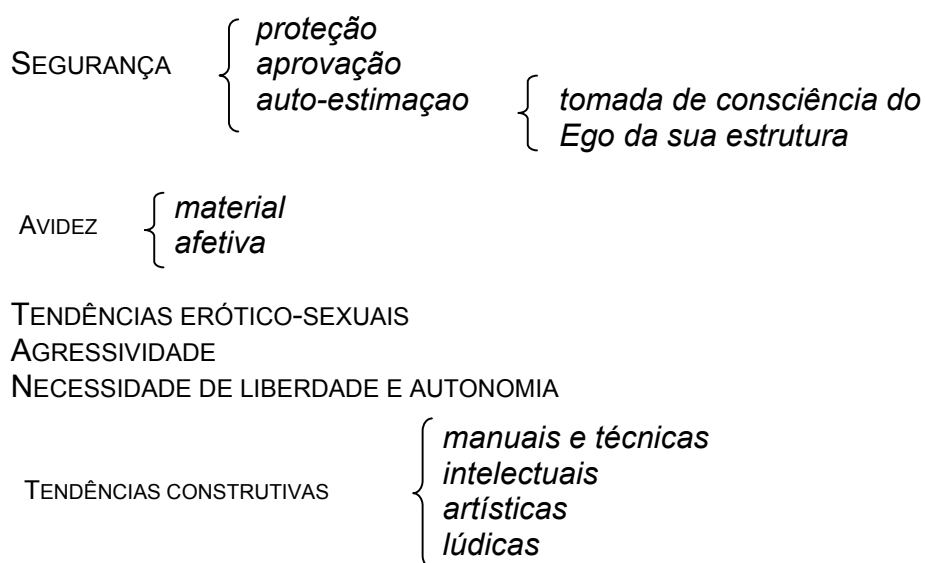
Os pais querem que ele seja advogado (porque fala bem). J. M. quer ser engenheiro atômico.

Possibilidades econômicas precárias (pai zelador de edifícios em construção – mãe empregada doméstica).

- 2) Quando se tratar de *problema de conduta ou de insuficiência de rendimento escolar*, é preciso tomar em consideração fatores muito diferentes do caso precedente, fatores tais como (seg. A. Rey):
  - a) Antecedentes hereditários;
  - b) Dados médicos;
  - c) Constelação familiar;
  - d) Condições econômicas e sociais (particularmente ecológicas );
  - e) Evolução pessoal;
  - f) Proporção psicológica de crescimento;
  - g) Traumatismos psíquicos;

- h) Tipos de pais;
- i) Sistema de educação;
- j) Regime pedagógico;
- k) Outros Fatores.

Para chegar-se à síntese, Rey aconselha aos principiantes fazer um quadro de dupla entrada (ver anexo A); no plano vertical, figuram os fatores que acabamos de descrever; no plano horizontal colocam-se as diferentes pulsões fundamentais, influenciáveis por esses fatores, pulsões que são (segundo Rey):



Colocam-se nas diversas coordenadas do quadro os dados importantes da anamnese, que podem ter ativado ou inibido as diferentes pulsões.

O quadro permite também analisar a importância e o entrelaçamento dos fatores fisiogênicos e psicogênicos na gênese dos sintomas observados; várias hipóteses podem ser levantadas, hipóteses a serem confirmadas pelo resto do processo de orientação ou por entrevistas adicionais.

Caso seja necessário apresentar uma síntese da ordem cronológica dos principais acontecimentos da vida do indivíduo, a fim de verificar-se as inter-relações entre vários tipos de fenômenos, colocar-se-ão no plano horizontal os grandes agrupamentos da vida psíquica e no plano vertical as datas dos acontecimentos (ver

ANEXO “A” - QUADRO DE SÍNTESE DA AMAMNESF, PSICOLÓGICA (SEGUNDO ANDRÉ REY)<sup>10</sup>

|                                                                                                                            |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|-----------|----------------|----------|---------|----------------------------|---------------|---------------------|-------------------------|--|--|--|
| a) Características gerais da afetividade e atividade.....                                                                  |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| b) Pulsões instintivas e fundamentais. (Traços de conduta e sintomas prováveis em relação com as diferentes pulsões) ..... | SEGURANÇA |           |                | AVIDEZ   |         | Tendências erótico-sexuais | Agressividade | Liberdade autonomia | TENDÊNCIAS CONSTRUTIVAS |  |  |  |
|                                                                                                                            | Proteção  | Aprovação | Auto-estimação | Material | Afetiva |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| c) Particularidades físicas.....                                                                                           |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| d) Constelação familiar.....                                                                                               |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| e) Condições sócio-econômicas.....                                                                                         |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| f) História. ....                                                                                                          |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| g) Reação afetiva. ....                                                                                                    |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| h) Traumatismos psicológicos.                                                                                              |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| i) Tipos de pais. ....                                                                                                     |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| j) Sistemas de educação .....                                                                                              |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| k) Regime pedagógico.....                                                                                                  |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |
| l) Outros fatores.....                                                                                                     |           |           |                |          |         |                            |               |                     |                         |  |  |  |

<sup>10</sup> l, 'Etude des insuffisances psychologiques. Ed. Delâchaux et Niestlé. T. II. Neuchâtel, 1947.



No exemplo que damos no anexo B, podem-se facilmente constatar algumas possíveis relações de causa e efeito, da conduta de brutalidade:

Causas fisiogênicas possíveis: convulsões (0;3)

Causas psicogênicas possíveis: nascimento do irmão desenvolveu complexo de Caim.

Dos quadros de síntese, como se vê, nascem hipóteses, as quais precisam ser confirmadas por outros dados.

A solidez das hipóteses depende da validade das informações prestadas durante as entrevistas, validade que, por sua vez, depende da qualidade da ou das testemunhas.

*Na crítica das testemunhas*, convém considerar os informantes como seres humanos susceptíveis de, com boa fé, prestarem informações inexatas, por deficiência da memória ou deformação da percepção ou das lembranças. Ao lado de cada entrevista, é indispensável colocar, por conseguinte, a qualidade da testemunha.

Exemplo: *Informante*, mãe do educando.

*Qualidade* da testemunha — duvidosa.

**3. Síntese dos dados intelectuais e psicomotores.** – Como a maioria dos testes utilizados em orientação educacional são testes padronizados, a forma mais eficiente de apresentação é a do perfil: reserva-se um espaço em branco para síntese de dados complementares dos testes padronizados, dados que escapam à apresentação numérica, ou para síntese de testes clínicos (isto é, de observação).

A ficha de síntese (anexo C), que apresentamos, mostra um tipo de perfil psicológico, no qual figuram os fatores intelectuais de Thurstone, o fator *G*, de Spearman, além de dados motores e artísticos.

No mesmo perfil, utiliza-se de percentis, que é a unidade de medida mais comumente utilizada e também mais prática; poder-se-ia empregar, também, tetragonagem, categorias ou frações de sigma.

O perfil tem a grande vantagem de dar uma visão geral dos aspectos salientes, para o lado negativo ou positivo; esses aspectos devem ser analisados sob prisma bem diferente, conforme o problema em mira; qualquer, porém, que seja o problema, é

sempre necessária uma análise crítica do perfil, análise em que, não raramente, se precisa recorrer aos documentos originais.

a) CRÍTICA DOS DADOS

Nesta análise, há certos princípios diretores que precisam guiar a mente do orientador.

## ANEXO “B”

| DATAS      | E S F E R A S       |                                               |                              |                        |                         |               |
|------------|---------------------|-----------------------------------------------|------------------------------|------------------------|-------------------------|---------------|
|            | FAMILIAR            | ESCOLAR                                       | SOCIAL                       | SEXUAL                 | FISIOLOGICA             | PROFIS SIONAL |
| 1944 ..... |                     |                                               |                              |                        | Com 0,3 duas convulsões |               |
| 1947 ..... | Nascimento do irmão |                                               | Não quis mais brincar        |                        | Aparecimento Enurese    |               |
| 1950 ..... | Bate no irmão menor | 1º ano primário                               |                              |                        |                         |               |
| 1952 ..... |                     |                                               | Fortes brigas com os colegas |                        |                         |               |
| 1956 ..... |                     | 1º ano ginásial                               |                              | Fica horas no banheiro |                         |               |
| 1957 ..... |                     | Várias vezes repreendido por machucar colegas |                              |                        |                         |               |

1º) Os *resultados elevados* podem ser considerados, com muita probabilidade, como testemunhas de que o fator que se pretende medir está bem desenvolvido na pessoa; há, no entanto, quando o resultado está em demasiado contraste com a realidade observada, ou com o resto do perfil, necessidade de verificar as seguintes hipóteses:

- Erro na contagem de tempo;
- Erro na correção, ou na atribuição de percentil;
- Uso de barema inadequado. Por exemplo: usar, para estudantes secundários, baremas da população brasileira em geral;
- Cola, quando se tratar de aplicação coletiva.

O uso de formas paralelas se impõe cada vez que se quer controlar os resultados, sobretudo os inferiores, dos quais vamos passar a tratar.

2º) Os resultados baixos precisam ser interpretados à luz de vários fatores, antes de concluir-se pela insuficiência propriamente dita de tal ou qual fator. Convém verificar:

*Possível ausência de motivação devida a:*

- Falta de interesse em relação ao tipo de atividade exigido no teste;
- Desvio do interesse em outra direção no momento da aplicação do teste;
- Insuficiência de atuação motivacional por parte do examinador.

*Existência de bloqueios, de inibições*, em relação ao tipo de atividade representado pelo teste, ou em relação ao examinador, ou, ainda, por motivo da situação do exame; em geral os testes de memória e os que necessitam de esforço mental de atenção são mais sensíveis a tais fenômenos emocionais.

*Insuficiência que atinge certas estruturas mentais* (ou fatores secundários), *integrantes* do rendimento ou da operação exigida; será então necessário recorrer-se ao *diagnóstico diferencial*, visando isolar as variáveis em jogo e verificar qual ou quais perturbaram o rendimento. Por exemplo: num teste espacial (fator *S*) as instruções são dadas por escrito, o que introduz, secundariamente, um fator *V* de compreensão verbal; caso o teste de fator *V* esteja baixo também, pode-se fazer a hipótese de que seria a insuficiência de compreensão verbal das instruções a causa do resultado baixo, e não o fator *S* propriamente dito. Como a maioria, e provavelmente todos os testes, têm Fatores secundários, além do que pretendem medir, revela-se indispensável o diagnóstico diferencial. Como o mostra o exemplo precedente, o diagnóstico diferencial consiste em procurar as variáveis suscetíveis de influenciar uma baixa de rendimento, procedendo por eliminação de hipóteses.

## ANEXO “C”

UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA

## ***Curso de Formação de Orientadores Educacionais***

## FICHA DE SÍNTESE

|                                                             |                           |                                                |
|-------------------------------------------------------------|---------------------------|------------------------------------------------|
| Nº. _____                                                   | Orientador - responsável: | Ginásio: 1   2   3   4                         |
| Sexo: M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/> | .....                     | Científico: <input type="checkbox"/> 1   2   3 |
| Idade:     ;                                                | .....                     | Clássico: <input type="checkbox"/>             |

Motivo da orientação:

|                     |                          |                       |                          |                  |                          |
|---------------------|--------------------------|-----------------------|--------------------------|------------------|--------------------------|
| Cumprimento legal   | <input type="checkbox"/> | Orient. profissional: | <input type="checkbox"/> | Insufic. global: | <input type="checkbox"/> |
| Procura voluntária: | <input type="checkbox"/> | Orient. escolar:      | <input type="checkbox"/> | Insufic. pardal: | <input type="checkbox"/> |
| Conduta:            | <input type="checkbox"/> |                       |                          |                  |                          |
| Outros dados:       |                          |                       |                          |                  |                          |

Anamnese (Fatores histórico-educativos):

[illegible]

## ANEXO “C”

Dados intelectuais e psicomotores:

(continuação)

[illegible]

Dados motivacionais:

|  |
|--|
|  |
|--|

Dados caracterológicos:

|  |
|--|
|  |
|--|

Dados médicos:

|  |
|--|
|  |
|--|

Síntese geral:

|  |
|--|
|  |
|--|

*Nível de expectativa alto:* O examinando, convencido de que o teste é extremamente fácil, despreza a dificuldade e, por isso mesmo, não faz o esforço necessário ao rendimento máximo.

*Incompreensão* das instruções, por terem estas sido mal dadas pelo examinador ou por distração do examinando.

Três perguntas podem ser feitas para verificar a causa de uma insuficiência de rendimento nos testes:

O examinando *não pôde, não soube ou não quis fazer* os testes?

Os fatores que acabamos de relatar se enquadram, perfeitamente, dentro dessas três perguntas.

Uma vez que se fizeram todos os controles necessários, convém passar à síntese propriamente dita.

#### b) SÍNTESE DOS DADOS.

A síntese dos dados tem que ser feita à luz do problema apresentado; com efeito, o manejo dos dados intelectuais, num caso de orientação escolar ou profissional, será bem diferente do de um caso de insuficiência de rendimento escolar. Vamos por conseguinte abordar os diferentes aspectos da síntese dos dados intelectuais e psicomotores em função dos diferentes tipos de problemas.

##### 1º) *Na orientação escolar e profissional*

Trata-se, aqui, de definir as aptidões e inaptidões, para indicar cursos ou atividades profissionais mais de acordo com o perfil individual. Vamos assinalar algumas normas para leitura de um perfil intelectual e psicomotor.

Em primeiro lugar, é indispensável verificar em que nível de rendimento global o indivíduo se situa; esse nível pode ser obtido pela média de todos os testes intelectuais, ou por um teste fortemente saturado de fator G; melhor ainda é considerar ambos.

O nível de rendimento global e o fator G nos indicam que grau de complexidade o indivíduo poderá alcançar nos seus estudos e na sua vida profissional. O quadro seguinte, que organizamos em função dos estudos de Yoakum e Yerkes, Anne Roe e



da nossa “Pesquisa nacional sobre o nível mental da população brasileira”, pode servir de guia para os orientadores; os níveis de complexidade escolar e profissional são dados em termos de personalidade, pois, além do grau de fator G, é ainda indispensável investigar não somente as aptidões, mas ainda a motivação; por exemplo: uma pessoa com nível intelectual alto e nível de aspiração restrito, provavelmente, alcançará um grau de complexidade escolar e profissional igual ou mesmo inferior ao de uma pessoa com nível intelectual médio, mas com nível de aspiração muito elevado; tais regulações são freqüentes, e às vezes imponderáveis.

| NÍVEL INTELECTUAL GLOBAL | PERCENTIL CORRESPONDENTE | PROVÁVEL GRAU DE COMPLEXIDADE A SER ATINGIDO                |                                                                                                     |
|--------------------------|--------------------------|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          |                          | <i>Nos estudos</i>                                          | <i>Na ocup. profissional</i>                                                                        |
| Infradotado              | 0/15                     | Primário incompleto                                         | Atividades automatizadas.                                                                           |
| Inferior                 | 16/27                    | Primário                                                    | Atividades semi-automatizadas                                                                       |
| Médio-inferior           | 28/41                    | Primário e início de primeiro ciclo de grau médio           | Ocupações especializadas auxiliares.,                                                               |
| Médio                    | 42/58                    | Primeiro ciclo de grau médio.                               | Ocupações semi-qualificadas.                                                                        |
| Médio-superio            | 59/72                    | Primeiro ciclo de grau médio e parte Do segundo ciclo       | Ocupações qualificadas, cargos de chefia e mestria..                                                |
| Superior                 | 73/84                    | Segundo ciclo de grau médio e superiorgrau méüiu e superior | Ocupações técnicas complexas; cargos de direção, profissões de grau universitário                   |
| Superdotado..            | 85/100                   | Estudos superiores e pós-graduação.                         | Profissões liberais. Cargos de alta direção. Ocupações técnicas de alta complexidades complexidade. |

Uma vez situado o indivíduo na escala dos níveis intelectuais e feito o prognóstico quanto ao grau de complexidade a ser provavelmente atingido no futuro, precisa-se verificar quais as aptidões predominantes no perfil psicológico; essas predominância, aliadas ao grau de fator G, vão permitir delineamento mais preciso da orientação. É evidente que um predomínio de aptidão espacial, aliado a um fator G médio, não terá o mesmo significado do caso em que o fator G for muito elevado; no

primeiro caso, estaremos provavelmente em presença de um futuro mecânico; no segundo ( $G$  elevado), o futuro profissional do indivíduo será, provavelmente, o de um engenheiro ou de um arquiteto.

Eis, segundo Thurstone, como convém utilizar as predominância de aptidões (fatores):

## AS APTIDÕES MENTAIS PRIMÁRIAS E SUA INTERPRETAÇÃO

(Segundo Thurstone)

| APTIDÃO            | ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL                                                                                                                             | ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL                                                                                                                                  |
|--------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Compreensão verbal | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Português</li> <li>  Línguas estrangeiras</li> <li>  Taquigrafia</li> <li>  História</li> </ul>           | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Secretária</li> <li>  Professor</li> <li>  Editor</li> <li>  Bibliotecário</li> <li>  Administrador</li> </ul>  |
| Aptidão espacial   | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Geometria</li> <li>  Mecânica (desenho)</li> <li>  Geografia</li> <li>  Artes aplicadas</li> </ul>        | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Desenhista</li> <li>  Eletricista</li> <li>  Maquinista</li> <li>  Engenheiro</li> <li>  Carpinteiro</li> </ul> |
| Raciocínio         | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Cursos superiores em geral</li> </ul>                                                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Profissões liberais</li> <li>  Cientistas</li> </ul>                                                            |
| Aptidão numérica   | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Aritmética</li> <li>  Contabilidade</li> <li>  Estatística</li> </ul>                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Contadores</li> <li>  Caixas</li> <li>  Bancários</li> <li>  Vendedores</li> </ul>                              |
| Fluência verbal    | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Cursos de teatro</li> <li>  Cursos de jornalismo</li> <li>  Cursos de rádio</li> <li>  Debates</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>{ Atores</li> <li>  Repórteres</li> <li>  Vendedores</li> <li>  Escritores</li> <li>  Propagandistas</li> </ul>   |

Apresentamos, a seguir, uma série de perfis com a orientação mais conveniente; examinados os prognósticos, poder-se-á constatar que, para um mesmo perfil, há vários caminhos possíveis; isso significa que o perfil ainda não é o bastante para se tirar uma conclusão sobre o assunto, e que outras variáveis têm que ser tomadas em consideração; entre elas, situa-se análise acurada da motivação.

### 2º) Nas insuficiências de rendimento escolar global

O estudo do perfil psicológico, nas insuficiências de rendimento escolar, é de bastante utilidade.

Quando a insuficiência atinge todos ou quase todos os rendimentos escolares, é importante recorrer imediatamente ao perfil, para verificar se os rendimentos nos testes intelectuais também estão situados todos na categoria inferior; neste caso, poder-se-á fazer uma análise da motivação do indivíduo na situação de exame; dessa

análise, de que já falamos mais acima, será possível verificar se a insuficiência de rendimento no exame psicológico corresponde a uma insuficiência intelectual real, a um baixo nível motivacional ou a fenômenos de bloqueio; as duas últimas hipóteses precisarão ainda ser confirmadas pela análise da personalidade.

Pode acontecer também, no caso de uma insuficiência de rendimento escolar geral, que os rendimentos intelectuais no exame psicológico estejam, pelo contrário, elevados, não justificando, por conseguinte, notas baixas em todas as matérias escolares. Evidentemente, outras variáveis entraram em jogo para prejudicar o rendimento escolar; fatores de ordem caracterológicos, motivacionais ou ambientais necessitam, nesse caso, ser analisados.

### 3º) *Nas insuficiências de rendimento escolar parcial*

Quando há insuficiência só em uma ou outra matéria, é conveniente proceder-se a verificações diferentes segundo a matéria:

- a) *Insuficiência em matemática, física e química.* Importante é indagar logo a possibilidade de uma insuficiência nos seguintes fatores: raciocínio numérico, espacial ou verbal (de compreensão), ou ainda insuficiência de atenção perceptiva. Além de uma insuficiência de raciocínio, acontecem casos em que grande lentidão de cálculo, aliada a numerosos erros de atenção, são responsáveis pela insuficiência em matemática, sobretudo se a análise dos erros nas próprias provas escolares leva a essa conclusão; também pode acontecer que a atenção e raciocínio, bem como o fator numérico, estejam bem desenvolvidos, mas que o examinando tenha dificuldade de compreensão verbal dos enunciados dos problemas. Pesquisas recentes evidenciaram o fator verbal como um dos responsáveis pelo fracasso em matemática. Enfim, quando a dificuldade é localizada em geometria, é possível levantar a hipótese de insuficiência do fator espacial.

Em todos os casos, o diagnóstico só poderá ser dado fazendo uma análise acurada do tipo de erros cometidos pelo aluno, nos seus exercícios escolares.

Dessa análise, poderá decorrer uma série de conclusões quanto ao aconselhamento de exercícios apropriados.

- b) *Insuficiência em português, latim e outras línguas.* A primeira hipótese que ocorre na mente, em caso de dificuldades de linguagem escrita, é a deficiência dos fatores verbais de compreensão ou de fluência; o primeiro pode ser invocado como responsável por dificuldades de compreensão dos vocábulos e da análise de textos; o segundo, por inaptidão no manejo das

palavras em redação; dificuldades mnésicas costumam prejudicar a aprendizagem das línguas e das regras gramaticais; enfim, quando os erros são de ortografia, convém examinar mais de perto a possibilidade de inatenção, verificada pelos resultados em testes de fator *P*, e sobretudo pela análise dos tipos de erros ortográficos.

- c) *Insuficiência em história, geografia e ciências naturais*. Nessas matérias, os Fatores mnésicos são de grande importância. Memória verbal e numérica em história, memória verbal e visual em geografia e ciências naturais.
- d) *Insuficiência em desenho*. Além de inaptidão artística propriamente dita, são freqüentes as insuficiências psicomotoras como fator perturbador do êxito em desenho; esses dois fatores precisam ser analisados em caso de más notas em desenho.

Em todos os casos de más notas na escola, haja ou não concomitância de resultados inferiores no perfil psicológico, é indispensável verificar as seguintes hipóteses:

- a) *Traumatismo psicológico* a respeito da matéria. Por exemplo: caso de dificuldade de ortografia, em uma menina que recebia de sua tia uma bofetada por erro cometido.
- b) *Insuficiência na constituição dos automatismos de base* necessários para realizar a tarefa escolar; houve erros nas aprendizagens passadas; as estruturas mentais necessárias a novas integrações não se formaram ou o fizeram de modo incompleto.
- c) *Metodologia errônea* da matéria por parte do professor, ou método inadequado à estrutura mental do aluno.
- d) *Ausência de motivação* para a matéria; o aluno não se interessa pela matéria ou tem repulsão por ela; uma análise histórico-educativa da formação de tais repugnâncias é aconselhável nesse caso.
- e) *Baixo nível de expectativa* em relação à matéria, provocado por complexo de inferioridade; o aluno espera más notas por julgar-se inferior naquela matéria, e acaba tendo-as. A análise histórico-educativa também se revelará necessária além de estudo caracterológico.

A análise motivacional dos resultados dos testes intelectuais será de bastante proveito para descobrir possíveis traumatismos ou complexos isolados e restritos a certos tipos de atividades mentais.

**4. Síntese dos dados motivacionais.** – Conforme acabamos de mostrar, a motivação tem importância fundamental tanto como catalisadora dos rendimentos no

próprio exame psicológico, como na eficiência escolar, na escolha de um curso ou de uma profissão.

Iremos, em primeiro lugar, dar indicações quanto à síntese de dados motivacionais visando a orientação escolar e profissional; depois, abordaremos a síntese dos dados motivacionais nos casos de insuficiência de rendimento escolar.

a) Síntese dos dados motivacionais na *orientação profissional e escolar*. Os dados importantes para estudo e síntese da motivação visando à escolha de um curso ou de uma ocupação profissional, podem ser encontrados nas seguintes fontes:

- Na *primeira entrevista*, poderão ser colhidos os desejos explícitos e as suas razões conscientes. Exemplo: “Eu quero ser aviador porque gosto de viajar.”
- Além disso, poder-se-ão procurar motivações que pareçam constituir algo de permanente e estável ao longo da história pessoal. Exemplo: “Sempre gostei de brincar dentro de casa e ainda com jogos e brinquedos sossegados; não gosto e jamais gostei de barulho e de muita gente.”
- Na *autobiografia* e nos *questionários dirigidos*, poder-se-ão colher dados análogos.
- Nos *inventários* de interesses profissionais, como os de Strong ou de Thurstone, poder-se-ão obter informações
- quanto aos grandes grupos de atividades pelos quais o examinando se interessa, consciente ou inconscientemente.
- Nos *testes de interesses gerais* (por exemplo: o de catálogo de livros) e nas escalas de valores (Allport-Vernon), procurar-se-ão eventuais apoios que indiquem determinada direção.

Em segunda entrevista, logo após a aplicação de todos os testes e questionários, será interessante confrontar os dados colhidos com a opinião pessoal do orientando, a fim de tentar elaborar uma síntese das verdadeiras motivações; com efeito, em muitos casos, os desejos profissionais expressos pelos alunos são reflexos de complexos ou da crise de adolescência. Por exemplo: no caso do menino que quer ser aviador, “porque gosta de viajar”, será interessante verificar se esse gosto por viagem não constitui um desejo de fuga do ambiente familiar. Se isso for verdadeiro, uma vez amadurecido o orientando e desaparecido o desejo de fuga, é provável que a vontade de ser aviador também desapareça.

Como síntese que é, a dos dados motivacionais deverá ser escrita em algumas frases. Eis um exemplo:

O desejo manifesto de ser médico encontra apoio no fato de serem predominantes os interesses por ciências biológicas e atividades assistências; desde pequeno, brinca de curar os amiguinhos; convém notar identificação com um tio que também é médico.

Considerando que a separação que estamos fazendo entre as diferentes partes da síntese existe apenas com fins metodológicos e didáticos, não é demais insistir na necessidade de considerar também os outros dados, no momento da síntese parcial; assim, por exemplo, no momento do exame dos dados motivacionais, será indispensável procurar saber até que ponto o êxito e o fracasso em certas atividades escolares constituem ou não uma base de catexia positiva ou negativa; por exemplo: fracassos constantes em matemática podem gerar catexia negativa para esse tipo de atividade; da mesma forma, o êxito em atividades literárias pode desenvolver o gosto por profissões lingüísticas.

Além disso, sabemos que os interesses dos adolescentes estão ainda em formação; convém lembrar aqui que o orientador educacional tem papel ativo na cristalização dos interesses profissionais, podendo modificá-los sensivelmente, como o mostrou A. Léon. A síntese feita depois de tal atuação será mais válida.

*b) Síntese dos dados motivacionais nos casos de insuficiência de rendimento escolar.*

É justamente colocando em confronto a motivação para os diferentes tipos de atividade e os rendimentos nas matérias escolares e nos testes, que se consegue, muitas vezes, encontrar explicações de insuficiências de rendimento, como acabamos de demonstrar no parágrafo precedente.

Uma vez eliminadas as hipóteses de inaptidão, inibição ou deficiência física (o aluno não pode estudar), ou então de falta de método de estudo (o aluno não sabe estudar), só resta determinar que mecanismo motivacional está entavando a boa utilização das aptidões (o aluno não quer estudar).

No caso de *insuficiência de rendimento escolar global*, é preciso procurar verificar na anamnese e na autobiografia as seguintes hipóteses (citamos as mais freqüentes):

- Houve fortes frustrações nos primeiros anos escolares, provocadas por inabilidades por partes de professores; desenvolveu-se catexia negativa das atividades escolares.
- O aluno foi prematuramente posto na escola primária; encontrou dificuldades de tal ordem que não se interessa mais pelos estudos e tem até verdadeira ojeriza à escola em geral.
- A insuficiência só apareceu recentemente; neste caso, convém verificar a existência de motivações extra-escolares mais fortes, as quais entram em conflito com as exigidas para boa escolaridade: despertar do interesse pelo outro sexo, namoro, coleções, mecânica, futebol ou outros esportes, masturbação, etc.

Também no caso de insuficiência de rendimento específico, várias hipóteses podem aparecer e precisam de verificação; vamos citar algumas:

- Quando a insuficiência apareceu recentemente, é preciso investigar se há algum erro metodológico do lado do professor: soube ele despertar o interesse do aluno? Caso contrário, ausência de motivação tem por origem o professor.
- Quando a insuficiência é permanente, isto é, sempre existiu, desde que o aluno estuda essa matéria, então é preciso procurar, nos dados histórico-educativos, alguns elementos que justifiquem a formação de uma catexia negativa da matéria. Eis algumas hipóteses a examinar: antipatia pelo primeiro professor da matéria, tipo autocrático, frustrador e punitivo do mesmo; castigos corporais ou fortes frustrações por parte dos pais, em relação a primeiros insucessos.
- Maior interesse por outras matérias produz conflito de motivações; o aluno aplica as suas energias nas matérias que mais lhe agradam.

A análise dos níveis de expectativa e de auto-estimação permite, às vezes, colocar em relevo a ausência de força motivacional em relação a certos tipos de atividade. Pode-se perguntar aos examinandos, antes de cada teste, qual a nota que espera obter, e, depois de cada teste, qual a nota que pensa ter obtido. Quando, por exemplo, num teste numérico, obtemos níveis de expectativa e de auto-estimação baixos e percentil elevado, podemos estar em presença de um sentimento de inferioridade em relação à aritmética, sentimento que pode constituir motivo de desânimo e, por conseguinte, de insuficiência em aritmética.

Costumamos colocar os níveis de expectativa e de auto-estimação em relação a cada teste, no próprio perfil psicológico, de modo que se destaquem as atividades em



relação às quais há algum possível sentimento de inferioridade, ou, pelo contrário, ausência de autocrítica.

5. **Síntese dos dados caracterológicos.** – Para fazer a síntese dos dados caracterológicos, é necessário possuímos os diagnósticos parciais obtidos a partir das diferentes técnicas de estudo da personalidade descritas em outra parte. Não nos cabe aqui falar dos processos de diagnóstico de cada técnica de exame caracterológico por si, pois seríamos forçados a escrever vários manuais, os quais já existem; o que é mais difícil é encontrar descrições de técnicas de síntese de diagnóstico provenientes de vários testes de tipos de investigação caracterológica; que fazer quando há contradições entre os resultados? Como saber qual a técnica mais válida? Que se deve tomar em consideração na síntese final, isto é, como separar o acessório do essencial?

Na verdade, não há respostas perfeitamente seguras a essas perguntas, pois, conforme já o mostramos, estudos de validade, fidedignidade e intercorrelações entre testes caracterológicos estão ainda na sua fase inicial.

O que se pode fazer, no momento atual, é recomendar certas precauções metodológicas, assim como preconizar certas técnicas que facilitam a síntese. Quando o problema consiste em saber quais as características principais do indivíduo, como é o caso na orientação profissional, nada melhor do que organizar um quadro de dupla entrada, no qual se colocam, de um lado, as técnicas de investigação utilizadas, e do outro, os traços caracterológicos. O quadro a seguir dá uma idéia de como proceder.

[illegible]

|                                 |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|---------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| Conduta durante<br>Testes ..... |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Ficha, escolar.....             |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Rorschach. ....                 |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Miocinético. ....               |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Arvore.....                     |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Teste das mãos...               |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|                                 |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|                                 |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| <b>TOTAL .....</b>              |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |

Basta fazer uma cruz, quando o traço é assinalado pela técnica utilizada; quando se trata de teste percentilado, pode-se colocar, como critério, uma cruz nos traços salientes. O total das cruces dá uma idéia ao orientador dos traços caracterológicos provavelmente mais constantes na personalidade estudada; convém, no entanto, ressaltar que pode aparecer um traço caracterológico numa só técnica e este ser bastante significativo para ser incluído na síntese final; é o que acontece principalmente no caso da anamnese; se, por exemplo, na anamnese, se indicar que o orientando é tímido e retraído, não brinca com ninguém, nem na escola nem em casa, e nenhum dos testes utilizados acusar tal traço, havendo sido verificada a objetividade das testemunhas, dever-se-á anotar esse traço na síntese, pois, no diagnóstico final, devem predominar fatos objetivos. Felizmente, casos assim são raros; em geral, há mais concordâncias do que discordâncias entre os resultados. É verdade que afirmamos isso baseados em experiência prática, pois não fizemos estudos de correlação e, já dissemos, existem poucos trabalhos a respeito desse assunto, em comparação com os realizados com os testes intelectuais.

O mesmo quadro pode ser utilizado para a síntese dos dados caracterológicos, nos casos com problemas; apenas, em lugar dos traços caracterológicos, colocar-se-ão

as diferentes hipóteses possíveis, visando esclarecer a origem do problema. Se o problema for, por exemplo, brutalidade em relação aos colegas menores, colocar-se-ão as seguintes explicações possíveis: hiperagressividade temperamental, fator comicial, complexo de Caim, neurose, debilidade mental, início do processo psicopático, etc. Cada técnica de diagnóstico indicará onde convém colocar uma cruz.

O grande perigo, para quem faz uma síntese caracterológica, é o que se chama o efeito de halo, isto é, a tendência a se deixar influenciar pelos resultados de um teste no momento de estudar outro. Acontece que certos orientadores inexperientes, levados pelo entusiasmo em relação a uma técnica, procuram encontrar, nos outros, traços existentes no seu teste “preferido”; acabam, com isso, torcendo a realidade.

**6. Síntese dos dados médicos.** – Esta síntese, cabe, evidentemente, ao médico fazê-la. No caso de orientação profissional, interessa ao orientador ter a lista das atividades indicadas e contra-indicadas. Será de grande ajuda assinalar o médico as possíveis origens de ordem fisiogênica dos problemas de insuficiência de conduta e de rendimento escolar, bem como o encaminhamento ou o tratamento que indicou, a fim de que o orientador possa não somente evitar ser levado por um caminho de explicações puramente psicogênicas, mas ainda, na hora das entrevistas de aconselhamento, esforçar-se em dar um reforço às indicações de ordem médica, pelo seu apoio moral.

**7. Síntese dos dados escolares.** – Não reservamos lugar especial na ficha de síntese para os dados escolares, por serem estes incluídos nas várias sínteses parciais:

- A evolução escolar, nos dados históricos educativos;
- As notas escolares, junto ao perfil de aptidões, visando a rápida comparação entre os dois perfis;
- As observações caracterológicas por parte dos professores, na síntese dos dados caracterológicos;
- As áreas de interesses escolares obtidas através da entrevista individual e, às vezes, da ficha escolar, na síntese motivacional.

**8. Síntese geral.** – Durante as sínteses parciais, inevitavelmente o orientador terá notado relações entre os dados expostos nas várias sínteses parciais. Por isso mesmo a síntese das sínteses parciais não poderá ser uma simples cópia destas, mas

constituirá uma inter-relação dos dados. Vamos dar, como exemplos, duas sínteses parciais, e a redação posterior dada no momento da síntese geral:

*Dados intelectuais.* Fator *G* médio superior; predominam os fatores *R. S. N.* Fatores *V* e *W* baixos. Melhores notas em ciências, e matemática.

*Dados motivacionais.* Interesses acentuados para atividades técnicas. Quer ser engenheiro; não gosta de redação.

Redução da síntese final (parte referente aos dois tipos de dados).

O orientando possui, além de uma inteligência geral elevada, aptidões muito desenvolvidas para cálculos, atividades que exijam raciocínio e também as espaciais. Essas características intelectuais combinam harmoniosamente com os interesses bastante acentuados por profissões técnico-industriais.

A própria redação da síntese final encaminha para a conclusão.

**9. Conclusão orientativa.** – Da síntese geral decorrem as medidas a serem tomadas e a orientação a ser dada. As conclusões devem ser redigidas de maneira concreta e prática.

No caso de *orientação profissional* ou *escolar*, convém indicar:

- Os grupos de profissões mais adequadas; não se limitar apenas a uma ocupação profissional, pois sabemos que as aptidões e interesses podem ser utilizados em várias profissões de cunho análogo e não apenas numa só;
- Os cursos que preparam para estas profissões ou os tipos de empresas onde se pode realizar uma aprendizagem direta;
- Indicar também os hobbies, quando determinadas aptidões não estão à altura de certos interesses e não se tornaria eficiente o exercício das profissões correspondentes. (Grande interesse por música ou mecânica, mas aptidão pouco desenvolvida para tais ocupações.)

No caso de insuficiência de rendimento escolar, deverão ser claramente especificados:

- A reorientação escolar e a orientação profissional, se se tratar de um caso de inaptidão geral para os estudos secundários;

- Os exercícios indispensáveis à recuperação do aluno, no caso de insuficiência parcial; caso o orientador não conheça suficientemente a matéria, indicar um ou vários professores que possam fazer esse exercício;
- Fomentar o estudo dirigido;
- Lembrar as providências de ordem médica, se o médico assinalar alguma causa de ordem fisiogênica;
- Encaminhar para um especialista, se na síntese houver indicação de inibição bastante acentuada para justificar tal medida;
- Necessidade de conversar com os pais, caso haja interferência negativa por parte destes nos estudos do aluno.

No caso de *problema de conduta*, convém não esquecer as seguintes indicações:

- Orientação à família descrevendo o conteúdo do aconselhamento (maior ou menor rigidez de atitudes com o educando );
- Orientação ao aluno, indicando as principais metas a serem atingidas; por exemplo, torná-lo mais consciente das razões da sua conduta, ou ajudá-lo a suportar melhor a sua inferioridade em relação aos colegas, etc.;
- Encaminhamento a especialistas, com indicação de lista de nomes e endereços de institutos ou particulares, caso se mostre necessário;
- Orientação ao professor quanto ao trato com o aluno (não ligar, ou, pelo contrário, agir com maior firmeza, ou maior compreensão, etc.).

O conteúdo dessas redações de conclusões não deve ser considerado como definitivo, antes da ou das entrevistas de aconselhamento, pois muitas das medidas sugeridas na conclusão ficarão sujeitas a revisão. Com efeito, a entrevista de aconselhamento não consiste simplesmente na transmissão de um “veredicto” do orientador, mas é um processo muito mais sutil, processo de comunicação que abordaremos a seguir.

### III. O ACONSELHAMENTO

**1. Aconselhamento como técnica de “comunicação”.** – Embora a síntese final leve a uma conclusão orientativa, essa conclusão só pode ser considerada como provisória, enquanto não tiver sido aceita e incorporada pelo próprio orientando. Com efeito, uma pessoa só passa à ação, de maneira eficiente, se estiver convencida do

acerto das suas providências; muitos aconselhamentos fracassam porque os orientandos saem do gabinete do orientador sem ter essa convicção, enquanto o orientador fica com a ilusão de ter “convencido” o indivíduo.

Na realidade, o aconselhamento deve ser considerado como parte integrante das chamadas “técnicas de comunicação”. Em linguagem de comunicações, temos o orientador como “emissor” e o orientando como “receptor” da comunicação. Como veremos mais adiante, o emissor também se transforma em receptor, e vice-versa; cada palavra do emissor tem repercussão no receptor, cuja emissão se adapta e reage conforme a filosofia, a atitude e a linguagem de quem emitiu. As respostas do receptor provocam reações idênticas no emissor, de tal modo que se opera uma regulação constante dos emissores, regulação chamada em linguagem cibernética de *feed-back* (realimentação). Saber qual a forma de comunicação mais adequada para que o orientando saia do gabinete do orientador pronto para agir de maneira acertada, eis o problema que deve preocupar de maneira constante o orientador.

As atitudes assumidas e as técnicas utilizadas pelo orientador dependem, em grande parte, da *filosofia* de aconselhamento adotada. É das filosofias que iremos tratar em primeiro lugar.

**2. Filosofias do aconselhamento.** – O psicólogo norte-americano Super, após ter feito análises das diferentes correntes em aconselhamento, distingue três filosofias diferentes:

1º) A filosofia diagnóstico-prescritiva, proveniente da Psicotécnica clássica. Conforme o indica o nome, preconiza a realização de uma série de exames e entrevistas, dos quais emana um diagnóstico que, por sua vez, leva a uma conclusão que é transmitida da mesma forma que uma prescrição médica ou de um veredicto judiciário; essa filosofia é fundamentada na autoridade científica do orientador, o qual, pela sua formação, experiência e espírito objetivo, tem mais segurança na emissão de uma opinião do que o orientando.

2º) A filosofia *terapêutica*, proveniente da Psicanálise e da Psicoterapia, afirma, sob a liderança de Rogers, que a solução de cada problema deve ser encontrada pelo próprio orientando; o orientador apenas ajuda o orientando a se encontrar a si mesmo e

a tomar as decisões. Segundo Rogers, o diagnóstico feito sem a participação do orientando é algo de imposto e, por conseguinte, antidemocrático e contrário aos preceitos de respeito à pessoa humana. Além disso, o orientador “diretivo”, ainda que bem intencionado, arrisca-se a deformar o seu diagnóstico, influenciado por opiniões pessoais. Vale a pena transcrever aqui o inquérito (citado por Nahoum) demonstrando que a estatística das causas de desajustamento varia conforme o entrevistador seja socialista ou antialcoólico.

| CAUSAS DE DESAJUSTAMENTO | ENTREVISTADOR ANTI-ALCOÓLICO | ENTREVISTADOR SOCIALISTA |
|--------------------------|------------------------------|--------------------------|
| Alcoolismo.....          | 34%                          | 11%                      |
| ECONÔMICAS .....         | 42%                          | 60%                      |

O “não-diretívismo”, recomendando “centrar” a orientação em função do que pensa realmente o orientando, evita interpretações tendenciosas do orientador.

3º) *A filosofia do desenvolvimento*, embora a mais antiga, pois é característica do ponto de vista educacional, só se definiu como corrente própria diante do choque havido entre os partidários do aconselhamento diretivo e do aconselhamento não diretivo.

Segundo os partidários dessa terceira posição, a filosofia diagnóstico-prescritiva é mais adequada quando o orientando, em determinadas fases de sua vida, precisa de informações objetivas, a fim de confrontá-las com a sua própria opinião, ou também de tirá-lo de uma situação de dúvida. Aplica-se, por conseguinte, mais em orientação profissional. A filosofia terapêutica se aplica mais nos casos em que toda informação objetiva possível de ser colhida só existe no inconsciente ou no subconsciente do indivíduo, havendo, por conseguinte, necessidade de fazer entrevistas “*client-centered*”, quer dizer, dependendo inteiramente do cliente. Pode-se afirmar também que a primeira filosofia se aplica aos problemas que envolvem aspectos intelectuais e vocacionais, enquanto a segunda envolve mais os aspectos afetivos e emocionais.

A filosofia do desenvolvimento parte do ponto de vista de que o homem é um ser em constante evolução; em cada fase de adaptação ou reajustamento, o homem precisa de ajuda na resolução dos seus problemas, seja através de informações dadas

sob forma diagnóstico-prescritiva, seja sob forma de aconselhamento de tipo não diretivo. Convém escolher, conforme as situações e os objetivos. Essa atitude eclética é adotada pelo próprio Super, autor da análise que acabamos de relatar.

Trata-se, por conseguinte, mais de escolha de técnicas e atitudes, em função do problema a resolver ou da natureza psicológica do orientando. São essas atitudes e técnicas que passaremos a estudar a seguir.

**3. Técnicas de aconselhamento.** – Iremos abordar, sucessivamente, as atitudes do orientador, a linguagem utilizada por ele e as suas repercussões no orientando, as fases do aconselhamento, assim como as condições para um aconselhamento se tornar eficiente.

1º) ATITUDES DO ORIENTADOR. Uma das grandes críticas, feitas por Rogers e seus colaboradores, às chamadas técnicas diretivas, é que os orientadores que utilizam tais técnicas têm forçosamente atitudes *autocráticas e paternais*, as quais não seriam condizentes com a nossa civilização democrática nem com o respeito humano que se deve ter para com o cliente. O orientador “dá” as suas conclusões de forma *ex-câtedra*, usando sua autoridade de cientista; espera que o orientando aceite naturalmente o aconselhamento e o siga. Todo o processo do aconselhamento é concentrado no orientador.

Rogers propõe uma atitude “*client-centered*”, na qual o orientador confia na capacidade do orientando de encontrar uma solução por si mesmo. A atitude “*client-centered*” foi definida da seguinte forma por Halkides (citado por Super):

- 1) Compreensão *empática* por parte do orientador.
- 2) Atitude afetiva positiva de aceitação demonstrada pelo orientador ao orientando.
- 3) Sinceridade do orientador nas suas palavras e sentimentos.
- 4) Correspondência entre a intensidade das expressões emocionais do orientador e a das expressões do orientando.

O próprio Rogers definiu com bastante clareza a atitude metodológica não diretiva, no seu livro *Client Centered Therapy*.

Afirma ele que:



- Se um indivíduo ou um grupo tem um problema a resolver,
- Se um líder catalisador promove um clima “permissivo”,
- Se a responsabilidade é colocada nas mãos do indivíduo ou do grupo,
- Se existe respeito fundamental da capacidade do indivíduo ou do grupo, *então*:
- Obter-se-á análise responsável e adequada do problema.
- Desenvolvimento de uma capacidade de dirigir-se de maneira responsável.
- Em relação a outros métodos, a criatividade, produtividade e qualidade obtidas são superiores.
- O moral individual ou do grupo desenvolve-se assim como a confiança.”

Para Rogers, o próprio diagnóstico deve ser feito durante as entrevistas, pelo próprio orientando, e nunca nascer no espírito do orientador.

Se os pontos de vista de Rogers tiveram o mérito de colocar o acento sobre o fato de que o aconselhamento deve ser e é sempre, na realidade, produto de uma relação orientador-orientando, também é verdade que a sistemática recusa de informações objetivas foi objeto de críticas e permitiu a Thorne (segundo Ch. Nahoum) definir a atitude metodológica e a técnica diretiva propriamente dita.

Thorne insiste sobre a necessidade de um diagnóstico que deve preceder qualquer aconselhamento. Esse diagnóstico deve-se fazer utilizando todos os recursos científicos disponíveis, e não apenas a entrevista; ao contrário de Rogers, Thorne é favorável, no que se refere a esta última, a um estudo sistemático e cronológico da história individual.

Por outro lado, quanto maior a necessidade de ter orientação, tanto menor a capacidade de se dirigir. Existem mesmo casos em que os indivíduos esperam ansiosamente um apoio, uma ajuda imediata, para tomar uma decisão, e para os quais a decisão tem que ser tomada antes que o orientando tenha tempo de adquirir maturidade para tomar decisões sozinho.

Na realidade o conflito entre atitude diretiva e não-diretiva é apenas aparente. Segundo inquérito de Fiedler, feito sobre psicoterapeutas de várias escolas (diretivas ou não-diretivas), mostrou-se que todos os terapeutas estão descrevendo as atitudes ideais de aconselhamento da mesma maneira, havendo correlações que oscilam entre

0,43 e 0,84, inclusive com julgamentos de leigos. O acordo maior foi sobre a necessidade de boas relações interpessoais orientador-orientando.

Particularmente característico é que o próprio Rogers cita a experiência de Fiedler, apoiando as suas conclusões; eis um resumo dessas conclusões:

Traços considerados como menos característicos de boa relação terapêutica:

- O terapeuta como punição.
- O terapeuta provoca no indivíduo o sentimento de ser rejeitado.
- O terapeuta parece não ter respeito nenhum pelo indivíduo.
- A relação é impessoal, fria.
- O terapeuta coloca-se num plano inferior.
- O terapeuta procura favores do indivíduo.
- O terapeuta procura fazer o seu próprio cartaz, através da exibição das suas capacidades e conhecimentos.
- O terapeuta trata o indivíduo como criança.

O traço mais característico é: o terapeuta participa completamente do que disse o indivíduo.

Traços considerados como muito característicos de uma boa relação são:

- Os comentários do terapeuta são sempre na linha de pensamento do indivíduo.
- O terapeuta é inteiramente apto a compreender os sentimentos do indivíduo.
- O terapeuta procura realmente compreender os sentimentos do indivíduo.
- O tom de voz do terapeuta deve indicar a sua aptidão para empatizar com os sentimentos do indivíduo.
- O terapeuta encara o indivíduo como um colaborador na resolução de um problema comum.
- O terapeuta trata o indivíduo num plano de igualdade.

Adotando essas atitudes, resta ao orientador escolher a forma de linguagem mais adequada para obter a melhor comunicação e relação possível com o orientando. É o que será objeto do próximo parágrafo.

2º) A LINGUAGEM DO ACONSELHAMENTO. Além da adoção de atitudes favoráveis, o uso adequado da linguagem constitui o ponto chave da técnica de aconselhamento. Existem conteúdos de linguagem tipicamente *diretivos*, e outros especificamente não-*diretivos*, havendo uma categoria intermediária, de reconhecimento mais difícil porque de característica mais sutil: as respostas *condutoras*. Vários pesquisadores procuraram classificar os diferentes tipos de linguagem e verificaram se havia correlações entre os julgamentos de observadores diferentes diante da mesma gravação. Todas as experiências feitas até agora demonstram a possibilidade de chegar-se a uma análise com boa validade estatística e fidedignidade de julgamento. Várias classificações foram propostas, não havendo ainda acordo perfeito entre os autores; no entanto, uma análise recente (Super) de várias classificações mostra haver muitos pontos comuns, além de muitos procurarem estabelecer uma gradação indo da linguagem não-diretiva à linguagem francamente diretiva, passando por categorias intermediárias que variam de autor para autor. Eis, por exemplo, uma classificação de conteúdos segundo Carnes e Robinson (citado por Super). Distinguem os autores quatro grupos:

AGRUPAMENTO DOS CONTEÚDOS (seg-. Carnes e Robinson)

1º. grupo: *Compreensão*

- Silêncio aceitador (acolhedor)
- Aceitação (Sim — Não — Umm!)
- Clarificação
- Clarificação — Resumo.

2º. grupo: *Aprovação e perguntas não-específicas*

- Aprovação
- Perguntas não-específicas (Como isto?
- Conte-me.)

3º. grupo: *Condutoras*

- Análise tentativa
- Interpretação
- Persuasão.

4º. grupo: *Direção extrema*

- Interpretação profunda
- Rejeição
- O assegurar
- Mudança de assunto.

Segundo Rogers e Robinson (citado por Super) há mais eficiência na escolha da linguagem quando esta é feita em função da fase do aconselhamento; eis a linguagem aconselhada:

#### TÉCNICAS MAIS EFICIENTES DO PONTO DE VISTA DO CONTEÚDO (Rogers e Robinson)

##### 1. *No início*

- Perguntas não-especificativas
- Aceitação
- Repetição

##### 2. *No decurso da entrevista*

- Análise tentativa
- Clarificação
- Perguntas não-especificativas
- Aceitação
- Repetição

##### 3. *“Decision Making”* (tomada de resolução)

- Aceitação
- Clarificação
- Clarificação — Resumo

Snyder chegou a uma análise mais exaustiva ainda e também procurou classificar, além das reações do orientador, as respostas do orientando. Damos a seguir a sua classificação:

#### CATEGORIAS DE SNYDER (seg. Super)

##### *Do orientador*

##### *Respostas não-diretivas ao sentimento*

- Repetição do conteúdo

- Clarificação do sentimento
  - certa
  - errada
- Clarificação do sentimento inexpresso

*Respostas semídiretivas ao sentimento Interpretação.*

*Respostas condutoras*

- Estruturação
- Condução não-diretiva
- Forçar a escolha do indivíduo
- Proposta de atividade ao cliente
- Pergunta direta

*Respostas diretivas*

- Persuasão
- Aceitação simples
- Sossegar
- Aprovação e encorajar
- Desaprovação e crítica

*Respostas diversas*

- Discussão
- Informação
- Término de contato
- Término de séries de entrevista

*Inclassificável*

*Do cliente*

*Expressões de problemas*

- Enumeração de sintomas
- Elaboração
- História
- Antecipação

- Solução ou diminuição de problemas, de sintomas
- Compreensão ou ação
- Compreensão ou intuição
- Planejamento

#### *Resposta simples*

- Pedido de informação
- Resposta a pergunta direta
- Aceitação simples
- Rejeição ou desacordo

#### *Categorias diversas*

- Término do contato
- Término da série de entrevistas
- Digressão
- Discussão amigável
- Inclassificável

#### *Sentimentos positivos*

- Em relação a si mesmo
- Em relação ao orientador
- Em relação a outrem

#### *Sentimentos negativos*

- Ideia

#### *Ambivalência*

- Idem

Graças a estudos do tipo desenvolvido por Snyder, será possível, como o faz observar Super, desenvolver uma técnica de análise de comunicações e, mais especialmente, saber que tipo de resposta por parte do orientando provoca cada tipo de linguagem do orientador. Por exemplo, pesquisa feita por Hummel (citado por Super)

colocou em relevo que a repetição provoca maior número de elaborações e expressões de escolha profissional por parte do adolescente, do que perguntas abertas.

Tais estudos estão ainda no seu início; no entanto, qualquer que seja a classificação utilizada, é extremamente útil, tanto para principiantes como para orientadores experimentados, fazer análise das gravações das suas próprias entrevistas de aconselhamento. Muitas surpresas esperam os que têm a paciência de se submeterem a tal processo, o qual, em qualquer caso, só pode melhorar o que se pode considerar como uma técnica, muito mais do que uma arte, graças aos estudos que acabamos de relatar.

Pode-se inclusive *medir* a evolução dos orientadores sob efeito do seu treinamento, através da análise das suas entrevistas. Eis os processos medidos através da técnica de Blocksma (citado por Rogers), que consiste, além da aplicação de um teste “papel e lápis” aos orientadores, em fazê-los realizar uma entrevista cuja casuística está padronizada por parte do orientando. O papel deste é feito pelo professor de orientação.

| TESTE PAPEL E LÁPIS    |                      |                       | TESTE DE ENTREVISTA                      |                      |                       |
|------------------------|----------------------|-----------------------|------------------------------------------|----------------------|-----------------------|
| Técnicas do orientador | Antes do treinamento | Depois do treinamento | Técnicas do orientador                   | Antes do treinamento | Depois do treinamento |
| Reflexão .....         | 49,7                 | 85,3                  | Reflexão .....                           | 10,7                 | 59,0                  |
| Interpretação .....    | 18,6                 | 11,8                  | Interpretação ....                       | 21,8                 | 15,1                  |
| Apoio .....            | 8,4                  | 0,0                   | Apoio .....                              | 14,7                 | 4,6                   |
| Moralização .....      | 5,1                  | 0,0                   | Oferta de ajuda                          | 20,5                 | 3,3                   |
| Diagnóstico .....      | 18,2                 | 2,9                   | Pedido de informação .....               | 15,8                 | 1,6                   |
|                        |                      |                       | Opinião pessoal                          | 8,9                  | 1,4                   |
|                        |                      |                       | Simple<br>aceitação ou<br>silêncio ..... | 5,0                  | 11,1                  |
|                        |                      |                       | Oferta de<br>informação .....            | 2,6                  | 3,9                   |

|       |       |       |  |       |       |
|-------|-------|-------|--|-------|-------|
| TOTAL | 100,0 | 100,0 |  | 100,0 | 100,0 |
|-------|-------|-------|--|-------|-------|

| <b>TESTE DE ENTREVISTA</b>                            |                             |                              |
|-------------------------------------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| Localização da avaliação (medida indireta de empatia) |                             |                              |
| <i>Pontos da escola</i>                               | <i>Antes do treinamento</i> | <i>Depois do treinamento</i> |
| + 2 Pensa com o cliente .....                         | 4,0                         | 35,5                         |
| + 1 Pensa acerca dele e com ele .....                 | 12,0                        | 25,0                         |
| - 1 pensa acerca e no lugar dele. ....                | 24,0                        | 22,5                         |
| - 2 Pensa no lugar do cliente.....                    | 25,0                        | 11,5                         |
|                                                       | 35,0                        | 5,5                          |
| TOTAL .....                                           | 100,0                       | 100,0                        |

Esses resultados mostram que é possível treinar pessoas para modificar as suas atitudes e a sua linguagem nas entrevistas de aconselhamento.

3º) FASES DO ACONSELHAMENTO. Há algumas diferenças entre autores, no que se refere às fases pelas quais passam o orientador e o orientando. Contudo, podemos distinguir dois tipos diferentes da evolução do aconselhamento, segundo a filosofia adotada pelo orientador.

a) *Na filosofia diagnóstica prescritiva*, o aconselhamento é precedido por uma série de análises, entrevistas e testes; o aconselhamento se faz na entrevista final. Nesta, podem ser distinguidas as seguintes fases:

1. *Definição dos problemas*. O orientador faz um resumo dos problemas que levaram o orientando a procurar conselhos.
2. *Diagnóstico*. O orientador faz uma análise das causas que levaram ao problema ou põe em relevo aptidões, inaptidões, motivações e características da personalidade. Procura, enquanto isso, caso julgue necessário, o acordo do orientando.
3. *Conselho*. Do diagnóstico, o orientador passa ao prognóstico quanto ao êxito na vida escolar ou profissional, ou quanto às medidas a serem tomadas para resolver o problema de conduta.



b) *Segundo a filosofia terapêutica*, não há linha de demarcação nítida entre o aconselhamento e diagnóstico, pois toda técnica nao-diretiva consiste, como já vimos, em conseguir, através de entrevistas, que o próprio indivíduo se conheça melhor e tome as decisões que julgar mais acertadas. O processo do aconselhamento “nao-diretivo” começa já no primeiro contato. Costumam distinguir as seguintes fases:

1. *Formação da relação de confiança*. O orientador procura criar em torno de si um clima de simpatia, uma atmosfera permissiva; procura formar uma transferência positiva.
2. *Definição dos problemas*. O orientando relata os problemas e o orientador o ajuda a defini-los melhor; mostra que compreende o problema e aceita a posição do orientando.
3. *Formação de “insights”*. O orientando procura compreender as causas dos seus problemas. No caso da orientação profissional ou escolar, procura diagnosticar as suas aptidões ou inaptidões; nessa fase, podem ser aplicados os testes escolhidos pelo orientando, de uma lista apresentada pelo orientador. Aumenta, nesse período, a percepção do próprio “eu”.
4. *Estudo de planos de ação*. À medida que o orientando se descobre, surgem resoluções a serem tomadas e planos de ação, examinando os “prós e contras” de cada um e discutindo tais planos com o auxílio do orientador.
5. *Resoluções e resumo do plano de ação*. O orientador faz com que o orientando resuma as suas decisões, a fim de fixá-las na sua mente e verificar se o mesmo chegou a uma posição segura.

4º) TÉCNICAS DE ACOMPANHAMENTO E CONTROLE DA ORIENTAÇÃO. Não é bastante fazer um aconselhamento, é indispensável ainda saber se o mesmo foi seguido ou não. Outro problema ainda consiste em saber se a técnica de aconselhamento utilizada é realmente eficiente.

O primeiro problema é ligado às técnicas do acompanhamento individual. O segundo é o de controle, através da comparação de grupos experimentais e de controle, da validade do processo e orientação educacional.

Iremos tratar, sucessivamente, de cada um desses problemas.

#### *A) Acompanhamento individual*

Logo no fim da última entrevista de aconselhamento, é de toda conveniência avisar ao orientando que, se houver qualquer problema ou dúvida posterior, ele poderá voltar. Tal procedimento tem várias vantagens;

- Evitar eventual complexo de abandono;
- Poder estar a par da resolução do caso;
- Permitir ao orientador corrigir eventuais erros de diagnóstico;
- Ampliar a experiência do orientador e evitar que seja vítima da ilusão de ser infalível.

Nos serviços de orientação educacional, é possível fazer um levantamento periódico dos casos. Por exemplo: de dois em dois anos, ou quando for julgado necessário, um assistente social visita os orientandos; quando estes permanecem na escola, o trabalho é facilitado.

Essa verificação costuma ser feita para responder às seguintes perguntas:

- Está o orientando satisfeito com o caminho escolhido?
- Está ele obtendo êxito real nos seus estudos ou na- sua aprendizagem profissional?
- No caso de problema de conduta, está mais ajustado? Os problemas disciplinares diminuíram? Há menos conflitos?

Tornou-se mais sociável? etc.

- No caso de problema de insuficiência de rendimento escolar, as notas melhoraram? Pode-se, neste caso, fazer a curva evolutiva das notas.

Costumam-se registrar as observações feitas durante o acompanhamento numa ficha de *follow-up*. Certas fichas são apresentadas sob forma de questionário; outras, como a que preconizamos, contêm apenas espaço para data de observação e lugar para escrever o resumo.

Quando se constata que a orientação não surtiu efeito, novas entrevistas se fazem necessárias, e são, evidentemente, condicionadas à boa vontade do orientando e de sua família.

#### B) *Estudos da validade dos processos de orientação educacional.*

Os controles da validade dos processos de orientação e aconselhamento tornam-se cada vez mais numerosos.

Vamos citar agora uma experiência realizada no domínio da resolução de problemas de ajustamento emocional, escolar e de orientação profissional. Essa

pesquisa, das mais interessantes e citada por Rogers, vem confirmar a validade dos processos de aconselhamento, nos casos de desajustes emocionais, e foi realizada pela Veteran Administration, dos E. U. A., sobre 313 casos tratados por “conselheiros de pessoal”; dois meses depois da última entrevista, o grau de aproveitamento de cada um dos orientandos foi avaliado por um chefe de treinamento, o qual nada sabia a respeito do aconselhamento. Interessante é mostrar, no quadro a seguir, organizado por Rogers, a partir dos dados dessa investigação, que quanto maior o número de entrevistas, maior a proporção do aproveitamento na aprendizagem.

| Nº. DE PESSOAS | DURAÇÃO DO ACONSELHAMENTO       | AVALIAÇÃO PELOS INSTRUTORES DO GRAU DE APROVEITAMENTO |       |       |
|----------------|---------------------------------|-------------------------------------------------------|-------|-------|
|                |                                 | NENHUM                                                | ALGUM | MUITO |
| 148            | Duas entrevistas ou menos ..... | 28%                                                   | 44%   | 28%   |
| 140            | Três a cinco entrevistas.....   | 12%                                                   | 43%   | 45%   |
| 57             | Seis a nove entrevistas.....    | 10%                                                   | 44%   | 46%   |
| 48             | Dez entrevistas ou mais .....   | 2%                                                    | 31%   | 67%   |
| 393            | T O T A L . . . . .             | 17%                                                   | 42%   | 41%   |

Além disso, 42% foram considerados como tendo algum ajustamento, e 41% com muito aproveitamento; só 17% não obtiveram nenhum proveito do aconselhamento. Essa experiência mostra que houve influência das entrevistas de aconselhamento na aprendizagem.

Rogers cita também experiência de Beth BÍlis e Axiine, mostrando que entrevistas de tipo não-diretivo, feitos com crianças que têm, ao mesmo tempo, problemas de ajustamento e retardamento na leitura, adiantam de um ano os progressos na letíura, apesar de não terem essas entrevistas nenhuma relação com o problema de leitura.

Outros pesquisadores procuraram aplicar testes intelectuais ou de personalidade antes e depois do processo de aconselhamento; as diferenças

encontradas em grupos experimentais e de controle permitem dar maior segurança às orientações dadas.

#### **§ 4. Resolução de Problemas de Educação para os Pais e Professores**

Além dos relevantes serviços prestados pela Psicologia Aplicada, o que até agora vimos expondo, pode ela também ajudar o professor na resolução dos casos-problemas, nos domínios da educação. O exame psicotécnico, completado por um exame médico, permite esclarecer ao professor as causas que levaram uma criança ou adulto a ser um “aluno-problema”; por que é irrequieta, impulsiva e agressiva, ou, pelo contrário, excessivamente tímida, por que não aprende, etc. Nos consultórios psicopedagógicos como os Centros de Orientação Juvenil do Departamento Nacional da Criança, o Consultório Psicopedagógico da Sociedade Pestalozzi do Brasil, o Serviço de Higiene Mental Escolar, de São Paulo, os Serviços de Psicologia Infantil, do Serviço Nacional de Doenças Mentais e dos Institutos de Psiquiatria e outros, a Psicologia Aplicada tem um papel preponderante, pois se utilizam ali, conforme a definição dada, os métodos da Psicologia Experimental e da Psicofisiologia na resolução dos problemas educacionais.

Para a obtenção de resultados compensadores na aplicação da Psicologia a esses casos, é necessário obter anamnese completa, exame médico e observação detalhada dos professores. O conjunto das conclusões permite ao especialista ajudar na resolução dos casos-problemas.

Esse mesmo trabalho de equipe é, ou deveria ser, aplicado à reeducação das crianças-problemas, como delinquentes, crianças nervosas de toda espécie, débeis mentais, surdos, cegos, etc.

(\*) Para validade dos processos de Orientação Profissional, ver Parte II, Capítulo I, § I.

#### **§ 5. Homogeneização de Turmas**

Em qualquer turma de escola, os professores notam que certos alunos aprendem muito depressa, ao passo que outros custam a compreender as aulas;

enquanto o professor dá explicações complementares aos menos dotados, os mais inteligentes ficam parados, esperando que os outros entendam; muitos ficam irrequetos, impacientes, desajustados; se, pelo contrário, o professor toma como padrão os mais inteligentes, para prosseguir a aula, mais da metade da turma não consegue acompanhar; isso provém do fato de que, numa mesma turma, existem alunos muito inteligentes, alunos médios e alunos inferiores. Ensinar nessas condições é muito difícil; além disso, esse estado de coisas provoca sentimentos de inferioridade nos menos dotados, o que ainda acentua, por inibição, as dificuldades de compreensão, contrariamente aos que pensam que os alunos inteligentes servem de estímulo para os menos dotados.

Mais uma vez, a Psicologia Aplicada vem ajudar a Educação, pois permite, por meios rápidos, examinar a inteligência dos alunos e agrupar numa mesma turma os alunos de nível mental e cultural idênticos. As turmas homogêneas tornam o ensino mais fácil. É preciso, porém, que os professores estejam à altura de compreender os objetivos e o alcance de um tal trabalho, além de tomar a precaução de não revelar aos alunos que houve uma divisão organizada, em função dos níveis mentais; a Psicologia Aplicada é uma ciência que precisa ser manuseada com muito cuidado.

## § 6. A Aprendizagem

O estudo experimental da aprendizagem é, sem dúvida, de máxima importância, sobretudo no domínio da Educação e do trabalho humano. É extremamente difícil, devido ao grande número de pesquisas a respeito, descrever todas as experiências realizadas até hoje; limitaremos a nossa exposição à descrição dos principais métodos e técnicas utilizados e, a seguir, daremos as conclusões essenciais resultantes das experiências realizadas até hoje.

**Os métodos de estudo da aprendizagem.** – O método de eleição para estudar a aprendizagem é o das variáveis.

Uma experiência de aprendizagem consiste essencialmente em dar ao animal ou à pessoa determinada tarefa, repetindo-a até que o indivíduo não cometa mais nenhum erro. A variável independente é, neste caso, representada pelo número de repetições, sendo que a variável dependente é o êxito do indivíduo.

O método utilizado para avaliar a aprendizagem consiste em construir uma curva para a qual existam diversos tipos:

- a) A curva *ascendente* põe em relevo os progressos da pessoa ou do animal; é constituída pelo número de acertos em cada experiência.
- b) A curva *decrecente* é formada pelo número de erros, ou ainda pelo tempo de cada prova.
- c) A curva *tipológica*, sugerida por Ombredane, permite classificar os indivíduos em tipos de aprendizagem. É uma variação da curva ascendente, porém, com significado diferente, pois na ordenada se encontram os erros acumulados.

O preparo de uma experiência de aprendizagem é muito importante. Deve-se determinar qual o tipo de motivação a ser utilizado. No caso de animais, para os quais a comida é, em geral, o estímulo, ficou comprovado que diferentes tipos de comida provocavam diferenças apreciáveis na rapidez de aquisição. Para as pessoas, as palavras motivadoras têm de ser bem estudadas e idênticas para todas.

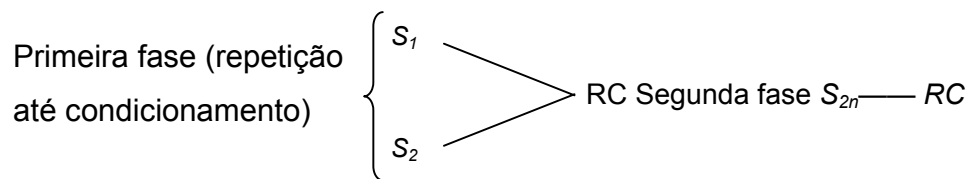
## As técnicas utilizadas

- a) *Os labirintos.* A técnica mais antiga e também a mais utilizada ainda em Psicologia Animal é a dos “labirintos”; consiste em fazer com que um animal procure a comida que está situada no fim do corredor cujo traçado é complicado por vários corredores sem saída. A técnica foi adaptada ao homem, sob a forma de labirintos com estilete, labirintos táteis e ainda labirintos “papel-lápis”, de Porteus.
- b) *O desenho no espelho.* A técnica consiste em seguir, olhando-o no espelho, um traçado em forma de estrela; o início é extremamente difícil, pois consiste em lutar contra automatismos adquiridos durante anos.
- c) *As prateleiras de Rey.* Consiste em quatro pratos sobre cada um dos quais estão colocadas nove peças redondas; em cada prato de madeira, uma das peças está fixa, mas em lugar diferente; a aprendizagem consiste em fixar mentalmente a posição das quatro peças fixas.
- d) *O teste de sinalização de Ombredane.* Consiste numa caixa de madeira com seis interruptores, lâmpadas de quatro-cores diferentes e campainha com dois sons diferentes. Cada vez que se acende uma lâmpada ou toca uma campainha, o examinando deve desligar a corrente, usando o interruptor certo.

A técnica permite distinguir quatro tipos extremos de aprendizagem:

- I      Os que aprendem depressa com o mínimo de erros.
  - II     Os que aprendem devagar com o máximo de erros.
  - III    Os que aprendem depressa com o máximo de erros.
  - IV    Os que aprendem devagar com o mínimo de erros.
- e) *A dactilografia.* A repetição de um texto permite construir uma curva de erros e outra de tempo.
  - f) *A memorização de palavras, sinais, textos, figuras, formas, sons, etc.*
  - g) *Exercícios de atirar com arco e flecha, lançar bola.*
  - h) *O condicionamento.* A experiência clássica de Pavlov foi a primeira nesse assunto. Repete-se várias vezes o seguinte processo: dá-se carne a um cachorro, o que provoca salivação fazendo, ao mesmo tempo, soar uma campainha. Ao fim de certo número de repetições, com o simples soar da campainha, aparece a salivação, mesmo não se dando comida ao animal.

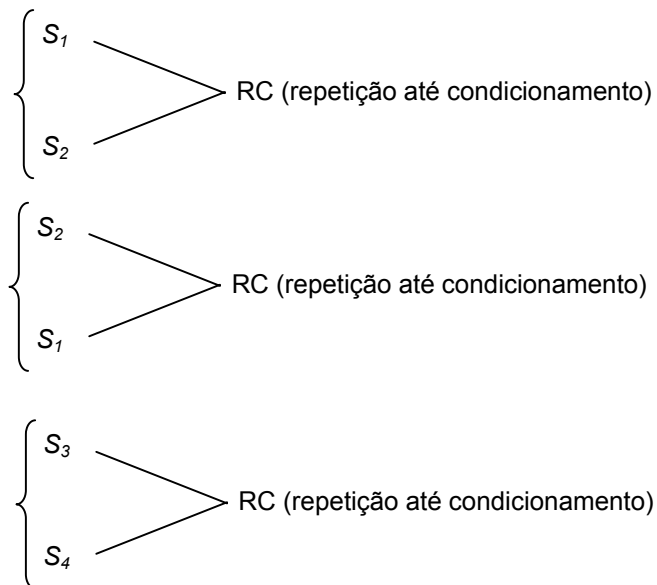
Representando o estímulo incondicional “carne” pela letra  $S_1$ , o estímulo condicional “campainha” pela letra  $S_2$ , e o reflexo condicionado pelas letras  $RC$ , podemos resumir uma experiência de condicionamento da seguinte forma:



Os discípulos de Pavlov estenderam a técnica de condicionamento à conduta em geral, sendo que a palavra reflexo foi substituída pela palavra *reação condicionada*.

Os estímulos incondicionais podem ser choques elétricos, comida, ruídos repentinos, sopros, etc.

A experiência de condicionamento superior consiste em associar um novo estímulo condicionador ao estímulo condicionador anterior, uma vez verificado o condicionamento. O esquema é, neste caso, o seguinte:



Por exemplo, foi demonstrado ser possível, na cobaia, chegar-se à substituição de três estímulos sucessivos: condicionamento apresentando comida e som, depois som e luz, depois apenas luz, etc.

Como se vê, existem *dois grandes grupos de técnicas de estudo de aprendizagem*: as *psicomotoras não verbais*, em parte aplicáveis aos animais; as *verbais*, limitadas ao homem.



Além disso, podem ser classificadas as técnicas segundo o tipo de tarefa: uma categoria é constituída pela aquisição de determinado número de elementos ou pelo progresso realizado na execução de certa tarefa; a curva é contínua neste caso. Outra espécie de aprendizagem consiste em descobrir a solução de um problema por ensaios e erros. É o caso das prateleiras de Rey, por exemplo; neste caso, a curva diminui ou aumenta de repente, para ficar depois em altura constante.

O PROBLEMA DA CONSTRUÇÃO DA CURVA MÉDIA DE DETERMINADO GRUPO. Quando se fazem experiências de aprendizagem de determinada tarefa em muitos indivíduos, e se quer construir a curva representativa do grupo, a fim de, por exemplo, poder compará-la com a de outro grupo, utiliza-se o método de Vincent,

que consiste em dividir a curva em dez ou mais partes e tirar a média do grupo para cada parte.

ALGUNS PROBLEMAS RESOLVIDOS PELA PSICOLOGIA EXPERIMENTAL. Iremos resumir a seguir as soluções essenciais dadas pela Psicologia Experimental aos problemas da aprendizagem:

- a) *Com que parte do corpo se faz a aprendizagem?* As experiências realizadas com ratos brancos mostram que a supressão da vista, do olfato ou de qualquer outro sentido prejudica os primeiros ensaios; após rápida adaptação, os outros sentidos compensam a deficiência, na aprendizagem de labirinto.
- b) *Qual a importância ao córtex cerebral na aprendizagem?* Rey mostrou, com o seu teste de aprendizagem de quinze palavras, que os indivíduos com traumatismos cerebrais não conseguem concentrar sua atenção interna sobre a reprodução das palavras, de tal modo que aparecem palavras inventadas, inexistentes na lista de estímulos, assim como numerosas repetições de palavras já lidas. Quanto maior a lesão cerebral, tanto mais difícil se torna a aprendizagem.
- c) *Ha diferenças entre as curvas de aprendizagem do homem e do animal?* Segundo análise bibliográfica de Andrews, não foram encontradas diferenças essenciais nas curvas de aprendizagem de labirinto idêntico entre o homem e o animal; há leve superioridade do homem no que se refere ao tempo e ao número de erros. O processo de aprendizagem é, porém, idêntico.
- d) *Qual a importância da motivação na aprendizagem?* Existe aprendizagem sem motivação? Já vimos que a rapidez de aprendizagem nos animais era função do tipo de comida. Alguns autores citados por Andrews procuram, no

rato branco, descobrir aprendizagem sem estímulo no labirinto; ficou comprovado que o rato explorava o labirinto, mas sem nenhuma direção determinada; quando se pôs a comida, o rato passou a fazer uma aprendizagem mais rápida do que se não tivesse tido oportunidade de explorar preliminarmente os caminhos. Pretendem os autores citados que isso demonstra a existência de uma “aprendizagem latente”, sem motivação. Resta saber se a atração ou a desconfiança provocada pelo novo ambiente do labirinto não constituem motivação para exploração.

- e) *Qual o efeito da interrupção na aprendizagem?* Smith (citado por Woodworth) mostrou, com a aprendizagem de um jogo de bola, que, após as interrupções devidas a férias, havia uma leve regressão do rendimento, mas sempre a um ponto superior ao do início da aprendizagem.

Léon Walther mostrou que, *introduzindo repousos intercalados durante a aprendizagem, em junção do ritmo pessoal de cada aprendiz, era possível abreviar muito o tempo da aprendizagem*. Uma operária que teria levado várias semanas para chegar ao rendimento de oito segundos por peça, chegou a esse resultado em quatro horas e quinze minutos, introduzindo-se um ritmo com repousos intercalados.

- f) *Qual o efeito de uma aprendizagem sobre aprendizagens posteriores?* Já vimos, a respeito do estudo da memória, que o efeito de uma aprendizagem sobre a outra podia ser num sentido de *favorecer* ou de *prejudicar a segunda*.

No primeiro caso, diz-se que há *transferência* da aprendizagem; no segundo caso, diz-se que há *interferência* da aprendizagem. Certos autores utilizam os termos *transferência positiva e negativa*, sendo subentendido que é o efeito da transferência que é positivo ou negativo, pois, etimologicamente, transferir quer dizer levar além de... e por conseguinte, o ato de transferir é sempre positivo. O uso da primeira terminologia evita qualquer confusão.

Vamos dar um exemplo de transferência, no caso de aprendizagens de cinco labirintos sucessivos, por um grupo de ratos (Wiltbank, citado por Woodworth).

Porcentagem do que é economizado na aprendizagem dos labirintos sucessivos (de acordo com Wiltbank, 1919):

| CAUSAS DE DESAJUSTAMENTO | LABIRINTO |      |      |      | REAPRENDIZAGEM |
|--------------------------|-----------|------|------|------|----------------|
|                          | n° 2      | n° 3 | n° 4 | n° 5 | n° 1           |
| Economia de ensaios      | 42        | 41   | 54   | 52   | 71             |
| Economia de erros        | 70        | 79   | 82   | 82   | 94             |

|                   |    |    |    |    |    |
|-------------------|----|----|----|----|----|
| Economia de tempo | 83 | 87 | 91 | 90 | 92 |
|-------------------|----|----|----|----|----|

Como se vê, há transferência de uma aprendizagem sobre a outra, pois há economia sucessiva de ensaios, de erros e de tempo. O efeito das quatro aprendizagens posteriores à primeira sobre a reaprendizagem desta é também evidente; é maior, pois houve influência da retenção da primeira aprendizagem.

A experiência de Culler (1912), citada por Woodworth, é ilustrativa de um caso de interferência. Consiste em pedir a dois grupos experimentais de pessoas para classificar cartas de jogo, alternativamente, numa caixa *A* e numa caixa *B*, apresentando esta disposição diferente das casas de triagem em relação à caixa *A*; a distribuição das cartas de *B* é, por conseguinte, diferente da de *A*, e necessita de nova aprendizagem.

O grupo de controle faz a distribuição alternativamente, em *A* e *B*, sem aprendizagem. O grupo experimental faz quatro vezes a mesma operação em *A* e quatro vezes em *B*, sucessivamente.

A experiência se repete durante vários dias. Eis os resultados do primeiro e do sexto dia para cada um dos grupos:

| GRUPO EXPERIMENTAL I |        |        | GRUPO EXPERIMENTAL II |        |        |
|----------------------|--------|--------|-----------------------|--------|--------|
|                      | 1º dia | 6º dia |                       | 1º dia | 6º dia |
| A                    | 113    | 71     | A                     | 116    | 69     |
| B                    | 118    | 75     |                       | 101    | 64     |
| A                    | 105    | 72     |                       | 96     | 64     |
| B                    | 115    | 76     |                       | 91     | 63     |
| A                    | 103    | 72     | B                     | 125    | 81     |
| B                    | 104    | 75     |                       | 104    | 72     |
| A                    | 100    | 72     |                       | 94     | 67     |
| B                    | 104    | 72     |                       | 89     | 65     |
| A                    | 99     | 72     | A                     | 112    | 83     |

|   |     |    |   |     |    |
|---|-----|----|---|-----|----|
| B | 99  | 73 |   | 96  | 71 |
| A | 98  | 70 |   | 90  | 71 |
| B | 96  | 72 |   | 85  | 67 |
| A | 95  | 73 | B | 110 | 66 |
| B | 95  | 74 |   | 95  | 80 |
| A | 90  | 72 |   | 87  | 67 |
| B | 100 | 71 |   | 86  | 66 |

Como se vê, há interferência real no grupo experimental; a diferença entre as duas classificações é muito maior no segundo grupo experimental que no primeiro grupo. Se se compararem os resultados dos dois grupos experimentais com os de um grupo controle, que não fez segunda classificação, vê-se que a interferência nos grupos experimentais teve efeito retardador.

| GRUPO DE CONTROLE |         |
|-------------------|---------|
| 1°. DIA           | 6°. DIA |
| 119               | 59      |
| 100               | 59      |
| 93                | 60      |
| 86                | 57      |
| 85                | 59      |
| 83                | 57      |
| 79                | 57      |

Como vemos, a Psicologia Aplicada ocupa e ocupará, cada vez mais, papel preponderante na Educação; não somente facilita o estudo da aprendizagem e controla os seus progressos, como também permite, como meio essencial à orientação educacional, colocar cada indivíduo no curso que convém às suas aptidões, além de ajudar os pais e os professores na compreensão dos alunos problemas e na sua conseqüente resolução; se se pensa ainda na utilidade da homogeneização de turmas, pode-se dizer, sem exagero, que a Psicologia Aplicada é um dos melhores meios para

realizar a “educação sobre medida”, preconizada pelo grande mestre Edouard Claparède.

## CAPÍTULO 3: A Medicina Psiquiátrica e Neurológica

### *Psicologia Aplicada e Medicina*

A Psicologia Aplicada está tendo um papel cada dia mais importante em Psiquiatria e em Neurologia, a tal ponto que o médico que esboçou colaboração com um psicólogo competente, não quer mais trabalhar sem ele. O psicólogo é, para o psiquiatra e o neurologista, qualquer coisa equivalente ao químico para o médico; do mesmo modo que o químico faz análise de sedimentação sanguínea ou pesquisa a presença de glicose ou de diabetes nas urinas, o psicólogo faz análise das influências intelectuais ou de personalidade em um determinado indivíduo. O psicólogo, porém, difere do químico, pelo fato de lidar diretamente com a pessoa humana, da qual procura obter o máximo de rendimento no curso dos exames ou das entrevistas; a sua função é, por isso, eminentemente social, e a sua ciência só vale em função da sua arte de lidar com as pessoas.

Esquecendo-se disso, o psicólogo arrisca fracassar na sua tarefa, sobretudo quando lida com doentes nervosos ou mentais.

As descobertas recentes da Psicologia Aplicada contribuíram sobretudo para dar à Psiquiatria critérios rigorosos e, tanto quanto possível, precisos e objetivos no diagnóstico e no controle da eficiência dos tratamentos ou operações do sistema nervoso.

A colaboração da Psicologia Aplicada e da Psiquiatria se faz nos seguintes terrenos:

I°.) **O diagnóstico do retardo mental.** — Os atrasados mentais são indivíduos que ficaram parados num estado de criança. Por meio de testes de nível mental, é possível determinar em que etapa de evolução o indivíduo parou. Nada melhor como demonstração que o desenho de um boneco (Teste de Goodenough), tal como é realizado por 75% de crianças de três e de dez anos (figs. 16-17); a fig. 18 mostra o desenho de um boneco feito por um rapaz de 16 anos, no Rio de Janeiro, atrasado

mental; como se vê, o seu desenho é parecido com o desenho realizado pela maioria das crianças de três anos; se todos ou quase todos os outros testes de nível mental desse rapaz deram resultados do mesmo nível, poder-se-á afirmar que, com muita probabilidade, esse adolescente tem nível mental de três anos.

Sobre esse princípio, foi criado na França o teste Binet-Simon, aperfeiçoado nos Estados Unidos, por Terman.



Fig. 16 — Boneco, tal como é realizado por 75% de crianças de 3 anos.

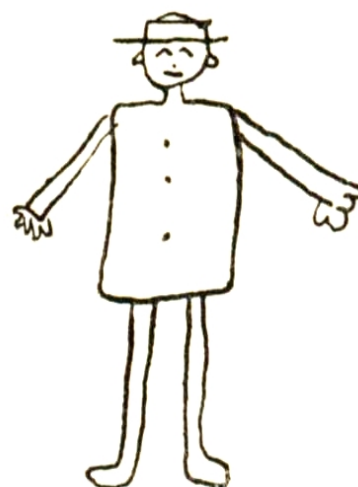


Fig. 17 — Boneco, tal como é realizado por 75% de crianças de 10

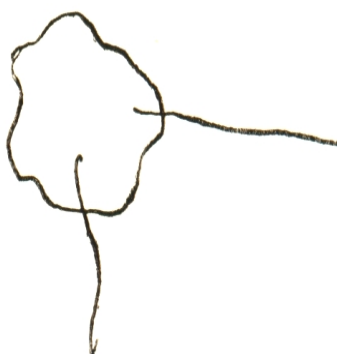


Fig. 18 — Desenho de boneco realizado por um adolescente de 16 anos, retardado mental.

Sabe-se hoje que é perigoso fazer um levantamento do nível mental de uma pessoa com um só teste: quanto maior o número de testes aplicados dando o mesmo resultado, mais segurança se tem no diagnóstico da debilidade mental, sobretudo quando os testes medem diferentes fatores intelectuais.

2°.) **O diagnóstico da deterioração mental.** — Em muitas doenças mentais, os indivíduos, ao contrário do que se passa com o retardado mental, atingiram inteligência normal ou mesmo superior; mas voltaram atrás e regrediram a um estado anterior do seu desenvolvimento mental; o problema, para o psiquiatra, é, muitas vezes, conhecer qual era o nível mental do paciente e até que ponto ele regrediu.

A Psicologia Aplicada pode hoje, graças aos testes organizados por análise fatorial, responder a esse problema, da seguinte forma: comparando os resultados de pessoas cuja inteligência foi afetada pela doença, constatou-se que os testes de fator verbal *V* davam resultados normais, enquanto que os testes não-verbais de nível mental eram atingidos pela deterioração mental; daí surgiu a idéia seguinte: se testes verbais como os de vocabulário não são afetados pela deterioração mental, é que podem servir de testemunha para determinar o nível mental anterior à doença; diferença quanto aos resultados em testes não-verbais permitirá dizer qual o grau de regressão; imaginado por Babcock, o processo foi adaptado na França por Pichot e Rennes, que construíram ábacos especiais para calcular qual a probabilidade para que haja ou não deterioração mental, no caso de o teste não-verbal ser inferior ao verbal.<sup>11</sup>

3°.) **Diagnóstico das doenças mentais e das neuroses.** — Os progressos realizados na elaboração de métodos de estudo da personalidade vêm trazer, em Psicologia Aplicada à Psiquiatria, contribuição valiosa.

É sobretudo na pesquisa das causas de ordem psicogênica que a Psicologia Aplicada ajuda a Psiquiatria na discriminação entre as psicoses e as neuroses. Certos sinais, em certos testes, permitem formular hipóteses úteis a esse fim. É assim que, segundo Rorschach, a reação de estupor à aparição das manchas coloridas do seu teste excluiria a psicose e seria a favor de recalques geradores de neurose.

Após Rorschach, numerosos pesquisadores procuraram sinais comuns a certos tipos de doentes mentais. Com o aparecimento da análise fatorial, o caminho já traçado por Rorschach tomou nova importância e a tendência moderna é aplicar baterias de

---

<sup>11</sup> Ver também a tese de doutoramento de Paulo Saraiva sobre o nosso teste INV, e o teste verbal de Otacílio Baido.



testes previamente analisados, em grupos de diversos tipos de doentes mentais, e procurar tirar perfis tipos de cada doença.

Os estudos estão ainda no seu início, mas já se estão desenhando alguns resultados bastante eloquentes, alguns confirmando as observações clínicas, outros refutando conclusões consideradas tradicionais em Psiquiatria. É assim que Eysenck, por exemplos, comparando 10 000 neuróticos e normais, confirmou a existência da dicotomia extroversão-introversão, sob forma de um fator que ele chama de distímia-histeria. Encontrou igualmente um fator de nervosismo. Em compensação, os seus estudos demonstraram que não havia diferença significativa entre os histéricos e os normais e distímicos, nos testes de sugestibilidade, o que vem em contradição formal à tradição psiquiátrica, que considerava os histéricos como mais sugestionáveis que os outros tipos de doentes, a tal ponto que a sugestão é considerada por muitos psiquiatras como método de tratamento da histeria.

Pichot e colaboradores, no Congresso Internacional de Psicologia Aplicada de Paris (1953), num simpósio sobre a colaboração entre a Psicologia Aplicada e a Psiquiatria, deram um magnífico exemplo da utilidade da Psicologia Aplicada no estudo das doenças mentais. Apresentaram uma pesquisa realizada sobre 121 epiléticos, confirmando, estatisticamente, a validade de certos sinais do psicodiagnóstico de Rorschach como medida da agressividade.

Demonstraram também um aumento progressivo do fator geral G da inteligência com a idade, o que não se encontra em grupos de normais, para os quais, pelo contrário, os resultados diminuem com a idade nos testes não-verbais, ou, pelo menos, ficam estáveis, como nos testes de fator V. Demonstraram também a possibilidade da existência de três diferentes fatores p de perseveração, que parecem ser mais elevados nos epiléticos que nos normais.

4°.) **O controle periódico da eficiência dos tratamentos.** – É interessante poder seguir os doentes em tratamento e controlar objetivamente a sua evolução.

O problema que se apresenta ao psicólogo, neste caso, é que não se pode repetir a maioria dos testes por causa da influência do treino.

No caso do controle periódico do desenvolvimento ou da evolução mental, mostramos num estudo que fizemos na Suíça e publicado em Paris, em 1950, que é possível aplicar o teste de Goodenough, sem que haja influência de aprendizagem.

O gráfico do desenvolvimento mental permite consagrar objetivamente as observações dos professores especializados e dos psiquiatras.

No domínio da personalidade, é possível recorrer às séries paralelas das técnicas utilizadas, como é o caso para o psicodiagnóstico de Rorschach.

Experiências realizadas com o psicodiagnóstico miocinético de Mira y Lopez mostram a possibilidade de aplicações sucessivas do mesmo teste, permitindo, assim, controle periódico da evolução de doenças mentais.

## **CAPÍTULO 4: Outros Campos de Aplicação da Psicologia**

### **§ 1. O Matrimônio**

As consultas médicas pré-nupciais estão começando a se desenvolver no mundo inteiro, entrando nos costumes da vida moderna; numerosos são os noivos que querem, antes de casar, saber se não têm doenças contagiosas e se estão aptos a ter filhos.

Do mesmo modo, a Psicologia Aplicada vem trazer a sua colaboração ao matrimônio, dando aos casais de noivos opinião objetiva sobre os seus pontos comuns e divergentes, podendo até prever o que Fabrizio Napolitani chamou de “incompatibilidades básicas”, quer dizer, incompatibilidades de temperamento irreversíveis; neste caso, o psicólogo costuma aconselhar os noivos não a romper, o que seria temeridade, ante as suas conclusões que têm sempre certa margem de erro comum a toda biologia, mas esperar mais algum tempo antes de tomar a decisão final.

Antes do desquite ou do divórcio, certos advogados ou mesmo os casais litigantes costumam chamar o psicólogo, para saber se não existiria outra solução que a separação definitiva. Às vezes, consegue-se devolver a um casal a felicidade perdida. É evidente que, para esse trabalho, o psicólogo precisa ter sólida formação psicanalítica; caso contrário, arrisca-se a “projetar” os seus próprios sentimentos nos casais e dar interpretação subjetiva aos fatos.

### **§ 2. A Justiça e a Polícia**

Com o desenvolvimento dos métodos de estudo da personalidade, é possível hoje confirmar as suspeitas em torno de um suposto delinqüente; a utilização de aparelhos detectores de mentiras permite chegar a tal resultado; são aparelhos chamados polígrafos, que registram as reações emotivas dos indivíduos (variações da sudação, respiração e circulação) diante de certos estímulos ligados diretamente com o delito (arma do crime, objeto pessoal esquecido no lugar do delito, nomes dos cúmplices, etc.). Com o nosso “afetivo-diagnóstico”, conseguimos apontar alguns casos

de roubo em e presas industriais e comerciais. Além disso, a Psicologia Aplicada pode, com a colaboração da Psiquiatria, participar nas perícias de determinação das irresponsabilidades de ordem mental.

Mira y Lopez, com o psicodiagnóstico miocinético, colocou em evidência diferenças de personalidade entre delinqüentes e normais. Entre os delinqüentes, é conhecida hoje a alta proporção de débeis mentais de todos os graus. Glória Quintela e Meton de Alencar Neto encontraram, por exemplo, 85,93% de débeis mentais entre menores delinqüentes do Rio de Janeiro. Isso põe em evidência a importância de exame de nível mental para determinar o grau de responsabilidade no crime.

O estudo psicotécnico dos delinqüentes aprisionados ou dos menores abrigados em instituições permite trazer contribuição notável no reajustamento profissional e social, após ter sido cumprida a sentença.

No momento dos julgamentos, seria aconselhável também o exame psicotécnico e psiquiátrico do júri, para evitar a presença de débeis mentais, de neuróticos ou de doentes mentais em geral, dos quais se sabe que não têm objetividade suficiente para emitir opinião de tamanha responsabilidade.

### **§ 3. O Exército**

A importância da Psicologia no Exército já se fez sentir na primeira Guerra Mundial; os Estados Unidos a utilizaram em alta escala para seleção do pessoal; na Segunda Guerra Mundial, além da seleção profissional propriamente dita, a utilização dos processos psicotécnicos foi estendida à resolução de problemas de direção, à aprendizagem dos novos recrutas, ao estudo objetivo do moral das tropas e à eliminação ou readaptação dos neuróticos de guerra.

Para seleção do pessoal, o problema foi agir rapidamente, porém com a maior eficiência possível. Na Primeira Guerra Mundial, foram utilizados, pelos Estados Unidos, os testes *Army-Alfa* e *Army-Beta*. Em 1941, foi utilizado, pelos americanos, o *Army General Classification Test*, “A.G. C.T.”, o qual permitiu fazer a primeira triagem. No exército inglês, com o mesmo fim, foi empregado o teste das “matrizes progressivas”,

de Raven. Com o “A.G.C.T.”, aplicado em 9 757 583 pessoas, foi possível selecionar rapidamente os futuros oficiais e técnicos necessários.

A validade desse teste, para predição do êxito no treinamento, foi satisfatória, variando de 0,35 a 0,69, sendo sempre positiva tanto para escritórios quanto para funções mecânicas ou de bombardeio.

Os processos da aprendizagem foram também estudados sistematicamente, adotando-se os métodos mais adequados, em função da qualidade das curvas de aprendizagem.

O estudo das técnicas de comando colocaram em evidência a maior eficiência do chefe do tipo “líder”, quer dizer, do indivíduo que dirige um grupo social com a cooperação dos membros do grupo. Por isso, a utilização de processos sociométricos tomou importância crescente na descoberta dos líderes em potencial.

Os fatores essenciais que influem desfavoravelmente no moral das tropas foram estudados, colocando-se em evidência a importância do medo de ser morto, a repugnância em matar, a abstinência sexual nas campanhas e a rigidez disciplinar. O afastamento dos neuróticos e doentes mentais ou predispostos permite reduzir a proporção de elementos perturbadores do moral ou de moral perturbável.

No Brasil, o Exército, a Marinha e a Aeronáutica estão-se equipando aos poucos em serviços de Psicologia Aplicada.

#### **§ 4. A Propaganda**

Warren define a propaganda como sendo “a publicidade organizada e utilizada com o fim de influenciar as atitudes”. A Psicologia Aplicada vem ajudar a propaganda, estudando os melhores meios de influenciar as atitudes e as repercussões individuais.

## NOS PROBLEMAS

### PROFISSIONAIS



- Insuficiência do rendimento pessoal
- Queda de produção por motivos de ordem psicológica
- Falha na escolha de profissão ou especialidade
- Falha de seleção na admissão de empregados
- Prejuízos materiais causados por pessoas inaptas
- Mudança de profissão

### EDUCACIONAIS

- Falta de aproveitamento
- Perda de tempo em curso inadequado
- Indisciplina



### VITAIS



- Desajustamentos pessoais, familiares e sociais

## O CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA - CEPA

oferece

sobre problemas de

CURSOS E CONSELHOS

EDUCAÇÃO

PROFISSÃO

AJUSTAMENTO

### O CEPA REALIZA

Conferências Lideradas  
Cursos e aulas  
Palestras  
Seminários  
Mesas-redondas

Exames de Personalidade  
Por meio de testes:

Intelectuais  
Culturais  
Psicomotores  
Caracteriológicos  
Biotipológicos  
e de  
Entrevistas  
e questionários

Inquéritos Psico-Sociais

Sociometria  
Sondagem de opinião pública  
Relações humanas

Os métodos utilizados para propaganda se resumem em aplicar um certo número de estímulos ao público que se quer influenciar; depois, procura-se por métodos de sondagem da opinião pública, saber como o estímulo agiu e qual foi a reação do público.

O uso de técnicas projetivas está-se difundindo para o mesmo estudo. Dos slogans publicitários, por exemplo, serão considerados os mais influentes e dignos de maior divulgação os que forem mais citados nos jornais ou mais conhecidos do público.

### § 5. A Sondagem da Opinião Pública

Quando se quer conhecer o pensamento de determinado grupo social ou de uma comunidade, a respeito de certo assunto, como a eficiência da publicidade de certo produto ou a opinião a respeito da decisão da Câmara dos Deputados, ou ainda da declaração de um ministro, a Psicologia Aplicada vem trazer a sua contribuição, sob a forma de “sondagem da opinião”.

O método mais direto consiste em procurar, por meio de questionários ou de entrevistas, a opinião de um grupo representativo da população que se quer estudar; calcula-se a percentagem dos diferentes tipos de resposta.

Eis, por exemplo, o resultado do levantamento da opinião a respeito da mudança de partido por um deputado, na época do seu mandato, feito pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública (I.B.O.P.), no Rio de Janeiro:

O senhor considera honesto ou desonesto que o deputado eleito por um partido abandone esse partido, tornando-se indiferente ou passando para outro partido?

|                   | CLASSE A<br>(RICA) | CLASSE B<br>(MÉDIA) | CLASSE C<br>(POBRE) |
|-------------------|--------------------|---------------------|---------------------|
| Desonesto .....   | 64,0%              | 59,0 %              | 48.0%               |
| Honesto.....      | 26,0 %             | 16,0 %              | 15,0%               |
| Não opinaram..... | 10,0 %             | 24,0 %              | 37,0 %              |

A análise da opinião através de jornais é também interessante, mas não é considerada pelos especialistas como traduzindo sempre a opinião pública, mas sim a opinião dos jornalistas ou dos grupos políticos.

## **§ 6. A *Tipografia***

A análise psicológica da leitura levou os seus autores a demonstrar que certos tipos e tamanhos de letras são mais legíveis que outros para a maioria das pessoas. É assim que, por exemplo, se sabe que as palavras escritas em maiúsculas ou em itálico são de leitura mais lenta; devem ser utilizadas só para atrair a atenção.

Existem normas para utilização das cores, das entrelinhas, das margens, que, quando aplicadas, tornam a leitura mais agradável e mais rápida.



## TERCEIRA PARTE

### ***O Psicólogo***

O psicólogo é a pessoa que utiliza as técnicas da Psicologia Aplicada à resolução dos problemas humanos. Não é, porém, um mero técnico, pois, além da técnica propriamente dita, deve possuir a arte de lidar com a pessoa humana, de inspirar confiança; além de tudo, precisa saber observar, ficar em contato permanente com a realidade e estar à altura de reconstituir, a partir dos elementos esparsos colhidos pela técnica, a personalidade de cada um; à rigidez da técnica, deve ele aliar a arte da clínica. Muitos são os que preferiram o termo “psicologista”; convém notar que, nos dicionários brasileiros, o termo psicólogo designa “aquele que é versado em Psicologia”.

Na realidade atual, só existem pessoas formadas em Psicologia Aplicada e que estão aplicando os seus conhecimentos num dos campos descritos no capítulo precedente. Como veremos a seguir, esses profissionais se revestem de nomes diferentes do de psicólogo.

#### **§ 1. *Os Especialistas em Psicologia Aplicada***

Dentro da Psicologia, atuam vários tipos de profissionais, que se distinguem pelo campo de aplicação da sua ciência. Vamos a seguir enumerá-los:

- 1) **O conselheiro em orientação profissional ou orientador profissional.** É a pessoa que aplica a Psicologia, além de outras ciências, ao auxílio prestado aos adolescentes na escolha da sua profissão, ou aos adultos no seu reajustamento profissional.
- 2) **O psicólogo industrial.** É a pessoa que aplica as técnicas da Psicologia à resolução dos problemas de adaptação do homem ao trabalho e do trabalho ao homem, dentro das empresas.
- 3) **O orientador educacional.** É a pessoa que utiliza os processos da Psicologia aplicada ao encaminhamento dos alunos para os diversos

cursos, à seleção na admissão, ao aconselhamento dos professores e pais na resolução dos casos-problemas. Toma ele, em certos países, o nome de psicólogo escolar ou de psicopedagogo quando se especializa na reeducação.

- 4) **O psicólogo clínico** é a pessoa que aplica as técnicas da Psicologia ao diagnóstico e controle dos tratamentos psiquiátricos e neurológicos. Quando o psicólogo clínico recebeu formação especial em Psicanálise e Psicoterapia, toma o nome de psicoterapeuta ou de psicanalista.

Do mesmo modo que o psicopedagogo, os psicanalistas e os psicoterapeutas devem, a nosso ver, ser considerados muito mais como pedagogos especializados em casos-problemas, que com especialistas em Psicologia Aplicada.

- 5) **O conselheiro matrimonial** é aquele que aplica os conhecimentos da Psicologia Aplicada ao aconselhamento dos noivos ou à resolução dos problemas de litígios entre casais.
- 6) **O psicólogo judicial** é a pessoa que aplica a Psicologia e perícias de ordem judicial.
- 7) **O psicólogo militar** é a pessoa que aplica as técnicas da Psicologia científica à resolução dos problemas militares.

## **§ 2. A Formação dos Psicólogos**

Não há ainda no Brasil um curso sistemático, que forme psicólogos de maneira completa. O que existe são vários centros de treinamento em certas especializações de Psicologia, onde existi cursos avulsos.

É assim que o prof. Lourenço Filho formou, em cursos avulsos e trabalhos práticos, uma equipe de discípulos, como Noemy Silveira Rudolfer, Jacir Maia, Iva Waisberg, Murilo Braga outros.

Roberto Mange, em São Paulo, formou uma geração de psicólogos industriais e conselheiros em orientação profissional como Walther Barioni, Oswaldo de Barros Santos e outros.

Maurício de Medeiros e Leme Lopez, no Rio de Janeiro, Ulisses Pernambucano e Otávio de Freitas Júnior, no Recife, contribuíram na formação de psicólogos clínicos.

André Ombredane também formou, durante os anos de estada no Brasil, psicólogos clínicos de valor, como Ofélia Boisson, Glória Quintela e Cenira Menezes.

Helena Antipoff, em Belo Horizonte, graças à Escola de Aperfeiçoamento, formou alunas que hoje estão desenvolvendo grande papel em Psicologia Clínica, como Elisa Dias Veloso, Ester França e Inês Besuchet.

A vinda do prof. Mira y Lopez ao Brasil provocou ampliação notável na formação de psicólogos industriais e de conselheiros em Orientação Profissional, no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), dirigido por esse grande pioneiro da Psicologia Aplicada no mundo latino. Sob sua direção, formaram-se ou se aperfeiçoaram psicólogos que estão hoje difundindo o emprego da Psicologia aplicada em Belo Horizonte, como Pedro Parafita Bessa; em São Paulo, como Symcha Schwarztein; e no Rio de Janeiro, como J. Pontual, Alfredo de Oliveira, Abreu Paiva, Vasco Vaz Andrade Sobrinho — Ruth Schaeffer, que substituiu o prof. Mira y Lopez, depois do seu falecimento em 1964.

A Sociedade Pestalozzi do Brasil formou, em um curso de três anos, articulado com a Faculdade de Medicina e de Filosofia, uma turma de psicólogos clínicos.

O Departamento Nacional do SENAC já formou várias turmas de conselheiros em Orientação Profissional, em cursos de dois anos; o primeiro curso foi iniciado sob a direção do prof. Léon Walther.

Mais recentemente as Universidades Católicas estão organizando, em todo o país, Institutos de Psicologia Aplicada. Citamos a do Rio de Janeiro, sob a direção de H. Lippmann e posteriormente do Padre Benkö e que conta com a colaboração de J. A. Garcia e Roger Seguin.

Em São Paulo, convém citar a atuação dos Prof. Arrigo Angelini, Anita Cabral, Enzo Azzi e Betty Katzenstein.

A Associação Brasileira de Psicologia Aplicada elaborou um projeto de formação de especialistas em diversos ramos de aplicação. Nesse projeto,

preparado por uma comissão constituída por J. Pontual, E. Schneider e o autor deste livro, cogita-se de formar especialistas em cursos de dois ou três anos; com mais três anos de curso, poder-se-á chegar ao título de Doutor em Psicologia. Após ter sido transformado, com o acordo de diversas sociedades e pessoas, o projeto se transformou Lei n°. 41119, de 27 de agosto de 1962, regulamentada pelo Decreto n°. 53464, de 21 de janeiro de 1964, que transcrevemos a seguir:

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o art. 87, item I da Constituição, decreta:

## **TÍTULO I**

### *Do Exercício Profissional*

Art. 1º É livre em todo o território nacional o exercício da profissão de psicólogo, observadas as exigências previstas na legislação em vigor e no presente Decreto.

Parágrafo único. A designação profissional de psicólogo é privativa dos habilitados na forma da legislação vigente.

Art. 2º Poderão exercer a profissão de psicólogo:

1) Os possuidores de diploma de psicólogo expedido no Brasil por Faculdade de Filosofia oficial ou reconhecida nos termos da Lei número 4 119, de 27 de agosto de 1962.

2) Os diplomados em Psicologia por Universidade ou Faculdade estrangeiras reconhecidas pelas leis do país de origem, cujos diplomas tenham sido revalidados de conformidade com a legislação em vigor.

3) Os atuais portadores de diploma ou certificado de especialista em Psicologia, Psicologia Educacional, Psicologia Aplicada ao Trabalho expedidos por estabelecimento de ensino superior oficial ou reconhecido, com base nas Portarias Ministeriais n°. 328, de 13-6-1946 e n°. 274, de 11-7-1961, após estudos em cursos regulares de formação de psicólogos, com duração mínima de quatro anos, ou estudos regulares em cursos de pós-graduação, com duração mínima de dois anos.

4) Os atuais possuidores de título de Doutor em Psicologia Educacional, bem como aqueles portadores do título de Doutor em Filosofia, em Educação ou em Pedagogia que tenham defendido tese sobre assunto concernente à Psicologia.

6) Os funcionários públicos efetivos que, em data anterior ao dia 5 de setembro de 1962, tenham sido providos em cargos ou funções públicas, sob as denominações de Psicólogo, Psicologista ou Psicotécnico.

6) Os militares que, em data anterior ao dia 5-9-1962, tenham obtido diplomas conferidos pelo Curso criado pela Portaria n°. 171, de 25 de outubro de 1949, do Ministério da Guerra.

7) As pessoas que, até o dia 5 de setembro de 1962, já tenham exercido por mais de cinco anos, atividades profissionais de psicologia aplicada.

Art. 3º Condição indispensável para o exercício legal da profissão de Psicólogo é a obtenção prévia do registro profissional de Psicólogo na Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura.

Parágrafo único. Os portadores de diplomas, expedidos por estabelecimentos de ensino superior, deverão providenciar o devido registro do seu diploma no Ministério da Educação e Cultura.

Art. 4º. São funções do psicólogo:

1) Utilizar métodos e técnicas psicológicas com o objetivo de:

- a) diagnóstico psicológico;
- b) orientação e seleção profissional;
- c) orientação psicopedagógica;
- d) solução de problemas de ajustamento.

2) Dirigir serviços de psicologia em órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares.

3) Ensinar as cadeiras ou disciplinas de psicologia nos vários níveis de ensino, observadas as demais exigências da legislação em vigor.

4) Supervisionar profissionais e alunos em trabalhos teóricos e práticos de psicologia.

5) Assessorar, tecnicamente, órgãos e estabelecimentos públicos, autárquicos, paraestatais, de economia mista e particulares.

6) Realizar perícias e emitir pareceres sobre a matéria de psicologia.

## TÍTULO II

### *Da Formação*

Art. 5°. A formação em Psicologia far-se-á nas Faculdades de Filosofia na forma da legislação vigente e deste Regulamento.

Art. 6°. As Faculdades de Filosofia poderão instituir Cursos de Graduação do Bacharelado e Licenciado em Psicologia e de Psicólogo.

Parágrafo único. As disciplinas lecionadas em outros Cursos da Faculdade ou da Universidade e que sejam as mesmas do currículo dos Cursos de Bacharelado e Licenciado em Psicologia e de Psicólogo poderão ser ministradas em comum.

Art. 7° A autorização para o funcionamento e o reconhecimento legal dos Cursos de Psicologia processar-se-á em consonância com os preceitos gerais da Lei nº. 4 024, de 20 de dezembro de 1961, e as determinações por ela não revogadas do Decreto-lei nº. 421, de 11-5-1938, e do Decreto-lei nº. 2 076, de 8-3-1940, completados pelas seguintes exigências expressas na lei nº. 4 119, de 27-8-1962:

a) As Faculdades de Filosofia que solicitarem a autorização para o funcionamento de um dos Cursos de Psicologia deverão fornecer provas de sua capacidade didática, apresentando um corpo docente devidamente habilitado em todas as disciplinas de cada um dos Cursos, cuja instalação for pleiteada por elas;

b) As Faculdades, ao requererem autorização para o funcionamento do Curso de Psicólogo, deverão possuir serviços clínicos e serviços de aplicação à Educação e ao Trabalho, abertos ao público, gratuitos ou remunerados, de acordo com o tipo de formação que pretendam oferecer nesse nível de Curso.

Parágrafo único. Nas Universidades em que existam serviços idôneos e equivalentes aos previstos na letra "b", a Faculdade de Filosofia poderá cumprir a exigência prevista no citado item pela ' apresentação de um convênio que lhe permita a utilização eficiente desses serviços.

Art. 8°. As Faculdades de Filosofia que mantinham Cursos de Graduação em Psicologia na data da publicação da Lei nº. 4 119, de 27 de agosto de 1962, terão o prazo de noventa dias, a partir da publicação deste Decreto, para requerer ao Governo Federal o respectivo reconhecimento.

§ 1º. Os cursos de Graduação não enquadrados nas especificações deste artigo deverão requerer dentro de noventa dias, a partir da data da publicação deste Decreto, seu reconhecimento.

§ 2º. Os cursos que não tiverem seus pedidos de reconhecimento encaminhados dentro desse prazo estarão automaticamente proibidos de funcionar, estendendo-se esta proibição àqueles a que for negado o reconhecimento.

Art. 9º. Os Cursos de pós-graduação em Psicologia e em Psicologia Educacional, regulamentados pelas Portarias Ministeriais nº. 328, de 13 de maio de 1946, e nº. 274, de 11 de junho de 1961, não poderão admitir matrículas iniciais a partir de 1967.

Parágrafo único. As mesmas disposições deverão ser obedecidas pelos Cursos de Especificação ou pós-graduação em Psicologia que não se enquadrem neste artigo.

Art. 10 Os Cursos de Bacharelado, Licenciado e Psicólogo deverão obedecer ao currículo mínimo e duração fixados de acordo com a Lei nº. 4 024, de 20-12-1961, pelo egrégio Conselho Federal de Educação.

### **TÍTULO III**

#### *Da Vida Escolar*

Art. 11. O candidato à matrícula no Curso de Bacharelado deverá satisfazer todas as condições exigidas para a matrícula em qualquer um dos Cursos da Faculdade de Filosofia.

Art. 12. Os atuais alunos dos Cursos mencionados no artigo 8º. e em seu § 1º. poderão prosseguir o Curso passando a obedecer as adaptações que este tenha sofrido com o reconhecimento, desde que suas matrículas tenham sido regularmente processadas.

Art. 13. Os alunos matriculados nos Cursos de que trata o artigo 9º. e seu Parágrafo único poderão prosseguir o Curso obedecendo ao currículo original até o prazo previsto neste Regulamento.

Art. 14. Os alunos que tiverem cursado em nível superior no Brasil ou no estrangeiro disciplinas constantes do currículo dos Cursos de Psicologia, poderão ser



dispensados dessas disciplinas, desde que obtenham parecer favorável dos órgãos técnicos da Faculdade aprovado pelo Conselho Universitário, no caso de Universidade, e pela Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura, no caso de estabelecimentos isolados.

Parágrafo único. A dispensa de disciplinas será no máximo, de 6 (seis) no Curso de Bacharelado, de 2 (duas) no de Licenciado e de 5 (cinco) no de Psicólogo.

Art. 15. De acordo com a amplitude das dispensas referidas no artigo anterior, os Cursos de Bacharelado e de Psicólogo poderão ser abreviados, respeitada a duração mínima de dois anos em cada Curso.

#### *TÍTULO IV*

##### *Dos Diplomas*

Art. 16. Ao aluno que concluir o Curso de Bacharelado será conferido o diploma de Bacharel em Psicologia.

Art. 17. Ao aluno que concluir o Curso de Licenciado será conferido o diploma de Licenciado em Psicologia.

Art. 18. Ao aluno que concluir o Curso de Psicólogo será conferido o diploma de Psicólogo.

Art. 19. Os portadores de diplomas expedidos por Universidades ou Faculdades estrangeiras que não sejam equivalentes aos nacionais, poderão completar sua formação em estabelecimentos oficiais ou reconhecidos.

#### *TÍTULO V*

##### *Das Disposições Gerais e Transitórias*

Art. 20. As Diretorias do Pessoal dos Ministérios, das Autarquias e de quaisquer outros órgãos da administração federal, estadual ou municipal apostilarão os títulos de nomeação dos servidores que tenham sido providos, em data anterior ao dia 6 de setembro de 1962, em cargos ou funções sob a denominação de Psicólogo, Psicologista ou Psicotécnico, garantindo-lhes o exercício dos cargos e das funções respectivas, assim como as vantagens daí decorrentes.

Art. 21. Os portadores do título de Doutor, obtido em Faculdade de Filosofia, e que tenham defendido tese sobre tema específico de Psicologia, ao requererem o registro profissional de Psicólogo, deverão instruir a petição com os seguintes documentos:

- a) Carteira de Identidade;
- b) Prova de quitação com o serviço militar;
- d) Diploma de Doutor devidamente registrado na Diretoria. do Ensino Superior do M. E. C.;
- e) Um exemplar da tese de doutoramento.

Parágrafo único. Os títulos de Doutor, obtidos mediante concurso de cátedra ou de livre docência, serão válidos para o mesmo fim, desde que acompanhados dos documentos exigidos neste artigo e de uma declaração da Faculdade de que a cadeira a que se refere o concurso foi a de Psicologia ou a de Psicologia Educacional.

Art. 22. A Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura encaminhará os requerimentos e sua respectiva documentação à Comissão de que trata o artigo 23 da Lei nº. 4 119, a fim de que a mesma emita parecer justificado.

§ 1º. O parecer de que trata este artigo deverá ser homologado pelo Diretor do Ensino Superior;

§ 2º. Homologado o parecer, no caso de ser o mesmo pela concessão do registro, providencial a Diretoria do Ensino Superior o efetivo registro profissional de Psicologia do requerente, a fim de que produza seus efeitos legais.

Art. 23. Os casos omissos neste Decreto serão resolvidos pela Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura.

Art. 24. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília (DF), em 21 de janeiro de 1964; 143º. da Independência e 76º. da República.

*João Goulart*  
*Júlio Furquim Sambaqwy.*

### § 3. *A Ética, Profissional em Psicologia Aplicada*

A New York State Psychological Association publicou um folheto dando normas de ética profissional para os psicólogos. Essas normas foram traduzidas e adaptadas para o Brasil por Betty Katzenstein e E. Schneider; foi publicado o trabalho nos *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*. Posteriormente, a Associação Brasileira de Psicologia elaborou o “Código de Ética dos Psicólogos Brasileiros”, divulgado em julho de 1966, que transcrevemos a partir do preâmbulo de Romeu de Moraes Almeida, secretário da A.B.P. para o Biênio 1966-67:

Após a promulgação da Lei 4 119, de 27-8-62, que estabeleceu não só as condições para a formação do psicólogo em todo o território brasileiro, mas também para o exercício dessa profissão em nosso meio, e após a publicação do Dec. n°. 63464 que regulamenta a referida lei, um dos primeiros passos que se impunha era o da elaboração de um Código de Ética e da fiscalização e controle do exercício da profissão.

Dessas necessidades tomaram consciência os psicólogos, tão logo os primeiros registros foram expedidos pela Diretoria do Ensino Superior do Ministério de Educação e Cultura, através de um trabalho rigorosamente feito por uma comissão de professores universitários de Psicologia.

Participando dos mesmos ideais dos psicólogos, a Associação Brasileira de Psicólogos (ABP) e a Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP) se incumbiram de elaborar um anteprojeto de Código da Ética. Para tanto, o Prof. Osvaldo de Barros Santos, associado de ambas as entidades, que já vinha se preocupando com o problema, mesmo antes da Lei 4119, se dispôs a elaborar o referido anteprojeto.

O trabalho do Prof. Osvaldo de Barros Santos, serviu de ponto de partida dos mais úteis e fundamentais para a forma final do Código de Ética, que agora publicamos para a mais extensa divulgação possível.

Cópias do referido anteprojeto foram distribuídas à Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, à Sociedade Mineira de Psicologia e a diversos serviços de aplicação da Psicologia, e Faculdades de Filosofia. Em seguida, foi o anteprojeto submetido a uma ampla discussão que teve lugar em Ribeirão Preto, em julho de 1964, quando da realização de uma assembléia geral da ABP, por ocasião da XVI Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Em consequência, numerosas

sugestões foram feitas, ou enviadas por escrito, e para estudar a conveniência ou não da inclusão das alterações propostas, foi nomeada uma comissão integrada pelos profs. Drs. Arrigo L. Angelini, Pedro Parafita de Bessa, Arthur M. Saldanha, Dante M. Leite, Pé. Antonius Benko, Enzo Azzi e Prof. Osvaldo de Barros Santos. Por dificuldades diversas, inerentes a uma Comissão cujos componentes se encontravam em pontos diferentes do país, não houve oportunidade de um trabalho em conjunto. No entanto, isoladamente, cada membro dessa Comissão, que havia recebido cópia de todo o material resultante da Assembléia Geral realizada em Ribeirão Preto, examinou o referido material à luz do anteprojeto original. Em julho de 1965, na Assembléia Geral de ABP, realizada em Belo Horizonte, por ocasião da XVII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, voltou-se a discutir o novo anteprojeto, cujos pontos principais foram apresentados e aprovados nessa Assembléia Geral da Associação Brasileira de Psicólogos pelos relatores da Comissão anteriormente indicada em Ribeirão Preto — Drs. Pedro Parafita de Bessa e Arthur M. Saldanha que também cuidaram da redação final do novo anteprojeto. Ampla divulgação desse anteprojeto foi feita pela A. B. P. entre seus associados.

Finalmente, na Assembléia Geral da A. B. P. realizada em Blumenau, por ocasião da XVIII Reunião Anual da S. B. P. C. aos 12 dias do mês de julho de 1966 o novo anteprojeto foi unanimemente considerado O CÓDIGO DE ÉTICA DOS PSICÓLOGOS BRASILEIROS e decidiu-se recomendar a adoção do mesmo por todos quantos se dedicam profissionalmente à Psicologia em nosso meio.

Por outro lado, em atenção ao que dispõe o Art. 36 do código, nessa mesma Assembléia foram nomeados os membros do Conselho de Ética Profissional, que se incumbirá de orientar a aplicação deste Código de Ética Profissional, zelar pela sua observância e fiscalizar o exercício profissional.

Foi assim dado, um dos passos decisivos para o exercício da profissão de Psicólogo no Brasil. A Associação Brasileira de Psicólogos e as Sociedades Estaduais de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, bem como os Psicólogos em geral, sabem que o pleno reconhecimento da profissão de Psicólogo e seu status dependem de outras providências, agora de ordem legal. Para tanto, já se cogitou, na Assembléia realizada em Blumenau, de se reunir subsídios a um anteprojeto de lei, a ser encaminhado ao Congresso Nacional, através de um dos deputados federais.

Só depois disso, com a criação do Conselho Nacional de Psicologia e dos Conselhos Regionais de Psicologia, é que teremos colocada no seu devido lugar a nova profissão de Psicólogo.

Para esta nova etapa da luta pela regulamentação da profissão, e para a plena observância do presente Código de Ética, bem como para oferecer sugestões de mudanças que a prática vier a recomendar, e que serão examinadas pelo Conselho de Ética Profissional e apreciadas nas futuras Assembléias Gerais da A. B. P., conclamamos todos os Associados da A. P. B.

A A. B. P., ao mesmo tempo que se sente honrada em poder apresentar aos psicólogos brasileiros, o Código de Ética, sente-se no dever de agradecer publicamente ao Prof. Osvaldo de Barros Santos, e às Sociedades Regionais de Psicologia, especialmente à Sociedade de Psicologia de São Paulo, com cujas colaborações esperamos poder continua a contar.

#### **PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS**

1°. — O psicólogo baseia seu trabalho no respeito à dignidade do indivíduo como pessoa humana.

2°. — O psicólogo em seu trabalho procurará sempre promover o bem-estar da humanidade e de toda pessoa humana com quem entre em relação como profissional.

3°. — O psicólogo em seu trabalho procurará sempre desenvolver o sentido de sua responsabilidade profissional, pelo aprimoramento de suas vivências morais, de seus conhecimentos éticos e pela melhoria constante de sua competência científica e técnica.

4°. — O psicólogo no exercício de sua profissão completará a definição de suas responsabilidades, direitos e deveres nas disposições da legislação especial ou geral em vigor no país e nas da tradição ética de profissões congêneres.

*Somente pode intitular-se psicólogo, e nesta qualidade exercer a profissão no Brasil, a pessoa legalmente credenciada nos termos da lei Federal nº. 4 119, de 27 de agosto de 1962, ou de leis posteriores.*

# **TÍTULO I**

## **Das responsabilidades e relações profissionais**

### **CAPÍTULO I - *Das responsabilidades gerais do psicólogo***

Art. 1º. São deveres fundamentais do Psicólogo:

- a) Prestar serviços profissionais independentemente de qualquer proveito pessoal, nas situações de calamidade pública ou de graves crises sociais;
- b) Colaborar sempre que possível, desinteressadamente, em campanhas educacionais que visem difundir princípios psicológicos úteis ao bem-estar da coletividade;
- c) Esforçar-se por obter eficiência máxima em seus serviços, mantendo-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos e técnicos;
- d) Assumir somente a responsabilidade por tarefas para as quais esteja capacitado;
- e) Reconhecer as limitações de sua formação e personalidade, renunciando qualquer trabalho que possa ser por elas prejudicado;
- f) Recorrer a outros especialistas, sempre que for necessário;
- g) Colaborar para o progresso da Psicologia como ciência e como profissão.

Art. 2º. Aos psicólogos é vedado:

- a) Praticar atos que impliquem na mercantilização da Psicologia;
- b) Usar títulos que não possua;
- c) Dar psicodiagnósticos, aconselhamentos e orientação psicológica individuais através de jornais, rádio, televisão ou correspondência;
- d) Desviar para atendimento particular próprio clientes que tenha atendido em virtude de sua função em instituição especializada;
- e) Acumpliciar-se, por qualquer forma, com pessoas que exerçam ilegalmente a profissão de psicólogo.

## **CAPÍTULO II – Das responsabilidades para com o cliente**

Art. 3°. Define-se como cliente a pessoa, entidade ou organização a quem o Psicólogo presta serviços profissionais.

Art. 4°. São deveres dos psicólogos nas suas relações com os clientes:

a) Dar ao cliente ou, no caso de seu impedimento, a quem de direito, informações concernentes ao trabalho a ser realizado, definindo bem seus compromissos e responsabilidades profissionais, a fim de que o cliente possa decidir-se pela aceitação ou não, da assistência prevista;

b) Limitar o número de seus clientes às responsabilidades concretas de trabalho eficiente;

c) Atender seus clientes sem estabelecer discriminações ou prioridades decorrentes de condições de raça, prestígio, autoridade, credo ou situação econômica;

d) Oferecer ao cliente serviços de outros colegas sempre que se impuser a necessidade de continuidade de tratamento e este, por motivos ponderáveis, não puder ser continuado por ele próprio;

e) Entrar em entendimentos com seu substituto, comunicando-lhe as informações necessárias à boa evolução do caso, sempre que tenha ocorrido a sua substituição;

f) Esclarecer o cliente sobre os prejuízos de uma possível interrupção da assistência que vem recebendo, ficando isento de qualquer responsabilidade caso o paciente se mantenha em seus propósitos;

g) Exercer somente dentro de situações estritamente profissionais suas atividades de orientação, aconselhamento, psicodiagnóstico e todas as demais técnicas psicológicas;

h) Utilizar de interrogatório sob a ação hipnótica, ou de processos similares, só quando tais procedimentos se justifiquem dentro de uma técnica terapêutica bem estabelecida e sempre em benefício do cliente;

i) Manter com o cliente relacionamento estritamente profissional.

Art. 6°. Aos psicólogos, em suas relações com o cliente, é vedado:

a) Induzir indevidamente qualquer pessoa a recorrer a seus serviços;

b) Prolongar desnecessariamente o atendimento previsto;

c) Influenciar as convicções políticas, filosóficas ou religiosas de seus clientes.

### **CAPÍTULO III – Das responsabilidades e relações com as instituições empregadoras e outras**

Art. 6º. O psicólogo funcionário de uma organização deve sujeitar-se aos padrões gerais da instituição, o que interdita a assinar contrato de trabalho quando o regulamento ou costumes ali vigentes contrariem sua consciência profissional e os princípios e normas deste Código.

Art. 7º. Não deve o Psicólogo aceitar emprego deixado por colega que tenha sido exonerado sem justa causa ou que haja pedido demissão para preservar a dignidade ou os interesses da profissão e os princípios e normas do presente Código.

### **CAPÍTULO IV – Das relações com outros psicólogos**

Art. 8º. O psicólogo deve ter para com seus colegas a consideração, o apreço e a solidariedade que refletem a harmonia da classe e lhe aumentem o conceito público.

Art. 9º. O psicólogo, quando solicitado, deverá colaborar com seus colegas e prestar-lhes serviços profissionais, salvo impossibilidade decorrente de motivo relevante.

Art. 10º. O espírito de solidariedade não pode induzir o psicólogo a ser conivente com o erro ou a contravenção penal praticada por colega, devendo a crítica respectiva ser feita em associações de classe e na presença do criticado.

Art. 11º. O psicólogo não atenderá o cliente que esteja sendo assistido por algum colega, salvo nas seguintes situações:

- a) A pedido desse colega;
- b) Em casos de urgência, nos quais dará imediata ciência ao colega.
- c) No próprio consultório quando ali procurado espontaneamente pelo cliente, quando dará a esse colega ciência do fato.

### **CAPÍTULO V – Das relações com outros profissionais**

Art. 12º. O psicólogo procurará manter e desenvolver boas relações com os componentes de outras categorias profissionais, observado, para esse fim, o seguinte:



a) Trabalhar nos estritos limites das atividades que lhe são reservadas por lei e da tradição da psicologia;

b) Reconhecer os casos pertencentes aos demais campos de especialização profissional, encaminhando-os às pessoas habilitadas e qualificadas para a sua solução.

Art. 13°. O psicólogo, nas relações com outros profissionais, manterá sempre elevado o conceito e padrões de sua própria profissão.

## **CAPÍTULO VI**

### ***Das relações com associações congregantes e representativas dos psicólogos***

Art. 14°. O psicólogo procurará filiar-se às associações profissionais e científicas que tenham como finalidade a defesa da dignidade e direitos profissionais, a difusão e o aprimoramento da Psicologia como ciência e a harmonia e cooperação de sua classe.

Art. 15°. O psicólogo deverá apoiar as iniciativas e os movimentos de defesa dos interesses morais e materiais da classe, através dos seus órgãos representativos.

## **CAPÍTULO VII – *Das relações com a justiça***

Art. 16°. Qualquer psicólogo, no exercício legal de sua profissão, pode ser nomeado perito para esclarecer a justiça em assuntos de sua competência.

Parágrafo único — O psicólogo pode excusar-se de funcionar em perícia cujo assunto escape à sua competência, ou por motivo de força maior, devendo sempre dar a devida consideração à autoridade que o nomeou, solicitando-lhe dispensa do encargo antes de qualquer compromissamento.

Art. 17°. O psicólogo porá de parte o espírito de classe ou de camaradagem, procurando apenas servir à Justiça imparcialmente, sempre que um colega for interessado na questão.

Art. 18°. O psicólogo perito deverá agir com absoluta isenção, limitando-se à exposição do que tiver conhecimento através de exames e observações e não ultrapassará, nos laudos, a esfera de suas atribuições e competência.

Art. 19°. O psicólogo deverá levar ao conhecimento da autoridade que o nomeou a impossibilidade de formular o laudo à recusa do indivíduo que devia ser por ele examinado.

Art. 20. É vedado ao psicólogo:

- a) Ser perito de cliente seu;
- b) Funcionar em perícia em que seja parte, pessoa de sua família, amigo íntimo ou inimigo;
- c) Valer-se do cargo que exerce, ou dos laços de parentesco ou amizade com autoridades administrativas ou judiciárias para pleitear ser nomeado perito.

## **TÍTULO II**

### **CAPÍTULO I – *Do sigilo profissional***

Art. 21°. O sigilo, imperativo da ética profissional, protege o examinando em tudo aquilo que o psicólogo ouve, vê ou tem conhecimento como decorrência do exercício de sua atividade profissional.

Art. 22°. Somente o próprio cliente poderá ser informado dos resultados dos exames realizados pelo psicólogo, quando tais exames tenham sido solicitados por ele.

Art. 23°. Quando uma pessoa é examinada a pedido de terceiros, os resultados podem ser dados a quem solicitou, desde que o examinando ou, no seu impedimento, quem de direito, concorde com essa medida, e que não seja levado nada além do estritamente necessário.

Art. 24°. É admissível a quebra do sigilo profissional nos seguintes casos:

- a) Quando o cliente for menor, tiver sido encaminhado por seus pais, tutores ou responsáveis, aos quais unicamente cabe prestar as informações;
- b) Quando se tratar de fato delituoso, previsto em lei, e a gravidade de suas consequências sobre terceiros crie para o psicólogo o imperativo de consciência de denunciá-lo à autoridade competente.

## **TÍTULO III**

### **CAPÍTULO I – *Das comunicações científicas e das publicações***

Art. 25°. A mais ampla liberdade de pesquisa deve ser assegurada ao psicólogo, não sendo, porém, admissíveis:

- a) Promover experimentos com risco físico ou moral de seres humanos;
- b) Subordinar as investigações a ideologias que possam viciar o curso da pesquisa ou os seus resultados.

Art. 26°. O psicólogo deverá divulgar os resultados científicos de suas investigações, sempre que estes resultados tenham significação positiva para o desenvolvimento da Psicologia como ciência ou representar aprimoramento técnico dentro da profissão.

Art. 27°. Na publicação de qualquer trabalho, o psicólogo deve citar integralmente as fontes de tudo o que buscou em outros.

Art. 28°. Na publicação dos resultados de suas investigações o psicólogo deve divulgar somente os dados realmente obtidos e todas as conclusões que julgue justificadas pela pesquisa feita.

Art. 29°. Nas publicações não estritamente técnicas, com o caráter de divulgação científica, o psicólogo apresentará os assuntos com a necessária prudência, considerando sempre as características do público a que se dirige.

Art. 30°. Caberá ao psicólogo resguardar o padrão e nível de sua ciência e profissão em todo e qualquer tipo de publicação ou apresentação em órgãos de divulgação.

Art. 31°. É vedado ao psicólogo ceder, dar, emprestar ou vender técnicas a leigos ou a pessoas que não sejam credenciadas como psicólogos, ou de qualquer modo divulgar tais técnicas entre pessoas estranhas à profissão e à ciência psicológica.

## **TÍTULO IV**

### **CAPÍTULO I – *Da publicidade profissional***

Art. 32°. O psicólogo, ao promover publicamente a divulgação de seus serviços, somente deverá fazê-lo com exatidão e dignidade.

Art. 33°. É vedado ao psicólogo anunciar a prestação de serviços gratuitos ou a preços vis em consultórios particulares.

## **TÍTULO V**

### **CAPÍTULO I – *Dos honorários profissionais***

Art. 34°. Os honorários devem ser fixados com todo o cuidado a fim de que representem justa retribuição pelos serviços prestados, sejam acessíveis ao cliente e tornem a profissão reconhecida pela confiança e aprovação do público.

Art. 35°. Os honorários devem obedecer a uma escala ou plano de serviços prestados e devem ser comunicados ao cliente antes do início dos trabalhos.

## **TÍTULO VI**

### **CAPÍTULO I – *Da fiscalização do exercício profissional da psicologia no cumprimento dos princípios éticos***

Art. 36°. Até que seja instalado um Conselho de Psicólogos ou uma organização congênere, as associações científicas ou profissionais de Psicologia manterão, de preferência em conjunto, um Conselho de Ética Profissional, ao qual caberá orientar a aplicação deste Código de Ética Profissional, zelar pela sua observância e fiscalizar o exercício profissional.

Art. 37°. As infrações ao Código de Ética profissional poderão acarretar penalidades variadas, desde a simples advertência até o pedido de cassação de registro profissional de Psicólogo, dirigido pelo Conselho à autoridade competente.

Art. 38°. Cabe aos psicólogos legalmente habilitados denunciar à Associação Brasileira de Psicólogos e à Sociedade ou Associação da Região onde residam, enquanto não se organizar por lei o Conselho de Psicólogos do Brasil, ou entidade congênere,

qualquer pessoa que esteja exercendo a profissão sem o respectivo registro perante as autoridades competentes.

## **TÍTULO VII**

### **CAPÍTULO I - Disposições gerais**

Art. 39°. Os princípios e normas aqui contidos entrarão em vigor após recomendação da assembléia geral realizada pela Associação Brasileira de Psicólogos.

Art. 40°. Os estudantes dos cursos de Psicologia ficam obrigados à observância do presente Código de Ética Profissional.

Art. 41°. Cumprir e fazer cumprir este Código é dever de todo Psicólogo.

# CONCLUSÃO

## ***A Psicologia Aplicada Frente ao Mundo Moderno***

Na crise geral por que passa o mundo moderno pode a Psicologia Aplicada contribuir, em grande escala, para o bem-estar individual e para a paz entre os homens. Ao empregado, indica o melhor caminho a seguir, a fim de desenvolver harmoniosamente as suas capacidades produtivas; ao chefe, aponta o caminho da liderança; ao estudante, orienta escolar e profissionalmente; auxilia ainda os desajustados a libertarem-se de sua angústia; a numerosos casais, possibilita encontrar o caminho da felicidade perdida; aos noivos, evita erros irreparáveis.

Mas é o nosso mundo, sacudido por duas guerras mundiais, e talvez às vésperas de uma terceira, que está psicologicamente doente. Numerosos psicólogos, partindo da assertiva “conhecendo-se as causas pode-se curar o mal”, pensaram em procurar as causas da guerra. E, embora a maioria dos indivíduos a considere como fenômeno natural, os psicólogos pensam tratar-se de uma doença coletiva. Há uma contradição evidente entre o fato de o indivíduo ser punido por matar o próximo, e o fato de considerar-se “fenômeno natural” que duas ou mais nações se destruam. O instinto combativo, tão bem descrito por Pierre Bovet, está muito vivo em cada indivíduo e em cada sociedade. Enquanto nos preocupamos em gastar fortunas no combate ao câncer e à tuberculose (o que está mais que exato), não pensamos, entretanto, em criar um Instituto que cuide do estudo da hiperagressividade dos homens e das sociedades.

Sentindo este problema, apresentamos em 1951 na primeira Assembléia das Entidades Não Governamentais, junto à Organização das Nações Unidas, em nome da Sociedade Pestalozzi do Brasil, uma proposta que foi aceita unanimemente pelo plenário. É essa proposta que deixamos como conclusão, desejando que um dia, ainda próximo, a Psicologia Aplicada estenda sua ação na manutenção e preservação da paz mundial.

Eis a proposta:

A Organização das Entidades Não Governamentais do Brasil recomenda que seja estudada pela ONU a possibilidade de uma campanha internacional permanente, para a profilaxia da agressividade coletiva, comportando as seguintes fases:

I) *de preparação* (UNESCO e OMS) :

- 1º) O estudo dos conhecimentos atuais sobre as causas biológicas, psicológicas e sociais da agressividade e da agressão entre indivíduos e coletividades;
- 2º) O estudo dos métodos pedagógicos, psicológicos e biológicos para redução da hiperagressividade nos indivíduos nas coletividades;

- 3º) O estudo dos métodos neuro-psiquiátricos e psicotécnicos para identificação da agressividade sob suas formas perigosas.

II) *da execução:*

- 1º) Difusão em grande escala, para os pais e pedagogos, dos métodos de redução e de canalização da agressividade, com verificação periódica da execução eficiente do plano;
- 2º) Aplicação concreta das conclusões do parágrafo item 3, para evitar que qualquer indivíduo, de temperamento hiperagressivo, possa levar alguma coletividade, por ele dirigida, a provocar a guerra.

Desde então, têm sido desenvolvidas inúmeras pesquisas sobre as tensões interpessoais e internacionais existindo vários Institutos de Estudos de Problemas da Paz, junto a Universidades Européias e Norte-Americanas.

## BIBLIOGRAFIA

- ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOTÉCNICA. Fundação Getúlio Vargas. Rio.
- AGUAYO, A. M. — *Pedagogia Científica*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1948.
- ANNASTASI, ANNE, *Psicologia Diferencial*, Herder, São Paulo, 1965.
- ANNASTASI, ANNE, *Testes Psicológicos*, Herder, São Paulo, 1966.
- ANCELIN-SCHUTZENBERGER — “Situation du T. Group au N. T. L. de Bethel”, in *Bull. de Psychol.*, 158-161 — 6/9/XII. Paris, 1959.
- ANDREWS, T. G. — *Lês Methodes de la Psychologie*. Ed. P. U. F., Paris, 1952.
- ANTIPOFF, H. — “Teste de Redação”, in *Rev. Bras. de Est. Pedag.*, págs. 148-172.
- ARDOINO, J., *Information et Communications*, Ed. Organisation, Paris, 1964.
- BARBOS SANTOS, OSWALDO, *Psicologia Aplicada à Orientação e Seleção Profissional*, Pioneira Edit., São Paulo, 1963.
- BAUMGARTEN, F. — *Les Examens des Aptitudes Professionnelles*. Dunod. Paris, 1931.
- BERNARD, CLAUDE — *Introduction à la Médecine Experimentale*. Chap. 1. Larousse. Paris.
- BINET, A. — *Les Idées Modernes sur les Enfants*, págs. 262-292. Flammarion. Paris, 1911.
- BIZE, P. E. — “L'Étude des Métiers et des Postes de Travail”, in *L'Utilisation des Aptitudes*, pág. 423 (Livro III de “Traité de Psychologie Appliquée”). P. U. F., Paris, 1954.
- BONNARDEL, R. — *L'Adaptation de l'Homme à son Métier*, págs. 150-164. P. U. F., Paris, 1945.
- BONNARDEL, R., e LAUGIER — *Grilles pour l'Orientation et la Selection Professionnelle*. Ed. Guyot-Clamart.
- BONNARDEL, R. — *Vision et Profession*. P. U. F., Paris.
- BOUMIER — *Étude du Métier de Vendeur des Grands Magasins*, in BINOP, ns. 5-6. Paris, 1938.
- BRAGA, L. A. *Informação Ocupacional, O mundo da ciência*, CEPA, Rio, 1966.
- BUCHANAN, P. C., and BRUNSTETTER, P. H. — “A Research Approach to Management Improvement”, in *Journ. of Am. Training Diretors*, Jan., 1959.
- CATTELL, R. B. — “Nouveaux Aspects Théoriques et Pratiques de la Mesure de la Personnalité”, in *Rev. de Psych. Apl.* T. I, n° 1. Paris, 1950.
- CLAPARÈDE, Ed. — *Comment Diagnostiquer des Aptitudes chez les Ecoliers*. Flammarion. Paris, 1953. 249\\
- CONIL, V., e CANIVET, N. — *l'Exploration Expérimentale de la Mentalité Infantile*. P. U. F., Paris, 1947.
- DA COSTA, Rui CARRINGTON — “Da Orientação Profissional e Educacional”, in *Rev. Bras. de Est. Pedag.* n° 43, pág. 77, Rio, 1951.
- DANNEMANN, COSTA PINTO, CARVALHO — *Análise das Profissões Comerciais*. SENAC, 1952.
- DAVAL, BOURRICAUD, DELAMOTTE, DORON, *Traité de psychologie sociale*, P. U. F., Paris, 1963.
- DEPT. OF LABOR — U. S. A. — *Dictionary of Occupational Titles*. Washington, 1949.
- DORCUS and JONES — *Handbook of Employee Selection*. Nova York.
- DUMAS, G. — *La Vie Affective*. P. U. F., Paris, 1948.



- EYSENK, H. J. — *Les Dimensions de la Personnalité*. P. U. F., Paris, 1951.
- EYSENCK, H. J. — *Les Dimensions de la Personnalité*, págs. 271-291. P. U. F., Paris, 1950.
- EYSENCK, H. J. *Usos e Abusos da Psicologia*. IBRASA — São Paulo, 1964.
- FAVERGE, J. M. — *Introduction aux Méthodes Statistiques en Psychologie Appliquée*. P. U. F., Paris, 1950.
- FERIGNAC et MORICE — *Pour Comprendre le Calcul des Probabilités* (Pref. de l'Abbé Moreux), pág-s. I-III. Bibliothèque L'Education Scientifique. G. Doin. Paris, 1948.
- FRAISSE, P., e PIAGET, J., *Traité de Psychologie Expérimentale*, P. U. F., Paris, 1962-65.
- FRAISSE, P., *Manuel pratique de psychologie expérimentale*, P. U. F., Paris, 1956.
- FREYER, D. H., and HENRY, E. R. — *Handbook of Applied Psychology*. Rinehard & Co. Nova York, 1950.
- FROMM, ERICH — *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Zahar Editores. Rio, 1959.
- GATES, A. I. — *Psicologia para Estudantes de Educação*. T. II. Ed. Saraiva. São Paulo, 1939.
- GESEL, A. e ILG. F. L. — *Le Jeune Enfant dans la Civilisation Moderne*, pág. 380. P. U. P., Paris, 1949.
- GINSBERG, A. e PEREIRA OLIVEIRA — “Estudo Comparativo entre o Tipo Somático (Sheldon) e o Tipo de Vivência e Fundo de Personalidade (Rorschach)”, in *Arq. Bras. de Psicotécnica*. Rio, dez., 1949.
- GISCARD, P. H. — “La Formation et le Perfectionnement du Personnel d'Encadrement”, in *Le Travail Humain*. Juillet, Dec. Paris, 1957.
- GUILLAUME, P. — *La Psychologie Animale*. Armand Colin. Paris, 1940.
- HARITON, T. — *Conditions Influencing the Effects of Training Foremen in Human Relations Principles*. Doctorate Dissertation. University of Michigan, 1951.
- INHELDER, B. — *Le Diagnostic du Raisonnement chez les Débiles Mentaux*.
- INHELDER, B., et PIAGET, J. — *De la Logique de l'Enfant à la Logique de l'Adolescent*. P. U. F. Paris, 1955.
- JAMES, W. — *Principes de Psychologie*. Ed. Rivière. Paris, 1915.
- KLINEBERG, O. — *Race et Psychologie*. UNESCO, 1955.
- KLINEBERG, O. — *Psicologia Social*, Fundo de Cultura, Rio.
- KLUCKHOHN, MURRAY, SCNEIDER. *Personalidade na Natureza, na Cultura, na Sociedade*. Itatiaia, Belo-Horizonte, 1965.
- KRECH, CRUTCHFIELD, Ballachey, *Individual m Society*, McGraw Hill, New York, 1962.
- LAGACHE, D. — *L'Unité de la Psychologie*, págs. 55-67. P. U. F., Paris, 1949.
- LANDIS, C. — “Psychology and the Psychogalvanic Reflex”, in *Psychol. Rev.*, 37. 1930.
- LAWSHE, R. L., BRUNE, R. A. BOLDA — “What Supervisors Say About Role Playing”, in *Journ. of Am. Train. Dir.* Vol. 12, n° 8. Aug., 1958.
- LEAVITT, H. J. — “La Place des Petits Groupes dans la Direction”, in *Buli. Psych.* 158-161, 6-9/XII. Paris, 1959.
- LÉON, A. — *Psychopédagogie de l'Orientation Professionnelle*. P. U. F., Paris, 1957.
- LOURENÇO FILHO, M. B. — *Testes ABC*, 4ª ed., Ed. Melhoramentos. São Paulo, 1952.

- LOURENÇO FILHO, M. B. — “Orientação Educacional”, in *Rev. Bras. de Est. Pedag.* Vol. V, nº 13. Julho, 1945.
- LOURENÇO FILHO, M. B., WEIL, P., MARTINS, O., EVA, N. — *Resultados da Pesquisa sobre o Nível Mental da População Brasileira*. SENAC, Rio, 1959.
- MAIA, JACIR — “Inteligência e Profissão”, in *Rev. Bras. de Est. Pedag.* Vol. V, nº 13. Julho, 1945.
- MAIER, R. F. — *Principles of Human Relations*. Wiley and Sons. Nova York, 1952.
- MAUCORPS, P. — *Psychologie Militaire*. P. U. F., Paris, 1948.
- MEIGNEZ, R., *Pathologie sociale de l'entreprise*.
- MEIGNEZ, GAUCHET, STALKER et THURLEY, *Les Techniques de évaluation de la formation du personnel d'encadrement*, OCDE, Paris, 1963.
- MEMÓRIA, J. M. P. *A Amostragem Probabilística na Pesquisa Educacional*, UFMG, Belo Horizonte, 1964.
- MIRANDA SANTOS, THEOBALDO — *Noções de Psicologia Educacional*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1951.
- MIRA Y LOPES, E. — *Métodos de Exame Experimental da Personalidade*. Cultura. Rio, 1950.
- MIRA Y LOPES, E. — *Manual de Orientação Profissional*. Buenos Aires, 1952.
- MIRA Y LOPES, E. — *Manual de Psicologia Jurídica*. El Ateneo. Buenos Aires.
- MIRA Y LOPES, E. — *Le Psychodiagnostic Myocinétiq*ue C. P. A. Paris, 1952.
- MOSCOVICI, FELA, *Laboratório de Sensibilidade*, F. G. V., Rio, 1965.
- MOOSEHEART SYMPOSIUM — *Feeling and Emotions*, MARTIN L. REUMERT, Ph. D. McGraw-Hill Book Co., Inc. 1950.
- MORGAN C. T., KING, A., *Introduction to Psychology*, McGraw Hill, New York, 1966. MOUNIER, EMANUEL — *Traité du Caractere*, págs. 22-25. Ed. Seuil Paris, 1946.
- MURRAY, H. A. — *Exploration de la Personnalité*, págs. 145-238. P. U. F., Paris, 1953.
- NAHOUM, CH. — *L'Entretien Psychologique*. P. U. F., Paris, 1957.
- NICK, EVA — *Estatística e Psicometria*, J. Ozon, Editor, Rio, 1963.
- NICK, EVA — *Bateria Fatorial do SENAC*, Rio, 1964.
- OMBREDANE, A., e FAVERGE, J. M. — *L'Analyse du Travail*. P. U. F., Paris, 1955.
- OMBREDANE, A., SUARES, N., e CANIVET, N. — *Les Inadaptés Scolaires*, págs. 16-19. Ed. Hermann et Cie. Paris, 1936.
- PACAUD, S. — “La Formation Psychologique des Cadres”, in *Rev. Psych. Appliquée*. T. 4, nº 1. Paris, 1953.
- PAIVA, J. ABREU — “Uma Técnica de Análise da Personalidade”, in *Arq. Brás. Psicot.* nº 1. Rio, 1950.
- PIAGET, J. — *La Psychologie de l'Intelligence*. A. Colin. Paris, 1947.
- PIAGET, J., et INHELDER, B. — *Le Développement des Quantités chez l'Enfant*. Delâchaux et Niestlé. Neuchâtel, 1941.
- PIÉRON, H. — “Du Role de l'Age dans l'Action du Milieu sur le Développement Mental”, in *BINOP*, nº 5. Paris, 1949.
- PIÉRON, H. — “L'Examen Psychologique Complet pour une Orientation Professionnelle Approfondie”, in *BINOP*, nºs. 1-2, pág. 1. Paris, 1948.

- PIÉRON, H. — *Traité de Psychologie Appliquée. T. I (La Psychologie Diférentielle)*. Paris, 1950.
- PIÉRON, H., REUCHLIN, BIZE, etc. — *L'Utilisation des Aptitudes*. P. U. F., Paris, 1954.
- PICHOT, PIERRE — *Les Tests Mentaux en Psychiatrie*, págs. 86-89. P. U. F., Paris, 1949.
- PIÉRON, H., PICHOT, P., FAVERGE, J. M., STOETZEL, R. — *Methodologie Psychotechnique*, págs. 210-211. P. U. F., Paris, 1953.
- PYLE, W. H. — *Psicologia del Aprendizaje Intelectual y Manual*. Imp. Juan Pueyo. Madrid, 1925.
- RAMOS, ARLINDO — *Psicologia Aplicada ao Trabalho*. Rio, 1945.
- RAPAPORT, D. — *Diagnostic Psychological Testing*. The Year Book Publishers, Inc. Baltimore, 1947.
- RENSIS LIKERT — "Motivation Approach to Management Development", in *Harvard Business Review*. July-Aug. Boston, 1959.
- Revista de Psicologia Normal e Patológica*, Pontificia Universidade Católica de São Paulo.
- REY, A. — *L'Étude des Insuffisances Psychologiques*, pág. 53. Delâchaux et Niestlé. Neuchâtel, 1947
- ROBAYE, F. — *Niveaux d'Aspiration et d'Expectation*. P. U. F., 1957.
- ROE, ANNE — *The Psychology of Occupations*, Wiley, New York, 1956.
- ROGERS, C. R. — *Client Centered Therapy*. Houghton-Mifflin. Boston, 1951.
- ROGERS, C. R. — *Le développement de la Personne*, Dunod, Paris, 1966.
- RORSCHACH, H. — *Psychodiagnostic*. P. U. F., Paris, 1948.
- RUDOLFER, N. S. — *Introdução à Psicologia Educacional*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1938. 252
- SARAIVA, PAULO — *Medidas de Regressão Patológica*, Tese na UFMG, Belo Horizonte.
- SCHEEFFER, RUTH — *Aconselhamento Psicológico*, Fundo de Cultura, Rio, 1964.
- SCHREIDER, E. — *Les Types Humains*. Hermann. Paris, 1937.
- SNOIR, GUY — *L'Orientation Professionnelle*. Presses Universitaires de France (Col. "Que sais-je?"). Paris, 1943.
- SHELDON, W. H., e STEAVENS, S. S. — *Les Variétés de la Constitution Physique Humaine, Les Variétés du Tempérament*. P. U. F., Paris, 1960.
- SPEARMANN, H. — "Les Aptitudes de l'Homme", in *Travail Humain*. P. U. F., Paris, 1936.
- SENAI — *Análises Profissionais nas Artes Gráficas*. São Paulo, 1946.
- STODDARD, G. D. — *The Meaning of Intelligence*. MacMillan Cy. Nova York, 1945.
- SUPER, O. E. — "Les Techniques du Conseil et l'Analyse des Interviens, in *Bulletin de Psychologie*, págs. 308 e segs. Sorbonne. Paris, 1968-59.
- THURSTONE, L. L., and THURSTONE, T. G. — *The Chicago Test of Primary Mental Abilities* (Science Kesharch Associates). Chicago, 1943.
- VAZ, VASCO SOARES — "Um Esboço para se Fazer uma Entrevista", in *Arq. Brás. de Psicol.* Nº 1. Rio, 1950.
- VERNON, P. E. — *La Structure des Aptitudes Humains*. P. U. F. Paris, 1952.
- WAISBERG, BONOW I — *Elementos de Psicologia*, págs. 90-104. Ed. Melhoramentos. São Paulo, 1954.
- "WALLON, H. — *Les Mecanismos de la Memoire*. P. U. F., Paris, 1951.

WALTHER, LÉON — *L'Orientation Professionnelle vers les Carrieres Liberales*. Delâchaux & Niestié. Neuchâtel e Paris.

WALTHER, LÉON — *A Psicologia Industrial*. Trad. de M. B. Lourenço Filho. Ed. Melhoramentos. São Paulo, 1953.

WAUGH, A. E. — *Elementos de Estatística*. Ed. Globo. Porto Alegre, 1952.

WEIDER, ARTHUR, *Contribuciones a la Psicología Médica*, Eudeba, Buenos Aires, 1962.

WEIL, PIERRE — *L'Affectivo-Diagnostic*. P. U. F., Paris, 1952.

WEIL, PIERRE — “O Consultório Psico-pedagógico e as suas Possibilidades”, in *Boletim da Sociedade Pestalozzi do Brasil*. Rio, 1949.

WEIL, PIERRE — “Le Test du Bonhomme comme Controle Périodique du Développement Mental”, in *Le Dessin chez L'Enfant*. P. U. F., Paris, 1950.

WEIL, PIERRE. — Que resurons nous? Niveau mental, niveau scolaire ou niveau socio-economique?, *Bulletin de psychologie*, 199, XV 4, Paris, 1961.

WEIL, PIERRE — *Relações Humanas na Família e no Trabalho*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1954.

WEIL, PIERRE — *O Balconista (Aspectos Psicotécnicos)*. SENAC. Rio, 1954.

WEIL, P. — SCHÜTZENBERGER, A. A. Garcia, Célio, e Colab. *Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas*, Itatiaia, Belo Horizonte, 1967.

WEINBERG, D. — “*Quelques Remarques sur l'Étude des Professions*”, in BINOP, nºs. 5-6. Paris, 1938.

WOODWORTH, R. S. — *Experimental Psychology*. Pref. e introdução Henry Holt e Cia., 4a edição. Nova York, 1945.

WOODWORTH, R. S. — *Psychologie Experimentale*. P. U. F., Paris, 1949.

ZAZZO, AJURIAGUERRA, etc. — “*L'Apprentissage de la Lecture et ses Troubles*”, in *Rev. Enfance*. P. U. F., Paris, 1951.

Este livro  
foi composto em tipo  
Garamond 10 vx  
e impresso nas oficinas de  
ARTES GRÁFICAS BISORDI S. A.,  
Rua Santa Clara, 54,  
São Paulo.  
papel, Bufon de la 90 gr., formato 87 x 114,  
foi fabricado especialmente para esta edição  
pela  
COMPANHIA MINEIRA DE PAPÉIS  
Cataguases - Est. de Minas Gerais,  
para a  
EDITORA ITATIAIA LIMITADA,  
Belo Horizonte,  
em outubro de 1967.  
Edição nº. 295 – Impressão no. 365